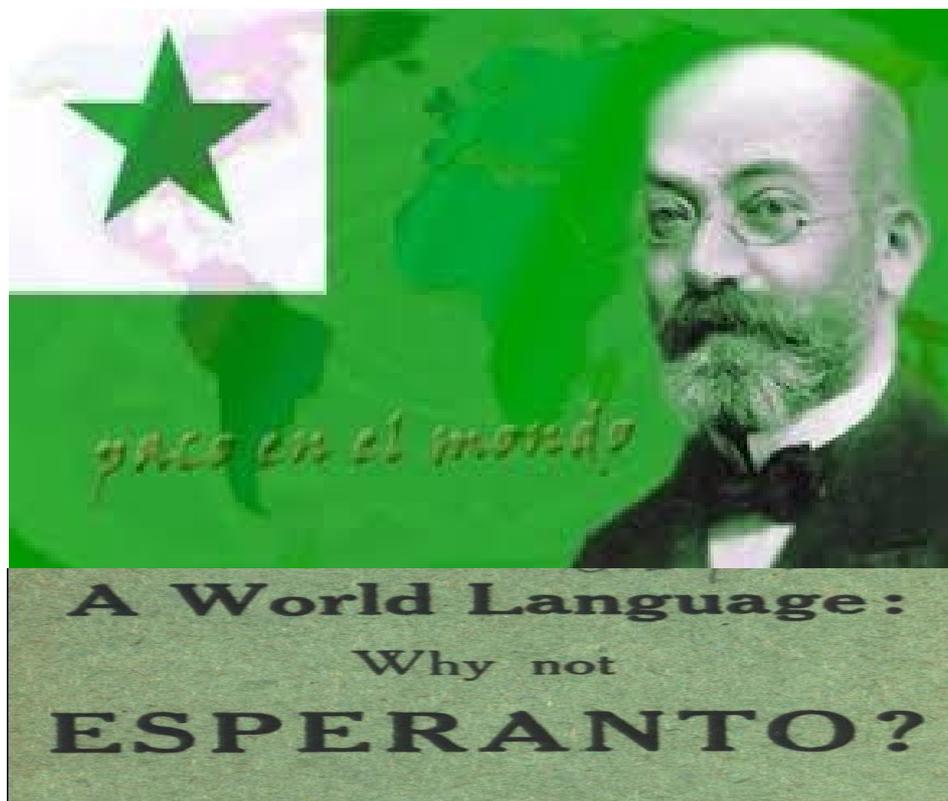


IΦ-SOPHIA

Revista eletrônica de investigações filosóficas, científicas e tecnológicas

**Letras, Linguística e Idioma Internacional: a torre de Babel  
e os desafios das culturas na globalização digital**



GRUPO DE PESQUISAS FILOSOFIA, CIÊNCIA E TECNOLOGIAS  
&  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – UFPR  
ASSIS CHATEAUBRIAND & CURITIBA



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### ORGANIZADA POR:



Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR – Assis Chateaubriand



DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PGFILOS

### EDITADA E PUBLICADA POR:



JPJ Editor



### PARCEIROS FORMAIS E INFORMAIS



INSTITUTO FEDERAL  
PARANÁ  
Câmpus Assis Chateaubriand

OS CAMPI: Cascavel, Foz do Iguaçu, Coronel Vivida,  
Curitiba, Colombo, Umuarama e Campo Largo



### APOIO POR FOMENTO DIRETO





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

APOIO POR FOMENTO INDIRETO





*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR – Assis Chateaubriand**

**Coordenação Geral** - José Provetti Junior

**Coordenação de Publicações** - Claudia Dell'Agnolo Petry

**Editor** - José Provetti Junior

**Comissão Editorial** - Claudia Dell'Agnolo Petry, Vicente Estevam Sandeski, José Provetti Junior

**Diagramador** - José Provetti Junior

**Revisor do periódico** - José Provetti Junior

**Conselho Editorial**

Professora Ms. (RSCIII) Claudia Dell'Agnolo Petry – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutorando. Vicente Estevam Sandeski – IFPR – Colombo

Professor Ms. (RSCIII) José Provetti Junior – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutorando. Daniel Salesio Vandresen – IFPR – Coronel Vivida

Professor Ms. (RSCIII) Alan Rodrigo Padilha – IFPR – Umuarama

Professora Ms. Franciele Fernandes Baliero – IFPR – Assis Chateaubriand

Professora Especialista Kátia Cristiane Kobus Novaes – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Ms. (RSCIII) Rafael Egidio Leal e Silva – IFPR – Umuarama

Professor Dr. Leandro Neves Cardim – UFPR – Curitiba

Professor Dr. Rodrigo Brandão – UFPR – Curitiba

Professor Dr. Paulo Vieira Neto – UFPR – Curitiba



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Conselho Consultivo

Professor Dr. Luiz Fernando Dias Pita – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Professor Dr. Remi Schorn - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Professor Dr. Alexandre Zaslavsky – IFPR – Foz do Iguaçu

Professor Dr. Otávio Bezerra Sampaio – IFPR – Curitiba

Capa – José Provetti Junior

Imagens de acesso público. Disponível no sítio <https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.arthur.bio.br%2Fpensar-nao-doi%2Fwp-content%2Fuploads%2F2015%2F09%2FZamenhof-sobre-a-bandeira-do-Esperanto.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.ure1.com.br%2F2016%2F01%2Fcurso-de-esperanto-2016.html&docid=fZDTEeiMc440gM&tbnid=KKyuERTPCE2bPM%3A&w=410&h=246&safe=active&bih=657&biw=1366&ved=0ahUKEwimgOeoiZ7MAhUMIZAKHUipB2sQMwhSKC4wLg&iact=mrc&uact=8#h=246&w=410> e em <https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.bl.uk%2Fbritishlibrary%2F%2Fmedia%2Fbl%2Fglobal%2Fworld-war-one%2Fcollection-item-images%2Fworld-language-why-not-esperanto1.jpg%3Fcrop%3D1%26cropX%3D131%26cropY%3D280%26cropW%3D787%26cropH%3D444%26w%3D608%26h%3D342%26dispW%3D608%26dispH%3D342&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.bl.uk%2Fcollection-items%2Fworld-language-why-not-esperanto&docid=HChIMgLxZogxYM&tbnid=rQj8vXoPL4QYM%3A&w=608&h=342&safe=active&bih=657&biw=1366&ved=0ahUKEwimgOeoiZ7MAhUMIZAKHUipB2sQMwhZKDUwNQ&iact=mrc&uact=8> consultado em 20/04/2016, às 21:31hs.

Editoração eletrônica - José Provetti Junior

### CATALOGAÇÃO NA FONTE

**IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica.** Ano II, Volume 2, nº 6 (2016) – Assis Chateaubriand e Curitiba: JPJ Editor; Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia - IFPR & Departamento de Pós-graduação em Filosofia - UFPR, 2016.

Trimestral

ISSN - 2358-7482

1. Filosofia – Periódicos. I. Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR. II. Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR.



$\text{I}\Phi$ -*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Endereços para correspondência**

Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR

Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR

Av. Cívica, 475 – Centro Cívico – Assis Chateaubriand/ PR - Brasil

CEP – 85.935-000

Tel.: 44-8813-1127

Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR

Campus da Universidade Federal do Paraná – UFPR

R. Dr. Faivre, 405, sexto andar – Curitiba/ PR – Brasil

Tel.: 41-3360-5098



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## SUMÁRIO

### Editorial

#### 0 Esperanto como idioma internacional

Por José Proveti Junior .....9

### Artigos

#### 1. Novaj tendencoj en la hodiaŭa Esperanto

Por: Luiz Fernando Dias Pita .....13

#### 2. Uma cartografia das vivências em um grupo de teatro

Por Evandro Santana Lima.....21

#### 3. Habermas: contribuições para o diálogo entre Filosofia, Ciência e Linguagem

Por Sérgio Fernando Maciel Corrêa .....38

#### 4. Teaching English as a global language: a democratic globalization through an intercultural perspective

Por Alessandra Bernardes Bendes .....44

#### 5. Periodigo de Esperanta literaturo: la malfacila tasko

Por Rafael Henrique Zerbetto .....60

#### 6. A Literatura hispano-americana como componente cultural nas aulas de Língua Estrangeira/Espanhol

Por Juliana Moratto .....74

#### 7. Estratégias argumentativas em A Fazenda da Rede Record

Por Alex Caldas Simões .....97

#### 8. A poesia como movimento de significações: a morte e a eternidade

Por Patrícia de Lara Ramos .....126

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**9. Estudo de caso da regência dos verbos ir e chagar: fala dos professores**

Por Sônia Cristina Zavodoni Carlotto & Josiane Jabovski Smirdele ..... 148

**10. Perspectivas socioculturais orientando o letramento no tocante aos usos da escrita: um olhar apoiado na linguística e filosofia no sentido de interpretar as práticas de letramento**

Por Mery Helen Rosa ..... 168

**11. Os discursos que *brilham* como toda mulher: discutindo a cenografia na publicidade da *Bombril***

Por Poliana Ferreira dos Santos ..... 190

**12. O autor e o leitor na cibercultura: as novas mídias plantam sementes de um novo estilo literário**

Por Regina Aparecida Magnabosco de Souza Marques ..... 210

**13. Trágicos, mas alegres: um estudo sobre a afirmação do ser em Nietzsche e Clarice Lispector**

Por Rafael Lucas Santos da Silva ..... 228

**14. El entendimiento lingüístico en la Inteligencia Artificial: Una relación ambivalente con Descartes**

Por Rodrigo Gonzáles F. .... 247

Próximas chamadas, ..... 290



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Editorial

### O Esperanto como idioma internacional

Por: José Provetti Junior<sup>1</sup>

jose.provetti@ifpr.edu.br

A edição desse trimestre se dirige às investigações sobre as Letras, a Linguística e, sobretudo, ao Idioma Internacional, velho sonho da humanidade, que se recente desde os idos do mito de Babel, na Bíblia (1995), quando por castigo

---

1 É mestre em Cognição e Linguagem pela UNEF, mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UNIOESTE, é especialista em História, Arte e Cultura pela UEPG, especialista em Saúde para Alunos e Professores dos Ensinos Fundamental e Médio pela UFPR, graduado e licenciado em Filosofia pela UERJ, possui Reconhecimento de Saberes e Competências nível III, com equivalência ao título de doutor (RSCIII). É servidor público federal, docente de Filosofia EBTT, lotado no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR da cidade de Assis Chateaubriand/ PR. Atua como docente de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática e Eletromecânica. Atua como professor das disciplinas de Didática Geral e Educação Especial no curso Superior de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFPR – Assis Chateaubriand. É Coordenador-Geral, professor e pesquisador-efetivo do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR desde 2012. Editor-Chefe da JPJ Editor e da Revista IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica. É professor e pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ. Pesquisador do Grupo de estudos Karl R. Popper – UNIOESTE – Toledo. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC e da Associação Nacional de Pós-graduações em Filosofia no Brasil – ANPOF. É autor dos livros “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental” (2011), “O dualismo em Platão” (2014). É coautor dos livros “IΦ-Sophia Umuarama: filosofia, educação e autonomia 2012” (2015), “Filosofia Contemporânea, Lógica e Ciência” (2013), “Gravidez na Adolescência” (2009) e “Vida, morte e magia no mundo Antigo” (2008).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

divino, os homens foram condenados a falarem vários idiomas.

É curioso observar o quanto na comunicação se faz importante uma formação multicultural! O problema, em geral, passa verdadeiramente por dois vieses, nem sempre alinhados, a saber: a) a formação cultural do indivíduo e suas possibilidades de intercâmbio direto com outras culturas e b) a formação escolar fundada na herança cultural familiar, a par de planejamento e longo preparo, para que se aborde e se penetre os universos culturais representados por outros idiomas.

Era de se esperar, que após mais de vinte anos da popularização da *internet* e do comércio globalizado, as nações de todos os cantos do planeta já houvessem superado a maldição de Babel.

Mesmo se levando em consideração, as reais preocupações dos movimentos sociais e/ ou culturais locais, que viam naquele processo mundial de comércio, um plano maquiavélico de se sufocar as culturas menores e de levá-las à extinção de suas identidades culturais e sociais. Em especial, nas ditas sociedades “plurais”, como a brasileira.

Com o aumento das exigências mercadológicas de profissionais cada vez mais informatizados e informados, capazes de se expressarem e de acessarem informações planetárias, o problema do idioma se torna mais calcinante, na medida em que se observam as tradicionais influências de cunho econômico, político, militar, ideológico, histórico e cultural, em franca e



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

encarniçada batalha por espaço de uso dos bilhões de cidadãos do mundo!

Ora, não era de se esperar que com a queda do regime Socialista Soviético e a despolarização cultural que tal sistema proporcionava, durante os terríveis anos de guerra fria, se esvaíssem com suas ideologias político-econômicas?

No entanto, o que se observa é a reequilibração dos eixos culturais em torno não mais de bandeiras ideológicas, eminentemente marcadas por opções economicistas, mas a desvairada tentativa de se impor o idioma Inglês como língua internacional, não ferindo, absolutamente, os campos de influência dos tradicionais idiomas europeus, atrelados a campos específicos da cultura universal, qual o Francês e Alemão.

Uma reestruturação do Português, enquanto elo cultural intercontinental, se erigindo, de certa maneira inconscientemente, enquanto bloco cultural ainda não foi explorado devidamente pelos governos dos países que o compõem. E se observa, atrelados às variações econômicas planetárias, o Árabe, o Hindi, o Mandarim, o Russo, a manterem suas tradicionais áreas de influência culturais.

Mas com perturbadoras promessas, se nota, no que se refere aos BRINCS, certa sombra a ameaçar a atual esfera cultural do mundo anglófono, ao se observar, curiosamente, que os membros do bloco, isto é, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul tem na China uma proposição que tende a assinalar



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

culturalmente as relações econômico-comerciais dessas nações, enquanto, diríamos, sua “identidade cultural”.

Baseados numa proposta diferenciada de relações econômicas, que tem no respeito à diversidade cultural a preservação de suas identidades nacionais, sem, contudo, se tornar incapaz de interagir de maneira saudável, em todos os âmbitos da vida das populações dos países membros, a China sugere, com base nas resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU) quanto ao multilinguismo (ONU, 2008) e sua recomendação para ensino nos países membros, por meio da UNESCO e por meio de Resolução de Montivideo, de 10/12/1954 e a de 1985, que o Esperanto seja o idioma de turismo, relações comerciais e culturais internacionais.

Embora o Esperanto não seja o único projeto de idioma internacional existente, parece ser o que mais frutos rendeu desde sua criação, se tornando praticado por aproximadamente 12.000.000 de habitantes do mundo sejam fluentes ou falantes do idioma e sendo recomendado, dentre outras virtudes inerentes a seu planejamento linguístico e facilidade de aprendizagem, o de reduzir a níveis extremamente baixos os custos com interpretes nas atividades comerciais, turística, científica, cultural e tecnológica.

Dentre outras temáticas, essa edição convida o leitor a acessar seus artigos e debater conosco essa importante questão contemporânea.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Artigos

### Novaj tendencoj en la hodiaŭa Esperanto

Por: Luiz Fernando Dias Pita<sup>2</sup>

magisterpita@gmail.com

#### Resumo:

Publikita kiel internacilingva projekto en 1887, Esperanto evoluis lingve, kaj havas hodiaŭ aktivan komunumon da parolantoj, esprimiva literaturo, kaj ĝi ankaŭ estas disvastigilo ne nur de diversaj kulturoj, sed ankaŭ akuŝas sian propran. Pli ol tio, Esperanto estas lingvo en transforma procezo kaj, laŭlonge de tiuj preskaŭ 130 jaroj de ĝia ekzisto, jam estas eble rigardi ŝanĝojn stabligitajn, kaj novajn tendencojn en la hodiaŭa Esperanto.

**Ŝlosilvortoj:** Esperanto – Lingvistika Evoluo – Planitaj lingvoj

#### Resumo:

*Publicado como projeto de língua internacional em 1887, o Esperanto evoluiu como língua e possui hoje uma ativa comunidade de falantes, uma expressiva literatura e é veículo não só de diversas culturas, mas encuba a sua própria. Mais que isso, é uma língua em transformação e, ao longo de quase 130 anos de existência, já é possível se detectar mudanças estabelecidas e*

---

2 É Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Especialista em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduado e Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*novas tendências no Esperanto “contemporâneo”.*

**Palavras-chave:** Esperanto - evolução linguística; Línguas planejadas.

**Resumen:**

*Publicado como proyecto de Lengua internacional en 1887, el Esperanto evolucionó como lengua, y posee hoy una activa comunidad de hablantes, una expresiva literatura y es vehículo no sólo de diversas culturas, sino que es la cuna de su propia. Más que éso, es una lengua en transformación y, a lo largo de sus casi 130 años de existencia, ya es posible detectarse cambios consagrados y nuevas tendencias en el Esperanto “contemporáneo”.*

**Palabras-clave:** Esperanto - Evolución lingüística - Lenguas planificadas

Unu el la unuaj premisoj de la Lingvistiko estas ke ĉiu lingvo evoluas dum la tempopaso laŭ la bontrovo de siaj parolantoj, kiuj estas ĉionpovaj, eĉ se nekonsciaj, rilate al la vojoj sekvotaj de la lingvo. Do, ĉiu lingvo ŝanĝiĝas, kaj en tio estas nenia problemoj, ĉar estas natura procezo. La problemoj ja ekas kiam tio ne plu okazas, ĉar tio anoncas lingvon baldaŭ mortantan: bona ekzemplo por tio estas la evoluo de la latina lingvo, kiu estis uzita - en la skribado - de la 1-a ĝis la 5-a jarcentoj pK strikte laŭ la modelojn starigitajn dum la 1-a jarcento aK; rezulte, estis momento kiam preskaŭ neniu plu kapablis kompreni la skribitan lingvon, kaj oni ekkomencis kredi ĝin mortinta, kvankam ĝi ankoraŭ estis parolata en preskaŭ tuta Eŭropo kaj Norda Afriko.

Kompreneble, tiu supra aksiomo ne estis pensita

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

konsiderante artefaritajn lingvojn; sed fakto estas, ke ankaŭ ili, se vivantaj, estas subigitaj al tiu evolua procezo. Konsekvence, Esperanto, kiel vivanta lingvo, neniel estas, kaj neniam estos, imuna al tiu evoluo. Estas grave tuj distingi inter "evoluo" kaj "reformo": ĉiu lingva evoluo okazas nepercepteble, kaj nur per kontrastiga komparado inter parolturnoj, skribmanieroj kaj prononco de samlingvanoj el malsamaj generacioj aŭ devenlokoj oni sukcesas mezuri kiom longe tiun evoluon marŝis. Alie, reformo estas intenca ŝanĝo aŭ modifo en fiksitaj aspektoj de lingvo – motivitaj ĝenerale far eksterlingvaj kaŭzoj – tial, ĝenerale, la nuraj reformoj kiuj ja funkcias estas ortografiaj, ĉar tio estas simpla konvencio, ne fakte apartenanta al la idiomemo.

Ekde siaj unuaj tempoj, Esperanto travivis tute naturan evoluon. Rimarkinda ekzemplo por tio estis la preskaŭa malapero de la apostrofado de la artikolo: tiel komuna ĝi estis en la unuaj jardekoj de la lingvo ke ĝi fariĝis la 16-an regulon de la gramatiko. Poste, oni estis restriktis ĝian uzon al lokigo post prepozicio finiĝanta en vokalo – "regulo" kiu aperas en la plimulto de la lernolibroj – kaj, en tria momento, al poeziaj tekstoj, kie oni povas ankoraŭ trovi ekzemploj de tiu uzo. Sed la lingvo ankaŭ estis viktimo de "reformismoj" kiuj plendis por diversaj ŝanĝoj en la idiomemo, kies la plej kutima estis tiu, kiu batalis por la forigo de la "ĉapelitaj literoj". La malsukcesintaj provoj pacigi la konservatista kaj reformisma

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

grupoj rekte kondukis al la Ido-skismo, la unua, kaj ĝis hodiaŭ la plej granda kaj damaĝiga, el la okazintaj en Esperantujo.

Unu el la konsekvencoj de la Ido-skismo estis kreado, fare de Zamenhof, de la *Fundamento de Esperanto*, kies intenco kaj funkcio estas gvidi la evoluon de la idiomo kaj gardi ĝin kontraŭ ĉiu reformismo kaj dialektiĝo, eĉ se veninta el Zamenhof mem:

Ĝis la tempo, kiam ia por ĉiuj aŭtoritata kaj nedisputebla institucio decidis alie, ĉio, kio troviĝas en tiu ĉi libro, devas esti rigardata kiel deviga por ĉiuj; ĉio, kio estas kontraŭ tiu ĉi libro, devas esti rigardata kiel malbona, se ĝi eĉ apartenus al la plumo de la aŭtoro de Esperanto mem. Nur la supre nomitaj tri verkoj publikigitaj en la libro «Fundamento de Esperanto», devas esti rigardataj kiel oficialaj; ĉio alia, kion mi verkis aŭ verkos, konsilas, korektas, aprobas k.t.p., estas nur verkoj *privataj*, kiujn la esperantistoj – se ili trovas tion ĉi utila por la unueco de nia afero – povas rigardadi kiel *modela*, sed ne kiel *deviga*. (ZAMENHOF; 2015:20)

Esperantisto, ĝenerale, bone akceptas kaj respektas tiun pozicion prenintan de Zamenhof. Precipe post 1956, kiam Akademio oficiale konsideris ĝian *Antaŭparolon* kiel parto mem de la *Fundamento*, kvankam reformproponoj ankoraŭ sporade aperas, ili fakte kaŭzas nek pliajn disigojn en la esperanta movado, nek havas longan vivon. Tamen, rilate al defendo de la *Fundamento*, du malsimilaj sintenoj lante disvolviĝis, bazitaj specife sur du punktoj de la sama *Antaŭparolo*: laŭ la unua el ili, ĉio priskribita en la *Fundamento* aŭtomate malpermesas ian ajnan



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

novajon. Bazitaj sur la sekva citaĵo:

1) *Riĉigadi* la lingvon per novaj vortoj oni povas jam *nun*, per konsiliĝado kun tiuj personoj, kiuj estas rigardataj kiel la plej aŭtoritataj en nia lingvo, kaj zorgante pri tio, ke ĉiuj uzu tiujn vortojn en la sama formo; sed tiuj ĉi vortoj devas esti nur rekomendataj, ne altrudataj; oni devas ilin uzadi nur en la *Literaturo*; sed en korespondado kun personoj *nekonataj* estas bone ĉiam peni uzadi nur vortojn el la «Fundamento» ĉar nur pri tiaj vortoj ni povas esti certaj, ke nia adresato ilin nepre trovos en sia vortaro. Nur iam poste, kiam la plej granda parto de la novaj vortoj estos jam tute matura, ia aŭtoritata institucio enkondukos ilin en la vortaron *oficialan*, kiel «*Aldonon al La Fundamento*» (ZAMENHOF; 2015:22, subliniigo nia)

multaj esperantistoj agnoskas, ke Zamenhof rekomendis enkondukon de novaj vortoj nur en literaturaj tekstoj kaj rekomendis la ĉiutagan uzadon de "pure fundamentaj vortoj". Do, en leksika nivelo, oni perceptas ke tiu kontraŭneologisma sinteno kondukas al duobla situacio: estas tute malpermesate krei sinonimojn por fundamentaj vokabloj kaj, plej grave, enkonduki en la lingvon iaspecan neologismon - kelkaj eĉ defendas la simplan kaj tujan forigon de ĉiu ajn vorto nekonstanta en la Fundamento de Esperanto. Tiu grupo, eĉ se ĉiam ĉeesta - kaj bruema - en la esperanta movado, gajnis novan impulson ekde 1989, post la publikigo de *La Bona Lingvo*, libro de Claude Piron kiu, defendante ideojn proksimajn - sed ne tiel radikalaj - rapide fariĝis ilian standardon<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Tiu grupo havas specialan forton en interreto, kies partopreno en sociaj

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Kontraŭe al tiu radikala sinteno, estas alia, kiu ankaŭ agnoskas la netuŝeblecon de la Fundamento, sed ankaŭ ke, se la formo priskribita estas ja neŝanĝebla, tio entute ne malpermesas la aperigon de novaj, paralelaj formoj kiuj solvu novajn demandojn alportatajn al la idiomo de la sociaj, kulturaj kaj ceteraj ŝanĝoj en la mondo: tio estas, la "mavan lingvon" – laŭ la nomigo donata de Jorge Camacho – kiu ne nur defendas la riĉigon de la idiomo pere de novaj vortoj, laŭ ĝia neceso kaj utileco, kaj ankaŭ la konstanta uzo de la vortostoko jam ekzistanta kaj proponata en PIV, PAG kaj aliaj elstaraj libroj.

Tiu situacio alportas kuriozan konsekvencon al la instruado de la lingvo mem: se la bonlingvista sinteno ja faciligas la alprenadon de Esperanto fare de novlernantoj, siatempe ĝi baras – al tiuj kiuj progresas kaj pliprofundiĝas en la idiomo – la vojon al niaj plej elstaraj klasikaĵoj: malfacilas imagi tute puran bonlingviston kapabla plene legi kaj kompreni librojn kiel *La infana raso* aŭ *Fajro sur mia Lango*, ĉar legado de tiuj verkoj ja postulos tutan relernadon de la lingvo. Ĝi ja kreas veran abismon inter la malsimilaj lingvaj niveloj kiuj estas necesaj por plena ĝuado de ĉiuj situacioj kiuj parolanto de lingvo povos travivi.

Kompreneble ankaŭ estas troigoj el la alia flanko: verkistoj kiel Karolo Piĉ kvazaŭ kreas propran lingvon,

---

retumoj kaj forumoj, faras el tiuj veraj koncentrejoj por ideoj. Defendante ke "oni devas nur uzi simplajn vortojn, por ne timigi la novulojn", fakte en tiuj lokoj bonaj konantoj de Esperanto ja estas raraj.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

enkondukante novaj terminoj, vortoj, konjunkcioj, ktp. Sed tia sinteno, ĝis nun, funkcias nur kiel "aŭtora sigelo", kaj fakte ne tuŝas la hodiaŭan lingvon.

Tiuj-ĉi, kiuj ja estas la senbrua plejmulto el la movado, preferas atentigi la jenajn partojn de la sama antaŭparolo (ja longaj, sed necesaj citaĵoj):

Malgraŭ la severa netuŝebleco de la fundamento, nia lingvo havos la plenan eblon ne sole konstante riĉiĝadi, sed eĉ konstate *pliboniĝadi* kaj *perfektiĝadi*; la netuŝebleco de la fundamento nur garantios al ni konstante, ke tiu perfektiĝado fariĝados ne per arbitra, interbatala kaj ruiniga *rompado* kaj *ŝanĝado*, ne per nuligado aŭ sentaŭgigado de nia ĝisnuna literaturo, sed per vojo *natura*, senkonfuzaj kaj sendanĝera. (ZAMENHOF; 2015:22, subliniigo nia)

2) Se ia aŭtoritata centra institucio trovos, ke tiu aŭ alia vorto aŭ regulo en nia lingvo estas *tro neoportuna*, ĝi ne devos *forigi* aŭ *ŝanĝi* la diritan formon, sed ĝi povos proponi formon *novan*, kiun ĝi rekomendos uzadi *paralele* kun la formo malnova. Kun la tempo la formo nova iom post iom elpuŝos la formon malnovan, kiu fariĝos *arĥaismo*, kiel ni tion ĉi vidas en ĉiu natura lingvo. Sed, prezentante parton de la *fundamento*, tiuj ĉi arĥaismoj neniam estos elĵetitaj, sed ĉiam estos presataj en ĉiuj lernolibroj kaj vortaroj samtempe kun la formoj novaj. (ZAMENHOF; 2015:22-3)

Nu, konklude de ambaŭ citaĵoj, tiu grupo defendas ke oni ja povas alporti al Esperanto novajn vortojn, konceptojn kaj ideojn, kondiĉe ke tio ne disrompu la unuecon de la Fundamento<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> La unua grupo rebatas dirante ke Zamenhof kondiĉigis tiujn aldonojn al ekzisto de "aŭtoritata centra institucio", sen konsideri ke la Akademio de Esperanto estis fondinta en tiu sama bulonja kongreso, en kiu la Fundamento



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tamen, oni devas rimarki, ke tiu situacio solvas la "problemon" de la reformismo en Esperanto: oni ja povas bari troan neologismadon, fantazian enkondukon de novaj reguloj, ktp., sed neniel kapablas deteni la naturan evoluon de la lingvo.

Kaj tiu evoluo daŭrigis sian vojon, kaj ni povas ja percepti, komparante tiamajn kaj nunajn tekstojn, kelkajn etajn tendencojn. La unua el ili estis la progresiga forlaso de la romia numersistemo, do en la hodiaŭa Esperanto estas uzata nur la numersistemo hindaraba. (Oni povas eĉ pripensi eksteran kaŭzon por tio: konata de okcidentaj landoj, alproprigo de la romia sistemo fariĝis kroman – kaj vere komplikan – taskon por esperantistoj de aziaj kulturoj). Ekzemple: *La papo Benedikto La XV-a mortis en 1922; La XXVIII-a Universala Kongreso realiĝis en Vieno.* > *La papo Benedikto La 16-a renoncis en 2013; La 99-a UK okazis en Bonaero.*

Oni rimarkas ankoraŭ, ke, eĉ se kontraŭ rekomendon de la Akademio, estas klara preferado por la uzo de -io kiel "landnoma sufikso", flankenlasante "uj-on". Tiel, diversaj landonomoj kiuj, en la komenco de la 20-a jarcento rievigis kutime tiun lastan formon (Anglujo, Francujo, Hispanujo, Rusujo, ktp) ricevas hodiaŭ la sufikson "-io" (Anglio, Francio, Hispanio, Rusio). Nura escepto por tio estas la nomo "*Esperantujo*", kiu, eĉ se sentata kiel landa por la plimulto el la esperantistaro, fakte ne respondas al reala lando; sed estas kie la sufikso *uj*

---

estis lanĉita.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

konservas sian plenan forton.

Fakte, nek la *Fundamento*, nek la Akademio de Esperanto sukcesas bone solvi tiun "landonoman demandon", starigante klaran, nediskuteblan, finan regulon kiu estu valida por landoj, regionoj, urboj ktp. (Certagrade, la situacio por personaj nomoj samas.) Malgraŭ ĝiaj rekomendoj, estas ankoraŭ granda konfuzo rilate al tiu temo, kaj tiu konfuzo fariĝas, kiel neĝrulaĵo, argumento por novegaj tendencoj, kiuj ni analizos poste.

Plia rimarko estas la silenta forlaso de la uzado de prefikso *ge-*. Tiel komuna ĝi estis por la unuaj esperantistoj, hodiaŭ apenaŭ aperas en kelkaj tekstoj, kaj tre rare oni aŭdas ĝin dum parolado, sed fakte, ekde *La Tuta Esperanto* (Seppik, 1934) la uzeblecoj de *ge-* jam montriĝis elĉerpitaj. En tiu libro mem, la aŭtoro taksis kondamninda la singularan uzon de tiu prefikso, en frazoj kiel: "*Ĉiu geano rajtas kunporti sian geparon.*", kio multe reduktis la ĉeeston de *ge-* en la ĉiutaga lingvo, kaj ĝi iel sekvas la vojon de *bo-*, hodiaŭ frostita en determinita vortogrupo. Tamen, la malapero de *ge-* estas parto de alia situacio, esplorota antaŭen.

Alia rimarkindaĵo estas tiu pri la uzo de participoj kiel predikativo kiu estas ĉiufoje pli malkomuna, cedante la turnon al pli longaj, sed ankaŭ pli klaraj kaj simple konstrueblaj, propozicioj. Ekzemple: "*Mi vidis lin promenanta kun la hundo.*" Kvankam ĝusta, tiu frazkonstruo ĉiam vekas la



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sindemandon pri kiu fakte kuras, ĉar, prenante tiun tipan karakteron elde slavlingvaj sintaksoj, Zamenhof determinis ke la predikativoj rilataj al akuzativo ne ricevus la finajon *-n*, fakto kiu aspektas tute strangan al latin- kaj ĝermanlingvanoj, kiu, por liberigi sin de tiu situacio, ĝenerale preferadis uzi aliajn frazkonstruoj: "*Mi vidis lin, kiam li promenis kun la hundo.*" aŭ "*Li estis promenanta kun la hundo, kiam mi vidis lin.*"

Alia tendenco, vere furoranta dum la 30-aj jaroj estis tiu mallongigi la konjunkcio *kaj*, skribante nur *k* ; simile al multaj interretaj surogatoj uzataj hodiaŭe, tiu tendenco fariĝis ĉiam pli rara post la 2-a Mondmilito kaj, hodiaŭ estas uzataj nur en retroŝtoj k.s., kaj en kelkaj publikigoj de SAT (eĉ en PIV). Tio elmontras, ke ne ĉiam tendenco, malgraŭ furoranta, sukcesas fariĝi konkreta fakto en la lingvo – precipe kiam ĝi ne povas esti elparolata, kiel la konjunkcio *k*, kiu ĉiam estis prononcita *kaj*.

En nuntempaj tekstoj oni klare perceptas ankaŭ la malaperon de du uzeblecoj de la akuzativo: *a)*, por indiki direkton; kaj *b)*, por forigo de prepozicio. En la unua situacio, la Fundamento antaŭvidas tiun eblecon kaj agnoskas ĝian uzon, prezervante la substantiveco de la vorto indikanta la finan direkton; sed, hodiaŭ, la plej uzata maniero estas pere de samtempa adverbigo de tiu vorto.

- *Mi vojaĝos al Parizo.* > *Mi vojaĝos Parizon.* > *Mi*

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vojaĝos *Parizen*.

La dua situacio, tio estas, uzado de akuzativa finaĵo por forigi prepozicion, kvankam fundamenta, fakte neniam estis populara rimedo inter la esperantistoj, kaj simple malaperas en la hodiaŭa lingvouzo.

Alia rimarkinda ŝanĝo en Esperanto estis la konstanta malvastigo de uzeblecoj de la prepozicio "je": de sia kvazaŭ ĵokera kondiĉo en la unuaj dekjaroj de nia lingvo, pro sia nedifinita senco, ĝia uzado estas hodiaŭ reduktita preskaŭ nur al tiu de vorto enkonduka por tempaj adverboj.

Alia lingva fenomeno estas ke la uzado de "se" fariĝas pli malofta – fakto nomumita "senseismo" de la unuaj kiuoj perceptis ĝin – aŭ estas anstataŭigo de la konjunkcio "se" por "kaze" aŭ "kiam". Ekzemple: "Se li venus, li farus" > "Kiam li venus, li farus" aŭ "Kaze li venus, li farus." Se ŝi venos, ŝi certe pritraktos tion". > "Kiam ŝi venos, ŝi certe pritraktos tion." aŭ "Kaze ŝi venos, certe pritraktos tion."

Kompreneble, estas nenia "senseisma movado", kaj tio estas nur nekonscia tendenco, certe kaŭzita de la sekvaj kialoj: a) Kontraŭe al Esperanto, okcidentaj lingvoj uzas la konjunkcion "se" – aŭ ĝiaj ekvivalentoj – por enkonduki kaj demandaj kaj kondiĉaj propozicioj<sup>5</sup>. Tio, sumita al la fakto ke la plejmulto de la esperantistoj ne trapasas la bazajn kursojn – kie tiu gramatika punkto ne estas, kaj ne devas esti, instruita – kreas

---

<sup>5</sup> Kaj, plej grave, multe da orientaj lingvoj eĉ ne uzas konjunkciojn!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

grandajn konfuzojn en granda nombro da esperantistoj. Do, bona devojiĝo el tiu problemo, eĉ rekomendita de kelkaj instruistoj, estas simple anstataŭi "se" por "kaze" aŭ "kiam" (kaj la plej bona estus plibonigon de niaj instrumentoj kaj materialoj).

Tiu anstataŭigo ne estas en si mem erara, krom en frazoj kiel: "*Mi ne scias kaze li venos*". Plie, tute spontanea fenomeno, malfacilas diri kom da "senseistoj" tion faras por manko da sufiĉa disvolviĝo en la idiomato, aŭ por stila sinteno – ĉar en tiu situacio supozeble la parolanto kapablas distingi inter "se" kaj "ĉu".

Kiel vidite, el la tendencoj ĝis nun priskribitaj, neniu el ili kontraŭis la Fundamenton. Ili estis, resume, rezulto de, laŭtempa kaj fluanta, preferado por unu al alia el la rimedoj ebligataj de la Fundamento mem. Tamen, starigita en 1905, la *Fundamento de Esperanto* ne povis antaŭvidi la estontan evoluon de la homaro, de la sciencoj kaj teknologioj, ktp., nek, precipe, la sociajn ŝanĝojn okazintajn tra la tuta mondo dum tiu tempo, kiuj tute transformis tiun de la *belle époque*.

Dank'al tio, multiĝas situacioj kiuj, tute ne antaŭvideblaj en 1905, estis tute prisilentitaj en la Fundamento, sed kiuj hodiaŭ estas en la tagordo. Do la esperantistaro vidas sin antaŭ strangan dilemon: kiel pritrakti temojn ne menciitaj en la Fundamento, kiel solvi tiujn problemojn sen disrompi ĝin? Provante trovi respondon, multaj esperantistoj elturniĝas uzante *preterfundamentaj* solvoj. Tiu

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

situacio disvolviĝas paralele al naturaj ŝanĝoj de la idiomo, kaj, kompreneble, ĉiam ŝokiĝas almenaŭ kun la unua el tiuj supre cititaj sintenoj.

Antaŭ daŭrigi estas konvene klarigi, ke mia intenco tie-ĉi ne estas defendi aŭ ataki nenian el la ŝanĝoj proponitaj/konstatitaj en la hodiaŭa kunvivado inter esperantistoj, sed elmontri ilin laŭ lingvistika vidpunkto kaj, rekonante ilin kiel ja tendencojn, kiuj povos aŭ ne fariĝi dominantaj, depende de la nombrokresko de siaj uzantoj kaj kompreneble de la tempo. En tiu mia laboraĵo, mi ne mencias punktojn kiuj estus kontraŭfundamentaj proponoj – almenaŭ laŭ la dua vidpunkto - sed nur tiaj kiuj oni povos nomigi "preterfundamentajn".

Rilate al tiuj, oni povas facile konstati, escepte en fonologia kampo, oni povas trovi preterfundamentajn solvojn en ĉiu alia lingva nivelo. Kelkaj el ili ne estas viditaj - ankoraŭ almenaŭ - en literaturaj verkoj, nek en informiloj kaj similaĵoj; ili ja estas troveblaj en hejmpaĝoj, blogoj, sociaj retumoj, ktp.; Tamen, konsiderante ke estas komunumo en Facebook kiu havas, hodiaŭ, trifoje pli da membroj ol UEA mem; konsiderante ankoraŭ ke, hodiaŭ, plejmulto el la novbakitaj esperantistoj lernas la lingvon pere de interreto, kaj praktikas ĝin unue en sociaj retumoj kaj babilejoj, kaj nur poste ili aliras (kiam ili aliras) al reala ĉeesto en kluboj, asocioj, aranĝoj, oni devas konsideri ke ili frue kontaktiĝos kun kelkaj



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

novaj tendencoj, kaj povas, al kutimintaj al ili, fariĝi siajn nekonsciajn divastigantojn, do oni neniel povas preterlasi la eblajn estontajn influojn de tiuj retaj medioj en la ĉiutaga esperanta lingvo.

Sed, eĉ se tiuj elturniĝoj neniam fariĝos kuranta lingvaĵo en la esperantaj grupoj, estas granda ŝanco ke ili restu popularaj inter esperantistoj apartenantaj al kelkaj sociaj grupoj, starigante kelkaj idioletoj en esperanta lingvo. Iamaniere, por lingvisto ili ja estas atentvekaj: por ili mem, por la kialoj por ilia estiĝo, por la ĝustigoj prezentitaj de siaj uzantoj, por la argumentoj poraj kaj kontraŭaj al ili, kaj resume, por ke ili, finfine, pruvas kaj la vivantecon kaj la kreivecon de la idiomato mem.

En sintaksa nivelo, kaj kiel plia konsekvenco de manko de solvoj por la situacioj priskribitaj antaŭe, kiam la demando pri lokoj kaj nomoj estis pritraktita, oni perceptas kreskon en la uzado de "*akuzativa prepozicio na*", kies uzo estas agnoskita antaŭ neesperantigita vorto kiu havas finaĵon kiu malpermesas la markigon pere de *-n*. Tio frekvenca okazas antaŭ neesperantigitaj nomoj de lokoj, personoj, ktp. Ekzemple, en frazo kiel: "*La ĉefurbo de mia Lando Kamboĝo estas Phnom Penh, sed mi neniam vizitis Phnom Penh-on.*", oni rimarkas la uzon de akuzativa finaĵo en neesperantigita vorto. En alia ekzemplo, oni havas, ekzemple: "*Sfax estas tunizia urbo, tamen, mi ne konas Sfax-on*". Pro la dubaj formoj kaj provoj esperantigi nomoj



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

kiel tiuj, multaj defendas la ideon uzi "na" anstataŭ la akuzativo, do ni havus:

- a) ...*sed mi neniam vizitis na Phnom Penh.*
- b) ... *mi ne konas na Sfax.*

Alia uzebleco, kaj kialo, por *na* estas ke ĝi oportunigas elipson de finaĵo *-on* en poezio kaj en kanzonoj, ekzemplo de tio oni trovas en tekstoj kiel *La haluŝkaĵoj*, de la franca kantisto Guillaume Armide<sup>6</sup>:

Mi fortrinkis na la likvor'  
 Formanĝis na la ĉokolad'  
 Kaj ĉar vi daŭre estis for  
 Mi postkuris na via kat'

Mi malkudris na la kurten'  
 Same pri via vestaĵar'  
 Pro via daŭra nereven'  
 Varmiĝis per via gitar'

**REK.**

Vi devis ne lasi min  
 Sola eĉ sen vartistin'  
 Mi faras nur haluŝkaĵojn  
 Haluŝkaĵojn malapud vi

Mi zorgis pri via financ'  
 Elspezis laŭ mia bonfart'  
 Kaj ĉar vi havas na bonŝanc'  
 Mi distranĉis na l' kreditkart'

Mi faris en via palac'  
 Feston kun la tutamikar'  
 Sed ĉar mankis iom da spac'  
 Ni forĵetis na la meblar'

<sup>6</sup> La aŭtoro sincere esprimas sian dankemon al Guillaume Armide, kiu tre ĝentile permesis la publikigon de la paroloj de la du - ĝis nun - ne antaŭ publikitaj kanzonoj.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**(REK.)**

Vidu la rezulton de  
Via sensenca ide'  
Mi faras nur haluŝkaĵojn  
Haluŝkaĵojn pro l'mank' de vi

Mi bruligis na via PIV  
Ĝin adiaŭis per bala'  
Blasfemis na l'akuzativ'  
Per ced' al uzo na la na

Alia bona ekzemplo pri uzado de la prepozicio "na" oni vidas en ĵus publikita teksto de Christian Declerck *"Itinero rememoriga pri vivo kun esperanta literaturo"*. En iu parto de la teksto, la aŭtoro skribas: *"Mi vizitis Kvinpetalon, posedas na LM, NR, ekzemplerajn de NP, abonis Fonto'n kaj LG, mi kunlaboris ĉefe kun tiu lasta periodaĵo..."* (DECLERCK, 2015:29) En ĝi oni povas rimarki alian ebleco uzi la "prepozicio na", ĉar Declerck ĝin uzas por eviti serion da mallongigoj kiel "LM-on, NR-on, ktp".

Rilate al tiu maniero signaligi la akuzativon, oni devas rimarki, ke, kvankam dispartigo inter vortoj kaj ceteraj elementoj kiuj ĝin konstituas ne estas io antaŭvidata de la Fundamento, nek estis iam praktikata en Esperantujo, tiu "prepozicio na" ekaperas kiel kreivan rimedon por preterpasi vakuon kaj en la Fundamento kaj en ĝiaj sinsekvoj: ĝi ja estas surogato kiu eble neniam fariĝos sufiĉe forta por konkeri lokon en la esperanta gramatiko, sed oni ankaŭ ne povas nei la fakton ke ĝi bone funkcias ene de la sistemo de la idiomo. Eble ĝi



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

malaperu dum kelkaj jaroj, forlasita de siaj uzantoj, sed plej grave estas ke, antaŭ ol ĝi, malaperu la vakuojn kiu kreas necesojn kiel tiajn.

Sed estas en la morfologia kampo kie ni trovos la plej fortan el la hodiaŭaj tendencoj de esperanta lingvo, ĉar ankrita sur internaciaj sociaj ŝanĝoj. En la mondo de 1905 apenaŭ ekzistis spurojn de la transformoj vivitaj de la mondo rilate al "genra demando": la viktoriana mondo, inspirita kaj de religiaj kaj moralaj sintenoj, klare kaj rigide dividadis la homan seksemon inter du genraj klasifikoj, maskla kaj ina, obeante al la biologia sekso. En tempo kiam la batalo por virinaj rajtoj apenaŭ balbutis, neniu povus imagi kiom da revolucioj okazis, dum la lasta jarcento, en ĉi-tiu kampo. Sed, hodiaŭ, en historia momento kiam la virinaj rajtoj estas – almenaŭ laŭleĝe – internacie rekonitaj kaj iel solidigitaj. Oni rimarkas kreskon en la porrajta batalo de samseksemuloj kaj aliaj sociaj grupoj. Tiu kampanjo – ekkomencinta dum la 70-aj jaroj – evoluis en malsimilaj niveloj laŭ diversaj landoj, kulturoj kaj mondregionoj: se en multaj landoj gejoj estas tuj mortigitaj; en aliaj tiu komunumo ĝuas (preskaŭ) plenrajtan egalecon rilate al tradiciaj socigrupoj.

La klara diskutado de la demandoj specifaj por tiu socia grupo estas, en si mem, tiel profunda ŝanĝo en la socia organizo kaj ĝi, kompreneble, kaŭzas grandajn modifojn en la bildo ke unu socio faras el si mem; precipe kiam oni ekdiskutas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pli bazajn konceptojn, kiel difino de familio. Pro tio, en multaj lingvokomunumoj, estas ĝenerala percepto ke la tradicia kuniĝo inter genro kaj sekso ne plu plene spegulas la diversecon nuntempe ekzistantan. Tio afektas, interalie, lingvon – ĉar pere de ĝi homo spegulas sian mondon – kaj konsekvence gramatikon – ĉar ĝi estas la enkodigo de la lingvo. Unu ekzemplo pri tio estas la fakto ke, antaŭ kelkaj jaroj, la Sveda Akademio decidis pri la kreado de tria pronomo, "hen", kiu, kontraŭe al la tradiciaj "han" (li) kaj "hon" (ŝi), ne alportas ian difinon rilate al la genro de la referencato.

Do en diversaj modernaj socioj – kaj ankaŭ Esperantujo estas moderna (mikro)socio – oni perceptas novan ĝeneralan sintenon antaŭ la genroj. Tiu sinteno kondukas al, ĉiufoje pli granda, apartigo inter gramatika genro kaj sekso. Ĝi estas ja esplorinda ĉar, inter ĉiuj tendencoj ĉi menciitaj, ĝi estas tiu kiu alportos pli da konsekvencojn por la strukturo mem de nia lingvo. Ni do esploru ilin:

La Fundamento silentas rilate al genra situacio de vortoj, sed samtempe difinas konstruado de ina formo kaj eĉ prognozas ambaŭseksan formon, kreeblan pere de la jam vidita prefikso *ge-*. Tiamaniere, oni povis konkludi, ke vorto ne havanta la sufikson *-in* - estas ja maskla. Tiu vidpunkto estis konsekrita en la *Plena Analiza Gramatiko*, de Kalocsay kaj Waringhien, kie tekstas ke:

Gramatika genro ne ekzistas en Esperanto. Ĉe la komunaj personnomoj la vira sekso estas nur



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

negative monstrata; ke *patro* difinas viron, tion ni scias nur, ĉar forestas signo de ineco; oni povas diri, ke la virseksan montras *signo nula*.

Rim.: Tiu sistemo de negativa esprimado de virseksa estas tiel ĝenerala, ke mankas en Esperanto eĉ speciala vorto por signi la mal-inecon. (KALOCSAY; WARINGHIEN, 1980: § 32.A)

Por tio, jam de jardekoj la movado komprenas ke granda kvanto da vortoj ja estas masklaj. Tamen, unu el la konsekvencoj de la supre citita *La Bona Lingvo* estis senkreditigi la verkojn de la duopo Kalocsay kaj Waringhien, forte atakitaj de Piron. Tio malfermis pardonon al aperigo de nova gramatiko, *Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko*, verkita de Bertilo Wennergren, kiu, iom post-iom, anstataŭis PAG-on kiel referenca gramatiko de Esperanto. Pli moderna – eĉ se, en kelkaj punktoj malpli detala – tiu verko alportas malsimilan difinon rilate al genro:

En Esperanto ne ekzistas gramatika sekso. Sekso estas nur parto de la signifo de iuj o-vortoj. La finaĵo O neniel esprimas sekson.

La signifon de vorto oni ĉiam devas lerni. Por ĉiu besta kaj homa vorto oni devas lerni la eventualan sekson kiel parton de la signifo. Neniaj reguloj decidas pri tio. Regas iom da konfuzo pri tio ĉi, kaj multaj vortoj bedaŭrinde havas neklaran signifon.

Ekzistas en Esperanto tri signifoklasoj de vortoj por homoj kaj bestoj: sekse neŭtraj radikoj, virseksaj radikoj kaj inseksaj radikoj. (WENNERGREN; 2005:41)

Se en la *Plena Analiza Gramatiko* klare tekstas pri la neekzistado de genro, ĉar defininta la sekson genro aŭtomate difiniĝas, oni notu la redifinon farita de Wennergren: ne plu temas pri neekzistado de genro, sed pri neekzistado de sekso



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mem. Tio signifas ke, por Wennergren, esperantaj vortoj havas sekson kiel parto de sia semantika ŝanĝo, kaj do ne estas plu necese signaligi ilin pere de sufiksado aŭ ia similaĵo.

Rimarkendas la ŝanĝon pri la genra konceptiĝo en la lingvo: el bildo kie tiu estis morfologie determinita de nula signo, oni transiris al tute nova situacio; en kiu genro estas semantike determinita. Sed tio estos plibone klarigita pere de ekzemploj: se laŭ PAG, triopo kiel *instruisto*, *intruistino*, *geinstruistoj* estis vidita kiel respektive maskla, ina, kaj ambaŭseksa vortoj, laŭ la vidpunkto starigita de PMEG oni povas vidi ĝin kiel neŭtrala, ina kaj ambaŭseksa.

Konsekvence, frazo kiel *La instruisto parolis al la Lernanto*, kiu, je la komenco de la 20-a jarcento, pensigus nin pri du personoj, viro kaj (supozeble) knabo, povas esti, hodiaŭ, je la komenco de la 21-a, interpretata kiel: *Persono kiu instruas* (nedifinita laŭ genro) *parolas al persono kiu lernas* (same nedifinita).

Tamen, se "instruisto" estas semantike neŭtrala, kiamaniere oni rimarkigu, morfologie, la masklan genron? Ĉu sufiĉus la neeston de sufikso *in-* por ke la formo fariĝu tian? Tio ja estos fakta reveno al la antaŭa situacio. Por solvi la novan problemon, kelkaj esperantistoj proponas la enkondukon de nova sufikso indikanta la masklan genron. Tiu sufikso estus -*iĉ*<sup>-7</sup>.

7 Tiuĵ ekde nun vidotaj proponoj estas pliakrigitaj konsekvencoj de la koncepta ŝanĝo starigita en PMEG. Sed oni ne pensu ke Wennergren mem akordas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tiam, revenante al nia antaŭa ekzemplo, oni povas do havi:

a) *La instruisto parolis al la lernanto.* (ambaŭ laŭgenre nedifinitaj)

b) *La instruistino parolis al la lernanto.* (ina instruisto kaj nedifinita lernanto)

c) *La instruistino parolis al la lernantiĉo.* (ina instruisto kaj malina lernanto)

Sed tia koncepta ŝanĝo alportas pliajn novajn modifojn en nia morfologia sistemo: se *instruisto* ja estas (aŭ fariĝas) neŭtrala, do la prefikso *ge-* - kune kun la prefiksaj uzoj de *vir-*, kaj *knab-* - fariĝas siavice arkaika, ĉar la sama ideo povas esti reproduktita pere de la simpla pluralo "*instruistoj*".

La uzado de *-iĉ-* kunportas alian situacion: ĝi devigas ĉiun esperantiston, je la momento uzi ĝin, rezoni ĉu tiu uzo estas vere necesa, ĉar en frazo kiel *Patriĉo kisis la filinon*, la uzo de *-iĉ-* en patro estus tute evitenda, ĉar kompreneble, oni povas pensi, nur viroj povas esti patroj. Tamen, la leĝa sistemo de multaj el tiuj landoj kiuj permesas samseksan edziĝon postulas ke, je adopto de infano, unu el la paro prenu la patran aŭ patrinan rolon; do oni kreas situaciojn kie la patra rolo estas farita de lesbo, aŭ la patrino de gejo. Ĉiukaze la genra funkcio neniel korespondos al la seksa

---

kun ili.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

antaŭdifino de la persono. Tiel, oni povos alfronti la jenajn situaciojn:

- *Patriĉo kisis la filinon.* (tiu, kiu havas la patran rolon estas viro kaj negeja homo)

- *Patro kisis la filinon.* (tiu kiu havas la patran rolon povas esti viro, virino, gejo aŭ lesbo, tio tute ne gravas)

Oni eĉ povas pensi ĉu tiuj novaj eblecoj kaj konceptoj de familio – ne plu vidita sole kiel geparo – eble kunportos novajn uzajn por la prefikso *bo-*, sed oni ankoraŭ ne trovis realajn ekzemplojn en la kuranta lingvo.

Sed estas alia situacio devenata de tiuj ŝanĝoj: antaŭ ili, kiel uzi la klasikajn pronomojn *li*, *ŝi* kaj *ĝi*? Tiuj pronomoj, konstruitaj laŭ la identeco inter genro kaj sekso, ne plu reflektas la nuntempan mondon, kie li povus – almenaŭ teorie – esti uzata por paroli pri lesbon, aŭ ŝi por transgenra viro (Oni rememoru ke laŭleĝe ili ja rajtas postuli tiun uzon). Oni unuavide povus pensi pri ĝi kiel taŭga, pure fundamenta, solvo al tiu problemo, sed oni devas rimarki ke eĉ la uzon de ĝi por beboj kaj infanoj neniam estis bone akceptita de la esperantistaro. (Multaj el ni simple rifuzas uzi por bebo la saman pronomon uzotan por hundo. Kaj, oni aldonu, tiu problemo estas tiel antikva kiel la lingvo mem, ĉar Zamenhof mem jam pritraktis ĝin en *Lingvaj Respondoj*.)

Por solvi tiun novan demandon estis proponita novan



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trian singularan pronomon, *ri*, uzota kiam oni tute ne volas precizigi la genron de iu ajn. Bona ekzemplo de tiu pronomo estas la kanzono "*Ri liberas.*", alia komponaĵo de Guillaume Armide, kiu montras al ni kaj la esprimeblecoj atingotaj de *ri*, kaj eĉ pliaj kialoj favoraj al sia uzado:

Trudas al li  
 Lia liec'  
 Agi, ami laŭ nia opini'  
 Trudas al ŝi  
 Ŝia ŝiec'  
 Ne elekti laŭ sia decidec'  
 Ĉu vi scias  
 Kiel konduki tiu hom'  
 Kiu havas tiun sekson aŭ tiun-ĉi  
 En li kaj ŝi  
 Enfermitas Veraj homoj laŭ mi  
 Enfermitas

REK

Sed *ri* liberas, senkatenas, kaj rajtas estis si mem  
 Libere amas kaj ne zorgas ĉu sam- aŭ malsamseksem'  
 Libere donas kaj akceptas kaj ne ĝenas rin ia  
 dilem'  
 Donu al ĉiuj homoj la  
 Eblecon eliri  
 De li kaj ŝi.

Kompreneble, multaj personoj akuzas tiun pronomon, dirante ke:

a) ĝi estas kontraŭfundamenta (laŭ la dua sinteno ne, sed klare preterfundamenta);

b) ĝi ja estas pleonasma, ĉar ĉiuj ĝiaj funkcioj povas esti plenumitaj de ĝi aŭ alia nedifina pronomo:

- *Ri faru tion* = *Ĝi faru tion* = *Iu el ili faru tion*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- *Ri ankoraŭ ne venis.* = *Ankoraŭ venis neniu.*

c) ĝia uzo estas pli stila ol lingva demando. Fakte jes, kaj tio percepteblas en frazoj kiel:

- *Mi estis ricevita de la doktoro, kaj ri nenion novan diris al mi.* En kiu, kompreneble la doktoro - neŭtrala vorto! - havas genron, sed tio ne gravas nun.

ĉ) ĝi sonas terure malbela kaj povas konfuziĝi kun *li*. Tiu lasta estas argumento de multaj el la riistoj mem, kiuj serĉas novan formon por la pronomo; kaj estas ĝuste tiu serĉo, kune kun la fakto ke neniu, eĉ la plej modernecaj, instrumentodoj prezentas ĝin, la faktoro kiu iome malfruas la kreskon en la uzado de *ri* en la komuna, ĉiutaga lingvo.

Kompreneble, tiu nuna bildo pri tendencoj en Esperanto estas bildo ankoraŭ en konstruado, kaj la plejmulto el la esperantistoj simple rifuzas ilin - aŭ ĉar ili defendas tiun suprecitita unua sinteno antaŭ la Fundamento - aŭ ĉar simple vidas ilin kiel nenecesaj, aŭ eĉ se necesaj en kelkaj situacioj ne absolute nepraj. Fakte, kiel ĉio ajn en ĉiu ajn lingvo, ĝia postviviĝo dependus unike de la nombrokresko de ties uzantoj.

Tamen mi kredas, ke esperantistoj mem - kaj mi estas unu el ili - devas nek malfermi la okulojn antaŭ ili, ĉar ili ja estas pruvo de la vivanteco de la lingvo, de ĝia supervivado kaj fertileco; nek senpripense, kiel rabiaj hundoj, ilin ataki nome de ia "pureco" de la lingvo. Kontraŭe estas nia devo konstati, ke, ene de ili, estas pli ol simplaj kaj forigendaj



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

"reformismoj", sed vera spegulo de provoj fari la lingvon kapabla respondi al la defiojn alportataj de ĉiamnova mondo. Ni do memorigu la grekan filozofon Herakliton: *pavnta rei~*, tio estas, "ĉio fluas", do estas signo de bonega sano ke nia lingvo tiom fluu.

### **Bibliografio:**

- DECLERCK, Christian. "Itinero rememoriga pri vivo kun esperanta literaturo" in: **La Gazeto** . Metz, vol. 30, num. 175, p. 28-31, jan-feb. 2015
- KALOCSAY, K; WARINGHIEN, G. **Plena Analiza Gramatiko de Esperanto**. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio, 1980
- SEPPIK, Henrik. **La Tuta Esperanto - Gramatiko por progresintoj, gvidilo por kursestroj** . Budapeŝto: Hungara Esperanto-Asocio. 1984 [1937].
- WENNERGREN, Bertilo. **Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko** . El Cerrito: Esperanto-Ligo de Norda Ameriko, 2005
- ZAMENHOF, L. L. **Lingvaj Respondoj** . Tyresö: Inko, 2001.
- ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto**. (Alportugaligita de Túlio Flores) Braziljo: Brazila Esperanto-Ligo, 2015



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Habermas: contribuições para o diálogo entre Filosofia, Ciência e Linguagem<sup>8</sup>.

Por: Sérgio Fernando Maciel Corrêa<sup>9</sup>  
sergio.correa@ifc-videira.edu.br

**Resumo:** Este artigo aborda a ética aplicada a partir da filosofia de Jürgen Habermas. Situamos o debate sobre a ética no âmbito das empresas, dos hospitais, das escolas, órgãos envolvidos com questões ambientais. Por isto, salientamos a interdisciplinaridade como exigência metodológica que a ética aplicada precisa considerar. Para realizarmos com êxito a exigência de interdisciplinaridade a análise do conceito de pragmática universal de Habermas foi necessária. Por ele, é possível identificar e reconstruir as condições formais para chegar a um entendimento possível. É no mundo da vida que temos a diversidade e o pluralismo cultural. Este é o mundo da comunidade real que precisamos operar o entendimento possível. Neste caso suscitamos a proposta do agir comunicativo como uma resposta possível, entre muitas outras para “atacar” os grandes problemas que a sociedade tem enfrentado. Deste modo há uma situação ideal a ser buscada e uma situação real na qual se materializam os modelos sociais de existência.

**Palavras-chave:** Ética; Giro Linguístico; Filosofia.

---

8. O artigo que ora apresento ao leitor da *Revista Controvérsia* é fruto da pesquisa que fiz para elaborar a palestra *Ética Prática: a Implicação Entre Ciência, Direito e Filosofia*, ministrada nas dependências do *Campus Bagé* da UNIPAMPA por ocasião das atividades do projeto de extensão daquela instituição cujo título é: *Filosofia para Todos*.

9. Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, É Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas – UFEL, Especialista em Gestão Educacional pela Universidade do Contestado – UNC – Curitiba e Graduado em Filosofia pela Faculdade São Boaventura – FFSB. É servidor público federal, docente EBT de Filosofia pelo Instituto Federal Catarinense – IFC, campus da cidade de Videira/ SC.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Resumo

Tiu ĉi artikolo pritraktas aplikatan etikon, ekde la filozofio de Jürgen Habermas. Oni enmetas debaton pri etiko ene de entreprenoj, hospitaloj, lernejoj kaj grupoj rilataj al ekologiaj demandoj. Pro tio, oni reliefigas la interdisciplinecon kiel metodologia postulo nepre konsiderota de la aplikata etiko. Por ke oni sukcese realigu tiun interdisciplinan postulon, analizo de la koncepto de universala pragmatiko de Habermas estis necesa. Laŭ li, estas eble identigi kaj rekonstrui la formalajn kondiĉojn por alveni al ebla interkompreno. Estas en la mondo de la vivo ke oni havas diversecon kaj kultura pluralecon. Tiu ĉi estas la mondo de la reala komunumo sur kiu ni necesas surlabori la eblan komprenemon. En tiu kazo oni levigas la proponon de la komunika agado kiel ebla respondo, inter multaj aliaj, por “ataki” la grandajn problemojn kiuj socion alfrontas. Ĉi-maniere estas ideala situacio, serĉota, kaj reala situacio, en kiu materiigas la socialaj modeloj de ekzisto.

**Ŝlosilvortoj:** Etiko; Lingvistika parolturno, Filozofio.

## Abstract

*This paper approaches the applied ethic from the philosophy of Jürgen Habermas. We place the discussion about the ethics in the context of enterprises, of hospitals, of schools, of agencies involved with environmental issues. Hereby, We accentuate the interdisciplinarity as a methodological requirement that the applied ethics needs to consider. For us perform with successfully the requirement for interdisciplinarity the analysis of the concept of Universal Pragmatics of Habermas was necessary. For him, it is possible to identify and rebuild the formal conditions for to come to an possible agreement. In this case, we evoke the proposal of the communicative act as a possible answer, among many others to "attack" the greats problems that the society have been facing. Thus there is an*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*ideal situation at to be seeking and an actual situation in which if it materialize the social models of existence.*

**Keywords: Ethics; Linguistic turn; Philosophy.**

### **Introdução- a ética aplicada e o giro linguístico**

Parafraseando Nietzsche, diríamos que este texto “é para todos e para ninguém”. Por que usamos esta paráfrase? Porque se trata de um texto que quer explicar algo ainda não conhecido a uma plateia, cujo interesse sobre tema ainda é o da mera curiosidade, mas, ao mesmo tempo e dentro dos seus limites, o texto busca ser profundo nas suas análises. Por tal razão procuramos em primeiro lugar pela compreensão dos fundamentos e problemas mais triviais da ética prática. Para alcançar tal meta estabelecemos como objetivos específicos à análise crítica de algumas questões que envolvem a necessidade de fundamentação de práticas éticas. Procuramos também conceituar os dilemas selecionados e que englobam o debate em questão. Por fim, tratamos apresentar os modelos explicativos do pensamento bioético.

Traremos, portanto, neste artigo alguns tópicos sobre a ética contemporânea a partir dos apontamentos de alguns textos do Professor de bioética da Universidade Federal de Pelotas, o filósofo Jovino Pizzi, que tem uma obra considerável sobre o pensamento habermasiano. No primeiro desenvolvimento faremos uma apresentação dos conteúdos de uma forma mais geral. No segundo momento, problematizaremos a questão da ética aplicada.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Destacaremos a relação que a ética aplicada tem com a filosofia, mas salientaremos a especificidade do tema, cuja origem se dá fora da filosofia. Alertamos que o conceito tem sua procedência de questões práticas no contexto das empresas, dos hospitais, das escolas, órgãos envolvidos em questões ambientais. Esta peculiaridade leva a mudanças significativas na filosofia e no âmbito moral. É o que o professor Pizzi chama de *Ethical Turn*. Este giro ético direciona a reflexão para a necessidade de fundamentação e aplicabilidade das teorias éticas na legitimação das práticas dos agentes envolvidos com questões científicas, econômicas, religiosas, educacionais etc.

### **A busca pela fundamentação da ação moral**

Iniciamos este ponto pelo debate sobre as questões ligadas aos avanços científicos. Trata-se, igualmente, de um tema que suscita esperanças, provoca temores e cria incertezas. Ora, este misto de otimismo e insegurança deu base à busca do diálogo entre filósofos, cientistas, economistas e políticos. Nisto deixamos claro que a ética aplicada tem a ver com uma nova exigência de método que tem na interdisciplinaridade sua marca maior. Responsabilidade moral, agir ético, motivação moral, consequência éticas, agir comunicativo são temas que perpassam toda esta reflexão. Estas questões passam a exigir novas formas de agir, fundamentação para as escolhas éticas que os agentes humanos precisam fazer no cotidiano de suas ações. Decorre desta

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

busca pelo fundamento a necessidade de encontrar em teorias éticas o fundamento para a ação. Busca-se então no universalismo, contratualismo, utilitarismo, etnocentrismo, comunitarismo<sup>10</sup> entre muitos outros fundamentos para a ação.

Nesta linha usam-se os mais variados argumentos para buscar o mínimo consenso entre os interlocutores. Desta gama de discussões vem à tona então o que se nomeia de éticas aplicadas, que em síntese é a busca pelo fundamento em teorias éticas e a sua aplicabilidade a casos específicos. O professor Pizzi, anota sobre o tema: “O surgimento da ética aplicada não desbanca o lugar da fundamentação, nem restringe a preocupação com as teorias éticas” (PIZZI, 2006, p. 23). Sucede então, segundo Pizzi, um novo modo de compreender as teorias éticas. A busca pela fundamentação e pela justificação encontra nas éticas antigas e medievais (éticas do ser), nas éticas da consciência (éticas modernas) ainda algumas bases fundamentar um novo modelo ético – a ética da linguagem a qual nasce da crise de fundamento que os dois modelos anteriores apresentam.

---

10 Para que não ajam dúvidas definimos os conceitos: Universalismo é uma tendência para buscar no particular conclusões generalizantes. O contratualismo indica uma classe abrangente de teorias que tentam explicar os caminhos que levam as pessoas a formar Estados e/ou manter a ordem social. O utilitarismo é uma doutrina ética que prescreve a ação de forma a maximizar o bem-estar do conjunto dos seres. Etnocentrismo é um conceito antropológico, que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor, seja pela sua condição social, pelos diferentes hábitos. O comunitarismo surge no final do século XX, por volta da década de 80, em oposição a determinados aspectos do individualismo e em defesa dos fenômenos como a sociedade civil.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Demos continuidade à explanação propondo um debate sobre o modo como estudamos e compreendermos a história da filosofia, isto é, a dividimos em quatro etapas: a Filosofia Antiga, a Filosofia Medieval, a Filosofia Moderna e a Filosofia Contemporânea. Porém, adotaremos a divisão da História da Filosofia em três etapas: a era do ser, da consciência e da linguagem. Jürgen Habermas tem em mente estas questões e se orienta por esta tríplice divisão: a era do Ser é Aristotélica, cuja abordagem é a do Ser e do Não-ser. Segue-se, portanto uma ontologia, cuja perspectiva é teológica. Aqui está em evidência “o que é?”

Com a modernidade, aparece a noção e as filosofias do *cogito ergo Sun* (Penso, logo existo) de Descartes inaugurando a era da filosofia da consciência. Esta etapa caracteriza-se pela emancipação do sujeito em relação ao processo teológico, isto, é a razão tornando-se autônoma. Habermas propõe um mapeamento das várias filosofias que expressam a era da consciência.

A era da linguagem exige a saída do monólogo, para o diálogo. Nesta perspectiva a pergunta pela significação: “o que é o significado?” Assim inaugura-se o giro linguístico, a chamada racionalidade dialógica. Deste modo surge a questão da razão pública. Neste sentido, falar do binômio público/privado está quase que superado. Na sequencia passou a se discutir a natureza dos atos de fala: que ora são locucionários,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ilocucionários e perlocucionários<sup>11</sup>. Deste modo um ato de fala pretende ser válido e não é válido ou inválido de antemão. Neste caso, os atos de fala se devem acontecer entre sujeitos-sujeitos. É a diálogo intersubjetivo.

Em seguida procedeu ao debate sobre o texto de Alasdair Macintyre cujo título é: *¿La ética aplicada se basa em un error?* Deste debate, podemos fazer as seguintes considerações: reafirmou-se que a ética aplicada se refere a um campo amplo de atividades, como já foi dito acima. Também se destaca a necessidade de um sujeito racional capaz de agir de forma coerente, em conformidade com a verdade e buscando universalizar a ação, como afirma o filósofo: *“De Ló que deduce que en la formulación de este tipo de reglas sólo se emplean conceptos al alcance de las personas racionales como tales”* (MACINTYRE, 2003, p. 72).

Para o autor este é um ideal a ser procurado, pois em geral as pessoas desmembram a apreensão da regra de sua execução. Segundo o filósofo britânico surgem problemas sérios para a ética quando se separa o conhecimento e apreensão da regra de sua aplicabilidade. Assim, regras de ação carecem estar em constante ampliação, pois se formulam de acordo com novas situações-problemas que cotidianamente surgem. O autor é, então, enfático: *“Pero no existe ninguna regla separada de sus aplicaciones (...) de lo que implica tanto el seguimiento de la*

---

11 Mais adiante haverá um aprofundamento destes conceitos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*regla como la ampliación de una regla preexistente a una nueva clase de casos” (MACINTYRE, 2003, p. 76-77).*

Macintyre é bastante crítico com as regras morais. Na sua percepção nenhuma regra ou mesmo um conjunto de regras conseguem abarcar de maneira absoluta as contingências e novas situações-problemas que aparecem em uma determinada comunidade. Escreve:

*Ninguna regla ni conjunto de reglas puede abarcar todas las contingencias relevantes, y el descubrimiento de un caso no abarcado de este modo no necesita proporcionar, y en acciones no puede proporcionar, una razón adecuada para ampliar e reformular estas reglas em particular (MACINTYRE, 2003, p. 83).*

Prossegue na sua crítica, sendo bastante severo com as éticas aplicadas. Segundo sua tese, se os postulados éticos são bem fundamentados, estão compreendidos e corretamente executados, então não haveria a necessidade da elaboração de uma ética aplicada. Para o autor este tipo de problema surge porque se supõe que as regras morais são a-históricas, a-temporais e desvinculadas do contexto social e das instituições que o representam e as desenvolveram.

Por tais razões, *“Cuando la ética y la moralidad se comprenden correctamente, el concepto de la ética aplicada pierde toda aplicación” (MACINTYRE, 2003, p. 84).* Portanto, segundo esta visão, a ética aplicada se fundamenta em um erro. Por conseguinte, necessita-se de uma moral capaz de sustentar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diante da complexidade social, de argumentos antagônicos, dos grandes problemas suscitados pelos avanços da ciência.

### **O que é pragmática universal?**

Vimos e debatemos as tarefas sucitadas no ponto anterior que era: analisar o que é pragmática universal? Para tal, sugerimos a leitura do livro *O Conteúdo Moral do Agir Comunicativo*, do professor Pizzi. A primeira pergunta que esta leitura suscita é a seguinte: que significa o giro pragmático da linguagem? Segundo o texto, cf.: (PIZZI, 2005, p. 47) “O giro linguístico significa a passagem da semântica à pragmática, por meio do qual é possível fundamentar um procedimento capaz de vincular o agir comunicativo ao mundo da vida”.

Ora, pois, para aprofundar esta definição precisamos saber o que é a semântica. Segundo consta, a semântica ocupa-se com o significado das palavras e sempre busca quantificar, qualificar, nomear, dar lugar as palavras em um discurso. Decorre então que esta busca pelo significado, pela análise do discurso, pela verdade dos fatos linguísticos é sem dúvida característica do tempo da filosofia consciência, na qual um sujeito autônomo e consciente de si iria ao mundo dos objetos para recolher a verdade, a estrutura última das coisas, o significado do fato linguístico. Ora, se houve uma passagem da era da consciência, então é fato aceito que este modo de proceder da linguagem também está sendo superado.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Temos então que analisar o que se refere a pragmática que toma o lugar da semântica. Esta questão remete ao texto de Habermas *¿Qué significa pragmática universal?* Ora, se o modelo da filosofia da consciência entrou em crise com toda a sua vontade de verdade e universalidade, então é preciso fundamentar e estabelecer condições necessárias para promover um entendimento possível Segundo o filósofo, esta é a tarefa da pragmática - *“La pragmática universal tiene como tarea identitizar y reconstruir las condiciones universales del entendimiento posible”* (HABERMAS, 1989, p. 299). Portanto, este entendimento possível deseja universalmente a validade dos atos de fala.

Para tal, este processo de entendimento universal - a tarefa da pragmática universal - supõe que um determinado falante esteja expressando algo de forma inteligível, que esteja dando a entender algo, que se dê a entender e que busque entender-se com os demais. Este parece ser o conteúdo normativo do entendimento possível, que aparece em Habermas como *“Agir Comunicativo<sup>12</sup>”*.

Ora, uma questão depreende-se destes apontamentos que o professor Pizzi abordou em tópico em um dos seus livros: Por que a linguagem é um meio? Poderíamos ser simplistas e dizer que a linguagem serve de meio para atender aos interesses

---

12 É um conceito muito amplo em Habermas, mas tem a ver com tipificação da ação que tenha por fundamento a compreensão, por meio do diálogo, entre ao menos dois sujeitos capazes de falar e de agir, é um paradigma de interação social.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

particulares, que seria uma forma de seduzir aos que nos ouvem, que seria a instrumentalização as fases do discurso com fins puramente subjetivos. É o que Habermas chama de agir estratégico ao qual caracteriza: “O Agir Estratégico parte do pressuposto de que as decisões levam em conta os interesses pessoais individuais” (HABERMAS, 1992, p. 68). Todavia, o que nos interessa é analisar a linguagem como meio na perspectiva do agir comunicativo, ao qual Habermas conceitua: “O Agir comunicativo parte do pressuposto de que as decisões levam em conta os interesses interpessoais do bem-comum e da reciprocidade” (HABERMAS, 1992, p. 99).

Nesta linha, a linguagem deixa de ser um meio de convencimento estratégico e passa a ser meio para produzir, segundo Habermas: “*un acuerdo, que termine en La comunidad intersubjetiva de la comprensión mutua, del saber compartido, de la confianza recíproca y de la concordancia de unos con otros*” (HABERMAS, 1989, p. 301). Depreende-se desta última definição de linguagem como meio o imperativo da procura pelo consenso que não pode ser imposto de fora e menos ainda imposto por uma das partes envolvidas no diálogo. É o acordo possível que é concretizado por meio da linguagem do agir comunicativo.

### **Os atos de fala e as pretensões**

Inciamos este ponto pela explanação e pelo debate das tres condições necessárias para preenxer as pretensões de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

validez – verdade, retidão e veracidade – razão suficiente para um ato de fala capaz de efetivar a pragmática universal, ou seja a busca do consenso. Ora, este acordo possível só pode ocorrer por meio de atos de fala que se pretendam válidos na perspectiva do agir comunicativo. Mas como conceituar, descrever, caracterizar um ato de fala. Habermas dirá o seguinte:

*Una teoría general de los actos de habla tendría que describir precisamente el sistema fundamental de reglas que los hablantes adultos dominan en la medida en que pueden cumplir las condiciones para un empleo afortunado de oraciones en actos de habla (HABERMAS, 1989, p. 326).*

As regras, das quais Habermas trata só podem ser aquelas pretendem ser inteligíveis, são as que dão a entender algo do que se fala. O falante, neste caso, se faz entender e visa não dominar os outros por meio da linguagem, mas entrar em acordo com os demais. Pois se fosse de outro modo estaríamos no campo do agir estratégico, característico da filosofia da consciência que instrumentaliza a razão. Portanto este tipo de ato de fala necessita ser ilocucionário<sup>13</sup>, isto é, se constituir na própria linguagem.

Sucedem então que os atos de fala pretendem ser válidos, aos menos enquanto busca. Decorre então que o ato de fala necessita estar comprometido com a verdade daquilo que se fala, que os atores envolvidos no diálogo são sinceros e que

---

13 John Langshaw Austin (filósofo britânico: 1911 – 1960) é quem aborda a questão dos atos *Locucionário*, *Ilocucionários*, e *Perlocucionário*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estejam em iguais condições enquanto ouvintes e falantes. É, pois característica universal e racional do atos de fala. É o que Habermas sugere: *“El acto de habla ha de lograrse, há de venir respaldada por normas vigentes, lo cual significa: por el reconocimiento (a lo menos) fáctico de la pretensión de que tales normas rigen con razón”* (HABERMAS. 1989, p. 354.).

Escreve no livro *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*:

O entendimento através da linguagem funciona da seguinte maneira: os participantes da interação unem-se através da validade pretendida de suas ações de fala ou tomem consideração os dissensos constatados. Através das ações de fala são levantadas pretensões de validade criticáveis, as quais apontam para um reconhecimento intersubjetivo. A oferta contida num ato de fala adquire força obrigatória quando o falante garante, através de sua pretensão de validez, que está em condições de resgatar essa pretensão, caso seja exigido, empregando o tipo correto de argumentos (HABERMAS, 2002, p. 72).

A grande questão posta pelo professor Pizzi é: como Habermas monta a arquitetura do agir comunicativo? Nisto o professor retomou a um ponto que havia sido posto em debate anteriormente que aborda a questão da ética do ser, da consciência e da linguagem. Trata-se, portanto, do Giro Linguístico, um importante movimento do século XX para a ética e para as ciências em geral. Deste modo se destacou que o giro



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguístico é uma maneira de justificarmos as decisões que nós tomamos.

A proposta do agir comunicativo é uma resposta, entre muitas outras para enfrentar os grandes problemas enfrentados pela sociedade. Neste sentido é necessário conhecer o conteúdo moral do agir comunicativo para ser criticado. Habermas pretende a superação da filosofia da consciência. Pizzi coloca quatro aspectos sobre a suspeita da filosofia de consciência que pode ser encontrada na filosofia de Habermas. Cf.: (PIZZI, 2005, p. 25 – 34):

Primeiro: as filosofias da consciência se movem dentro de uma linguagem monológica, na qual o sujeito sempre tenderá a objetivar e auto objetivar-se.

Segundo: tudo fica ligado ao binômio sujeito-objeto. Aqui sempre há um tipo de agir estratégico, instrumental. Neste caso a filosofia se reduz à relação descritiva entre sujeito atomizado e os fatos objetivos do mundo empírico.

Terceiro: Observador e observado, no qual ha intervenções ao modo das ciências empíricas. Aqui há a conexão entre os diferentes campos do conhecimento.

Quarto: objeto e a validade das proposições. Tipologia do agir – instrumental, estratégico e comunicativo.

Concluimos que o *Acordo* para Habermas equivale ao consenso. No momento da tomada de decisão a comunidade linguística necessita de um mínimo de consenso que as decisões



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tenham pretensões de validade. É o que Habermas nomeia de pragmática universal – a pretensão de validade – como foi dito acima. Por estas razões o acordo necessita de uma comunidade em condições de comunicação através de atos de fala ilocucionários, como escrito acima. A este projeto Habermas dá o nome de *Pragmática Universal*. "He propuesto el nombre de 'pragmática iniversal' para el programa de inversión que tiene por objeto reconstruir la base universal de validez del habla" (HABERMAS, 1989, p. 302). Com esta citação finalizamos este tópico destinado à discussão sobre o conceito de Mundo da Vida em Habermas.

### **A busca pelo consenso: ação ≠ discurso?**

Traçamos neste ponto algumas considerações sobre a leitura do texto: *A Imbricação entre Ação e Discurso*. Neste trecho o autor coloca em questão a relação entre a ação efetiva das pessoas e o discurso com pretensões de validade do agir comunicativo. Deste modo há uma situação ideal a ser buscada e uma situação real na qual se efetivam os modelos sociais de vivência. Neste caso, é preciso uma complementação entre a ação cotidiana, o mundo da vida, e o discurso pretensamente válido, como aponta Pizzi: "Neste caso, persiste mais que notório o lugar que ocupa o *Lebenswelt* na ação comunicativa, pois representa esse pano de fundo de evidências de um saber pré-categorial e antepredicativo" (PIZZI, 2005, p. 134).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ora, se assim é, os participantes desta “comunidade real de fala” não apenas reproduzem as determinações do contexto sociocultural em que habitam, mas, de maneira incessante procuram renovar o consenso. Sucede que o agir comunicativo está aberto à complexidade das tramas sociais e as estilizações dos modos subjetivos de viver. Esta disposição de abertura acontece pelo seu fundo racional que sustenta a interação entre ouvintes e falantes. Registra o autor: “Qualquer modo de vida, por mais simples que seja, “encerra um potencial de racionalidade” (PIZZI, 2005, p. 137). Deste modo fica evidente que o acordo não é estático.

A renovação, a reinterpretação do acordo pactuado não é o postulado de um único sujeito que age de forma unilateral. Todavia, eles ocorrem por meio da argumentação racional. Aqui reside a fundamentação universalizável das pretensões de validade do discurso. Trata-se de colocar, por um instante, o mundo da vida “entre parênteses” para trabalhar no plano racional que sempre vai privilegiar a força do melhor argumento. Se fosse de outro modo, os participantes não estariam em condições equitativas, mas haveria relações de poder que coagiriam não em função do melhor argumento, mas em função do argumento mais conveniente. Daí as palavras de Pizzi: “O processo discursivo implica, pois, o abandono temporário das convicções cotidianas e a passagem, então, ao nível da argumentação discursiva” (PIZZI, 2005, p. 143). Portanto, este



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

processo discursivo é o pano de fundo racional que oferece as condições de possibilidade da renovação, reinterpretação, recriação de conceitos, critérios, regras, práticas que são cultivados no mundo da vida. E aí, sela-se, a coadunação entre ação e discurso.

No item *Os pressupostos ideais do entendimento linguístico* o autor do texto pretende discorrer, em primeiro plano, sobre as situações ideais de fala. É esta possibilidade, esta situação hipotética, esta crença que permitirá reformular, reinterpretar o consenso ora questionado por algum dos sujeitos envolvidos e pertencentes a uma comunidade linguística. A tônica desta situação é a *igualdade*. Igualdade de comunicação, de interpretação, de expressar sentimentos subjetivos, de comunicar atos de fala regulativos. Pizzi é claro: “Apresentar razões significa, portanto, admitir condições gerais de simetria, pressupostas por qualquer um como suficientemente dadas, na medida em que pretende participar do discurso” (PIZZI, 2005, p. 153).

Na sequência entra em debate o *procedimentalismo*. Neste sentido, parte-se do mundo da vida, das problematizações concretas para em seguida abstraí-las e entrar numa situação ideal de fala, para, novamente, retornar ao mundo vivido refeito pelo consenso reconstituído. Deste modo, não há espaços para subjetivismos, mas as regras pretensas à validade e à universalidade é que direcionam a o procedimento da comunidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ideal de fala a partir do *Lebenswelt*. “Desse modo, a contribuição do *Lebenswelt* à teoria do agir comunicativo assegura que as normas consensuadas e a autonomia dos sujeitos podem consolidar-se em uma comunidade de sujeitos emancipados” (PIZZI, 2005, p. 163).

Na sequência do debate tratamos de discutir a teoria psicológica sobre os estágios morais com a discussão de partes do pequeno texto de Lawrence Kohlberg (1927-1987). O texto tem por título *Estágios Morais de Kohlberg*. De forma bem resumida trata dos três níveis do desenvolvimento moral do ser humano. Em síntese podemos dizer que é deste modo que autor conduz sua reflexão: no primeiro nível, o *Pré Convencional*, no qual temos o realismo moral ingênuo, cujo significado da ação se observa em termos de realidade, inerente ao ato.

O realismo moral é autoevidente e requer pouca ou nenhuma justificção. A recompensa ou o castigo se identificam com a ação boa ou má, porque o sujeito busca evitar o castigo ou a gratificação. Neste estágio ainda há a posição relativista ou instrumental que se caracteriza pela perspectiva individual instrumental concreta e mútua. Há uma consciência de que cada pessoa busca atender aos seus próprios interesses, mesmo sabendo que este interesse possa entrar em conflito com o dos outros.

No segundo nível, o *Convencional*, temos a perspectiva de um indivíduo que se vê como membro da sociedade. Essa perspectiva se baseia numa concepção do sistema social como um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conjunto consistente de normas e procedimentos, que se aplica imparcialmente a todos os membros.

No terceiro nível, pós-convencional, autônomo ou de princípios, age-se na perspectiva de um sujeito racional e consciente dos valores e princípios universais para o desenvolvimento de uma sociedade justa. O sistema social se vê, em forma ideal, como um contrato livremente aceito pelas pessoas para preservar os direitos e promover o bem-estar de todos os seus integrantes.

### Considerações finais

O presente texto lidou com as várias faces, problemáticas e conceitos da ética do discurso proposta por Jürgen Habermas. Também abordou de questões delicadas que surgem com as chamadas éticas aplicadas. Um dos conceitos introdutórios é o *Ethical Turn* – o giro linguístico na ética. Este conceito se refere à virada ética frente às éticas do ser e da consciência que já não são capazes de fundamentar por si só as novas exigências que a ética contemporânea enfrenta.

Outra questão importante é a das éticas aplicadas. Segundo as posições de Macintyre, desponta um problema quando se separa a apreensão dos postulados da ética de sua aplicação. Para este autor uma das razões do aparecimento das éticas aplicadas é a discrepância entre teorias éticas e a prática efetiva destas teorias. Adiante, adentramos na questão da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pragmática universal, um conceito habermasiano que tem por meta reconstruir as condições universais de um entendimento possível que seja capaz de superar o agir estratégico e repousar no ideal do agir comunicativo.

Outro ponto importante para fundamentação da ética habermasiana é o *Lebenswelt*, conceito colhido de Husserl que se reporta ao mundo da vida. Este ponto releva o mundo sócio-histórico, a cultura como elementos fundamentais para se estabelecer uma comunidade ideal de fala que se refere ao mundo vivido. Nesta mesma linha, é significativo o debate em torno dos atos de fala e a sua pretensão de validade. Aqui há a necessidade de comprometimento entre os autores envolvidos com a veracidade do que se anuncia. Há a necessidade de equivalência de condições entre aquele produz um ato de fala e daquele que ouve.

Sem menos importância em todo este debate é a influência de Kant na produção de Habermas. Ele está situado entre os neokantianos do mesmo modo que Apel. É na filosofia de Kant que o filósofo fundamentará a noção de situação ideal de fala, um postulado que visa à simetria de oportunidades para eleger e executar atos de fala. Enfim, foram muitos e importantes os conteúdos trabalhados neste seminário. Outros poderiam e deveriam ser retomados, mas por uma questão de espaço concluímos por aqui.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Referências

- HABERMAS, JÜRGEN. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Conhecimento e Interesse** . Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. **De L'éthique de La discussion** . Hunyadi.Paris: Les Éditions Du CERF, 1992
- \_\_\_\_\_. **Técnica e Ciência como "Ideologia"** Lisboa: Edições 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Teoría de La Acción Comunicativa: complementos y estudios previos** . Madrid: Cátedra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- MACINTYRE, Alasdair. "¿La ética aplicada se basa em un error?" *In Razón Pública y éticas aplicadas - Los caminos de La razón práctica em una sociedad pluralista* . Madrid:Tecnos, 2003.
- PIZZI, Jovino. **Ética e Éticas Aplicadas: a reconfiguração do âmbito moral** . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Conteúdo Moral do Agir Comunicativo: uma análise sobre os limites do procedimentalismo** . São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O Mundo da Vida: Husserl e Habermas** . Ijuí: Editora Unijuí, 2006.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Uma cartografia das vivências em um grupo de teatro<sup>14</sup>

Por: Evandro Santana Silva<sup>15</sup>  
evandrosantana13@yahoo.com.br

“Jamais interprete, experimente”.

Gilles Deleuze

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa de campo realizada com um grupo de teatro inserido no Programa do Centro de Referência de Assistência Social, na cidade de Moema, situada na região Centro-oeste de Minas Gerais. O método de pesquisa utilizado foi a cartografia, formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, para o acompanhamento das relações entre os integrantes do grupo e seus processos de subjetivação em interface com o dispositivo Teatral.

**Palavras-chaves:** Cartografia; Grupo; Processos de subjetivação; Pesquisa; Teatro.

### Abstract

*The objective of this paper is to present the results of a field survey of a group of theater inserted in the Social Assistance Reference Center Program in the city of Moema, located in the Midwest region of Minas Gerais. The research method used was mapping, formulated by Gilles Deleuze and Felix Guattari, for the monitoring of relations between the group members and their subjective processes interface with the theatrical device.*

---

14. Tema referente a um Trabalho monográfico cujo título original é: “DEVIR e ARTE, uma cartografia das vivências em um grupo de teatro”.

15. Psicólogo Clínico, formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG. Atuante no Núcleo de Apoio Saúde da Família (NASF) na cidade de Arcos/MG, e no Instituto de Reabilitação Maria Soares na Cidade de Moema/MG.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Keywords:** *cartography; Group; Subjective processes; Research; Theater.*

## Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada com um grupo de teatro inserido no programa do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado em Moema, cidade do interior de Minas Gerais. A pesquisa utilizada foi a Cartografia, método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, através do qual foi possível acompanhar as experiências vivenciadas pelos integrantes do grupo na tentativa de compreender a produção dos processos subjetivos destes pelos interstícios de suas relações interpessoais através do dispositivo artístico. O método cartográfico visa acompanhar processos, não representar um objeto. Trata-se de uma pesquisa de campo desenvolvida para o estudo da subjetividade e não tem como objetivo definir regras abstratas a serem aplicadas no campo de estudo.

Os integrantes do grupo são compostos por crianças e adolescentes em vulnerabilidades sociais assistidos pelo CRAS, passaram por experiências de abandono dos pais, tentativas de autoextermínio, dificuldades financeiras, relações sexuais precoces e tantas outras. São criativos e cheios de vitalidade e, mesmo diante de suas experiências traumáticas, não desistem; buscam a todo momento novas formas de enfrentamento, superação e



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

possibilidades, num intensivo encontro com a existência.

A dinâmica da pesquisa foi desenvolvida através de literaturas, filmes, brincadeiras, encenações e interpretação de textos de teatro a partir dos quais foi feita a seleção dos registros das vivências para a descrição cartográfica.

Quanto à estruturação desta escrita, está pautada em três momentos. No primeiro, são apresentados sinteticamente os fundamentos teórico-práticos que sustentam a análise em questão. Em seguida, a descrição do grupo e suas composições afetivas. A título de considerações finais, são desenvolvidas algumas questões centrais do trabalho e indagações provocadas pela investigação.

### **A pesquisa cartográfica e seus pilares**

O método cartográfico visa estudar a produção subjetiva de uma pessoa ou um grupo. Para Deleuze (1992), um processo de subjetivação diz da produção de sentido como modo de existência, e não deve ser confundido com o sujeito que o produz. “Não há sujeito, mas uma produção de subjetividade.” (DELEUZE, 1992, p. 141). A subjetivação nada tem a ver com a pessoa: ela é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento. A pesquisa cartográfica trata-se de uma pesquisa-intervenção que “pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(PASSOS; BARROS, 2010, p. 17). Sua construção se dá caso a caso, o que não impede que se procure estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.

Trata-se de um campo de estudo da subjetividade que, contrário aos métodos de pesquisa científica quantitativa e/ou qualitativa, não define a priori um conjunto de regras a serem aplicadas em busca de um objetivo.

[...] não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (PASSOS; BENEVIDES, 2009, p. 17).

Por este viés, a experiência do pesquisador no campo é coletivizada, não há separação entre o cartógrafo e o campo de pesquisa, o que possibilita uma construção e produção de sentidos a partir da experiência direta com as pessoas e seu território existencial para, então, produzir um conhecimento advindo diretamente da experiência.

Assume-se aqui que toda pesquisa é intervenção, “pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência.” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17). E é nesse plano da experiência que a cartografia como método de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisa é traçada, acompanhando os efeitos emergentes sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento que se dá no próprio percurso da investigação. Segundo Benevides (2009), a presença de outros, como expressão dos mundos possíveis e a presença de outro, como duplo em seu movimento de desidentificação, criam passagens para o trabalho analítico desnaturalizador que se pretende. A autora ainda salienta que este trabalho não é propriedade do analista, pois, também participam dele as intervenções dos demais participantes e a ação dos analisadores.

Uma vez que conhecer e fazer se tornam instâncias inseparáveis, a defesa de que “toda pesquisa é intervenção” exige do cartógrafo que, ao mergulhar no plano da experiência, abstenha-se de qualquer pretensão à neutralidade. Ou, como afirma Passos e Barros (2009), o cartógrafo abstém-se de impedir a suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Portanto, pode-se considerar que conhecer é fazer e criar uma realidade de si e do mundo.

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30).

Nesta perspectiva, o método tem por primado o caminho que vai sendo percorrido sem determinações ou prescrições dadas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de antemão. “Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar, etc.), para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 30).

Quanto a estas pistas, será possível falar de quatro variedades de atenção a serem trabalhadas pelo cartógrafo: o *rastreio*, o *toque*, o *pouso* e o *reconhecimento atento*. Estas variedades de atenção não seguem nenhuma ordem hierárquica, podendo ser utilizadas aleatoriamente.

Kastrup e Barros (2009) sublinham que o *rastreio* é um gesto de varredura do campo que visa uma espécie de meta ou alvo móvel, cabendo ao cartógrafo habilidade para lidar com metas em variação contínua, entrando em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido, que surgirá de modo imprevisível. Rastrear significa também acompanhar as mudanças de posição, de ritmo. A atenção do cartógrafo de início é aberta e sem foco, buscando atingir uma atenção movente e eliminar a intermediação do saber anterior e das inclinações pessoais.

Já o *toque* é quando um acontecimento súbito chama a atenção do cartógrafo, sendo sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção. O toque pode levar tempo para acontecer e também pode ter diferentes graus de intensidade, sendo que sua importância no processo da pesquisa de campo revela que possui múltiplas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. Logo, “é através do toque, que a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento”. (KASTRUP; BARROS, 2009).

O *pouso*, por sua vez, indica que a percepção, seja visual, auditiva ou qualquer outra, realiza uma parada, e o campo se fecha, numa espécie de “zoom”, e a atenção muda de escala, cabendo sublinhar que o movimento chamado de zoom não deve ser confundido com um gesto de focalização. (KASTRUP; BARROS, 2009).

Por fim, o *reconhecimento atento* não se preocupa com “o que está acontecendo”, e sim “como está acontecendo”. Assim, o reconhecimento atento não visa representar um objeto, pelo contrário, realiza um trabalho de construção; a partir de uma política construtivista, a atenção acessa acontecimentos processuais advindos do território apreendido, como “matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento e fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória.” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 49), em que o reconhecimento produzido não resulta da representação de uma realidade preexistente.

Na perspectiva de Kastrup e Barros (2009, p. 59), “o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem se separar. Como um movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seguintes”.

As pistas do método cartográfico orientam o acompanhamento das oficinas de teatro, levadas a efeito através de textos literários, música, poesia, filmes, interpretações de cenas e improvisação, brincadeiras e discussões sobre as vivências cotidianas.

Afirmam Kastrup e Barros (2009, p. 73) que “a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que o tempo todo, estamos em processos, em obra”.

### **O Grupo de Teatro**

Pois bem, Deleuze afirma que o maior ensinamento da arte é que cada obra é autônoma, insubstituível e única, assim como cada ser. Para ele não há um pensador que não seja um criador de novos mundos, novos conceitos, que não seja ele, um criador de uma nova existência. Este é o pensamento artista, e a máxima deleuziana “A existência não como sujeito, mas como obra de arte”, permitiu a este trabalho enveredar-se pelo caminho da vida cotidiana e sua “vontade de potência”.

“A vida como obra de arte” (DELEUZE, 1992) é a expressão máxima desta escrita. Embora reconheça a grandeza das obras primas, o primado deste trabalho tem como foco as expressões sublimes de uma existência da vida comum, do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cotidiano, dos ditos não-artistas, não-atores, não-leitores, não-cultos e, por último, dos ditos não-existentes, ou excluídos.

Segundo Schöpke (2004), é pela arte que o homem se cura e se torna, ele próprio, um criador. A arte aqui tem por técnica a expressão singular de cada existir; a experiência e o modo de experimentar que sempre leva ao desconhecido; uma composição de grupo, de afetos vividos sempre em vias de se fazer o novo, o atual. A realidade vivida manifestada pelo processo de puro devir. E isso só é possível a partir da instauração de um dispositivo grupal tal qual o teatro. Torna-se prático pensar este dispositivo artístico como novas formas de cooperação, capazes de potencializar os devires sociais.

Existe, hoje, toda uma corrente que propõe uma arte diretamente política na medida em que ela não mais constrói obras feitas para serem contempladas ou mercadorias a serem consumidas, mas novas formas de relações sociais. (RANCIÈRE, 2005, p. 14).

Se toda arte é um imperativo político, caberá, então “abrir as cenas à vinda daqueles que foram delas banidos: os ditos não-atores, os não-artistas.” (GUÉNOUN, 2004, p. 156-157). Será necessário fomentar uma arte não estereotipada, ou seja, aquela que é criada e inventada pelos artistas da vida comum, e que tais expressões não sejam delimitadas por um palco.

A composição do grupo de teatro em questão, se deu com 10 participantes, sendo 2 crianças com idades de 7 e 9 anos,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

7 adolescentes, com idades entre 13 e 16 anos e 1 adulto de 33 anos, mãe de três integrantes do grupo, que gradualmente foi sendo inserida à turma. Sua inauguração aconteceu no mês de Fevereiro de 2011, por iniciativa do CRAS sob a finalidade de projeto social. Nesse sentido, a oficina de teatro inclui-se no Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), o principal serviço ofertado pelo CRAS, cuja execução é obrigatória e exclusiva. Este serviço consiste em um trabalho de caráter continuado, que visa fortalecer a função projetiva das famílias, prevenindo a ruptura de vínculos, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

As relações do grupo, as quais não excluem a pessoa do cartógrafo, tão pouco as atividades realizadas, são intercessoras umas das outras; nesta perspectiva, o território existencial torna-se um dispositivo de encontros potencializadores em que o grupo e seus integrantes são perpassados por atravessamentos existenciais (a relação entre os integrantes do grupo que produzem afetação) através dos quais emergem mudanças (devires). Para Almeida (2011, p.136) “A potência do encontro transborda para fora da subjetividade, vira outra coisa, outro estado, outra saúde”.

Segue-se agora, a cartografia das vivências do grupo. Sobre as pessoas envolvidas, são considerados nomes fictícios; quanto aos relatos, são descritos na íntegra e autorizados pelas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesmas e seus responsáveis mediante a assinatura do “Termo de consentimento livre e esclarecido”. A instituição do CRAS assinou o “Termo de compromisso”.

## **Experiências e falas do vivido**

### **Gestos de silêncio**

Ester é uma mulher de 33 anos que levava seus três filhos aos laboratórios de teatro, e que foi de bom grado aceita pelo grupo. Manifestava-se pouco, tímida, muitas vezes ficava reclusa, apenas assistia; mediante as solicitações das oficinas sempre se negava a falar de si mesma ou a participar de atividades que exigiam a escrita. Num dia como outro qualquer, o monitor pediu aos integrantes que escrevessem uma estória. Como Ester e os demais eram respeitados em suas particularidades, ela não foi inserida na atividade. Então ela perguntou: “Evandro? Posso participar?”. Diante da confirmação, Ester pegou a folha sobre a mesa, foi para um espaço distante do grupo na sala e, depois de terminar a escrita, chamou o cartógrafo em particular e lhe entregou a folha dobrada exclamando em sussurros: “não lê aqui, lê na sua casa”! :

*“Minha Vida”*

*“Minha Vida começou aos 11 anos de idade foi quando comecei a namorar. eu achava que eu estava flutuando numa nuvem. Mas aos quatorze anos eu fugi pra ficar com o {meu marido} porque meus pais não gostavam dele porque ele era pobre mas eu não importo com isto. Meus pais eram muitos rigorosos não deixava eu sair de casa nem numa missa eu podia*



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*ir ai foi ai que eu fugi pra ficar com ele, eu achei que eu estava livre mas acabei mas pressa do que eu era. Minha Vida se resume a casa filhos e marido mas eu tinha outros sonhos. eu gostaria de continuar estudando eu queria ser veterinária Mas acabei mais pressa do que eu era. eu sou bem diferente dasoutras mulheres. gosto de cavalos, hoje não ando mais. Mas gosto de fazer tudo isto com o meu marido. Mas ele não está aqui ele esta pressa e pra acabar de interrar eu descobro que Ele tem uma amante porque ela estava indo visitar ele La onde ele estava, sabe foi a maior decepção da minha ai eu parei e pensei se tudo o que eu passei durante 18 anos de casado da minha Vida valeu a pena Mas penso dia e noite na minha vida e também Tem os meninos as vezes acho que minha vida não tem sentido Mas mesmo assim eu caso motivo pra seguir em frente mas me fechado dentro do meu proprio mundo. porque. já escutei muitos comentarios maldosos. Por isso não gosto de falar muito sobre minha vida”.*



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Figura 1 - Simbologia de um problema*

*Be me eu não gosto de me expressar meus sentimentos mas este desenho simboliza uma fase, ou uma parte dos meus problemas-que eu tenho vivido.*



Fonte: Coleta da Pesquisa

Não gostar de falar sobre a própria vida foi uma argumentação de Ester sempre presente no grupo, mas algo a impeliu à escrita sobre si mesma numa espécie de clamor por um possível. Contar, através da escrita, uma trajetória de vida ao cartógrafo, algo que ela não conta ou sobre o qual não tem segurança para falar, até mesmo com pessoas conhecidas, eis aí um diferir-se da própria conduta, algo que lhe escapa, impelindo-a para novas enunciações.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No encontro seguinte, o cartográfico comentou com Ester, em particular, sobre sua escrita, declarando admiração por ela ter tido coragem em compartilhar um pouco de sua vida. Ela pronunciou um “obrigado” simples e sincero e, desde então, nunca mais falou a respeito do assunto escrito, porém, passou a se envolver mais com as atividades em grupo, sorrindo, pintando os rostos dos colegas, permitindo-se, incluindo-se nos afetos vividos.

Se sujeito e objeto “se fazem juntos, se eles emergem de um plano afetivo” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 73). O relato do encontro entre Ester, sua escrita e o cartógrafo mostra que a pesquisa se faz no movimento de cada palavra, em conexão com o que é experimentado. Nessas oficinas de práticas artísticas, na leitura, na escrita, no desenhar, na poesia, na encenação e/ou interpretação de um texto, necessita-se de atenção ao plano dos acontecimentos; “a oficina, enquanto prática de subjetivação, extrai a função de dispositivo de certos agenciamentos que revelam a potência de fazer falar, fazer ver e estabelecer relações” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 79), até então impensáveis.

### **Deixa ela, Evandro!**

A cartografia do encontro com Paola permite questionar, juntamente com Alvarez e Passos (2009) que é possível conhecer sem se colocar na posição do “saber sobre”, pois cultivar é diferente de dominar e controlar.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Paola tem 13 anos. Nos primeiros seis meses, sempre se negava a participar das leituras dos textos teatrais. Depois deste tempo de negação, ficou claro o motivo pelo qual ela não se manifestava. Em 06/11/11, Paola resolveu participar dos ensaios que requeriam leitura de textos que precisariam ser decorados e interpretados, com uma condição: ela não iria decorar igual aos outros colegas, mas, somente ler no dia da apresentação. Paola, em sua primeira leitura no grupo, demonstrou bastante dificuldade em se expressar verbalmente e, conseqüentemente, em fazer leituras. Estas dificuldades lhes causavam irritabilidade a ponto de agredir verbalmente até mesmo quem demonstrava intenção de ajudá-la. Os colegas riram, o cartógrafo pediu que a respeitassem; Paola então desistiu. Estar frente a outros dispara movimentos inesperados. (BENEVIDES, 2009). O cartógrafo pediu a ela paciência e argumentou que gostaria que ela fizesse a leitura de abertura da peça de teatro que seria apresentada em praça pública, assim que ela se sentisse confortável para ler a seu modo. Duas semanas depois, Paola já queria participar com falas de três personagens que ainda não tinham atores. Paola continuou lendo com a mesma dificuldade, porém, sem mais agressividade, e sem desconforto. Durante leituras posteriores, quando o cartógrafo tentou orientá-la, os colegas não mais riram e, sim, gritaram: *deixa ela, Evandro!!* O “deixa ela” foi a manifestação da aceitação do grupo em relação à Paola na sua dificuldade.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esta descrição que se passa em um grupo são as conexões estabelecidas, não apenas entre pessoas diferentes, mas também entre modos de existências diferentes. Paola continua sua leitura gaga e trêmula; letras não são pronunciadas, a cedilha não é conhecida pela sua leitura e, em lugar de “proporção”, pronuncia proporção. É perceptível, pelas torções corporais excessivas de Paola, seu desdobramento para ler ao menos um verso sem atropelamentos silábicos. A exigência de fazer uma leitura entendível agora é de uma instância pessoal e não mais da pressão externa; ela se cobra, mas não se sente pressionada pelos colegas, não se sente na obrigação de corresponder a uma exigência que não seja a dela mesma.

Portanto, parafraseando Benevides (2009), o grupo não é um dado, é uma construção, um desenho que se configura a cada situação. É nesta perspectiva, a processual, que é exigida do grupo a abertura que o confronta com capturas coisificantes que determinam seu lugar de objeto de investimento por sujeitos individuados (o que a individuação faz aparecer não é só o indivíduo, mas o par indivíduo-meio) que temem o que vem de dentro e também o que vem de fora, pois os papeis, as identificações, as lideranças são efeitos de produção de um grupo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## O Pequeno Príncipe

Durante uma das oficinas, o cartógrafo, sentindo dificuldade para elaborar um novo conteúdo, levou como alternativa o velho e conhecido livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry. O monitor propôs a possibilidade de ler em voz alta o primeiro capítulo do livro e, na ocorrência de desgosto por parte dos ouvintes, cessaria a leitura; ao contrário, se gostassem, a leitura continuaria com a intenção de fazer recorte da obra para adaptação teatral.

O grupo consentiu. Cabe ressaltar que, neste dia, além do cartógrafo, estavam presentes apenas três integrantes. Os demais estavam participando do evento de Folia de Reis. Deu-se início à leitura do primeiro capítulo para Peter, 14 anos, Bárbara, 15 anos e Ester de 33 anos.

Sentados em círculo, sob troncos debaixo das árvores de um bosque, cujo solo era camuflado por folhas secas, chegou-se no último verso daquele capítulo; o leitor fechou o livro e, antes mesmo de ser feita a pergunta sobre a continuidade da leitura, ouviu-se em coro o grito: “*continua Evandro!*”. Prosseguiu então a voz que lia pausadamente as palavras que se misturavam com o cantar dos pássaros e a orquestração aguda das cigarras. No período de uma hora e meia, dez capítulos ininterruptos foram lidos. Bárbara, sentada com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos sob o queixo envolvendo todo o rosto olhava cintilante soltando gargalhadas de entendimentos. Peter



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fixava os olhos na capa do livro, absorto pelas palavras que saltavam das páginas. Ester possuía um semblante sereno e um olhar longínquo, ao ouvir o leitor pronunciar as palavras daquela criança tão genial que era o pequeno príncipe.

A leitura durou três domingos, e aquelas pessoas que nunca haviam lido, a não ser pela exigência do colégio onde estudam, locaram o livro na biblioteca municipal. As ressonâncias da leitura foram muitas em diferentes velocidades e lentidões; conexões além-livro, além-leitor, além-domingo. “*Que Lindo, que Lindo, que gracinha*” expressou Bárbara em gargalhadas, exigindo continuar a leitura até o fim. O livro-encontro viabilizou encontros que vieram em multiplicidades. A idéia de multiplicidade empregada aqui é entendida na concepção deleuziana (2006). Para tanto, não deve ser designada como uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, e que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema.

Da mesma forma, o grupo não é entendido como sistema fechado, “mas como o entre, aquilo que está no meio, e não aquilo que se debate entre totalidades capturantes e/ou capturadas que almejam se manter como identidades imutáveis” (BENEVIDES, 2009, p. 290). O grupo é o entre, quando em qualquer um de seus pontos-movimentos, falas expressas, afetos experimentados se abrem como conexão para outras bricolagens. Tomar o grupo pelo meio é abandonar a procura das origens, é não



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se nortear pelos finalismos já-dados, é privilegiar as conjunções, as inclusões. Iiiiiiiiiiiiiihhhh!! Lá vem ela!

Beatriz, 14 anos, é uma garota vista com antipatia pelo grupo, embora o mesmo grupo sempre se submetesse às exigências de Beatriz. Ela nunca se mostrou satisfeita com as propostas das atividades; sempre se colocou contra todas as opiniões, contra qualquer vontade de envolvimento por parte dos integrantes. O cartógrafo foi surpreendido pela manifestação de sua própria impotência diante da postura desta jovem tão imperativa. De que se trata esta impotência? Será a nuance de um jogo de poder? A manifestação sutil da exclusão daquela que não se adere? Ou a incapacidade de pensar a “diferença pura”?

Não se tem no presente texto a resposta a estas perguntas. Porém, cabe levar em consideração e refletir acerca daquilo que Deleuze defende sobre a “existência de algo que está para além da nossa percepção dos corpos físicos.” (SCHÖRPKE, 2004, p. 79). Neste contexto, o exprimível, o sentimento de impotência experienciado pelo cartógrafo e a aparente não-aceitação de Beatriz às oficinas propostas, é *alguma coisa*, para além dos corpos físicos, que pode ser considerada, acompanhando Schörpke (2004), como a diferença pura, que não acontece nos corpos, mas que se estabelece entre eles. Um devir, um entre, que produz desterritorialização, uma operação na qual um território se desmancha e um território, por sua vez, é constituído por objetos incorporais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na impotência, o cartógrafo sentiu a necessidade de fazer algo, o que seria? Pensou na dinâmica do chocolate, uma dinâmica na qual o grupo senta-se em círculo e todos ganham o doce, e depois escolhem a quem dar o chocolate acompanhado de um abraço e elogio. A dinâmica prosseguiu, chegou a vez do cartógrafo, ele escolheu Beatriz, dando-lhe o abraço juntamente com o chocolate. Depois desta ação do cartógrafo, foi de imediata percepção a forma como o grupo passou a ser mais receptivo à Beatriz e ela ao grupo. Ficou claro que algo agenciou uma exclusão inconsciente dessa jovem por parte do cartógrafo e que, de alguma forma, influenciou o grupo; houve uma desterritorialização da posição subjetiva do cartógrafo, um devir não-sabia, a ponto de não perceber as linhas invisíveis que sustentavam a relação grupal.

O grupo, declara Benevides (2009), “é essencial para a realização da vida do homem. A grupalidade é uma qualidade inalienável do ser humano. Existem características no indivíduo cuja significação só pode ser entendida quando ele está em grupo.” (BENEVIDES, 2009, p. 143). Para tanto, cabe aos profissionais que lidam com a grupalidade pensar um grupo não como dado, nem como grupo assujeitado, que recebe leis externas, mas sim, percebê-lo como grupo sujeito, que se propõe a pensar suas posições.

Permitir que um grupo ou indivíduo pense suas próprias posições, compreender este grupo no campo de suas

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

singularidades e, aceitá-lo no bojo dos heterogêneos, só é possível através da implicação do aprendiz-cartógrafo, que se coloca na posição de estar junto à experiência e não sobre esta. Tal conduta possibilita encontrar casos particulares, devires, existências em constante obra.

### **Considerações finais**

O trabalho realizado estimula inúmeras indagações que transcendem os limites de um artigo. Acompanhar as vivências de um grupo de crianças e adolescentes à margem da ideia de pontos fixos (começos e fins que arbitrariamente recortam a realidade, adequando-a a uma metodologia reducionista), não foi tarefa de fácil execução, tendo em vista a influência de uma cultura enrijecida pelos moldes do saber/sobre alguma coisa.

O duplo cultural, sob a perspectiva de que para se construir ou compreender algo tem que haver sempre o par professor/aprendiz, foi o grande desafio deste trabalho, uma vez que a proposta ao grupo foi a de fazer teatro e não aprendê-lo. O teatro não como molde, e sim, como instrumento de transformação pessoal e social pela experimentação relacional com o grupo. A proposta oferecida foi a criação livre a partir dos materiais artísticos propostos pelo cartógrafo-monitor das oficinas, além das dobras existenciais de cada integrante.

Esta proposta provocou profundo afeto no grupo, pois os mesmos nunca haviam entrado sequer em um anfiteatro. O termo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

afeto, nesta escrita, denota o sentido desorientador, que invade de súbito o território seguro, lançando o indivíduo e o outro da relação a outros encontros, outros caminhos, a novas terras, a outros devires. A experiência do vivido transborda, novos mundos se apresentaram sob o teor intensivo das relações. Para Deleuze, as relações que compõem um indivíduo, também o decompõem e o modificam, aumentando ou diminuindo a potência de seu agir.

As produções subjetivas dos integrantes se desenvolveram para fora de seus complexos tais como: baixa-autoestima, falta de perspectiva, desmotivação, agressividade, entre outros, ressignificando seus modos de ser e agir. Há exemplo de Peter, 14 anos, que em 2013, um ano após o término do programa, conseguiu uma bolsa de estudos integral em uma escola profissional de teatro na capital mineira.

É gratificante perceber que, mesmo diante das dificuldades, foi possível, juntamente com o grupo, abrir novos percursos existenciais, através de uma metodologia que está no âmbito do fazer junto e não como imposição de um saber prévio.

Assim, depara-se aqui com a necessidade de abrir campos metodológicos que possibilitem oferecer a uma comunidade, a um grupo, à sociedade, a oportunidade de pensar em sua posição de sujeito de sua própria história, sempre em vias de se fazer pela experiência direta com a realidade.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Referências

- ALMEIDA, Bruno Vasconcelos de. **Clínicas e beatitude** . Curitiba: CRV, 2011.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. “Cartografar é habitar um território existencial” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** . Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 7, p. 131-149.
- BENEVIDES, Regina. **Grupo: a afirmação de um simulacro** . Porto Alegre: Sulina, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações** . São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTÁRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Editora 34, 1997, v. IV.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** . Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- ESCOSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. “O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 5, p. 92- 108.
- GUÉNOUN, Denis, **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina Benevides de. “Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia” *In* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** . Porto Alegre: Sulina, 2009. Pista 4, p. 76-91.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.
- RANCIÈRE, J. “Política da arte” *In* SEMINÁRIO DE PRÁTICAS ESTÉTICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DEBATE, 2005, São Paulo. Anais . São Paulo: SESC, 2005. Disponível em: [em: <http://www.rizomanet.net/interna.php?id=155&secao=artefato>](http://www.rizomanet.net/interna.php?id=155&secao=artefato). Acesso em: 18 dez. 2010.
- SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade** . Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Teaching English as a global language: a democratic globalization through an intercultural perspective**

**Por:** Alessandra Bernardes Bender<sup>16</sup>

alessandra.bender@ifpr.edu.br

### **Abstract**

This paper aims at discussing how the English current status as a global language can positively influence language teaching practices. In order to do so, misconceptions about the nature of English and its role as a widely used means of communication are addressed at the beginning of the article, followed by the impact the new status has created in both native and non-native speakers. The issues regarding the teaching process itself involve the political choices teachers make, the incongruence of having a privileged accent in the classroom and how an Intercultural Approach can help build a democratic globalization when it comes to teaching and learning English. The changes concerning the concepts of foreign language and native speaker are also briefly addressed, intending to present their contributions to the process of teaching English as a global language.

**Key-words:** Communication; Classroom; Misconceptions, Non-native speakers.

---

16 É Especialista em Línguas Estrangeiras Modernas pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciência e Letras de União da Vitória – FAFIUV E Graduada e Licenciada em Letras: Português-Inglês. É servidora pública federal, docente de Letras Português-Inglês EBTT, lotada no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, da cidade de União da Vitória/ PR.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Resumo**

Esse artigo tem como objetivo discutir como o atual status do inglês como língua global pode influenciar positivamente as práticas de ensino da língua. A fim de realizar tal objetivo, concepções errôneas sobre a natureza da língua inglesa e sobre seu papel enquanto meio de comunicação são abordadas no início do artigo, seguidas pelo impacto que o novo status criou tanto em falantes nativos como em falantes não nativos. As questões referentes ao processo de ensino em si envolvem as escolhas políticas que os professores fazem, a incongruência em se ter um sotaque privilegiado em sala de aula e como uma Abordagem Intercultural pode ajudar a construir uma globalização democrática quando se trata do ensino e aprendizagem do inglês. As mudanças com relação aos conceitos de língua estrangeira e de falante nativo são também brevemente abordadas, com o intuito de apresentar suas contribuições ao processo de ensino do inglês como língua global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Sala de aula; Concepções errôneas, Falantes não nativos.

**Introduction**

English is currently considered as a global language<sup>17</sup>, meaning that it is used as a primary means of communication throughout the world. Even in countries in which English is not the official language, it is the obvious choice for both commercial and academic purposes. Studies show that

---

17. It is not the objective of this paper to discuss the differences between the terms Global English, International English, World English(es) and English as a Lingua Franca, although the discussion has revealed many interesting considerations, for instance, in Rajagopalan (2012). The position adopted in this paper as the terms Global Language and Global English are concerned is not the one that celebrates dominance, but the one that reflects the fact that English is being used worldwide, regardless of boundaries or territories.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

there are much more non-native English speakers than native English speakers in the world – according to Crystal (2008 apud Rajagopalan, 2012) the proportion is three or four to one. This fact has drastically changed the status of the English language, understood now, in a rough way, as a language which belongs to no one. Regarding the teaching of English, this new status implies heavily in the classroom, redefining traditional practices. However, in order to address properly the teaching implications, it is necessary to clarify some misconceptions involving global languages, especially English.

### **Misconceptions about English as a global language**

Although the huge presence of English can be argued consensually, there are some widespread misconceptions about it, involving (i) the reasons which led English to hold that place, (ii) the future of other languages, and (iii) legal instruments for the protection of languages. Those misconceptions are individually discussed below, based on historical facts that refute them and reviewing the literature regarding them.

### **Reasons which led English to become a global language**

It is often argued that there are grammatical reasons that made English a global language, since its grammar is easier when compared to other languages. Crystal (1997) lists three facts that denies this argument: first, looking back at History,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Latin was once an International Language, even verbs having four moods (indicative, subjunctive, imperative and infinitive), two voices (active and passive), two numbers (singular and plural) and three persons (first, second and third). Secondly, “the *Comprehensive Grammar of the English Language*, for example, contains 1,880 pages and 3,500 points requiring grammatical exposition” (CRYSTAL, 1997, p.8)<sup>18</sup>. Thirdly, the English spelling system can be considered anything, but easy: the sequence of letters ‘ough’, for instance, can have ten different pronunciations. To sum up, the only reason why a language becomes globally used is the power its people have. In the past, the Roman Empire, at its peak, was the most extensive political and social structure in western civilization, so its language, Latin, was dominant. Since at least the 1920s, the United States has been the world's largest national economy, and its language, English, has consequently been playing a major role in the world.

### **The future of other languages**

The idea of a global language makes some people assume that other languages will no longer exist, when, in fact, the result is quite the opposite. Kalva and Ferreira (2011) stated that having English as a lingua franca can boost members of minority languages to invest time and effort into their local

---

18. Crystal was referring to the book “A comprehensive grammar of the English language”, by Randolph Quirk et al. (1985).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

languages. A foreign language can develop a much needed intercultural awareness, but it can never have the same identity bond as a mother tongue has.

Following the same misconceived trend, others think that having only one language in the world would be a desirable event. They imagine that it would create a peaceful and united place. However, history set different examples: the American or the Spanish Civil War took place in spite of the fact that all members involved spoke the same language.

### **Legal instruments for the protection of languages**

Another issue regarding misconceptions about English as a global language is that governments should create legal instruments to protect their own language. Many nations have indeed presented laws to avoid foreign words. In Brazil, for instance, the federal deputy Aldo Rebelo introduced a draft bill to restrict the use of foreign words in scientific and technical fields. Crystal (1997, p. 23) mentions another example:

in recent years, one of the healthiest languages, French, has tried to protect itself by law against what is widely perceived to be the malign influence of English: in official contexts, it is now illegal to use an English word where a French word already exists, even though the usage may have widespread popular support (e.g. *computer* for *ordinateur*). [...]They usually forget the fact that English itself, over the centuries, has borrowed thousands of word from other languages, and constructed thousands more from the elements of other languages - including *computer*, incidentally, which derives



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

from Latin, the mother-language of French.

According to Faraco (2001) – well-known Brazilian linguist – these kinds of policies can never reverse the process of mixing languages. In fact, this process is a natural consequence of our globalized societies and a natural feature of languages themselves.

### **The impact of a global language concept**

As seen earlier in the present paper, the idea of a global language is not new in history, having been given as an example the long period for which Latin was used in many territories. Currently, however, the concept of English as a global language has created, according to Crystal (1997), contradictory feelings in both native and non-native communities. For those who have English as their mother tongue, there is a sense of pride, since they have at their disposal a widely-known asset; on the other hand, they may also feel concerned, for others might ‘ruin their language’. For those who do not have English as their mother tongue, there is a feeling of strong motivation to learn it, but also a perception that native speakers will always be in a more privileged place.

Regarding the native speaker reaction mentioned by Crystal, two issues can be addressed from this point of view: first, there is the idea that a language belongs to a certain group of people; secondly, there is the concept that a language



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

can be ‘abused’ by those who don’t master the internal rules of it. Both issues represent a limited and prejudiced view of the language phenomenon. In practical terms, the essential goal of any language is communication, so defining ‘legitimate owners’ of it and classifying users as ‘good’ or ‘bad tenants’ do not help communication at all. As far as the non-native speakers’ reaction commented by Crystal is concerned, an intercultural perspective may help to enlighten the situation:

There can be debate about this view of the native speaker as an authority whom learners must try to imitate even though they can never quite reach the same level of intuitive knowledge. Whatever the merits of this view, however, it cannot be transferred to the culture(s) of a country. [...] unlike language which is largely acquired by the age of 5, cultural learning goes on throughout life as individuals pass from one section of a society to another or from one social group to another, or as they move into new social groups each with their own beliefs, values and behaviours, i.e. their own culture. (BYRAM *et al.*, 2002, p. 17).

Considering the role of English as a global medium, non-native speakers should not only focus on their linguistic performance, but also, or even more, on their intercultural attitude, that is, being able to interact meaningfully and respectfully with others. Kalva and Ferreira (2011) mention non-native typical mistakes that are overrated in English classes when, actually, they do not impede communication: the ‘s’ added in the Present Simple tense to verbs referring to third-person



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

singular pronouns or the ‘dreaded’ tag questions. It seems that so much time is wasted addressing such topics, while they would be naturally internalized as the time studying the language passed by. In order to have English classes that really fit the current role of English as a global language, the linguistic competence should be hand-in-hand with intercultural competence.

### **Teaching English as a global language**

According to Leffa (2006), English teachers are stereotyped as acritical, apolitical and conformists. This prejudiced view derives from the concept that, when using English, one is subjugating to another nation and rejecting his/her culture. As reported by Bakhtin (1981), the role played by foreign languages throughout history has associated them with the idea of power, force, sanctity and truth; often, one can say, in an oppressive way. However, language teachers, as choosing the contents to address in their classes, are always making political and critical choices:

The language teaching profession is realising the political nature of its work, particularly in the teaching of English [...]. Whatever the situation and whatever the language(s), choices and educational aims are political and politically motivated. There can be no neutral choices. Furthermore, when the choices involve development of the individual learner's intercultural competence, that in itself pre-supposes a new kind of socialisation which in some circumstances can lead to new social identities. The choices and decisions here too cannot be shirked, but that is the responsibility



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of the teacher as educationist. (BYRAM, 1999, p. 99).

Thus, the language classroom can be a place to promote, on one hand, the access to globally-spread speeches and, on the other hand, a place to develop critical awareness about the role of languages in society. In this manner, English teachers will overcome the xenophobic notion that rejects the knowledge of a foreign culture, by presenting an intercultural and social-oriented attitude.

But even if the political position is accepted, Jordão (2009, p.95) reports that “the Americans and the English are still privileged in the collective imaginary of students and teachers”, which does not match the current situation of the English language as a lingua franca for so many countries. In fact, even in places where it is the official language, it is suggested that effort should be made in order to facilitate the dialogue between native speakers and non-native speakers. Gradol (2006, p.87) points out that “research is also beginning to show how bad some native speakers are at using English for international communication” and suggests that “an ELF syllabus could usefully be taught within a mother tongue curriculum”, drastically changing the status of the non-native speaker to a place of importance never seen before.

There was a very enlightening question regarding this issue in ENEM (2014)<sup>19</sup> – the Brazilian National High School

19. ENEM stands, in Portuguese, for *Exame Nacional do Ensino Médio*. The



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Evaluation. The question presented the following situation: a Colombian, a Korean and a native English speaker were at the airport when the Korean and the Colombian started talking in what seemed to be English, but the native English speaker could not understand a word, because they were actually speaking Globish (abbreviation of Global English).

The example presented at ENEM is not to be taken as the sole goal for English teachers, of course, since we want our students to be able to communicate with both non-native and native speakers, but it illustrates the fact that the status English holds today is a challenge to everybody. Shoemaker (2011) states that having a clear pronunciation of the language is far more important than having an ‘authentic’ accent, leaving no way out for teachers who insist on having a ‘favorite’ accent. Teaching English as a global language is teaching the ‘real world’, not a far-fetched idealization of how people should use the language.

Moita Lopes (2008) points out that English teachers can consider critically the globalization phenomenon – being and making students aware of the economic and political interests involved – but they can also help to build a different type of globalization, one that focuses on having access to others speeches not in order to copy them, but in order to engage actively in a democratic dialogue. Moita Lopes states that his

---

question presented a fragment from “If You Can’t Master English, Try Globish”, by M. Blume.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

position goes a step ahead from Crystal's (2005)<sup>20</sup>: while the latter emphasizes the benefits of globalization, the former takes into consideration the social-historical context of English as a language of domination and colonization, intending to use it to convey minorities' real interests and needs. The idea of using a language that is often associated with power and dominance to express minorities' points of view brings a new meaning to the globalization phenomenon, offering a more democratic alternative in the English teaching scenario.

### **A democratic globalization through an Intercultural perspective**

The concept of English as a global language matches perfectly with the principles of the Intercultural Approach, which views the English class as place to think about the other, but also about one's culture. The Intercultural Approach was initially proposed by Kramersch (1993), suggesting that there were four stages which should be dealt in class when presenting any text or piece of information:

1<sup>st</sup> - Reconstruct the foreign context of production and reception;

2<sup>nd</sup> - Construct a context of reception in the learners' native culture;

3<sup>rd</sup> - Compare how different cultures have different perceptions of contexts;

---

20. Moita Lopes is referring to the book "The Language Revolution", by David Crystal (2005).



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

4<sup>th</sup> – Raise a discussion that may lead to a change on the perspectives about oneself and the others.

Those stages gradually build intercultural attitudes, which are defined by Scarino and Liddicoat (2009, p.22) as

learning that all human beings are shaped by their cultures and that communicating across cultures involves accepting both one's own culturally conditioned nature and that of others and the ways in which these are at play in communication. Learning another language can be like placing a mirror up to one's own culture and one's own assumptions about how communication happens, what particular messages mean and what assumptions one makes in one's daily life. Effective intercultural learning therefore occurs as the student engages in the relationships between the cultures that are at play in the language classroom.

Considering the classroom context itself, intercultural activities would involve critical thinking and relativist positions, such as debating “foreigners' views about the learners' country as represented in travel guides or in tourist brochures” (BYRAM et al., 2002, p.14) or reflecting on how

grammatical exercises can reinforce prejudice and stereotypes, [...] For instance female subjects may be linked to stereotypically female activities or actions (Mary likes cooking; John likes football); stereotyping generalisations may be encouraged about groups (The French like...; Germans are...; Older people...). (BYRAM et al., 2002, p. 21).

These kind of activities may encourage students to



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

make their own uses of a foreign language, which is the core concept in teaching English as a global language. However, even the term ‘foreign language’ is currently being questioned. Santos (2013) explains that the term ‘additional language’ has been frequently used in scientific researches instead of the term ‘foreign language’. This substitution is due to the fact that today’s leaning goals are not related to being similar to a native speaker, but being able to relate critically to other speeches in the world.

Another term currently questioned is the actual idea of a native speaker. As presented in the introduction, the non-native speakers outnumber the native speakers by a ratio of three or four to one, “so it would be pointless to insist that 25% of the total number of speakers must be considered the sole proprietors of the language.” (RAJAGOPALAN, 2012, p. 383). Changes are bound to occur in living languages, according to their speakers’ use of them. Moita Lopes (2008) presents many creative uses made by non-native speakers of English, such as the intentional inversion a Brazilian rap group included in their song “Viajando na balada”: instead of saying “United States of America” they preferred “State United of America”. It can be argued that such inversion aims to give local colors to a foreign language or, in other words, express one’s identity even when not using one’s mother tongue, as in Portuguese the adjective (‘United’, in this case) comes after the noun



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(‘State’), and not before, as in English.

It seems that, nowadays, we are in a process in which many ‘certainties’ are being questioned, such as the examples discussed above. However, this process is taking place so that there is a global democracy regarding communication issues. Teaching English as a global language follows this trend, by using intercultural activities in order to promote a different type a globalization, one that can be called ‘democratic’ for having as its goal promoting possibilities for true interaction and integration among people, regardless their place of birth or mother tongue.

### **Final remarks**

English teachers have often been seen as not contributing to building up students’ national pride and focusing only in foreign patterns or behaviors. Teaching English as a global language drastically changes this view, conceiving the English classroom as a place to get to know different cultures and perceptions, but also to express one’s own point of view. The binomial ‘democratic globalization’ means empowering English learners as legitimate users of the language, having even the native speakers being advised to learn features of English as a lingua franca, in order to communicate better with people worldwide. The association of these principles with the Intercultural Approach reinforces the aim of transforming the



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

English classroom into a place of diversity and dialogue.

### References

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BYRAM, M. "Questions of Identity in Foreign Language Learning" In BIANCO, L.; LIDDICOAT, A.; CROZET, C. *Striving for the third place -intercultural competence through language education*. Melbourne: Language Australia, 1999. p. 91-100.
- BYRAM, M; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. *Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.
- CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ENEM 2014 - Exame Nacional do Ensino Médio. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2014/CAD\\_ENEM\\_2014\\_DIA\\_2\\_07\\_AZUL.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/CAD_ENEM_2014_DIA_2_07_AZUL.pdf). Acesso em 16.03.2016.
- FARACO, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da Língua*. São Paulo: Parábola, 2001.
- GRADDOL, D. *English Next. Why Global English May Mean the End of 'English as a Foreign Language'*. Plymouth: The British Council, 2006.
- JORDÃO, C. M. "English as a foreign language, globalisation and conceptual questioning" In *Globalisation, Societies and Education*, v.7, n.1, p.95-107, 2009.
- KALVA, J. M.; FERREIRA, A. J. "Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação" In *Fórum Linguístico*, v. 8, n. 2, p. 165-176, 2011.
- KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- LEFFA, V. J. "Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional". In KARWOSKI, A. M.; BONI, V. de F. C. V. *Tendências contemporâneas no ensino de línguas*. União da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Vitória: Kayganguê, 2006. p. 10-25.

MOITA LOPES, L. P. da. “Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos” . In *Revista D.E.L.T.A. (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada)*, v. 24, n. 2, p.309-340, 2008.

RAJAGOPALAN, K. “World English or World Englishes? Does it make any difference?” . In *International Journal of Applied Linguistics*, v. 22, n. 3, p. 374-391, 2012.

SANTOS, R. R. P. “O Letramento crítico e o ensino de inglês: reflexões sobre a prática do professor em formação continuada” . In *The ESpecialist*, v. 34, n. 1, p. 1-23, 2013.

SCARINO, A; LIDDICOAT, A. *Teaching and Learning Languages: A Guide*. Melbourne: GEON Impact Printing, 2009.

SHOEMAKER, A. “Regionalismo e identidade cultural: o inglês como língua internacional” In *Antares*, n.5, p.20-37, 2011.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Periodigo de Esperanta literaturo: la malfacila tasko

Por: Rafael Henrique Zerbetto<sup>21</sup>

rhzerbetto@yahoo.com.br

### Resumo (EO):

Esperanta literaturo havas tre specifajn trajtojn, kiuj devenas de la specifaĵoj de la lingvo kaj ĝia kulturo: aŭtoroj kaj legantoj kiuj apartenas al malsamaj kulturaj medioj, la rolo de Esperanto kiel dua aŭ tria lingvo de preskaŭ ĉiuj siaj parolantoj, dum kreiĝas propra kulturo ligita al la lingvo kaj ĝia tutmonda parolkomunumo. Periodigo de esperanta literaturo riveliĝas granda defio pro la malfacilo distingi la momentojn kaj eventojn kiuj draste influas tiun literaturon kiel tutaĵo. Evidentiĝas pli granda interkonsento inter aŭtoroj pri la pli fruaj periodoj, dum diverĝoj estas akraj pri la lastaj periodoj, kio ŝajnas esti konsekvenco de la malfacilo kompreni fenomenojn ankoraŭ okazantaj aŭ kies influo ne estas entute komprenata.

**Ŝlosilvortoj:** Esperanto; literaturo; periodigo; esperanta literaturo.

### Resumo

A literatura esperantista possui características bem específicas, resultantes de especificidades da língua e de sua cultura: autores e leitores que pertencem a diferentes meios culturais, o papel do Esperanto como segunda ou terceira língua de quase todos os seus falantes, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma cultura própria ligada à língua e à sua comunidade internacional de falantes. A periodização da literatura esperantista se revela um grande desafio pela dificuldade em distinguir momentos e eventos que influem

<sup>21</sup> É mestrando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Graduado em Estudos Literários pela UNICAMP.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decisivamente essa literatura como um todo. É evidente um maior consenso entre os autores dedicados a este tema no que diz respeito aos períodos mais antigos, enquanto as divergências mais agudas se referem aos períodos mais recentes, aparentemente em consequência da dificuldade de se compreender fenômenos que ainda ocorrem ou cuja influência ainda não foi suficientemente compreendida.

**Palavras-chave:** Esperanto, literatura, periodização, literatura esperantista

### **Enkonduko**

Periodigo de Esperanta literaturo estas tasko certe malfacila pro la diversaj specifajoj de esperanta literaturo, kies aŭtoroj apartenas al diversaj kulturaj medioj kaj havas malsamajn denaskajn lingvojn. Se en studoj de naciaj literaturoj oni konsideras gravajn historiajn okazaĵojn, kiuj forte influis la socion de tiu lando, kiel momentoj de transiro inter du malsamaj periodoj de tiu literaturo, nature ni povas pensi pri eventoj kiuj profunde markis la esperantan komunumon kiel markiloj, tamen tio ne sufiĉas: ankaŭ necesas kontroli ĉu tiu evento ja influis la evoluon de esperanta literaturo, kiu siavice spegulas la evoluon de la propra esperantistaro kiel komunumo.

Interkonsentoj kaj diverĝoj inter esploristoj kiuj klopodas periodigi la esperantan literaturon estas tre interesaj por pristudado de la temo kaj kompreno de kiuj estas la kernaj punktoj en historiografio de esperanta literaturo. Per komparado de kelkaj studoj pri la temo kaj ankaŭ analizante la kialojn de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

la diverĝoj eblas pli kritike analizi la problemon.

### La Unua Periodo

Sutton (2007, 131) atentis pri tio, ke kvankam literaturistoj interkonsentas pri la neceso dividi la Esperantan literaturon en periodoj, ili diverĝas pri kiam kaj kial dividi. Li mem sin dediĉis al tiu temo kaj analizis la periodigon laŭ pluraj aliaj aŭtoroj por fari sian propran proponon. Laŭ Sutton, la Unua Periodo iras de 1887, kiam estis publikigita la Unua Libro<sup>22</sup>, ĝis 1920; la Dua Periodo de 1921 ĝis 1930; la Tria Periodo de 1931 ĝis 1951; la Kvara Periodo de 1952 ĝis 1974; kaj la Kvina Periodo de 1975 ĝis nun.

Pri la komenco de la Unua Periodo oni apenaŭ povas malkonsenti: la Unua Libro atestas la naskiĝon ne nur de la lingvo, sed ankaŭ de ĝia literaturo. Eventuale oni povas aserti ke Zamenhof verkis en Esperanto antaŭ 1887, tamen nur ekde la publikigo de la Unua Libro literaturo en Esperanto efektive fariĝis konata kaj komencis disvolviĝi. Pri la fino de la Unua Periodo, William Auld (Sutton 2007, 132), en la unua eldono de *Esperanta antologio: poemoj*, konsideras 1920 kiel komenco de la Dua Periodo, tamen en la dua eldono li redifinas la jaron al 1921, pro la publikigo de la unua poemaro de Kálmán Kalocsay,

---

22 La unua lernolibro de Esperanto, konsiderata kiel naskiĝ-atestilo de la lingvo. Per tiu libro L. L. Zamenhof lanĉis Esperanton al la mondo. Ĝi markas la naskiĝon de esperanta movado kaj ĝia literaturo (poemoj de Zamenhof en Esperanto estis publikigitaj en tiu libro kiel specimenoj de originala literaturo en la nova lingvo).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### *Mondo kaj koro.*

Carlo Minnaja kaj Giorgio Silfer (Minnaja kaj Silfer 2015, 1) interkonsentas kun Auld kaj Sutton pri la Unua Periodo. La fakto, ke kelkaj aŭtoroj konsideras 1920, aliaj 1921 kiel fino de la Unua Periodo, estas negrava detalo, ĉar ili interkonsentas pri la fundamenta punkto: 1921 estis la transira jaro, kiam debutis Kalocsay, kaj sekve Julio Baghy, Raymond Schwartz, Eŭgeno Miĥalski kaj Nikolao Hohlov (Auld, citita laŭ Sutton 2007, 132). Pietiläinen (2003) atentigas pri la forpasoj de Zamenhof kaj Antoni Grabowski (tiu lasta ĝuste en 1921), kaj malmultigo aŭ ĉesigo de verkado de aliaj influaj aŭtoroj kaj tradukistoj de la Unua Periodo<sup>23</sup>. Evidente estas tre bone difinita transiro inter generacioj de aŭtoroj. Sutton (2007, 133) prave substrekas tion, ke Auld donis fortan pezon al poezio en siaj kriterioj, tamen agnoskas Kalocsay kiel la plej grava aŭtoro de la Dua Periodo kaj pro tio sekvas la Auld-an kriterion. Statistika analizo de Pietiläinen (2003, 125) pravigas la gravecon de poezio en la Unua Periodo: antaŭ 1920 nur sep originalaj romanoj estis publikigitaj en Esperanto, kontraŭ 11 inter 1920-1929. Mankas fidindaj datumoj pri la vikleco de alispecaj prozaĵoj en tiu periodo.

---

<sup>23</sup> Pietiläinen donas specialan atenton al la influo de tradukistoj, menciante Zamenhof, Grabowski kaj Kazimierz Bein (Kabe). Tiu atentigo estas prava, ĉar en la Unua Periodo tradukita literaturo ludis gravan rolon en la kreado de verkostilo esperanta. Mi miras pri tio, ke ankoraŭ hodiaŭ esperantistoj dum varbado de la lingvo forte substrekas la ekziston de tradukita literaturo en Esperanto, fenomeno apenaŭ rimarkebla en varbado de naciaj lingvoj.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## La Dua Periodo

Estas interkonsento, almenaŭ inter la plej konataj aŭtoroj kiuj sindediĉis al periodigo de Esperanta literaturo, pri tio, ke la Dua Periodo komenciĝas en 1921, kun la publikigo de la unua libro de Kalocsay. Dum la sekvaj jaroj debutis aliaj aŭtoroj, aperis diversaj skoloj, inter ili la Budapeŝta Skolo, kreita ĉirkaŭ la revuo *Literatura Mondo*, kaj ankaŭ prozo pli vigliĝis. Minnaja kaj Silfer (2015, 105) konsideras la Duan Periodon inter 1921 kaj 1937, kaj substrekas la influon de SAT<sup>24</sup> en la tiutempaj movado kaj literaturo.

Sutton (2007, 133), konsideras kiel fino de la Dua Periodo la jaro 1930, dum Auld (apud Sutton 2007, 133) en la unua eldono de *Esperanta Antologio: Poemoj* konsideris la Duan Periodon inter 1919 kaj 1939, tamen en la dua eldono redifinis ĝin al inter 1921 kaj 1931. Rilate al la fino de Dua Periodo, la pli frua propono de Auld pli kongruas kun tiu de Minnaja kaj Silfer, dum lia posta propono kongruas kun tiu de Sutton. Pietläinen (2003, 122-128), siavice, difinas la Duan Periodon inter 1920 kaj 1945, tamen substrekas la grandan influon de la persekutoj al Esperanto, komence en Germanio, ekde 1930, kaj sekve ankaŭ en aliaj landoj, en Esperanta literaturo.

Evidente, la fino de la Dua Periodo estas polemika afero. Ĉu literaturo evoluas tion rapide, ke eblas konsideri jardekon kiel periodo? Mi ne konas periodon tiom rapidan en

<sup>24</sup> Sennacieca Asocio Tutmonda, fondita en 1921 kiel organizaĵo de la Laborista Esperanto-Movado.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nacia literaturo, tamen eblas facile konstati ke Esperanta literaturo ja maturiĝis tre rapide, se ni konsideru ke de 1887 ĝis la nuno ĝia stato evoluis de "Primitiva romantismo kaj fondo de stilo" al "Eksperimenta poezio kaj Popularigo de la romano" (Sutton 2007, 132). La romantikismon de la Unua Periodo pravigas la utopieco de la unuaj esperantistoj, dum tiamaj naciaj literaturoj estis pli avangardaj; nuntempa Esperanta literaturo, tamen, evoluas en sinkroneco kun naciaj literaturoj.

Sutton (2007, 134) defendas 1930 kiel fino de la Dua Periodo pro la konstato, ke inter 1930 kaj 1933 aperis aro da ŝlosilaj verkoj, kiuj estas influaj ankoraŭ hodiaŭ. Minnaja kaj Silber ankaŭ agnoskas la influon de tiuj verkoj kaj ilin mencias kiel grava parto de la transiro inter la Dua kaj la Tria periodoj, tamen konsideras ilin kiel parto de la fino de la Dua Periodo. La diverĝo inter Minnaja/Silber kaj Sutton ŝajne havas kiel kerna punkto la revuo *Literatura Mondo*: laŭ Sutton, la dua fazo de tiu revuo (1931-1939) apartenas al nova periodo, dum Minnaja/Silber ŝajne elektis tiun revuon kiel simbolo de la Dua Periodo. Atenta esploro pri la diferencoj inter ambaŭ fazoj de tiu revuo povas aldoni gravajn elementojn al la debato pri periodigo, tamen restas demando malfacile respondebla: ekde kiam persekutoj al Esperanto kaj la eldonado de pluraj gravaj verkoj komence de 30-aj jaroj efektive influis Esperantan literaturon? Silber asertis en *Literatura Foiro*, ke "de post 1935 ekzistis maturaj literaturaj kaj esperantologiaj rimedoj, kiuj mankis ĝis



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tiam" (Citita laŭ Sutton 2007, 134). Ŝajnas malfrua por la fino de la Dua Periodo la jaro 1937, kiel proponis Minnaja/Silfer, verŝajne motivitaj de konvinko apartenigi la duan fazon de *Literatura Mondo* al tiu periodo. Malfacilas, tamen, elekti specifan jaron, ĉar ĉifoje la transiro ne estas tiom evidenta kaj oni povas iom libere elekti simbolan okazaĵon inter 1930 kaj 1935.

### La Tria Periodo

La diverĝoj pri la komenco de la Tria Periodo jam estis traktitaj en la diskuto pri la Dua Periodo, tamen kio pri ĝia fino? Laŭ Minnaja kaj Silfer (2015, 227) ĝi iras ĝis 1952, dum Sutton (2007, 134) opinias ke ĝi finiĝas unu jaron pli frue. Auld (Apud Sutton 2007, 133) konsideris 1956 kiel lasta jaro de la Tria Periodo, kaj Pietiläinen tre diverĝas de la aliaj menciitaj aŭtoroj: laŭ lia propono tiu periodo iras ĝis 1974! Kialo por tiu diverĝo estas simpla: la Pietiläinen-a Tria Periodo entenas la Trian kaj la Kvaran Periodojn laŭ la aliaj aŭtoroj: ili ĉiuj krom Auld interkonsentas pri fino de literatura periodo komence de la 1970-aj jaroj.

Minnaja kaj Silfer kaj Sutton interkonsentas pri la transiro en 1952 pro la samaj kialoj: la ĉeso de *Literatura Mondo*, la fondo de la eldonejo Stafeto<sup>25</sup> kaj la eldono de

25 Tiu eldonejo ludis kernan rolon en eldonado de esperanta literaturo inter 1952, kiam ĝi aperigis *Kvaropo*-n, kaj 1975, kiam ĝi publikigis sian lastan libron, *Patrino koro*, de Nevena Nedelĉeva. Stafeto pagis la eldonkostojn de la debuta verko de multaj novaj aŭtoroj kaj tiel rivelis elstare

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Kvaropo*, debuta verko de William Auld, J. S. Dinwoodie, John Francis kaj Reto Rossetti, fondintoj de la Skota Skolo, forte influa en tiu epoko. Auld, en la dua eldono de *Esperanta Antologio: Poemoj*, konsideris kiel inaŭgura verko de la Kvara Periodo sia propra verko *La Infana Raso*, publikigita en 1956 (Sutton 2007, 133-36). Vilmos Benczik bone traktis la temon en *Studoj pri La Esperanta Literaturo* (1980, 116): *La Infana Raso* estis la ĉefa verko de la Tria Periodo, sed la influo de la Skota Skolo komenciĝis per la publikigo de *Kvaropo*.

Post tiuj konsideroj, ŝajnas evidenta la komenco de la Tria Periodo en 1952. Mankas, tamen, scii kial Pietläinen ne konsideras tiun momenton kiel inaŭguro de nova periodo. Li klarigas, ke la fino de la Dua Mondmilito markas la komencon de la Tria Periodo pro la profunda influo de sinsekvoj de la milito (efiko de persekutoj kontraŭ Esperanto antaŭ kaj dum la milito, la Malvarma Milito kaj la divido de Eŭropo en du landogrupojn) en esperanta kulturo. Li mencias tion, ke *Nica Literatura Revuo* kaj *Norda Prismo* aperis post la fino de *Literatura Mondo*, kaj en tio estas subkomprenata la ideo, ke unu revuo simple anstataŭis la alian, kvazaŭ temis nur pri ŝanĝo de nomo kaj presejo. La aŭtoro bedaŭrinde ne atentis pri la specifajoj de tiuj revuoj, ĉiu kun sia aparta identeco kaj historia kunteksto.

Pietläinen vidas ŝanĝon en la esperanta literaturo nur en la 1960-aj jaroj, pro la malstreĉiĝo en internaciaj

---

talentajn verkistojn.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

rilatoj kaj ŝtata subtenado al la esperanta movado en kelkaj landoj. Li ankaŭ atentis pri la apero de gravaj aŭtoroj en pluraj landoj ekstereŭropaj, sed ne mencias la fondiĝon de Stafeto, kiu ebligis la debuton de multaj el tiuj novaj aŭtoroj, kaj citas Auld, laŭ kiu la Skota Skolo en *Kvaropo* sekvis modelon de *Parnasa Gvidlibro*, por pravigi sian teorion, ke la Tria Periodo estis multisence daŭrigo de la Dua (Pietiläinen 2003, 122-128). Evidente li per tiu komento nuligas la transforman rolon de la Skota Skolo, sekve kunigas la Trian kaj la Kvaran periodojn poponitajn de aliaj aŭtoroj.

### La Kvara Periodo

Jam estis menciita la elekto de Pietiläinen kunigi la Trian kaj la Kvaran periodojn proponitajn de aliaj aŭtoroj, tiel ke por li la Kvara Periodo korespondas al tiu, kiun aliaj aŭtoroj nomas Kvinan Periodon, kaj ĝin ni traktos poste. Minnaja kaj Silfer (2015, 255) proponas kiel Kvara Periodo tiu inter 1952 kaj 1970, alivorte de *Kvaropo* ĝis la unua eldono de PIV<sup>26</sup>. La aŭtoroj substrekas la laboron de Ivo Lapenna en UEA-estraro (1937-1974) kaj la Rezolucio de Unesko en Montevideo, en 1954, kiuj forte influis la movadon. La fino de tiu periodo koincidas kun la Deklaracio de Tyresö, per kiu TEJO sin deklaras kontraŭ tiama lingvopolitiko de UEA surbaze de sinteno pri lingva

26 Plena Ilustrita Vortaro, la plej granda vortaro de Esperanto, kun detalaj difinoj kaj ekzemploj pri la uzo de la vortoj, ekde tiam ludas gravan rolon en normigo de la lingvo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diskriminacio. Specife kadre de literaturo, markas la Kvaran Periodon la periodaĵoj *Nica Literatura Revuo* kaj *Norda Prismo* kaj la vigla eldona laboro de Stafeto.

Sutton (2007, 136) substrekas la mankon de interkonsento pri kiam komenciĝas la Kvina Periodo, kaj akceptas la argumentojn de Verloren van Themaat kaj Pietiläinen pri komenco de nova periodo en 1975 per la publikigo de *Neologisme* de Lorjak, la fermo de *Norda Prismo* kaj la ekmultiĝo de literatura eldonado komence de la 1970-aj jaroj. Li mem ne aldonas propran kialon por tiu elekto.

Ne estas klara por mi la kialo de la elekto de Auld pri 1982 kiel lasta jaro de la Kvara Periodo<sup>27</sup>. Tamen, analizo de la periodigoj proponitaj de li evidentigas tion, ke li tre emfazas poezion, kiu estis la kerno de Esperanta Literaturo en la unuaj du periodoj, dum proza verkado iom post iom vigliĝis, kaj ekde la sepdekaj jaroj fariĝas speciale vigla, kun 53 originalaj romanoj eldonitaj inter 1970 kaj 1989 (Pietiläinen 2003, 125). Auld komence proponis periodigon surbaze de la Mondmilitoj, sekve serĉis aliajn faktorojn, sed neniam sukcesis vere liberiĝi de la milita kriterio, kaj post 1945 enmovadaj okazaĵoj fariĝas multe pli influaj en la movado ol tiuj ekstermovadaj. Finfine, Auld-aj kriterioj ŝajnas al mi pli subjektivaj ol ili devus esti.

Pietiläinen (2003, 124) atentigas pri krizo en la

<sup>27</sup> Mi ne havis oportunon konsulti la librojn menciitajn en la verkoj de aliaj aŭtoroj, kie verŝajne troviĝas pli detalajn klarigojn.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Belartaj Konkursoj de UEA, kiuj neniam atribuis premion de prozo inter 1969 kaj 1975 kaj en 1973-74 atribuis unuan premion en neniun branĉon. Ekde 1976 Belartaj Konkursoj revigliĝas sub nova juĝkomisiono, nova generacio de partoprenantoj kaj novaj reguloj, kaj premiado denove ekfloris. Certe meze de la 1970-aj jaroj ne mankis elementoj kiuj pravigas inaŭguron de nova periodo en Esperanta literaturo.

### La Kvinna Periodo

Tiun ĉi periodon, kiun Pietiläinen nomas Kvinna, daŭras ĝis nun laŭ Auld, Sutton kaj Pietiläinen. Tiu lasta asertas ke tiun ĉi periodon aŭguris la apero de PIV, en 1970, sed konsideras 1975 kiel ĝia efektiva komenco. Fakte la PIV-a efiko en Esperanta Literaturo ne estis tuja, tiel ke 1975 ŝajnas pli taŭga dato. Tamen, Minnaja kaj Silfer konsideras la Kvinan Periodon inter 1970, lanĉo de PIV kaj *Literatura Foiro*, kaj 1993, kiam Esperanto estis agnoskata kiel literatura lingvo dum la PEN-mondkongreso. La aŭtoroj kreditas al *Literatura Foiro* tiun atingon, kaj asertas ke la tuta Esperanta literaturo estis sub ĝia influo dum tiu periodo. En 1993 estis publikigita la poemaro *Ibere Libere*, debuta verko de la Ibera Skolo, kunverkita de Miguel Fernández, Liven Dek, Jorge Camacho kaj Gonçalo Neves, kaj ĉesis la literatura konkurso Internaciaj Floraj Ludoj<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Jara esperanta beletra konkurso kreita en 1911, kies influo en esperanta literaturo certe ne estis tiom granda kiel proponas Silfer, unu el la premiitoj en tiu konkurso.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Minnaja kaj Silfer estas italoj kaj kunfondintoj de *Literatura Foiro*, eble pro tio ili sentas tiujn jarojn kiel "Itala Periodo" de Esperanta Literaturo, ĝuste pro ilia persona sperto, tamen Pietiläinen pli bone priskribas tiun periodon, atentante pri fragmentiĝo de Esperanta Literaturo: estis kvanta kresko da verkado, tamen mankas aŭtoroj kaj revuoj en kerna rolo. Minnaja kaj Silfer ŝajne troigas ilian propran fragmenton de la tuto.

Tamen, Minnaja kaj Silfer (2015, 485) admonas ke "la lastaj dudek jaroj ne povas aspiri al klasado kiel 'literatura periodo', ĉar, se oni povis elekti eventon kiu fiksu precizan komencon, nenio ĝis nun anonciĝas tiel grava por roli kiel periodfina punkto". Sekve, ilia decido krei Sesan Periodon estis pro alia celo ol literatura periodigo, supozeble tiu divido de la Kvina Periodo en du partoj celas didaktikan rolon prezenti esperantan literaturon al nefakuloj, substrekante la rolon de *Literatura Foiro* ĝis 1993, kaj sekve novan fonon en Esperanta kulturo, kiun ili priskribas kiel "de lingvaj rajtoj al lingvo reta". Debatoj pri lingvaj rajtoj kaj popularigo de Interreto ja kreas novan formon de esperanta movado, revolucias la distribuon de verkoj, faciligas komunikadon kaj eventuale ŝanĝas la rolojn de la parola kaj la skriba formoj de la lingvo en movadaj diskutoj. Tio aŭguras novan periodon en esperanta literaturo, tamen ankoraŭ ne eblas klare trovi transiran momenton, samkiel okazas en naciaj literaturoj: periodigon oni kreas per analizo de la pasinto kaj ĝia influo en la nuno, tiel ke ankoraŭ estas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

frue por kompreni kiel tiu literaturo evoluos kaj de kiuj faktoroj tiu evoluo dependas.

### Konkludo

La Unua Periodo komencas per la lanĉo de la Unua Libro, en 1887, kaj finas en 1921. La mortoj de Zamenhof kaj Grabowski kaj la kabeo de Kabe draste reduktas la influon de tiu unua generacio de aŭtoroj, kaj ilin anstataŭas nova generacio kiu sinprezentas en 1921 per publikigo de la unua poemaro de Kalocsay, kiun sekvas la apero de *Literatura Mondo* kaj la Budapeŝta Skolo, dum ekster Hungario aliaj skoloj ankaŭ debutas.

Fino de la Dua Periodo ne estas tiom okulfrapa: 1930 ja estas grava jaro pro la apero de diversaj verkoj kiuj influos la sekvan generacion kaj ankaŭ pro la ekesto de la persekutoj al Esperanto en Germanio, sekve ankaŭ en aliaj landoj. La efiko de tiuj verkoj kaj de la persekutoj al Esperanto certe ne estis tuja, tamen tre forta, kaj la inaŭguro de la dua fazo de *Literatura Mondo* en 1931 estas tre oportuna momento por inaŭguro de la Tria Periodo, kiam efikoj de 1930 sin manifestas.

En 1952 komenciĝas la Kvara Periodo, kaj abundas kialoj por tio: la fino de *Literatura Mondo*, la fondo de Stafeto kaj la publikigo de *Kvaropo* anoncas ĝin. La fino de tiu periodo estas iom neklara, sed inter 1970, lanĉo de PIV kaj *Literatura Foiro*, kaj 1975, publikigo de *Neologisme* kaj fino de *Norda Prismo*. *Neologisme* estas literatura verko, dum PIV estas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vortaro. *Norda Prismo* estas simbolo de la Kvara Periodo, dum en la Kvina Periodo la Esperanta Literaturo fragmentiĝas kaj ne permesas al *Literatura Foiro* ludi kernan rolon, tiel ke 1975 ŝajnas al mi pli taŭga jaro por la transiro. La Kvina Periodo daŭras ĝis nun.

Resume, ni havas la jenan periodigon: 1. 1887-1921; 2. 1921-1931; 3. 1931-1952; 4.1952-1975; 5. Ekde 1975.

#### Bibliografio

Benczik, Vilmos. **Studoj pri la Esperanta Literaturo** . Takasago-si: La Kritikanto, 1980

Minnaja, Carlo, kaj Silfer, Giorgio . **Historio de la Esperanta Literaturo** . La Chaux-de-Fonds: Kooperativo de Literatura Foiro, 2015

Pietläinen, Jukka. “La kvara periodo en Esperanta literaturo” . *In* Lipari, Michela, kaj Tonkin, Humphrey . **Pri homoj kaj verkoj: Eseoj pri la Esperanto-kulturo** . Roterdamo: UEA, 2012. p. 121-129.

Sutton, Geoffrey. “Pri la periodoj de la Esperanta literaturo” . *In* Lipari, Michela, kaj Tonkin, Humphrey. **Pri homoj kaj verkoj: Eseoj pri la Esperanto-kulturo** . Roterdamo: UEA, 2012. p. 131-139.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## A Literatura hispano-americana como componente cultural nas aulas de Língua Estrangeira/Espanhol

Por: Juliana Moratto<sup>29</sup>  
[juliana.moratto@ifpr.edu.br](mailto:juliana.moratto@ifpr.edu.br)

### Resumo

Esse artigo visa a estudar os impactos da aplicação da leitura de obras de literatura hispano-americana nas aulas de Espanhol como componente cultural da aula de Língua Estrangeira (E/LE), que leva o aluno ao autoconhecimento quando supera suas diferenças e identifica-se com o outro através da leitura crítica de textos originais. Apresentam-se algumas reflexões sobre o ensino de literatura hispano-americana no Brasil e sobre o uso do texto literário em sala de aula, destacando a importância da leitura como instrumento que viabiliza o acesso ao autoconhecimento e à cultura. Permite mostrar ao aluno brasileiro de Língua Estrangeira / Espanhol, textos literários originais que possam despertar-lhe o prazer e o encantamento por este tipo de leitura, fortalecendo suas próprias raízes e sua identidade cultural. O aluno brasileiro de E/LE, após refletir criticamente sobre o material lido, pode descobrir o mundo e encontra-se através da literatura em língua meta e, além de ampliar seus horizontes, surpreender-se com outras culturas, além de enriquecer seu aprendizado de Espanhol. A leitura do texto literário em sala de aula, como um dos recursos para o

---

29 É Especialista em Educação Matemática pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio – FAFICOP, Graduada e Licenciada em Letras: Português-Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Graduada e Licenciada em Ciências, com habilitação em Matemática Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP e Graduada em Letras pela Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR. É servidora pública federal, docente de Letras Português-Espanhol EBTT, lotada no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR na cidade de Ivaiporã.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensino do Espanhol, faz com que as aulas se tornem mais interessantes e democráticas, na medida em que se compreende melhor a realidade vivida com outras realidades juntamente com outras fontes de informações, além de expandir a consciência crítico literária.

**Palavras-Chave:** Literatura hispano-americana; Leitura; Autoconhecimento; Componente cultural.

### **Resume**

*This article aims to study the impact of the application of reading works of Spanish-American literature in Spanish classes as a cultural component of the class of Foreign Language (E / LE), which leads the student to self-knowledge when overcome their differences and identifies with each other through a critical reading of original texts. They present some reflections on the Spanish-American literature teaching in Brazil and the use of literary texts in the classroom, emphasizing the importance of reading as a tool facilitating literary texts in the classroom as a resource for the taccess to self-knowledge and culture. Lets show the Brazilian student of Foreign Language / Spanish, original literary texts that can wake you pleasure and enchantment for this type of reading, strengthening their own roots and their cultural identity. The Brazilian student of E / LE, after critically reflect on the material read, you can discover the world and it is through literature in language goal and, as well as broaden their horizons, to surprise yourself with other cultures, as well as enrich their learning of Spanish. The reading of eaching of Spanish, makes the lessons become more interesting and democratic, in that it better understands the reality experienced with other realities along with other sources of information, and expand the literary critic consciousness.*

**Key words:** Spanish American Literature; Reading; Self knowledge; Cultural component.

### **Introdução**

Esse artigo tem objetivos que centram todo o trabalho



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na leitura de textos de literatura hispano-americana ancorado na promoção de reflexões que levem os alunos a se conhecerem através da identidade cultural de outros países de língua espanhola. Em primeiro lugar, a literatura é um meio riquíssimo para a aprendizagem de qualquer língua estrangeira, por ser carregada de significados, história, culturas, vocabulário, expressões idiomáticas, entre muitas outras particularidades igualmente importantes, devido ao seu verdadeiro valor de obra de arte. Em segundo lugar, a literatura torna qualquer aula mais prazerosa, leva os leitores a viajar e, desta forma, identificar-se com o outro. Ela pode ser explorada de muitas maneiras e para muitos fins, como por exemplo: gêneros literários, questões gramaticais e reflexões sobre as diferenças entre as línguas. Devem-se apresentar quanto os brasileiros fazem parte da história da América Latina e, a partir disso, descobrir-se refletidos nestes povos e agregar todo contexto literário para a construção de uma identidade cultural que, devido a uma série de razões o brasileiro não sinta parte desta história.

O professor de língua estrangeira pode promover o desenvolvimento de leituras que tragam para o aluno, momentos de reflexão sobre si mesmo, sobre sua história, sobre o contexto socioeconômico em que se produziu. Pode ainda, avançar nas entrelinhas do escrito e aprofundar-se nas questões ideológicas, culturais e morais. Pode promover uma agradável descoberta dos



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vínculos sociais da produção dos países hispano-americanos.

Através deste estudo é possível notar que a língua falada por um povo está diretamente relacionada com sua cultura, pois ela não é constituída apenas de vocabulário e expressões, mas também traz consigo aspectos das raízes de um país, suas crenças, hábitos, tradições, gostos, maneira de pensar, religião, entre outros.

A aula de espanhol como língua estrangeira (ELE) é uma boa oportunidade dos alunos descobrirem e se encantarem com a literatura hispano-americana. A leitura crítica pode ajuda-los a entender melhor a sua condição humana, social, cultural. Além disso, o estudo do espanhol se enche de significado para eles e, estes, passam a ter novos valores, novos olhares e adquirem formas originais de refletir sua própria vida; assim como a literatura em geral.

A coleta de dados para o embasamento teórico deste estudo está ancorado em pesquisa de material bibliográfico, como livros, revistas, periódicos, acesso à Internet, livros de literatura hispano-americana. Todo levantamento foi pensado com interesse de reunir o máximo de informações sobre o tema.

### **O texto literário na aula de Espanhol**

A literatura está diretamente ligada à formação do ser humano como cidadão. Despertar no aluno o interesse pela literatura nem sempre é tarefa fácil para o professor. Mas, o



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

professor de língua estrangeira encontra na literatura uma poderosa ferramenta didática para o ensino da língua meta. Para Fernández (2005, 110), as pré-condições (conhecimento prévio e disposição) são as mesmas para a leitura e para o pensamento, cada um que aprende, na medida de suas possibilidades e de seu interesse.

Sabe-se da realidade da maioria dos alunos do Ensino Médio, que não têm o hábito de ler ou não têm o estímulo para a leitura em casa. Por isso, o professor de ELE assume um papel muito relevante na sociedade atual, de levar a literatura até nossas aulas e apresentá-la a eles de modo que desperte seus interesses.

Dentro de seu campo de atuação tem a possibilidade de discutir e promover reflexões com os alunos sobre variados temas de interesse geral. Assim como também deve explorar textos que tenham conteúdos que possam contribuir com o desenvolvimento pessoal dos alunos. Para isto, o texto literário é um sem fim de riquezas. Vale lembrar que as escolhas devem se basear segundo a faixa etária de cada turma e também por áreas de interesse.

Para Sasset (2012), “...a literatura que em sua verdade tem a possibilidade de revolver o baú da histórica e conduzir o leitor” a vários novos caminhos de reflexão e a encontrar possibilidades reais ou imaginárias”. Através da literatura o aluno pode viajar por várias áreas do conhecimento, em vários lugares e tempos diferentes. Logicamente, isto o leva



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a refletir, pensar, imaginar e produzir. A autora ainda complementa dizendo que: “reflexão esta que tem caráter revelador, uma vez que nos oferece o surgimento de um olhar crítico, muitas vezes com significados libertadores”.

O critério de seleção deve escolhido buscando estabelecer uma expectativa inicial e argumentativa e também levar o aluno/leitor a se impregnar de uma nova estética e cultura. Deve-se propor um equilíbrio entre a novidade e a recuperação dos clássicos modernos.

Hoje, mais do que em outra época, as teorias de aprendizagem pregam o conhecimento que tenha âncora com a vida do aluno, que tenha sentido e que, principalmente desenvolva o senso crítico através de seus inúmeros significados.

### **A literatura hispanoamericana no Brasil**

Segundo Paz (1981, p. 25), “la literatura hispanoamericana es la de los pueblos americanos que tienen como lengua el castellano” (1981, p. 25), e como castelhano e espanhol são a mesma língua, o foco do estudo será a literatura escrita em língua espanhola e produzida na América Latina.

*Si el objetivo del aprendizaje de una lengua extranjera es dicha intención comunicativa - el uso del lenguaje como práctica social, el texto literario es un material provechoso, pues también le permite al profesor la enseñanza de los conocimientos, valores y actitudes interculturales, permitiendo al alumno percibir la diferencia entre los de la sociedad en que vive y los de la lengua*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*meta* (SANTOS, 2007, p. 36)

Não se pode dizer que o Brasil tem uma história isolada do resto da América. Porém, nas aulas de literatura não se privilegia muito a produção latino-americana. Assim, aprendendo literatura hispano-americana, é mais simples identificar o poema chileno “Farewell y sollozos” de Pablo Neruda na música Go Back, da banda brasileira Titãs, por exemplo.

Através das aulas de Espanhol nota-se que caminhos se abrem para novas reflexões sobre nosso povo e nossa cultura, aquilo que construímos como povo. Além da própria rejeição dos alunos ao assunto, também existe a dificuldade em encontrar material adequado para trabalhar. Hoje, a Internet é uma ferramenta indispensável a qualquer professor pesquisador, pois é a que oferece mais opções de busca e, conseqüentemente de encontrar preciosidades que ainda não nos estão disponíveis.

Através do desenvolvimento do ensino do Espanhol teremos a oportunidade de fazer penetrar a cultura brasileira na Espanha e nos países da América Latina, desenvolvendo uma política de intercambio de grande alcance, acedendo ao mundo editorial espanhol. Pois sabemos da importante contribuição do livro nessa língua em todas as áreas do saber (JOZEF, 1990, p.12).

Comercialmente, não se fala muito nos autores latino-americanos, mas se vê a presença brasileira em muitas obras de seus vizinhos, como exemplo o personagem nativista Chico Mendes na música “Cuando los ángeles lloran” do grupo mexicano Maná,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que faz sucesso no mundo todo com suas belas canções e também pelo seu trabalho social.

A literatura espanhola também não tem vez nas salas de aula, com exceção de Cervantes, que escreveu Dom Quixote, uma pérola da literatura, indescritível. Mas, todos conhecem Dom Quixote e poucos o leram. Como uma obra dessas sobrevive no imaginário de nossos alunos nos dias de hoje? Porque outras obras espanholas não tiveram a mesma sorte?

Nossa identidade histórico-cultural encontra-se na herança comum da pátria hispano-americana. Superados os exclusivismos, as literaturas da América latina devem ser pensadas em função do mesmo contexto sul-americano (JOZEF, 1990, p.13).

A reflexão que se faz aqui é simples, onde nós brasileiros buscamos nossa identidade? Quais são nossas raízes? O que nos impede enxergá-las? Muitos são descendentes de europeus que encontram aqui oportunidades de conquistas e, isso aconteceu com toda a América Latina. Temos em nós, a herança genética de outros povos.

A função que se busca para a Literatura hispano-americana na aula de Espanhol é exatamente esta: fazer com que o aluno repense sua identidade. Questionar-se para encontrar respostas que, até então, não foram pensadas.

Perguntar-se pela própria identidade equivale a perguntar-se, plantado na realidade: Quem sou eu? Qual minha origem e meu destino? Evadir-se da identidade é desconhecer estas perguntas e criar uma autoimagem falsa, ao buscar assimilar-se a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

respostas alheias. Com o reconhecimento dos valores componentes do contexto histórico-cultural e das tradições que subsidiam o processo de formação da identidade nacional brasileira, pode-se chegar à configuração do mundo brasileiro no seu processo de definição que segue o do mundo hispano-americano. Assim, será mais bem compreendida a essa complexa comunidade político-cultural que repousa na colonização portuguesa e espanhola (JOZEF, 1990, p.13).

Muitos materiais didáticos E/LE apresentam fragmentos de obras, poesias, biografias, entrevistas, entre outros. Quase como gotas de sabedoria que florem a aula, mas que enfocam na gramática a maior parte da aula.

Sem querer estabelecer um estudo histórico sobre as problemáticas do conceito de nacionalidade literária na América Latina, apontamos que parte da crítica atual argumenta sobre a necessidade de ampliação das concepções teóricas e analíticas que evidencie as implicações de ordem ideológicas e políticas sobre essa temática histórico-literária. Igualmente há a proposição de que haja estudos de textos literários onde se aprecie esses questionamentos no nível discursivo e simbólico das obras (MARTINEZ, 2009)

Para ilustrar melhor esta relação, a poesia “Yo soy un hombre sincero” vem de encontro com a cultura popular x conhecimento cultural, pois quase todos brasileiros conhecem a canção “Guantanamera”, onde está incutida parte da poesia. Porém, não é de conhecimento dos alunos que Guantánamo é uma cidade cubana, que seu autor é cubano e como vivem os cubanos. Isto leva a reflexão e conseqüente comparação entre brasileiros



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

e cubanos, e assim por diante.

Alguns autores questionam o desenvolvimento da literatura hispano-americana com características que se vinculam ao processo histórico-cultural da Colonização da América.

Para reencontrar a Espanha, os países hispano-americanos tiveram primeiro que reencontrarem a si mesmos através das lutas pela independência política e em seguida pela independência econômica, numa busca constante da identidade nacional, mestiça, herdeira da civilização, indígena e da espanhola (JOZEF, 1990, p.13).

A leitura e a literatura incentivam a busca de uma identidade. No entanto, buscar uma cultura própria implica uma mudança fundamental no papel histórico. Porque implica na transformação do papel de objeto da história em sujeito dela. Isto não é tarefa fácil a nenhum professor, também vale ressaltar que varia do esforço de cada um e de sua bagagem cultural.

O conceito de identidade encontra-se aderido com a firmeza à noção de alteridade. O conceito de identidade poderia demarcar-se como aquela estruturação inconsciente que subjaz aos processos que conformam a vida consciente de um indivíduo e seu grupo humano e aos deslocamentos e alterações provocadas pela história individual e social (JOZEF, 1990, p.14).

Porém, existe uma polêmica no fato de que países que sofreram o processo da Colonização encontraram a partir do conceito de nacionalidade o respaldo de distinção com as literaturas do colonizador em seus anseios e projetos de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

identidade literária. No entanto, não desmerece a literatura espanhola, construída também a partir do anseio da conquista.

Sem querer estabelecer um estudo histórico sobre as problemáticas do conceito de nacionalidade literária na América Latina, apontamos que parte da crítica atual argumenta sobre a necessidade de ampliação das concepções teóricas e analíticas que evidencie as implicações de ordem ideológicas e políticas sobre essa temática histórico-literária. Igualmente há a proposição de que haja estudos de textos literários onde se aprecie esses questionamentos no nível discursivo e simbólico das obras.

A língua Espanhola é uma língua privilegiada no quesito diversidade, pois conta com aproximadamente 400 milhões de falantes nativos. Citando Goettenauer (2005, p. 70), “esses números convertem o espanhol num importante instrumento de comunicação e lhe garantem um *status* precioso: o passaporte para o conhecimento de múltiplas culturas”.

...centra-se na busca de apreciar alguns textos teóricos e ensaísticos de críticos literários da América Hispânica que, ao longo de um exercício intelectual em várias produções, estabelecem um diálogo coeso sobre o exame dessa(s) literatura(s). Isto é, existe um legado crítico interno sobre a apreciação das obras literárias produzidas na América Hispânica a partir de uma revisão historiográfica heterogênea, bem como a consideração e abordagem de que essa(s) literatura(s) seja(m) examinada(s) a partir do conceito de “processo formativo” (MARTINEZ, 2009).

A literatura latino-americana está embutida na literatura hispano-americana. O primeiro termo se refere a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

países colonizados por Espanha, Portugal e França; enquanto que hispano-americana se refere a todos os países que falam espanhol na América Latina.

A grande entrada da literatura hispano-americana no Brasil se deu na década de 60, com o chamado Boom literário. Onde o grande destaque se deu para o argentino Júlio Cortázar e o colombiano Gabriel García Márquez.

Considerando que a nomenclatura literatura latino-americana abarca as obras desenvolvidas em países da América que foram colonizados pelos países europeus Espanha, Portugal e França, entendemos que a literatura hispano-americana está contemplada na nomenclatura supracitada (MARTINEZ, 2009).

A contribuição dessa literatura é muito preciosa, principalmente quando se trata do período da Colonização, não como marco inicial da literatura latino-americana (conforme apontam os estudos históricos diacrônicos), mas, sobretudo, “como momento histórico-cultural que problematiza as formações identitárias das nações latino-americanas” (MARTINEZ, 2009).

...uma das atitudes do aprendiz de língua espanhola é o nivelamento: olhar sob um único ângulo distintos povos e crer que é possível comunicar-se com todos eles a partir de um mesmo paradigma, como se a língua fosse uma forma, um conjunto de normas, e não precisasse de adaptações, reformulações ou ajustes, conforme as diferentes realidades (GOETTENAUER, 2005, p. 70). ???

O pensamento nacionalista dos realistas do século XIX dizia que a literatura hispano-americana dos primeiros decênios



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do século posterior apresenta duas perspectivas: a primeira cosmopolita e a segunda realista crítica. Ou seja, a visão cosmopolita dos regionalistas promovia o mito da pátria das nações emancipadas, ao tempo em que na geração realista-crítica o progresso das nações, sobretudo das metrópoles (a capital urbana), esbarra nas questões políticas e econômicas (MARTINEZ, 2009). Enfim, a importância das divergências literárias entre os dois grupos deve-se à “modernização” da representatividade das regiões e de suas culturas.

...a abordagem de sistemas literários latino-americanos é pertinente para estudos na área visto que deflagram a heterogeneidade histórico-cultural dessas sociedades, ampliando assim os horizontes e as perspectivas críticas, como também possibilita a visão complexa e polêmica de algumas questões evidenciadas em países que têm em sua formação histórica a Colonização (MARTINEZ, 2009).

Fazer literatura para os latinos nunca foi apenas escrever livros, representou muito mais do isso. Muitas vezes representou o grito de multidões, exílios, dor e sofrimentos. Para muitos autores ela é libertadora e para outros, testemunha de maus tratos. Mas, é isso que caracteriza a identidade de um povo, sua luta.

Nessa mesma visão complexa e heterogênea acerca da identidade e formação cultural da América Latina, o escritor e crítico Alejo Carpentier argumenta que o século XX foi fundamental para que os escritores latino-americanos tomassem essa consciência dada às razões da Colonização. E, nessa abordagem, o crítico discorre que os vanguardistas latino-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

americanos do século XX ao buscar entender e definir sua identidade – seja como sujeito, ou como literatura – descobriram que também são universais MARTINEZ (2009).

### **A literatura como componente cultural na aula de LE**

Para iniciar este pensamento, Sasset (2002) contribui dizendo que “a verdade da ficção literária não está em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões apresentadas de forma lúdica em determinada época”.

Segundo alguns autores, a língua é que permite o acesso à cultura e, em contra partida, para aprender uma língua deve-se ter um conhecimento cultural da mesma (PROENÇA SILVA, 2009, p.18). Desta forma, por meio da aproximação da cultura de uma língua é que o aprendizado se torna mais eficiente e completo, propiciando ao pensamento condições de formação, concepção, desenvolvendo-o e enriquecendo-o. Assim, a comunicação adquire um nível mais eficiente e global.

Não basta apenas ser um conhecedor da língua (estruturas gramaticais, vocabulário, etc). É necessário, também, conhecer como os indivíduos da língua-alvo se organizam socialmente, seus hábitos alimentares, valores, o que costumam fazer, o que não fazem de jeito nenhum, como procedem em diversas situações do dia-a-dia e também conhecer as artes, literatura, música, etc, da sociedade em questão (PROENÇA SILVA, 2009, p.18).

O professor de Língua Estrangeira não é isento de nenhuma responsabilidade para com a formação do aluno e, além do

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que já é sabido, carrega consigo mais um encargo, o de apresentar outro mundo, outras pessoas que falam outro idioma, aumentar o conhecimento de mundo e instigar o seu espírito crítico. Assis (2008, p. 102), corrobora com esta ideia ao dizer que “Ensinar uma LE é possibilitar novas formas de ver o mundo, dar oportunidade de conviver com o diferente, enfim, oferecer condições de codificar as informações com outro olhar, com um ponto de vista a mais”. “Esta busca remete-nos a outro binômio: língua e identidade, na medida em que traz as questões da subjetividade do autor e do contexto psicossocial” (FERNÁNDEZ, 2005, p. 124).

O fato do aluno se aproximar da língua meta através do contato com outras culturas representa o caráter social das teorias de ensino e aprendizagem de LE, isto o leva a desenvolver o seu sentido crítico, aumentando suas chances de contribuir para a transformação social e conseqüentemente, sua transformação pessoal.

...pois, o caráter social da aprendizagem de LE. Ao aprender uma outra língua, o aluno entra em contato com outras culturas, ampliando seu conhecimento de mundo e fortalecendo seu posicionamento crítico na sociedade, já que, a partir do outro, passa a conhecer-se melhor e a ver-se com outro olhar (ASSIS, 2008, p. 102).

Juntamente com toda a parte positiva, de qualidade que toda cultura possui, o aluno enxerga primeiramente o tipo que está na mídia. Muitas vezes, usa-se ironia para caracterizar

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um povo, isto geralmente ocorre porque não se conhece o outro, não houve empatia. O que muitos conhecem dos paraguaios, colombianos, bolivianos, entre outros, não passa daquilo que se anuncia no telejornal e/ou redes sociais. O resultado desse desconhecimento são os estereótipos. Assis (2008, p.121), expõe sua preocupação dizendo que “os estereótipos precisam ser banidos desse novo modelo de sociedade, em que não cabe mais mistificar este ou aquele tipo, apresentados, agora, como consequências dessa mistura”. O homem não é somente um ser social, é também múltiplo em suas culturas; é possuidor de culturas, as produzidas por ele no seu ambiente local de realidade e as adquiridas por via da globalização (BRITO, 2008, p. 86).

...o professor deve fazer com que o aluno desenvolva um senso crítico, a ponto de primeiro não criar estereótipos da cultura em questão, não pré-julgar ou fazer suposições sobre esta cultura sem realmente conhecê-la. Segundo, depois de adquirir conhecimentos sobre os aspectos culturais de determinada sociedade não caia no erro de achar que por determinado aspecto fazer parte da cultura daquele ou deste povo, todas as pessoas deste grupo o fazem (PROENÇA SILVA, 2009, p.25).

A origem desses estereótipos são resultados das mesclas culturais que provêm das migrações e deslocamentos dos povos e que vão formando as sociedades multiculturais. E na verdade, não há distinção entre o “eu” e o “outro”; portanto, o que há são similaridades e diferenças.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A sala de aula deve ser espaço de discussão de temas variados que permita a todos a expressão livre de suas ideias. Conviver com o diferente pode não ser tarefa fácil, pois implica em respeitar o ser humano em sua totalidade, reconhecendo que também ele o é para o outro uma pessoa diferente. Então, é importante para o aluno “...admitir as diferenças individuais e culturais e conviver bem com elas, sem preconceitos, sem discriminações, em suma, colocar-nos no lugar do outro” (GOETTENAUER, 2005, p. 64) e assim atingir a:

“...a superação de barreiras linguísticas e a transposição do “muro de Tordesilhas” que ainda separa o Brasil da América hispânica. Sendo assim, caberia indagar o que nós, brasileiros, temos em comum com peruanos, colombianos ou paraguaios, além da circunstância de vivermos num mesmo continente, e de descobrir nas semelhança e igualmente nos contrastes um dado enriquecedor. Não quero dizer que haja traços comuns entre brasileiros e espanhóis, muito pelo contrário. Acredito que podemos e devemos abrir o leque de afinidades e estender o olhar sobre a América Larina assim como para além do Atlântico” (GOETTENAUER, 2005, p. 65).

Refletindo sobre o que propõe Hall (2003, in: Assis, 2008) e trazendo seu pensamento para a realidade sala de aula de línguas, verifica-se que a aprendizagem de LE tem, além do caráter social, um caráter político e histórico.

Costuma-se colocar a cultura a reboque do ensino da gramática e do léxico, como se os aspectos culturais tivessem a única finalidade de ilustrar as aulas, evidenciar curiosidades sobre determinado



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

país o elaborar um mosaico de manifestações artísticas singulares. Os pratos típicos, a música, a dança, a literatura, a pintura etc. São apresentados desvinculados da história e do patrimônio de tradições. Penso que o grande desafio é inverter o processo: não a cultura a serviço da língua, mas a língua como componente cultural (GOETTENAUER, 2005, p. 65)

Pode-se o professor perguntar, como facilitar ao acesso à cultura ao aluno de LE, quais decisões devam ser tomadas. O ponto de partida é a tomada de consciência do que significa o ensino de língua espanhola, e com isso, “formar brasileiros capazes de interagir com estrangeiros falantes de espanhol” (GOETTENAUER, 2005, p. 66).

...recuperar o sentido da palavra formar, lembrar que uma de suas acepções, a que nos interessa, é educar. Nós, professores, somos educadores e contribuimos, uns mais outros menos, para a formação do caráter dos indivíduos a quem ensinamos. Seria um engano pensar que o professor de língua estrangeira pode se eximir dessa responsabilidade (GOETTENAUER, 2005, p. 66).

Estratégias de leitura ajudam a desenvolver esse lado formativo integral que cabe à educação. Levar o aluno a pensar além das palavras, do não dito, da entrelinha. Fazê-lo maior, motivá-lo a querer esta mudança para benefício próprio. É sensibilizá-lo para captar especificidades, não como aspectos “estranhos” ou “engraçados”, mas como traços inerentes do outro, indissociáveis de sua forma de viver e, conseqüentemente, de comunicar-se.

...para ser receptivo ao outro, o conhecimento de



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

si é indispensável... a questão aqui é a valorização da pessoa, o resgate da sua individualidade... como pessoa única, com sentimentos, opiniões e ideias próprias e importantes para os grupos dos quais faz parte, inclusive a classe de espanhol (GOETTENAUER, 2005, p. 66).

Não é possível, destacar todas as características de todos os países de língua espanhola nas aulas de LE. Não há tempo suficiente. Mas, através da interdisciplinaridade, muitas informações podem se tornar completas, enriquecidas pela LE. A interação entre os países pode ser percebida já nas primeiras aulas de LE, porém aumenta na medida em que a língua meta vai sendo incorporada através do estudo, da dedicação, das leituras, das músicas, enfim; do conhecimento de mundo que vai sendo alimentado. Assim, aos poucos, a teoria vai ganhando sentido, “mas é preciso construir estratégias de leitura de maneira a auxiliar o leitor a ultrapassar os primeiros níveis de leitura antes de alcançar a sua estrutura profunda” (FERNÁNDEZ, 2005, p. 111).

...a interação só é possível quando o falante consegue de fato incorporar a língua estudada, buscando dar sentido aos conhecimentos que adquiriu, não os sentidos da sua própria tradição cultural, baseados nos valores internalizados desde a infância, mas sim novos significados, a partir de novas perspectivas. Para interagir é preciso não estranhar, prejudicar e não discriminar; é preciso dançar conforme a música que o outro toca (GOETTENAUER, 2005, p. 69).

Não se esgotam as contribuições da literatura para os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alunos e demais leitores. O componente cultural leva diretamente à facilidade da comunicação, de troca de informações, de ideias e de construções de laços comerciais e, também profissionais. Para tanto, praticar o respeito e a tolerância são excelentes exercícios para acabar com o estereótipo e a discriminação, que muitas vezes, se encontram incutidas na nossa própria criação.

Assim, conhecer a cultura da língua que se quer aprender colabora não só para desconstrução de estereótipos e de algum tipo de preconceito que o falante venha a ter sobre a cultura em questão, como permite que o indivíduo tenha condições de se portar nos diferentes atos da linguagem de uma determinada língua (PROENÇA SILVA, 2009, p.18).

Afinal, o objetivo final do aprendizado de qualquer língua estrangeira é a possibilidade de comunicação.

### **Considerações finais**

Este artigo foi escrito com o fim último de estimular os professores de línguas a explorarem mais o texto literário nas aulas de Espanhol, com ou sem o apoio do livro didático, inclusive fora da sala de aula. Tão grande é sua riqueza, muitos destes textos são explorados apenas gramaticalmente.

O aluno quando entra em contato com a literatura, exercita muito mais a língua meta e a sua própria língua. Descobre-se capaz de conhecer novos mundos e outros olhares. Encontra-se consigo mesmo e com os outros e enriquece sua vida.

A literatura hispano-americana é destacada pelo fato



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de estar tão perto do Brasil e ao mesmo tempo tão longe dos brasileiros. A sua história tem a ver com a nossa história, suas lutas tem a ver com as nossas lutas, e mesmo assim, não lhe é dado o devido valor.

Impossível é estudar uma língua desvinculada da sua cultura raiz, uma complementa a outra, enche de sentidos e engrandece a quem aprende. A sala de aula é o melhor lugar para explorar a literatura como componente social, pois é um espaço de diversidade. Nela tudo se mistura, e por que não nos abrir para esta nova forma de viver e de aprender.

### Referências

- ASSIS, Joziane Ferraz de. “A cultura na aula de espanhol como língua estrangeira: relato de experiência” *In Revista: Educação em Destaque* . V. 1, n2. Juiz de Fora: 2008.
- BRASIL, Magnólia. “Superar as diferenças para encontra-se no outro: a literatura espanhola na sala de aula brasileira” *In Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos* . ABEH: 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica . **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias . Língua estrangeira moderna** . Brasília: MEC, 1999. pp 49-63.
- BRITO, Sara Araújo. **Identidade(s) multicultural(is) latino-americana(s) e ensino/aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira: a contribuição da geração MacOndo**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. Niterói:2008.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos** .Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. v. 1.
- CÁRCAMO, Silvia. “*La literatura en La formación y en La práctica del profesor*” *In Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos* . ABEH: 2007.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- GOETTENAUER, Elzimar. “Espanhol: língua de encontros” *In O ensino do espanhol no Brasil*. São Paulo: Ed. Parábola, 2005.
- LAJOLO, Marisa. *Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos que uma solução*. Editora Ática: São Paulo, 1988.
- JOZEF, Bella. “Brasil e América Latina: práticas culturais e considerações sobre o ensino de Espanhol” *In Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos*. ABEH: 2007.
- LEIBRANDT, Isabella. “El aprendizaje intercultural a través de la literatura” *In Revista Espetáculo*, 2006, n32. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero32>>. Acesso em 14 de agosto de 2012.
- MARTINEZ, Andriana Binati. *A literatura hispano-americana como processo formativo*. 2009. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais\\_paginas\\_%200-502/A%20literatura%20hispano-americana.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%200-502/A%20literatura%20hispano-americana.pdf)>. Acesso em 15 de nov de 2011.
- \_\_\_\_\_. *A Literatura como processo formativo*. Unicentro: 2009.
- PAZ, Octavio. “Alrededor de la literatura hispano-americana” *In Mediaciones*. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- REIS, Livia de Freitas. “Relações literárias Brasil - América-hispânica” *In Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos*. ABEH: 2007.
- SANTOS, Ana Cristina. “El texto literario y sus funciones en clase de E/LE: de la teoría a la práctica” *In Anuário Brasileiro de Estudos Hispânicos*. ABEH: 2007.
- TRAITÉ, Javier. *Historia torcida de a Literatura: Los grandes clásicos como nunca te lo han contado*. Principal: Barcelona: 2010.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi. *Ensino de literatura: possibilidades e alternativas*. 2009. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino\\_de\\_literatura\\_.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf)>. Acesso em: 21 de nov de 2011.
- BOEDO, Julia Sueldo. *Descubrir el placer de la Lectura en Las clases de español en La escuela*. Ed. Secretaria General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. São Paulo: 2008.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

FAI, Silvanly Chong Reisd Don. **Los materiales auténticos em Las clases de gramática.** Ed. Secretaria General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. São Paulo: 2005.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. “Competencia lectora. O capacidad de hacerse com el mensaje de un texto”. **Rede ELE- Revista Eletrônica de Didática/Español Lengua Extranjera**, nº 03, 2005.

FERRARI, Andrea. **La literatura infanto-juvenil y su presencia en La escuela.** Ed. Secretaria General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. São Paulo: 2006.

GUILLEMAS, Raquel Romero. **Lengua Literaria - Lengua común.** Ed. Secretaria General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. São Paulo: 2001.

PROENÇA SILVA, Ronilda. **O componente sociocultural no ensino de língua espanhola .** Monografia - Faculdade de Telêmaco Borba: Telêmaco Borba, 2009.

SASSET, Rosane Salete. **Caminhos de uma América não explorada: a viagem de posse nas pegadas de Cabeza de Vaca.** Ed. Secretaria General Técnica, Subdirección General de Información y Publicaciones. São Paulo: 2002.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Estratégias argumentativas em A Fazenda da Rede Record

Por: Alex Caldas Simões<sup>30</sup>

axbr1@yahoo.com.br

### Resumo

Como se deu a argumentação dos peões no reality show A fazenda 4? Que tipo de argumentos foram selecionados? Como estes foram organizados? Analisaremos em nossa exposição um vídeo gravado pelo participante Marlon com o objetivo de depreender as imagens de si produzidas pelo próprio participante que favorecem a sua argumentação. Como referencial teórico-metodológico utilizaremos as teorias de argumentação de Perelman, Charaudeau e Amossy. Concluimos que o vídeo defendeu a tese “torçam por mim” e se dirigiu prioritariamente aos fãs da dupla. Nesse sentido, Marlon constrói imagens discursivas que se constroem a partir de uma doxa de bom moço/romântico. De seus argumentos construímos o ethos de decisão, honestidade, justiça/heroísmo, romance, beleza e sensibilidade. Podemos dizer ainda que sua argumentação se assemelha às argumentações típicas das do domínio político.

**Palavras-chave:** Argumentação; Mídia; Análise do Discurso; Ethos.

### Abstract

*How did the arguments of pedestrians on reality show The Farm 4,? What kind of arguments were selected? How were they organized? We will review our exposure in a video recorded by the participant Marlon aiming to infer the images produced by the participant themselves that favor your argument. How we use theoretical and methodological theories of argument Perelman, Charaudeau and Amossy. We conclude that the video defended the thesis "cheer for me" and addressed primarily to fans of the*

30 É doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa – UFV E Graduado e Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. É servidor público federal, docente EBTB de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*duo. Accordingly, Marlon discursive constructs images that are constructed from a doxa of good guy / romantic. In his arguments built the ethos of decision, honesty, justice / heroism, romance, beauty and sensitivity. We can also say that his argument resembles the typical arguments of the political domain.*

**Keywords:** *Argumentation; Media; Discourse Analysis; Ethos.*

## Introdução

A argumentação, como é sabido (MENEZES, 2006; CHARAUDEAU, 2008), está em todos os lugares e se apresenta das mais diversas formas, seja ela em práticas sociais formais ou informais. A “partir do momento em que argumentamos acerca de um objeto do mundo, estamos agindo sobre alguém, buscando inseri-lo em um quadro específico de crenças e convicções possíveis no interior de uma determinada comunidade de fala. (MENEZES, 2006, p. 87).

O processo argumentativo foi refletido por Aristóteles, ainda na Grécia antiga, como retórica, ou seja, como a “[...] faculdade de descobrir, especulativamente em qualquer dado, o persuasivo [...]” (ARISTÓTELES, *apud* OSAKABE, 1979, p. 140). A retórica, dessa forma, seria uma ciência específica que trata da própria persuasão. A partir de sua instituição, segundo os estudos de Cavalcante (2008) sobre Zoppi-Fontana, o mundo antigo deixou de tratar os fatos e as realizações do dia-a-dia como sendo mágicos ou ligados a divindades e passou a considerá-los como resultado da ação da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguagem. Surge, então, naquele período, a necessidade da criação das escolas de persuadir, com destaque especial para a figura dos professores de retórica, os sofistas.

Aristóteles, segundo William Menezes (2006), entendia que o processo persuasivo era centrado em três figuras: a do orador, a do auditório e a do discurso. Sendo assim, a atenção do processo persuasivo deveria recair sobre o

caráter do orador ou imagens de si que este apresenta no seu discurso para obter a adesão do outro; nas perspectivas que este mostra para obter a adesão do outro, as paixões e os sentimentos que propiciam a felicidade do ato discursivo; na constituição discursiva (formas e estilos); e na racionalidade persuasiva (entimemas e exemplos) que este apresenta para alcançar a aquiescência do outro em fatos que já estamos habituados a pôr em deliberação. (MENEZES, 2006, p. 90-91).

Muitos outros pesquisadores, além de Aristóteles, estudaram a retórica com posicionamentos teóricos distintos e específicos, ora retomando-o, ora, em partes, refutando-o. Segundo Osakabe, retórica pode ser entendida para Ducrot como “o conjunto de fatores que individualiza o sentido” (1979, p. 132). Para Pêcheux retórica pode ser entendida como “algumas operações que se estabelecem entre os enunciados para a formação de um discurso” (1979, p. 33). Já para Grimes retórica pode ser entendida como “tipo de proposições e um tipo de relações semânticas, pertencentes à organização do conteúdo” (1979, p. 133). Diante dessas asserções, Osakabe (1979) conclui que os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

três autores chamam de retórica todo elemento que ultrapassa, em certa medida, o nível de informação imediata dada. “Do conjunto de suas idéias poder-se-ia deduzir que o ‘retórico’ cobre o lugar onde o sentido dos enunciados se combina com o sentido de outros enunciados, num quadro onde entra em jogo a individualidade do sujeito falante e seu contexto” (OSAKABE, 1979, p. 135).

Coelho (1996), em prefácio à edição brasileira da obra *Tratado da argumentação* de Perelman e Tyteca, evidencia que Aristóteles postulava duas formas de raciocinar: por demonstração analítica<sup>31</sup> ou por argumentação dialética<sup>32</sup>.

Dessa forma, não haveria uma hierarquização entre essas duas formas de raciocinar. Entretanto, como indica Perelman, a ciência positivista só considerava racional um fato quando este era pautado em evidências e não em verossimilhanças. Descartes, pai da ciência positivista, então, segundo Perelman e Tyteca (1996, p. 2), “[...] [estava] está convencido de que as únicas provas válidas são as provas reconhecidas pelas ciências naturais” – ou seja, aquelas que são passíveis de serem verificadas, que passam pela forma aristotélica analítica de pensar.

---

31 A demonstração analítica, “[...] se traduz numa demonstração fundada em proposições evidentes, que conduz o pensamento à conclusão verdadeira, sobre cujo pensamento se alicerça toda a lógica formal [...]” (COELHO, 1996, p. 6).

32 A argumentação dialética “[...] se expressa através de um argumento sobre enunciados prováveis, dos quais se poderiam extrair conclusões apenas verossímeis, representando uma forma diversa de raciocinar” (COELHO, 1996, p. 7).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Perelman, contudo, desconsidera as proposições de Descartes e propõe uma nova concepção de pensamento científico pautada, por sua vez, em uma maneira dialética de raciocinar. Ele, então, elabora o seu tratado de argumentação. Segundo Osakabe, Perelman “redefiniu a retórica sob dois pontos fundamentais: dilatou a extensão de seu campo, que passa a compreender toda manifestação discursiva que visa à adesão do ouvinte, e reduz a tipos básicos os ‘lugares’. Além disso, salientou a natureza temporal da argumentação e, conseqüentemente, seu caráter não restritivo” (1979, p. 164).

A importância dos estudos de Perelman, portanto, segundo Coelho (1996, p. 14), se dá na medida em que Perelman redefiniu o conceito de dialética da antiguidade e postulou novos conceitos complementares a este, tais como auditório interno, auditório universal, entre outros.

A nova retórica – como ficaram conhecidas as principais postulações de Perelman – passou, segundo Mayer (1996, p. 20), a se constituir em um “discurso do método de uma racionalidade.” Para agir Perelman pensou na argumentação “que raciocina sem coagir (PERELMAN; TYTECA, 1996, p.21).”

Diante desse panorama teórico-científico sobre a argumentação, pretendemos em nosso artigo observar na prática como é estruturada e articulada uma argumentação específica a partir das proposições teóricas de Perelman (1984), Perelman e Tyteca (1996), Amossy (2005a, 2005b) e Charaudeau (2008).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Salientaremos nesse processo a importância de uma das figuras centrais da argumentação: o orador e seu caráter na sustentação da tese *torçam por mim* construída pelo participante Marlon (da dupla sertaneja Marlon & Maicon) no reality show A Fazenda 4 (2011/2). Afinal, que tipo de argumentos foram selecionados? Como estes foram organizados? Com base nessas questões de pesquisa, analisaremos um vídeo gravado pelo participante Marlon com o objetivo de depreender as imagens de si produzidas pelo próprio participante que favorecem a sua argumentação.

A fim de facilitar a nossa exposição, dividiremos nossa pesquisa em duas seções principais: a que discute as proposições teórico-argumentativas de Perelman, Perelman e Tyteca, Amossy, e Charaudeau; e a que analisa as imagens discursivas formuladas pelo fazendeiro Marlon em articulação com as teorias supra-citadas.

### Referencial teórico-metodológico

Argumentação pode ser entendida aqui, segundo Perelman (1984, p. 234), como o processo de “fornecer argumentos, ou seja, razões a favor ou contra uma determinada tese.” Este processo enfatiza um raciocínio científico pautado em um silogismo dialético – ou seja, na argumentação que é própria das ciências humanas e mutável com o tempo – em detrimento de um raciocínio científico baseado em um silogismo analítico – ou seja, na demonstração, que é própria das ciências



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

matemáticas e imutável com o tempo.

Dentre as suas postulações podemos destacar os conceitos de auditório, de orador e de discurso. O primeiro, portanto, se refere ao “[...] conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso [...]” (PERELMAN, 1984, p. 237) que se classifica em: universal<sup>33</sup>, interlocutor<sup>34</sup> e o próprio sujeito<sup>35</sup>.

Sobre a formulação de auditório Osakabe (1979, p. 162) afirma que “é preciso considerar que este conjunto [que é o auditório, como apresentado acima] é uma imagem que o orador cria, segundo seus objetivos.”

Por sua vez o *orador* e o *discurso* de Perelman se constituem em figuras teóricas que podem ser assim resumidas: “[o] discurso, ele faz equivaler à própria argumentação; o orador é aquele que apresenta a argumentação [...]” (MENEZES, 2006, p. 91).

Dessa forma, podemos entender que é o próprio orador que cria uma imagem do auditório a partir de seus propósitos argumentativos, e de certos estereótipos sociais construídos sócio-historicamente<sup>36</sup>. No “momento em que toma palavra, o orador

---

33 Teoricamente comportaria toda humanidade. Isso, entretanto, é impossível de alcançar, conforme indica Cavalcanti (2008).

34 Formado somente por uma pessoa a qual o orador se dirige.

35 Ou seja, quando o próprio orador delibera consigo mesmo.

36 Estereotipagem corresponde a um processo fundamental na estruturação do ethos: segundo Amossy (2005b p. 125), “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

faz uma ideia de seu auditório e da maneira pelo qual será percebido; avalia sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo. (AMOSSY, 2005b, p. 125). Cabe destacar aqui, ainda segundo Amossy (2005b) que o orador acredita na doxa<sup>37</sup> e a utiliza para que o auditório a sua frente realize a adesão a sua tese. Com isso podemos notar que a argumentação se realiza por meio da construção de imagens discursivas entre o orador e o auditório e não por meio das pessoas reais da situação de comunicação: “[é] a representação que o enunciador faz do auditório, as idéias e as realizações que ele apresenta, e não sua pessoa concreta, que moldam a empresa da persuasão” (AMOSSY, 2005b).

Para bem argumentar, Perelman (1984) indica que o orador deve evitar as petições de princípios<sup>38</sup>. Para isso é necessário, então, que este: (i) conheça previamente as teses adotadas pelo auditório através de um *diálogo platônico* ou de uma “suposição” de teses; (ii) argumente com uma comunidade que esteja aberta à discussão e ao aceite de novas teses (Cf. CAVALCANTI, 2008); e (iii) estabeleça um contato positivo com o auditório (Cf. CAVALCANTI, 2008).

O sucesso na argumentação, como indica Amossy

---

37 Doxa, segundo Amossy (2005b, p. 125) corresponde ao “saber prévio que o auditório possui sobre o orador”.

38 Petições de princípios correspondem a uma “[...] falta de lógica relativa à demonstração [...]” (PERELMAN, 1984, p. 240), ou seja, uma verdade que não é incontestável.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(2005b), se dará quando na troca comunicativa à imagem do auditório corresponda a imagem do orador. Charaudeau (2008, p. 56) conceitua esse processo como condições de sucesso, ou seja, quando há “coincidência entre o sujeito interpretante (TUi) e o destinatário (TUd)”<sup>39</sup>.

A argumentação em geral, segundo Perelman (1984) se estrutura a partir de alguns elementos, tais como: (a) juízos de valor; (b) valores concretos ou abstratos, homogêneas ou heterogêneas; (c) dos Lugares do preferível, aqueles lugares comuns e válidos em todos os lugares<sup>40</sup>.

Para Osakabe (1979), em seus estudos sobre Perelman, são os lugares da quantidade e da qualidade que organizam todos os outros.

Perelman (1984) indica que dentre as diversas teses possíveis o orador escolhe algumas de acordo com os valores e lugares do preferível que queira destacar em sua argumentação.

39 Todo ato de linguagem, segundo Charaudeau (2008), é estruturado por 4 sujeitos de linguagem, dois de produção (sujeito comunicante e sujeito destinatário) e dois de interpretação (sujeito enunciador e sujeito interpretante): “[o] EUe (sujeito enunciador) é um sujeito da fala (como o TUd) realizado e instituído na fala [...], [o] EUC (sujeito comunicante) é um sujeito agente (como o TUi), localizado na esfera externa do ato de linguagem [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 52); [o] TUi [sujeito interpretante] é o sujeito responsável pelo processo de interpretação [...] (CHARAUDEAU, 2008, p. 46); [o] TUd é o interlocutor fabricado pelo EU[c] [sujeito comunicante] como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação (CHARAUDEAU, 2008, p. 45).

40 Alguns lugares do preferível: os específicos (próprios a certas disciplinas); os de quantidade (superioridade/inferioridade, etc.); os de qualidade (caráter de raridade), os da ordem (anterior/posterior, etc.); os do existente (justificando, etc.); os da essência (o que é superior, ou o que representa a essência); e os da pessoa (o que se liga as pessoas).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estas escolhas, portanto, são tendenciosas, pois elas revelam a presença do orador na argumentação, presença esta que pode ser entendida como presença à consciência e não como presença efetiva (física). Com isso queremos dizer que a presença a que nos referimos deve ser interpretada como a imagem/argumentos produzidos pelo orador que ficaram gravados no auditório.

Para formar sua presença o orador utiliza algumas “figuras de presença”, tais como repetição, anáfora, metáfora, etc. – as conhecidas figuras de estilo. Cabe salientar que as figuras de estilo não são argumentativas (persuasivas), a menos é claro que elas não sejam percebidas como ornamento – ou seja, que seu uso seja natural.

O orador na argumentação, segundo Perelman (1984), tende a indicar ao auditório como este deve interpretar suas teses para que o mesmo compreenda sua mensagem de maneira clara, sem ambigüidades. É preciso, portanto, “[...] compreender a mensagem de uma maneira adequada à vontade daquele que a emite” (PERELMAN, 1984, p. 245).

A argumentação visa “[...] intensificar a adesão do auditório a certas teses apresentadas pelo orador [...]” (PERELMAN, 1984, p. 246). Para isso o orador utiliza algumas técnicas argumentativas. Dentre elas estão as técnicas de *aspectos positivos*<sup>41</sup>, que são os argumentos de ligação que se

41 Os argumentos da ordem do positivo podem se manifestar: (a) por meio de “argumentos quase lógicos”, aqueles que lembram raciocínios formais (ex: repetição de palavras, comparações, etc.); (b) por meio de “argumentos formados sobre a estrutura do real”, ou seja, aqueles que se estruturam



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vinculam as teses admitidas pelo auditório. Neste aspecto Perelman discorre sobre o *ethos* do orador, ou seja, sobre a “impressão que o orador dá de si mesmo” (PERELMAN, 1984, p. 257).

Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. Lembrando os componentes da antiga retórica, Roland Barthes define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo. O autor retoma assim as idéias de Aristóteles, que afirmava em sua *Retórica*: “é [...] ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão.” (AMOSSY, 2005a, p. 10).

Perelman (1984, p. 257) também discorre sobre os “argumentos que fundam a estrutura do real”, ou seja, aqueles estruturados por meio de exemplos e analogias, ora utilizados para indicar uma regra (lei), ora utilizados para indicar uma particularidade (quebra da regra).

O orador, segundo Perelman (1984), também pode utilizar algumas técnicas argumentativas de *aspectos negativos*, ou seja, ele pode utilizar alguns argumentos de dissociação que pretendem romper com as teses admitidas pelo auditório – aquelas que se dirigem para uma incompatibilidade com os aspectos do real indicados pelo orador.

---

por sucessão de fatos (causas e efeitos); ou (c) por meio da coexistência, ou seja, da relação dos indivíduos com seus atos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quanto a sua organização, Perelman (1984) indica que os argumentos devem ser organizados em função da “pertinência”<sup>42</sup> e da “força argumentativa”<sup>43</sup>. Quanto à ordem, destes argumentos Perelman (1984) indica que o orador deve ter em mente que: (1) seus argumentos vão mudando de acordo com o efeito destes em seu auditório; (2) a ordem dos argumentos é um elemento imposto – o auditório os regula –; (3) o orador para argumentar precisa primeiramente ser ouvido; e (4) o auditório precisa estar mais ou menos apto a acolher novas teses para que o orador consiga bem argumentar.

Antes de iniciarmos a nossa análise cabe aqui realizarmos alguns esclarecimentos quanto à associação dos autores Perelman e Tyteca (1996), Amossy (2005) e Charaudeau (2008). Primeiramente Amossy (2005b) em suas pesquisas afirma que utiliza a expressão *orador* de Perelman como sinônimo de locutor<sup>44</sup>; e utiliza a expressão *auditório* de Perelman como sinônimo de alocutário<sup>45</sup>.

Ainda podemos dizer que a autora (2005b) cita Ducrot

42 A pertinência se define em relação ao auditório e em relação à tese defendida.

43 A força argumentativa não pode ser medida, mesmo assim pode ser calculada por meio da comparação com situações semelhantes. Os argumentos serão bons argumentos/argumentos fortes quanto menor for a sua possibilidade de refutação nos ambientes selecionados.

44 Locutor (EU) segundo Benveniste (1989) é aquele que instaura a enunciação, ou seja, locutor é aquele que toma a língua em funcionamento, com todos os seus índices específicos e procedimentos acessórios, com o intuito de produzir enunciados – “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 83).

45 Alocutário (TU), segundo Benveniste (1989) é aquele que é instaurado na enunciação e está diante do locutor.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em suas pesquisas sobre ethos para estabelecer a diferença entre o enunciador (ser do discurso locutor (L)) e o autor empírico (ser do mundo ( $\lambda$ )). Com isso ela indica que o ethos se liga ao locutor L (ser discursivo) e não ao autor empírico da enunciação.

Charaudeau (2008), por sua vez, divide a figura do orador – embora ele não o conceitue como tal – em dois sujeitos: o sujeito comunicante (EUc – ser real) e o sujeito enunciador (EUe – ser do discurso). De forma análoga ao estudo de Ducrot, podemos dizer, portanto, que o ethos se liga nas pesquisas de Charaudeau (2008) a figura do EUe. Ainda podemos considerar, segundo Menezes (2006, p.96), que toda argumentação é caracterizada “por uma relação triangular em que um *sujeito argumentante* se dirige a um *sujeito alvo*, com ênfase numa *tese* sobre o mundo”. Segundo Charaudeau (2008) para que haja argumentação são necessários, então, três elementos: o sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo, e um sujeito alvo.

Para Menezes (2006) o *sujeito argumentante* – assim como o orador de Perelman – tenta explicar por meio de uma racionalidade um fenômeno, surge, então, a persuasão. Busca-se nesse processo que o outro a sua frente (o sujeito alvo para Charaudeau (2008) ou auditório para Perelman (1984)) compartilhe com ele um certo universo discursivo. Tendo esse objetivo em mente, o *sujeito argumentante* “coloca em cena um conjunto de procedimentos” (MENEZES, 2006, p. 96) que se centram, em sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

maioria, no modo argumentativo do discurso, não excluindo, portanto, os outros modos de argumentação, narrativo, descritivo e elocutivo. O modo argumentativo é descrito por Charaudeau (2006, p. 202) como a “arte de persuadir”.

Menezes (2006) salienta que esta forma de pensar a argumentação não corresponde aos postulados da pragmática de Ducrot – que vê a argumentação como um fenômeno já inscrito na língua. Entretanto, para Menezes (2006), concordando com Plantin, “[todo] uso da linguagem em situação comporta uma dimensão argumentativa ou modo de organização, mesmo quando não se tem um projeto de persuasão no sentido dado pela retórica clássica ou pelo *Tratado da argumentação*” (MENEZES, 2006, p. 97). É por esse motivo que acreditamos que a nossa análise argumentativa é possível. Afinal, também há argumentação em gêneros do discurso do domínio midiático (jornalístico), como o gênero entrevista (HOFFNAGEL, 2007), uma vez que eles não são imparciais e cada pergunta realizada revela, em alguma medida, aspectos da subjetividade do repórter/entrevistador (FERREIRA, 2010).

Com base nessas inter-relações teóricas entre Perelman (1984), Perelman e Tyteca (1996), Amossy (2005a, 2005b) e Charaudeau (2008) podemos analisar qualquer *corpus* argumentativo por meio das imagens formadas entre os sujeitos da argumentação e pelos demais elementos discursivos específicos desta ação. Sendo assim, por meio desse arcabouço teórico, na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seção seguinte, observaremos nosso *corpus* de estudo, o vídeo *EXCLUSIVO: 5 minutos antes de Marlon entrar em "A Fazenda"* do cantor Marlon, da dupla Marlon e Maicon.

### **Analisando a argumentação de Marlon em A fazenda 4 da Rede Record** <sup>46</sup>

A Fazenda é mais um dos reality shows da TV aberta. Depois de Casas dos Artistas (SBT) e Big Brother Brasil (GLOBO), o reality da Record foi o mais assistido da atualidade e contou em sua quarta edição com a apresentação de Britto Júnior e direção de Rodrigo Carelli. Em sua quarta edição, contou com a participação de (Ver figura 1): Ana Markun (atriz), Compadre Washington (ex-vocalista do grupo É o Than), Dinei (ex-jogador do Corinthians), Duda Yankovich (boxeadora), François Teles de Medeiros (modelo), Joana Machado (ex-namorada do jogador Adriano), João Kleber (apresentador), Marlon (cantor da dupla sertaneja Marlon & Maicon), Bruna Surfistinha (ex garota de programa e escritora), Renata Banhara (modelo), Taciane Ribeiro (modelo), Thiago Gagliasso (ator e irmão de Bruno Gagliasso), Valeska Popozuda (funkeira), Gui Pádua (Paraquedista radical) e, por fim, Monique Evans (apresentadora e modelo), sendo seguida por Dani Bolina (Modelo e ex-paniquete). O vencedor dessa edição foi a modelo Joana Machado.

---

<sup>46</sup> Cabe ressaltar aqui que as transcrições aqui realizadas, por não se constituírem em objeto da análise da conversação, formam transcritas na forma escrita corrente – pausas, hesitações e demais características da oralidade foram suprimidas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Marlon, participante que será focado em nossa pesquisa, era tido como favorito no jogo e foi o último homem a ser eliminado, restando Joana Machado, Raquel Pacheco e Monique Evans. Ele foi o décimo primeiro peão a ir para roça e ser eliminado.

### **O peão Marlon de A fazenda: argumentações e representações discursivas**

O vídeo que serviu de base para nossa análise constitui-se em uma entrevista dada por Marlon 5 minutos antes de entrar em A Fazenda 4. Em nosso *corpus* de pesquisa, Marlon se apresenta com roupas casuais (camisa xadrez com camisa em V branca, calça escura jeans, anel e anel de casamento). Todo o vídeo é gravado em *close* (extremo), onde se enfoca os olhos, nariz e a boca. Ao que nos parece Marlon está sentado e responde as perguntas em um ambiente tranquilo, colorido e casual. Há na entrevista, um certo ar de intimidade e segredo, como sugere o repórter da entrevista ao sinalizar o título do vídeo com a palavra *exclusivo*, sem contar o *close* excessivo da filmagem.

Durante a entrevista, Marlon sinaliza, como nós também identificamos, que há um *Marlon cantor* e o *Marlon de verdade* (cf. Excerto 3, linha 15 e 16). Em se tratando de análise linguística, podemos identificar um EU discursivo (EUe, cf. CHARAUDEAU, 2008)) e um EU real (EUc, cf. CHARAUDEAU, 2008). Quando Marlon (o orador, locutor ou sujeito



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

argumentante) indica o *Marlon cantor* ele sinaliza a existência de um EU do discurso presente no imaginário de seus fãs. Identificamos esse imaginário, a doxa (AMOSSY 2005a; 2005b), como sendo a de um EU discursivo (EUE) de um *bom moço/romântico*, aquele que ama, é correto, fiel, sincero e carinhoso, ou seja, um homem perfeito para casar com qualquer mulher. Essa imagem discursiva corresponde exatamente ao EU lírico (ou discurso) de suas canções, como em *Por te amar assim*, onde um eu apaixonado sofre em silêncio porque uma mulher não o quer mais.

A tese do orador em sua argumentação é *vocês torcem por mim aqui no jogo* (cf. excerto 8, linha 8), escrito de maneira mais formal temos: *Torçam por mim*. Essa tese é dirigida prioritariamente a um auditório interlocutor, composto por fãs (mulheres) da dupla Marlon & Maicon. A tese levantada pelo orador se sustenta por muitos argumentos, que independentemente da ordem, nos levam exatamente a aumentar e/ou realizar a adesão do auditório à tese do cantor. De nossa análise, podemos dizer que a maior parte dos argumentos utilizados pelo orador são de *aspecto positivo* (PERELMAN; TYTECA, 1996; PERELMAN, 1984), ou seja, são argumentos que se articulam com teses já admitidas pelo auditório. Nesse sentido, toda a argumentação do orador (EUC = Marlon) se pauta na doxa de cantor romântico e de participante de reality show.

A própria entrevista, que não é imparcial, mas subjetiva (FERREIRA, 2010), salienta imagens da doxa e espera



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que o orador aceite ou discorde dessas imagens. A doxa invocada recai sobre os imaginários de reality shows e sobre o cantor Marlon. O orador, então, buscando evitar as petições de princípio (PERELMAN, 1984; PERELMAN; TYTECA, 1996), admite as teses já compartilhadas pelo auditório, como as advindas do imaginário de reality show (a) *todos tem uma estratégia no jogo* (cf. Pergunta pressuposta<sup>47</sup> do Excerto 2), (b) *todos sentem saudade de alguém Lá dentro* (cf. Pergunta pressuposta do Excerto 3), (c) *todos são escolhidos por algum motivo* (cf. Pergunta pressuposta do Excerto 5); e as advindas do imaginário sobre o cantor Marlon (a) *ele é calmo, não se irrita* (cf. Pergunta pressuposta do Excerto 7), (b) *ele gosta de cozinhar* (cf. Pergunta pressuposta do Excerto 6), (c) *ele é bonito* (Cf. Afirmação pressuposta do Excerto 5, linha 1 e 2, onde Marlon

---

47 Entendemos pressuposto como o faz Ducrot, como uma das formas de se perceber o implícito (Cf. CABRAL, 2011). O pressuposto é um procedimento não-discursivo que está na significação do enunciado. Ele, portanto, não é um subentendido, que depende do raciocínio do interlocutor (Cf. CABRAL, 2011). Assim, para sua existência é preciso alguns apoios linguísticos. Na pergunta *you already have a strategy?* (Cf. Excerto 2) a escolha do advérbio *already* nos indica que estamos diante de um pressuposto, pois o *already* pode ser analisado como um marcador aspectual ou iterativo, onde há uma expressão temporal que marca mudança ou ação realizada (Cf. CABRAL, 2011). O mesmo podemos dizer do enunciado *for what reason you think you were chosen* (Cf. Excerto 5) e do enunciado *you miss someone there* (Cf. Excerto 3). Ambos apresentam apoios linguísticos identificados como interrogativas parciais, onde apenas um dos componentes do estado de força é desconhecido (Cf. CABRAL, 2011). Não nos cabe aqui realizar uma análise exaustiva dos enunciados de nosso *corpus* de estudo, é por isso que resolvemos apenas indicar, no corpo textual de nossa pesquisa, somente algumas conclusões pressupostas, que em nossa análise, correspondem à construção de teses admitidas pelo auditório e que pertencem a doxa (Cf. AMOSSY, 2005a, 2005b).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

antecipa a resposta do auditório).

As teses admitidas pelo orador se ligam ao imaginário de *bom moço/romântico*. O orador, nesse sentido, parece ancorar toda a sua argumentação nessa construção. É dessa doxa, portanto, que surge o nosso ethos-prévio (AMOSSY, 2005a; 2005b) sobre o Marlon.

Das teses admitidas pelo orador que também são admitidas pelo auditório, surgem os argumentos do orador que sustentam a tese *torçam por mim*, são eles:

Nº	Argumentos selecionados pelo orador (ordem de aparecimento dos argumentos indicados pela numeração)	Tese
1	<i>Eu não sou hipócrita</i> (Cf. Excerto 2, linha 1 e 2)	... logo torçam por mim.
2	<i>Eu vou entrar para ganhar os dois milhões</i> (Cf. Excerto 2, linha 1; Excerto 4, linha 2)	
3	<i>Eu sou muito emotivo, choro muito</i> (Cf. Excerto 3, linha 3)	
4	<i>Eu vou tentar ser um bom jogador</i> (Cf. Excerto 3, linha 9)	
5	<i>Eu vou tentar ser quem eu sou</i> (Cf. Excerto 3, linha 9 e 10)	
6	<i>Eu vou lá para ser um fazendeiro, pra fazer polêmica, pra ser polêmico, mas eu vou com a minha cara com a minha personalidade</i> (Cf. Excerto 3, linha 14 e 15)	
7	<i>Eu cuido de minha aparência</i> (Cf. Excerto 5, linha 2)	
8	<i>Eu acho que eu vou causar polêmica e eu vou procurar ser diferente</i> (Cf. Excerto 5, linha 8 e 9)	
9	<i>Eu adoro cozinhar, eu sou um cozinheiro de mão cheia</i> (Cf. Excerto 6, linha 1 e 2)	
10	<i>Vô defender os mais fracos</i> (Cf. Excerto 7, linha 4)	
11	<i>Não gosto de injustiça. Não gosto de covardia</i> (Cf. Excerto 7, linha 6 e 7)	



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(Tabela 1 – Tese e argumentos utilizados pelo orador em sua argumentação)

A fim de ganhar a confiança do auditório o orador seleciona argumentos que se ligam às teses admitidas pelo auditório, ou seja, como o auditório acredita que Marlon é um *bom moço/romântico* ele seleciona argumentos que colaboram na construção dos ethos de: *decisão* (cf. Argumento nº 2 e 4, cf. Excerto 2, linha 1; Excerto 4, linha 1; Excerto 3, linha 9), *honestidade* (cf. Argumento nº 1 e 5, cf. Excerto 3, linha 1 e 2; Excerto 3, linha 9 e 10), *justiça/heroísmo* (cf. Argumento 10 e 11, cf. Excerto 7, linha 4; Excerto 7, linha 6 e 7), *romance* (cf. Argumento 9, cf. Excerto 6, linha 1 e 2), *beleza* (cf. Argumento 7, cf. Excerto 5, linha 2) e *sensibilidade* (cf. Argumento 3, cf. Excerto 3, linha 3).

O argumento nº 6 e nº 8 parece destoar da construção argumentativa, por se referir a “causar polêmica”. Esses argumentos se ancoram em representações do imaginário dos representantes de reality shows. Acreditando que esses argumentos são importantes, o orador os mantém em seu discurso, mas os atenua com advérbios, como o *mas*, e verbos, como o *achar*. Ou seja, ele enfraquece esses argumentos enfatizando que *ele vai ser ele no jogo* e que *acha* (não tem certeza) que irá ser polêmico. Há justificativa dos argumentos, pois eles são de aspecto negativo (PERELMAN; TYTECA, 1996; PERELMAN, 1984), ou seja, são argumentos que visam romper com aquilo que o auditório acredita. Apesar da repetição dos argumentos, eles parecem ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de menor força na argumentação do orador.

Feitas as nossas análises sobre a argumentação em A Fazenda 4, passaremos na seção seguinte as nossas considerações finais sobre o assunto.

### Conclusões e Implicações

Em nossa exposição nos propomos a investigar a argumentação em A Fazenda 4 (2011/2) da rede Record. Como *corpus* de pesquisa analisamos um vídeo do peão Marlon (da dupla Marlon & Maicon), que foi gravado 5 minutos antes dele entrar na Fazenda. A partir dessa entrevista (HOFFNAGEL, 2007) iniciamos a nossa incursão na argumentação de Marlon. A primeira observação que fizemos se refere à construção subjetiva da entrevista (FERREIRA, 2010), ou seja, o repórter/entrevistador ao enunciar suas questões parte de uma doxa (AMOSSY, 2005a, 2005b), em nossa pesquisa de um *bom moço/romântico*, e a apresenta ao entrevistado, cabendo a ele aceitar ou não o que lhe foi apresentado, no nosso caso o entrevistado assume essa doxa de *bom moço/romântico*, ou seja, o orador constrói em seu discurso um E<sub>U</sub>e (CHARAUDEAU, 2008) de *bom moço/romântico*. Essa doxa ativada pelo repórter/entrevistador, corresponde ao *ethos-prévio*, como diria Amossy (2005a, 2005b).

A partir dessas imagens ativadas, o orador (E<sub>U</sub>c) inicia sua argumentação ao selecionar e organizar seus argumentos. Ele se dirige a um *auditório interlocutor* (PERELMAN,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1984) identificado por nós como fãs (mulheres) da dupla Marlon & Maicon, sendo considerado também o TUi (CHARAUDEAU, 2008). É em função desse auditório que toda sua argumentação é construída, a começa pela escolha da tese *torçam por mim*. O orador, dessa forma, seleciona, de forma predominante, argumentos de *aspecto positivo* (Cf. PERELMAN; TYTECA 1996; PERELMAN, 1984), em detrimento de argumentos de *aspecto negativo* (PERELMAN; TYTECA, 1996; PERELMAN, 1984). Dos 11 argumentos que analisamos, apenas 2 são de aspecto negativo. Ao que parece o orador não visa romper com as teses admitidas pelo auditório, ou seja, Marlon ao evitar as *petições de princípio* (PERELMAN, 1984), acaba admitindo teses que também são admitidas pelo auditório, como as teses vinculadas aos imaginários sobre os participantes de reality shows (*todos tem uma estratégia no jogo; todos sentem saudade de alguém lá dentro; todos são escolhidos por algum motivo*) e as teses vinculadas aos imaginários sobre o próprio cantor Marlon (*ele é calmo, não se irrita; ele gosta de cozinhar; ele é bonito*).

A fim de provocar ou aumentar a adesão dos espíritos a sua tese, o orador seleciona os seguintes argumentos e com eles constrói as seguintes imagens de si (ethos):



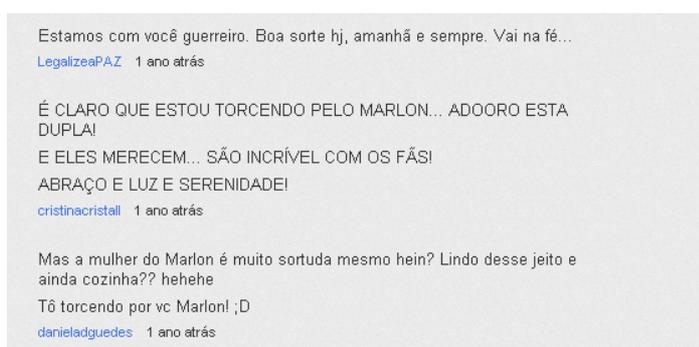
IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Argumentos selecionados	Ethos construído
<i>Eu vou entrar para ganhar os dois milhões Eu vou tentar ser um bom jogador</i>	Decisão
<i>Eu não sou hipócrita Eu vou tentar ser quem eu sou</i>	Honestidade
<i>Vô defender os mais fracos Não gosto de injustiça. Não gosto de covardia</i>	Justiça/heroísmo
<i>Eu adoro cozinhar, eu sou um cozinheiro</i>	Romance

(Tabela 2 – Argumentos e ethos construídos)

A partir da tabela 2, podemos concluir que a argumentação de Marlon alcançou o sucesso (CHARAUDAU, 2008), uma vez que houve identificação entre o TUi (fãs da Dupla, mulheres) e o TUD (de *bom moço/romântico*). Podemos indicar ainda que a argumentação do sertanejo, obteve sucesso, pois ela alcançou a adesão do auditório (PERELMAN, 1984; PERELMAN; TYTECA, 1996), como podemos ver nos comentários do YOUTUBE, onde o vídeo analisado foi retirado (Figura 2).



(Figura 1 – Comentários do YOUTUBE)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Podemos dizer ainda que a argumentação de A Fazenda 4 é similar as argumentações típicas do domínio político, onde há a visada de demonstração, no qual o EU está na posição de estabelecer verdades e provas e o TU está na posição de validar essas verdades (CHARAUDEAU, 2008). Ainda que necessite de maiores análises essa observação parece divergir das argumentações do Big Brother Brasil, onde parece imperar argumentações típicas do domínio publicitário, com predomínio das visadas de fazer-fazer e fazer-criar (CHARAUDEAU, 2008).

### Referências

- AMOSSY, R. “O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos” *In* AMOSSY, R. (Org.) . **Imagens de si no discurso - a constituição do ethos** . São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II** . Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.
- CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar** . São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização** . São Paulo: Contexto, 2008.
- CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2008. 102 f.: il., fig., quadros. p. 72-80.
- COELHO, F. U. “Prefácio a edição brasileira” *In* PERELMAN, Chaïm; DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 180-196).
- FERREIRA, L. A. **Leitura e Persuasão: princípios de análise retórica** . São Paulo: Contexto, 2010.
- HOFFNAGEL, J. C. “Entrevista: uma conversa controlada” *In* MENEZES, W. A. “Estratégias discursivas e argumentação” *In* LARA, G. M. P. (org.). **Lingua(gem), texto, discurso v1: entre a reflexão e a prática** . Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MG: FALE/UFMG, 2006. p. 87-105.

MEYER, M. Prefácio. In: PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação – a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 19-21.

OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação – a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. VI a XVIII.

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kairós, 1979. p. 130-166.

PERELMAN, C. “Argumentação” In **Enciclopédia Einaudi: Oral/Escrito**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol.11, 1984, p. 234-265.

YOUTUBE. **EXCLUSIVO: 5 minutos antes de Marlon entrar em "A Fazenda"**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MIG9w1rKBjY>. Acesso em: 28 Jul. 2011.

#### Anexo

ANEXOS	
Excerpto e linha	Exclusivo: Último depoimento de Marlon 5 minutos antes do confinamento no reality show “A Fazenda 4” da Rede Record
<b>Pergunta 1: Você conhece alguém que já participou do programa “A Fazenda”?</b>	
1	<p>1 Não. As pessoas que participaram da Fazenda eu conhecia</p> <p>2 de programa de televisão, conhecia do meio artístico.</p> <p>3 Sou amigo do Pedro, da primeira edição, e amigo do</p> <p>3 Carlinhos. Mas engraçado que a gente nunca falou sobre o</p> <p>5 programa. [ ] Eu não sei como é que é. Não peguei dica, nem como que tinha que se portar ou não se portar. Ou seja, vou tentar ser eu, sem querer ser o que o outro foi. Eu acho que agente tem que ser agente. Se eu tentar ser alguma coisa que eu não sou a máscara cai rapidinho.</p>
<b>Pergunta 2: Você já tem alguma estratégia?</b>	
2	<p>1 É... eu acho que eu vou entrar como jogador. Eu vou</p> <p>2 entrar para ganhar os dois milhões. Eu não sou hipócrita</p> <p>3 em largar a minha família, a minha carreira, meus</p> <p>4 filhos, meus fãs pra... colher esterco. Ou pra pagar</p>

	5	alface... Não dá. Eu vou lá pra ganhar a grana. Pra poder ajudar a minha família, a realizar as coisas que eu quero comprar que é bom dinheiro, e se eu puder ajudar a minha dupla melhor ainda. Pra isso eu conto com vocês.
<b>Pergunta 3: O que você vai fazer quando bater a saudade?</b>		
3	1 2 3 4 5 6 7 8 9 1 0 1 1 1 2 1 3 1 4	O que realmente pesou para entrar na fazenda ia ser a ausência das pessoas que eu amo. Minha esposa, meus filhos, minha família. Como eu vou suprir essa necessidade vai ser um grande problema. Nessas horas eu vou ter que me controlar. Eu sou muito emotivo, choro muito. Eu sei que a saudade vai apertar, só as fotos não vão me contentar e eu sei que eles vão estar me vendo todos os dias, mas eu sem conversar com eles, sem olhar nos olhos deles, sem poder abraçar, beijar... Eu acho que esse que vai ser a grande dificuldade: ficar longe das pessoas que eu amo. Eu acho que ele vai pesar mais do que qualquer coisa, mas nesse momento eu vou me apegar a Deus, vou me apegar a neles que estão aqui fora que vão estar torcendo por mim. Vou tentar ser um bom jogador. Vou tentar ser quem sou. Ser brincalhão, fazer amizade. Me apegar nas pessoas. Eu sei que é inevitável as pessoas não se apagaram lá dentro. Às vezes agente fala “ah, mas é difícil fazer a amizade”, mas, eu vou fazer a amizade, mas não amizade de infância, são pessoas que eu vou conhecer lá dentro. Eu vou realmente com o intuito de jogar, de chegar à final pra ganhar os dois milhões, pra ser o ganhador da Fazenda. Eu vou lá pra ser um fazendeiro, pra fazer polêmica, pra ser polêmico, mas vou ser eu, com a minha cara, com a minha personalidade, pra você conhecer realmente o Marlon de verdade, não só o Marlon cantor.
<b>Pergunta 4: O que você faria se recebesse o prêmio de 2 milhões?</b>		
4	1 2 3 4 5 6	Olha dois milhões é realmente muita grana, uma grana muito boa. Quem não queria ganhar dois milhões? Eu vou entrar para ganhar os dois milhões. Dois milhões agente faz muita coisa: eu vou trocar de carro, eu vou comprar um apartamento pra mim, eu vou ajudar as pessoas que estão ao meu redor, ajudar a minha família, eu tenho

	7 8	duas entidades que eu quero ajudar (uma aqui em São Paulo e a outra em Santa Catarina). É... eu acho que com dois milhões agente pode dar uma risadinha... Espero que eu ganhe e que saiba usar o dinheiro e que eu não jogue fora, que eu aplique em coisas legais, para o meu benefício, das pessoas que eu amo e das pessoas que precisam.
<b>Pergunta 5: <i>Por qual motivo você acha que foi escolhido?</i></b>		
5	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Olha eu não sei qual foi o fator que eles pensaram na hora de me chamar para Fazenda. Meu físico, não sei. Eu não me acho um cara... um cara... de físico... Não sei. Eu cuido de minha aparência. Eu gosto de ir pra academia, eu gosto de me alimentar bem. [ ] Sou um cara vaidoso, isso eu assumo. Minha barba que é meu choro de muito anos que eu tô sempre mantendo, eu não sei como é que vai ser manter a barba dentro da fazenda sem minha maquininha pra aparar toda semana, enfim, eu vou ter que me virar e vou ter que me virar com as coisas que não são do meu dia a dia. Agora, o que eles viram talvez possa ser o meu jeito, o jeito que eu canto, que eu sou no dia a dia. A minha história, a minha carreira. Eu acho que eu tenho perfil, para dentro de jogo, pra reality. Eu acho que eu vou causar polêmica e eu vou procurar ser diferente, mas a minha história de vida foi realmente o diferencial para eu ser convidado para este reality show.
<b>Pergunta 6: <i>É verdade que você gosta de cozinhar?</i></b>		
6	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Olha eu, na realidade, se eu não fosse cantar eu seria cozinheiro. Eu adoro cozinhar, eu sou cozinheiro de mão cheia. Eu gosto de fazer comidas diferentes, pratos diferentes, exóticos. Eu venho de uma descendência italiana, minha mãe tinha restaurante, minha mãe cozinha de mais, meu pai cozinava. Então eu adoro fazer rizotos, massas, carnes. É... eu criei avestruz então eu tinha uma grife de carnes, eu fiz muita coisa com carne de avestruz. Pena que não vai ter avestruz na Fazenda, senão eu ia adorar fazer ou até então pegar um para fazer um carninha lá dentro, já pensou? Mas eu adoro

	1 1 1 2	cozinhar. Eu acho que eu vou me dar bem. Eu adoro fazer engembração, que a gente chama aquele comida que sobrou do meio dia e misturar com “restondeontem”, misturar com ovo mexido, com um arroizinho e um feijão. Eu adoro fazer esse mexido na hora da fome. Eu vou me virar bem. Se depender da cozinha da fazenda, se não tiver cozinheiro na Fazenda, deixa comigo que eu vou mandar super bem lá na Fazenda.
<b>Pergunta 7: Existe alguma atitude que te deixa irritado?</b>		
7	1 2 3 4 5 6 7 8	Olha uma das coisas que vi me tirar do sério na Fazenda, sem dúvida, vai ser a injustiça. Eu não gosto de desigualdade, eu não gosto de preconceito, nem racial, nem intelectual, nem sexual, nada. Se eu ver alguém fazendo injustiça contra outra pessoa eu vou tomar a frente. Isso eu tenho que me controlar, porque eu vô falar às vezes alguma coisa que o cara não queira ouvir. Vô defender os mais fracos. Eu não gosto que ninguém passe por cima do outro. Eu não gosto que ninguém levante a voz que insulta a outra pessoa, se achado o dono da razão. Eu não gosto disso. Não gosto de injustiça. Não gosto de covardia. E essas coisas vão me tirar do sério. Se eu ver isso dentro da Fazenda eu, realmente, vô tomar partido, vô defender sempre aquele que eu achar que tá sendo injustiçado.
<b>Pergunta 8: Que mensagem você deixa para suas fãs e seus contratantes?</b>		
8	1 2 3 4 5 6 7 8 9 1 0	Olha, agente acabou de gravar o nosso DVD 10 anos de sucesso e eu teria sem dúvida uma longa agenda pra cumprir de shows de lançamentos, mas eu aceitei e topei esse desafio de entrar na fazenda. Consentimento do meu irmão, dos nossos empresários que falaram “Marlon, vai. Vamo ver o que vai dar.” O meu irmão tá aí. Ele tá representando a dupla, o nosso show tá montado. Eu sei que ele vai, eu confio nele plenamente, eu sei que ele vai seguir nos shows tranquilamente sem mim. Vocês meus fãs, vão ser a segunda voz desse show. O Marlon vai ser vocês, dando força para o meu irmão, energia, cantando junto com ele, mandando vibrações para mim aqui na fazenda eu vou estar torcendo aí pra vocês aí nesse show. Vocês torcem por mim aqui no jogo. A hora que eu sair agente tá junto com certeza. E ó... conto com vocês

	no palco, conto com vocês com o meu irmão, a galera do youtube, do twitter, facebook junto com o meu irmão.
	<b>Comentário final:</b> Acompanhe a trajetória do cantor Marlon no reality show “A fazenda 4” em seu facebook oficial, acesse facebook.com/marlonemaicon

(Transcrição do vídeo de Marlon minutos antes de entrar em  
*A fazenda 4 - 7min.*)

(Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MIG9w1rKBjY>)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## A poesia como movimento de significações: a morte e a eternidade

Por: Patrícia de Lara Ramos<sup>48</sup>  
patricia.ramos@ifpr.edu.br

### Resumo

Neste artigo, procura-se conduzir o olhar do leitor para as imagens poéticas de forma a fazê-lo compreender que, em cada texto poético, elas engendram novas significações a partir da construção de significados entre aquilo que se vê e as estruturas do pensamento. Assim, a poesia, sendo produto do pensamento, é pura significação, revela uma leitura inesgotável por estabelecer uma relação de sentido com o homem. Além disso, a poesia é forma que o poeta encontra para dar voz à incerteza, para nomear aquilo que está sem nome, para procurar entender aquilo que angustia o homem. Emily Dickinson e Helena Kolody elaboraram sua poesia de maneira bastante semelhante, com poemas intensos e condensados e com a recorrência da temática da morte, sempre questionando o que haverá depois da morte, tratando do mistério da eternidade.

**Palavras-chave:** Pensamento; Imagens; Significação; Emily Dickinson; Helena Kolody.

### Abstract

*In this article , we seek to lead the reader's look to the poetic images in order to make him understand that in every poetic text , they engender new meanings from the construction of meaning between what is seen and the structures of thought.*

---

48 É doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG, É Mestra em Letras: linguagem e sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, é Especialista em Língua Inglesa III pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Cascavel - UNIPAN/ FACIAP, é Graduada e Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Paranaense - UNIPAR. É servidora pública federal, docente EBTT de Letras: Português-Inglês, lotada no Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Paraná - IFPR, na cidade de Cascavel/ PR. É pesquisadora-efetiva do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia - IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Thus, poetry, being the product of thought, is pure signification, it reveals an inexhaustible reading by establishing a sense of relationship with the man. Moreover, poetry is the way the poet finds to give voice to uncertainty, to name what is unnamed, to try to understand what distresses man. Emily Dickinson and Helena Kolody developed their poetry in a very similar way, with intense and condensed poems and with the recurrence of the theme of death, always questioning what will be after death, dealing with the mystery of eternity.*

**Keywords:** *Thinking; Images; Significance; Emily Dickinson; Helena Kolody.*

## Introdução

A poesia dobra-se e duplica-se, penetra no imaginário e busca reduzir o intervalo entre a palavra e o objeto. A poesia é pura significação, é a emoção do pensamento que compreende e significa um novo sentido, em palavras que guardam um mistério interior, que acabam por revelar a própria poesia e o mundo. De acordo com Lobo:

A poesia transforma tudo em encanto; exalta a beleza do que é mais belo e acrescenta beleza ao que houver de mais deformado; combina júbilo e terror, tristeza e prazer, eternidade e mudança; subjuga à união, sob seu brando domínio, todas as coisas inconciliáveis. Transmuda tudo em que toca, e todas as formas que se movem no resplendor da sua presença se transformam por maravilhosa simpatia em uma encarnação do espírito que dela emana; sua secreta alquimia transforma em ouro potável as águas venenosas que da morte fluem pela vida arrebatada o véu da familiaridade do mundo e revela a beleza nua e adormecida, que é o espírito de suas formas (LOBO, 1987, p. 241).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A poesia é o movimento de significações por meio das imagens, capaz de imortalizar tudo o que há de belo e de superior no mundo, assim como há de horrendo e pérfido; ela é portadora de alegrias e tristezas, produtora do universo que é constituído pelos homens, ela é capaz de compelir os seres humanos a sentirem aquilo que percebem e a imaginarem o que sabem.

Paz articula que a poesia é formada por palavras que não são apenas palavras, elas transcendem seu sentido sem perder os valores primários, seu peso original: “são também como pontes que nos levam à outra margem, portas que se abrem para outro mundo de significados impossíveis de serem ditos pela mera linguagem. Ser ambivalente, a palavra poética é plenamente o que é - ritmo, cor, significado - e, ainda assim, é outra coisa: imagem” (PAZ, 1982, p. 26). Na afirmação de Paz, a poesia é uma possibilidade animada a partir do contato com o interlocutor, ou seja, a cada leitura, ele atribui significados ao poema e essa pluralidade de significações afirma a unidade da poesia.

Cohen discorre sobre figuras e palavras poéticas, da pluralidade semântica, afirmando que a poesia é intraduzível, impossível de parafrasear, pois apresenta sentidos diferentes. Para ele, “a poesia é o canto do significado”. Com base nisso, o crítico levanta um problema: a diferença entre entidade linguística (figura) e entidade psíquica (imagem), concluindo que “a figura só acha a sua finalidade se operar uma mudança já

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não do conteúdo, mas da forma do sentido, se ela transformar o conceito em imagem, o inteligível em sensível” (COHEN, 1987, p. 127). O que Cohen expõe é que as palavras só têm propriedade se estabelecerem uma relação de sentido com o homem, e isso impedirá que a leitura poética seja redundante, mas inesgotável.

A poesia é, portanto, a experiência do ser, do poeta que se dedica a essa árdua tarefa de dar voz à incerteza, de inventar-se por meio de palavras, conforme o poema de Kolody: “O poeta nasce no poema, / inventa-se em palavras” (KOLODY, 1997, p. 86), e o leitor é o responsável por atribuir significado à incerteza do poeta, às imagens poéticas idealizadas por ele. A poesia não é simplesmente um arranjo de palavras durante uma atividade técnica, ela vai muito além, é uma convenção que tudo cria e que oferece uma variedade de interpretações que contemplam todos os assuntos da vida social, entre eles, a morte. Assim, busca-se traçar uma relação entre poesia, linguagem, imagem e morte, para que seja apreendido dos poemas analisados o mistério das imagens reveladoras.

Diversos ensaios, artigos e livros que tratam sobre a vida e a obra de Emily Dickinson buscam fazer as interpretações de seus poemas com base no poeta empírico<sup>49</sup>. No entanto, lançamos um olhar para as representações da morte nos poemas de Dickinson e de Helena Kolody a partir da relação entre poeta e poesia, consoante com o pensamento hegeliano:

---

49. Poeta empírico é aquele que se apóia na experiência de vida.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O poeta que tem o poder de cantar e de criar, tem para isso a vocação e o dever. Não deixa, contudo, de ser verdade que as circunstâncias, incitações e solicitamentos exteriores podem também servir de impulso à criação lírica. Porém, em semelhantes casos, o grande poeta lírico liberta-se rapidamente do tema que lhe foi alvitrado ou imposto [...] o poeta lírico não pode subtrair-se à força que o impele a dar uma expressão artística a tudo o que se passa na sua alma ou atravessa o seu pensamento (HEGEL, 1980, p. 242 e 244).

O estudo de poemas, a partir dessa perspectiva – poeta lírico, sugere que o eu-lírico coloque máscaras ou *personae* para fingir uma verdade que está constantemente mudando. Para Lopes, a verdade em constante mutação é uma verdade psicológica, é “parte da existência global de um Ser-no-mundo” (1995, p. 162), são vários seres no ente. Assim, o poeta apresenta inúmeras faces ilusórias que ultrapassam um saber consciente e chegam ao leitor que as interpreta de formas distintas, portanto, “a função política do poeta é a de exercitar e manter aberto o espaço intrasubjetivo, através do fenômeno lírico” (LOPES, 1995, p. 170), cabendo-lhe fazer com que o receptor recrie este espaço e desenvolva a sua compreensão do poema, pois a leitura faz do texto o que o vento faz nas dunas de areia: novas formas, que não têm passado, nem futuro, pois estão em constante alteração. Assim é a leitura, capaz de conferir a singularidade da obra, pois não é necessário que o autor esteja presente para que ela seja compreendida, e sim o leitor, pois ele é importante para fazer com que a obra torne-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se, já que “a leitura nada faz, nada acrescenta, ela deixa ser o que é” (BLANCHOT, 2011, p. 210).

Emily Dickinson foi uma poeta que abordou o tema da morte em grande parte de sua obra. Para alguns, ela é considerada uma poeta confessional, Martin (2002), entretanto, observa que Dickinson apresenta uma poeticidade que faz uso da língua de modo a demonstrar todas as faces das temáticas exploradas por ela e não apenas o relato de experiências pessoais<sup>50</sup>:

*It is always tempting to regard Dickinson as a confessional poet – one whose poems, for all their innovative brilliance, are nonetheless outpourings of her own private feelings toward love, death, nature, and immortality. A closer look at her vast poetic project, however, reveals a far more complex artistic purpose, one that revels in both the possibilities and the impossibilities of language to evoke the experiences of life and mind<sup>51</sup> (MARTIN,*

---

50. Hegel afirma que o poema só é poema quando supera a quintessência da experiência pessoal para inscrever-se no universal. “Ao separar-se da objectividade, o espírito recluso em si mesmo, perscruta a sua consciência e procura dar satisfação à necessidade que sente de exprimir, não a realidade das coisas, mas o modo por que elas afectam a alma subjectiva e enriquecem a experiência pessoal, o conteúdo e a atividade da vida interior. Por outro lado, para que esta revelação da alma se não confunda com a expressão accidental dos sentimentos e representações ordinárias, e tome a forma poética, será necessário que as ideias e impressões que o poeta descreve, sendo pessoais, conservem todavia um valor geral, quer dizer, sejam autênticos sentimentos e considerações capazes de despertar em outras pessoas sentimentos e considerações latentes, despertar esse que só pode ser dado graças a uma expressão poética viva” (HEGEL, 1980, p. 217-218)

51. É sempre tentador considerar Dickinson como uma poeta confessional - aquela cujos poemas, por todo o seu brilhantismo inovador, não deixam de ser emanações de seus próprios sentimentos pessoais em relação ao amor, à morte, à natureza e à imortalidade. Um olhar mais atento ao seu vasto projeto poético, no entanto, revela um propósito artístico muito mais complexo, que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

2002, p. 91).

Tanto Emily Dickinson quanto Helena Kolody rompem a vivência pessoal para buscar a compreensão do fenômeno da morte na esfera do homem, na esfera universal. Nesse sentido, nota-se que a linguagem é uma ferramenta essencial para compreender as inquietações da vida; ao escrever, o poeta não está necessariamente exprimindo sua certeza, mas sim quebrando o elo entre o eu (poeta) e a palavra, emudecendo o escritor para que esse silêncio adquira forma, coerência e entendimento, ou seja, conforme Blanchot: “o tom não é a voz do escritor mas a intimidade do silêncio que ele impõe à fala” (2011, p. 18). Desse modo, o tom do texto literário exprime a solidão do escritor a partir da sua obra, pois ele sacrifica a sua fala para dar voz ao universal, isto é, uma poesia que se estende a todos, que é composta de elementos oriundos de várias fontes e não apenas da experiência do poeta, ao tratar de temas que exigem resolução, coragem e compreensão por parte de seus interlocutores, como a morte, por exemplo.

Gadamer (1998) postula que os pré-saberes do leitor devem ser considerados, uma vez que, ao ser colocado diante do texto, ele utilizará esses pré-conceitos para interpretá-lo, ou seja, ninguém faz uma leitura de mente vazia. O autor propõe que o leitor compreenda que a leitura inicia-se com os conceitos prévios concernentes a ele, tais conceitos acabam sendo

---

revela tanto as possibilidades quanto as impossibilidades da linguagem para evocar as experiências da vida e da mente (Tradução nossa).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

substituídos por outros e remodelados a partir da compreensão daquilo que se lê, vale ressaltar, também, que a cada época, um texto apresentará interpretações distintas, ou seja, pode-se modificar o sentido atribuído a ele, diversas vezes, ao longo do tempo.

Assim, para que o poeta possa, por meio de seus poemas, expressar uma realidade cuja compreensão dependerá da leitura dos receptores, ele faz uso da linguagem que organiza o discurso. O poema é, então, um conglomerado de palavras que são a expressão da imaginação ativa, ou seja, as imagens do texto poético só são entendidas se forem representadas pelas palavras e, nesse sentido, Paz assegura que imagem é “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema” (PAZ, 1982, p. 37).

Para refletir sobre quaisquer temas, o homem faz uso da linguagem, pois ele é inseparável das palavras, ele é feito de palavras, ele pensa por meio da linguagem, segundo Paz, “a primeira coisa que o homem faz diante de uma realidade desconhecida é nomeá-la, batizá-la. Aquilo que ignoramos é o inominado [...] Não podemos escapar da linguagem [...], as palavras não vivem fora de nós, nós somos o seu mundo e elas o nosso” (PAZ, 1982, p. 37). Nesse sentido, a linguagem é o instrumento que os poetas utilizam para fazer uma reflexão. Assim, pode-se dizer que morte e linguagem estão intimamente ligadas, uma vez que é apenas por meio das palavras que o ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humano consegue refletir sobre algo que não se pode vivenciar, pois “a linguagem humana é um sistema codificado com dupla articulação que permite ao mesmo tempo, a acumulação, a conservação, a organização e a criação do saber” (MORIN, 1970, p. 88). Isso significa dizer que a literatura não é uma manifestação subjetiva simplesmente, mas o modo que os homens encontraram para falar sobre aquilo que não conseguem compreender, aquilo que necessita de uma resposta no cotidiano, ou seja, o autor escreve de modo a relatar os fatos do mundo real, dos acontecimentos sociais.

A experiência da morte é focalizada nos estudos literários a partir da neutralidade/do vazio, isto é, da falta da experiência da morte. Isso não ocorre porque ela inexistente ou porque é uma mentira, mas porque os textos literários são marcados por falta de experiência vivencial do sujeito, uma vez que a temática em questão é impossível de ser experimentada pessoalmente, ela é apenas descrita a partir da morte do outro. Há dois eixos a serem pontuados aqui: a morte do outro como experiência de ausência e dor; a morte pessoal, como mera projeção, expectativa, mistério, algo que vai contra um dos instintos mais primários dos seres humanos, que é o da sobrevivência, o que sempre resta em experiências limítrofes.

A linguagem é uma ferramenta que pode ser considerada como sinônimo de poder para os escritores, pois partir dela constrói-se o possível, busca-se um sentido para o real,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reflete-se sobre a morte: “a ideia de finitude garante no ser humano a compreensão e o conhecimento; o fim, entretanto, representado pela morte, faz com que os seres se debatam entre a possibilidade de compreensão da morte e o horror de sua impossibilidade” (BYLAARDT, 2006, p. 22).

A relevância da escrita se encontra na linguagem imaginária, que comporta uma vertente representativa, que é verbalizada. Essa linguagem deve produzir um sentido diverso formado por um conjunto de imagens e narrativas:

A literatura não é imagem dos objetos no mundo, mas a sua própria imagem, imagem da linguagem, linguagem imaginária. Na linguagem cotidiana, a imagem aparece sobre a ausência da coisa. Na linguagem literária, a imagem aparece sob sua própria ausência já que a imagem é a própria linguagem. [...] O morto é a imagem de si mesmo (e não do vivo que foi), por se tornar mais imponente, mais impressionante (como a arte clássica), do que o vivo enquanto ele era apenas um ser humano. [...] O cadáver por perder sua utilidade, é apenas imagem, e imagem de nada. Essa condição de neutralidade se reforça quando o querido defunto é conduzido ao cemitério, o lugar da absoluta impessoalidade e anonimato. Esse caráter incomum e neutro da imagem cadavérica relaciona-se às imagens veiculadas pelo texto literário em sua fabulação da impossibilidade (BYLAARDT, 2006, p. 45-46).

Ao escrever, o sujeito estabelece uma relação antecipada com a morte por meio da escrita. Os poetas narram experiências simbólicas de morte; é como se o poema, por vezes, funcionasse como uma espécie de experiência antecipada de morte;



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é a manifestação da dor e da melancolia que se sente perante o morrer. Esse sentimento, artisticamente construído pela linguagem, representa a desintegração de tudo: das pessoas, do tempo e do lugar.

A arte, sob a perspectiva deste estudo, é responsável por representar a morte, por tentar explicá-la, por dar forma àquilo que não se conhece, de preencher o vazio que o morrer desencadeia nos seres. É como se a morte e a escrita estivessem intrinsecamente ligadas, pois o poeta encontra na escrita a possibilidade de ter a experiência do morrer. Outra característica que aproxima a escrita da morte é o fato de que ambas estão por vir, não se sabe quando, nem como, mas elas vêm, isto é, não se escreve para se salvar, nem para salvar os outros, mas para chegar perto da morte e aprender, enfim, a morrer.

A poesia é uma linguagem escrita que reconhece as imagens, ou ainda, é a imagem da linguagem, assim como a imagem aparece sobre a ausência do objeto, também a linguagem poética surge na ausência dos acontecimentos. Essa ideia de poesia como imagem da linguagem deve-se ao fato de que ela exercita a imaginação dos leitores, permitindo a compreensão da construção poética. Com base nisso, Cruz assevera que a imaginação é o meio pelo qual o homem consegue imaginar mundos e dar sentido à vida, fazendo-o através das imagens. A poesia, por sua vez, “é o vetor de operacionalização dos instantes vividos, das transmutações da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguagem, da valorização dos sentimentos e das coisas mais simples” (CRUZ, 2012, p. 66)

O homem não faz reflexões sem o uso da linguagem, pois é um ser de palavras. Paz afirma que “a linguagem é uma condição da existência do homem” (1982, p. 37); isso porque as palavras funcionam como representações imagéticas das formas verbais, transformando o signo<sup>52</sup> (palavra) em símbolo (imagem). Daí, a relevância da criação poética, que busca desenraizar as palavras para desalienar a consciência humana, ou seja, arrancam-se as palavras da linguagem para devolvê-las de forma recriada, única, transformando, assim, o poeta em servo das palavras, aquele que as purifica e devolve a sua natureza original.

A essência da linguagem é simbólica porque consiste em representar um elemento da realidade por outro, como ocorre com as metáforas. A ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora. E, desse modo, é um instrumento mágico, isto é, algo susceptível de transformar em outra coisa e de transmutar aquilo em que toca [...] (PAZ, 1982, p. 41).

No dizer de Octavio Paz, “a imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece” (PAZ, 1996, p. 45). A imagem não exclui nenhum significado das palavras, ela

---

52. “Chamamos de *signo* a toda coisa que substitui outra para o desencadeamento de um mesmo conjunto de reações” [itálico do autor] (PIGNATARI, PINTO *apud* TELES, 1985, p. 417)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diz o que a linguagem é incapaz de dizer, contém significados díspares na poesia, indica algo sobre o mundo. Dessa forma, “a imagem poética reproduz a pluralidade da realidade e, ao mesmo tempo, outorga-lhe a unidade” (PAZ, 1996, p. 46). Assim, ao fazer uso de uma *spider* (aranha) em seu poema, conforme será visto mais adiante, Emily Dickinson não descreveu a aranha, mas a colocou diante do leitor, forçando-o a atribuir um significado a um inseto conhecido por ele; essa é a força da imagem: “as imagens são irredutíveis a qualquer explicação e interpretação” (PAZ, 1996, p. 48), isto é, a imagem convida o leitor a recriá-la ou reconstruí-la, assim, a aranha recebe diferentes interpretações a cada leitura do poema de Dickinson; ela representa mais do que a aranha real, ela ganha uma forma que só é possível inscrever-se nos sentimentos por meio da experiência poética.

Por isso, para Lopes, o poema deve ser analisado na sua condição de organismo, isto é, cada parte deve ser estudada separadamente, mas há uma unidade de sentido que as une. O estudioso propõe conceituar som, ritmo conteúdo e imagem e, após uma longa descrição sobre esses termos, chega à conclusão de que a imagem é a responsável por recuperar som, ritmo e conteúdo; ela “possui anterioridade sobre a palavra e sua sonoridade, assim como sobre o conteúdo emocional e ideativo diretamente veiculados” (LOPES, 1995, p. 107). Para ele, ainda, o leitor não é passivo diante do texto, devendo recriar a imagem, não sendo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

essa recriação um devaneio ou uma interpretação aleatória.

Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, concebe a imagem como aquela que tem uma sonoridade do ser, ou seja, o filósofo busca conceituar a imagem a partir de um ponto de vista fenomenológico, porque, ao tentar conceituar a imagem objetivamente, e não a partir da subjetividade, observou que o conceito foi insuficiente para elaborar a metafísica da imaginação; assim, constatou que a imagem poética é “essencialmente variacional”, pois está associada à consciência criadora do ser humano. Desse modo, segundo Bachelard, “a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa” (1988, p. 100), isso significa dizer que a imagem poética é criada e recriada em um processo intersubjetivo, atingindo um universal humano:

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma ontologia direta (BACHELARD, 1988, p. 95).

A imagem é inerente ao poeta e a todos os seres, já que está inscrita na quintessência do ser, dialogando, também, com o presente, com o passado, com o futuro, com a sociedade, com a natureza, com a matéria, ou seja, não é apenas uma lembrança do passado, mas o passado revivificado e



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ressignificado.

A imagem é, portanto, formada pela palavra e é por meio dela que o texto poético transcende, diz o indizível. Ela não está formada, não é um dado acabado, mas por construir. Bosi contribui, nesse sentido, ao afirmar que “na corrente do texto nada existe de já feito, tudo está se fazendo. Abre-se em cada imagem um vazio – cheio de desejo ou de espera – que reclama a plenitude da relação” (BOSI, 1977, p. 34). A palavra poética leva o leitor a outros mundos, outras terras, outras verdades; o poema é uma obra infundável, pois há sempre um leitor novo para atribuir-lhe sentido por meio das imagens. Isso significa dizer que o instante de leitura de todo poema é único, dotado de experiências históricas e sociais que variam de indivíduo para indivíduo, é a própria “consagração do instante”, conforme Paz (2009, p. 51).

As palavras são aquelas que nutrem um poema, fazendo eclodir dele uma constelação de imagens que são (re)criadas a cada leitura. Logo, ao relacionar linguagem e imagem, tem-se que a poesia é a transcendência das palavras, o impulso do homem frente às eventualidades da vida, o poema produz o estado poético através das palavras, isto é, ele é o responsável por aliviar a alma, descortinar aquilo que se esconde no espírito criativo/imaginativo do autor, “um poema é a própria imagem da vida expressa na sua verdade eterna” (LOBO, 1987, p. 224)

A relação entre imagem e poesia é fortemente



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

observada nas obras de críticos literários. Entre eles está Luiza Lobo, que declara que a poesia é a “expressão da imaginação”, uma vez que reúne experiências internas e externas dos poetas para refletir uma linguagem detentora do maior segredo dessa produção: ampliar o círculo da imaginação dos seres, propiciando-lhes novos pensamentos, fazendo-lhes reproduzir seu próprio mundo, afastando-lhes da lógica das coisas. Enfim, “a poesia transforma tudo em encanto: exalta a beleza do que é mais belo e acrescenta beleza ao que houver de mais deformado, combina júbilo e terror, tristeza e prazer, eternidade e mudança [...]” (LOBO, 1987, p. 241).

A partir das definições e adjetivações atribuídas à poesia, bem como da importância da linguagem e da imagem, faz-se necessário justificar a escolha do tema da morte neste estudo, uma vez que o propósito é entender a recorrência das imagens atreladas a tal temática nos textos poéticos de Dickinson e Kolody. A temática da morte foi escolhida porque a arte é a relação com a morte, “porque pensar a morte é introduzir no pensamento a desintegração supremamente duvidosa do não certo” (BLANCHOT, 2011, p. 99). Fogem da morte aqueles que não refletem sobre ela; todavia, escapar da morte só é possível perante a própria morte. A arte, neste caso, o poema, não traz respostas para a morte, apenas recorda o homem de que tudo o que é, tudo o que adquire e tudo o que faz retorna ao insignificante.

A escrita sobre a morte e o problema da vida após a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

morte, a imortalidade, parece ter sido incessante para Emily Dickinson, ou seja, a morte é, para ela, o símbolo geral da natureza e o antídoto contra ela é a crença na passagem, na redenção, na imortalidade. Helena Kolody também escreve sobre a morte de forma questionadora, buscando compreender essa vida que é o reino do limite, entendendo o homem como um mero visitante do mundo, aquele que existe hoje, mas o amanhã será uma incógnita, para onde ele vai, não se sabe, nem se sabe se existe um Além.

*My life closed twice before its close  
 My life closed twice before its close -  
 It yet remains to see  
 If Immortality unveil  
 A third event to me  
 So huge, so helpless to conceive  
 As these that twice befell.  
 Parting is all we know of Heaven  
 And all we need of Hell<sup>53</sup>  
 (DICKINSON, 2008, p. 238).*

Como muitos poemas de Dickinson, esse apresenta o questionamento, a dúvida sobre a eternidade. No primeiro verso, o eu-lírico afirma que teve sua vida fechada (*closed*) por duas vezes antes de seu próprio fechamento (*its close*), o que permite inferir que duas mortes de pessoas queridas ocorreram antes de sua própria. Nos três versos seguintes, o eu-lírico questiona

---

53. Minha vida acabou por duas vezes - / Resta ser confirmado / Se na Imortalidade um novo evento / Me será revelado // Como esses que passei assim tão fora / Da medida e de juízo - / Partir é tudo o que do Céu conheço / E do Inferno Preciso (Tradução de José Lira).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobre a terceira morte, há uma dúvida se é a sua própria ou de outra pessoa querida. Na segunda estrofe, surge a incerteza do eu-lírico sobre o além-mundo, afirmando no primeiro verso que a morte é um acontecimento tão grande, tão enorme (*huge*), que é inútil tentar compreendê-la (*conceive*); a única certeza é que separação constitui tudo o que se sabe sobre o Paraíso (*Heaven*) ou sobre o Inferno (*Hell*), revelando, assim, um diálogo com a crença cristã que compreende a morte como uma partida para outro plano, podendo ser o Céu ou o Inferno; isso é o que Durand chama de inversão no *Regime Noturno* do imaginário simbólico: “a vontade de ver na morte uma inversão do terror naturalmente experimentado e um símbolo de repouso primordial” (DURAND, 1997, p. 237).

A idealização de uma viagem, isto é, a crença de que a morte é um rito de passagem de um plano para outro, uma fase necessária para que se possa alcançar um mundo melhor é apresentada por Genep: “Não podemos descrever comparadamente os mundos de além-túmulo. A ideia mais difundida é que este mundo é análogo ao nosso, porém mais agradável, e que a sociedade nele acha-se organizada como na terra” (2011, p. 113), o autor ressalta que o desejo dos homens é partir para um mundo melhor, para o eterno, como é possível observar nos poemas de Dickinson e Kolody, para um lugar onde não haja tristezas, não haja desgraças, não haja perdas, um lugar de reencontros e alegrias.

Pensar sobre a morte, refletir sobre ela, é algo que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o homem contemporâneo evita fazer, mas a poesia leva a essa reflexão por meio da imaginação que, “não pode propor-se outra coisa senão recuperar e exaltar – descobrir e projetar – a vidcreta de hoje” (PAZ, 2009, p.106); a reflexão sobre a morte, sobre a imortalidade da alma, sobre o além-mundo, é uma inquietação do homem muito bem representada pela poesia. Helena Kolody, assim como Emily Dickinson, também crê em outro mundo, no pós-vida:

**Despertar**

Deteve o passo  
e tombou  
na água funda e misteriosa.  
Na outra margem,  
acordou,  
do pesadelo da vida  
(KOLODY, 2011, p. 42).

O poema de Kolody é formado por dois tercetos que apresentam rimas assonantes no segundo verso (tombou e acordou) de cada estrofe. O eu-lírico desse poema está em terceira pessoa e, assim como no poema de Dickinson, trata do mistério, sobre o outro mundo.

No início do poema o eu-lírico demonstra que “deteve o passo”, não mais andou e “tombou”. Essa queda, conforme Durand, “estaria do lado do tempo vivido” (1997, p. 112) que representa a morte. A queda para o ser humano está atrelada ao movimento, à vida, pois, desde pequeno, o homem sofre quedas reais durante a sua vida, mas a última queda é aquela que leva



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

às trevas, aquela “que resume e condensa os aspectos temíveis do tempo” (p. 113), aquela que leva à morte. Helena Kolody usa o verbo *tombar* que tem o mesmo sentido semântico de *cair*, no entanto, como algo de súbito, que acontece repentinamente, funcionando como um eufemismo para a morte. No terceiro verso, Kolody apresenta para onde o homem vai (na água funda e misteriosa), remetendo ao mesmo mistério, à mesma dúvida de Dickinson: não se sabe quase nada sobre Céu e Inferno.

Na segunda estrofe, o eu-lírico chega a outra margem, onde acorda dos pesadelos da vida. Nessa estrofe, o eu-lírico deixa claro que acredita que a morte é a redentora da vida, é aquela que leva os seres a outro mundo, mas um local onde não há tribulações, onde é possível livrar-se de todas as angústias da existência terrena.

O poema *Despertar* representa a crença do eu-lírico em outra vida, em uma vida que livra os seres de todas as tribulações terrenas, mas é misteriosa; ao fazer o uso das palavras *água funda*, é possível observar que há uma dúvida sobre como será essa vida, pois a profundidade das águas representa a obscuridade, a dúvida sobre como será a vida após a morte.

### Considerações Finais

As duas poetisas escolhidas para este estudo escreveram parecem ter usado o tema da morte em vários de seus poemas, no caso de Dickinson em quinhentos ou seiscentos deles, porém



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Kolody foi mais sutil, não enxergando a morte apenas como um fim trágico, também não escreveu como quem tinha desejo pela morte como fez Dickinson em diversos poemas. Porém, as duas poetisas tiveram muitos pontos em comum, uma escrita concisa, como é possível observar nos dois poemas analisados e com características próprias (no caso de Dickinson, com uma pontuação distinta, como o travessão, por exemplo; no caso de Kolody, a preferência por poemas curtos); a dúvida sobre o fim da vida de cada um, isto é, nunca se sabe o dia exato da morte; a crença em uma vida eterna e a dúvida sobre a mesma, buscando descrever intensamente o paraíso por meio das mais diversas imagens, além disso, observa-se, também, a questão da espiritualidade, pois, de acordo com leituras biográficas sobre as poetisas, ambas parecem ter recebido uma educação religiosa intensa, porém Emily Dickinson coloca esses valores à prova, ora acreditando, ora duvidando da existência divina, diferentemente de Kolody, que deixa claro a crença em um Deus superior, jamais duvidando de seu poder supremo.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/35269101/Alfredo-Bosi-O-Ser-e-o-Tempo-Da-Poesia-rev>> Acesso em Janeiro de 2014.
- BYLLARDT, Cid Ottoni. **Lobo Antunes e Blanchot: o diálogo da**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- impossibilidade** . Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 328 p. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Programa de Pós-Graduação e Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2006.
- COHEN, Jean . **A plenitude da linguagem: teoria da poeticidade**. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- CRUZ, Antonio Donizetti. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody** . Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.
- DICKINSON, Emily. **Alguns poemas** . José Lira. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem** . Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral**. Tradução: Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GADAMER, Hans Georg. **O problema da consciência histórica** . Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- HEGEL, “A poesia” *In Estética* . Lisboa: Guimarães editores, 1980.
- KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida** . Curitiba: Posigraf, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Infinita sinfonia** . Curitiba, PR: Edição do autor, 2011.
- LOBO, Luiza . **Teorias poéticas do romantismo** . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- LOPES, Anchyses J. **Estética e poesia: imagem, metamorfose, tempo trágico** . Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- MARTIN, Wendy. *The Cambridge Companion to Emily Dickinson*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte** . Portugal: Publicações Europa-América, 1970.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A outra voz** . São Paulo: Siciliano, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Signos em rotação** . São Paulo: Perspectiva, 2009.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Estudo de caso da regência dos verbos ir e chagar: fala dos professores

Por: Sônia Cristina Zavodoni Carlotto<sup>54</sup>

[soniazavodini@gmail.com](mailto:soniazavodini@gmail.com)

&

Josiane Jabovski Smiderle<sup>55</sup>

### Resumo

Este artigo visa a discutir o tema variação linguística e analisar especificamente o uso dos verbos “ir” e “chegar”, seguido de suas preposições – como forma de regência –, apresentadas pela Gramática da Língua Portuguesa. Dessas preposições, falantes da língua materna usam a palavra “a” para ambos os verbos. A proposição se justifica pelo fato de se constatar que a língua padronizada, retórica, que segue as normatizações prescritas pela gramática normativa, não está tão presente na fala dos usuários da língua materna.

**Palavras-chave:** Gramática/Norma; Variação linguística; Verbos Ir e Chegar; Regência Verbal.

### Abstract

*This article aims at discussing the theme linguistic variation and analyze specifically the use of the verbs "go" and "get",*

54 É Especialista em Docência de Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Cascavel – UNIPAN/ FACIAP, é Especialista em Interfaces Linguísticas, Literárias e Culturais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel, é Graduada em Letras: Português-Espanhol pela Universidade Paranaense – UNIPAR e Graduada em Administração pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel – UNIVEL. É servidora pública estadual, atuando na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, Núcleo Regional de Educação de Cascavel.

55 É Graduada em Letras: Português-Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública municipal na Secretaria Municipal de Educação de Cafelândia/ PR, lotada na Escola Municipal Teotônio Vilela.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*followed by their prepositions – as a form of regency – presented by the Grammar of the Portuguese Language. From these prepositions, native language speakers use the word “the” for both verbs. Such proposition is justified by the fact that it is been verified that the standardized, rhetoric language, which follows the norms prescribed by the normative grammar, is not so present in the speech of native language users.*

**Keywords:** Grammar/Norm; Linguistic Variation; Verbs Go and Get; Verbal Regency.

## Introdução

As variações da língua são palco para questões polêmicas: de um lado, se encontram gramáticos defendendo piamente a norma culta e, de outro, estão linguistas condenando determinadas regras, modos de ensino, conteúdos, ou até mesmo a importância da gramática. Esses linguistas, embora façam críticas às gramáticas, em seus discursos e publicações de artigos, livros, matérias para jornais ou revistas científicas, não deixam de fazer uso da gramática normativa, a mesma que foi duramente criticada anteriormente. Tal situação leva a determinados questionamentos, tais como: Por que discursar que a língua não é uniforme, que é variante e, então, em suas escritas utilizar-se do que não pregam, aliás, utilizar-se do que criticam? Seria pelo fato de que a variedade linguística é o reflexo da variedade social e que as línguas fornecem meios também para a identificação social? Seria pelo fato de que a língua culta deve ser contemplada somente na variedade escrita? Que a língua falada pode ser dita assim, porque aprendemos a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

falar assim, porque todos falam assim?

Segundo Possenti (1996),

[...] se temos claro que as línguas mudam, fica claro também por que os falantes não conhecem certas formas lingüísticas: é que elas não são mais usadas na época em que os falantes se tornam falantes. Se não são usadas, não são ouvidas. Se não são ouvidas, não podem ser aprendidas [...] Aprendemos falar assim porque todos falam assim (POSSENTI, 1996, p. 38-39).

Diante da presença da variação linguística entre os falantes da língua materna, fato este que é de total relevância, haja vista saber-se que a língua é mutante, viva, que sofre constantes alterações, recebe e empresta léxicos, vocábulos, termos e expressões, é que se escolheu o tema ora proposto.

Como proposta metodológica, optou-se por trabalhar com o estudo de caso. Entende-se que toda pesquisa parte da construção de um modelo da realidade. A partir desse modelo, pode-se determinar as formas e observá-las. Há técnicas de observação distintas, porém a opção por uma dessas técnicas deve ser determinada pelos referidos modelos prévios, que, no fundo, fazem parte da própria hipótese da pesquisa.

Compreende-se que o estudo de caso contribui para aumentar o entendimento de fenômenos sociais complexos. Além disso, permite uma investigação das características significantes de eventos vivenciados.

De acordo com Gil (2010), o estudo de caso propõe uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

análise aprofundada de um ou mais objetos (porém poucos), com o fim de ampliar e detalhar seu conhecimento.

Para isso, recorre-se à entrevista coletiva, visto que esta direcionou a um ponto principal e, a partir dele, busca-se abstrair o maior número de informações possíveis. Procuram-se falares diferentes, bem como se analisam pessoas diferentes, o que permitiu uma visão mais ampla.

Por fim, concluído o banco de dados, direcionou-se o trabalho para iniciar a produção deste artigo.

### **Norma culta, gramática e variação linguística**

A gramática normativa, segundo Pasquale e Ulisses (2008, p. 14), determina o que se considera como certo ou errado em uma língua. De acordo com Abaurre e Pontara (2006, p. 8), a “[...] norma culta ou padrão é a denominação dada à variedade linguística dos membros da classe social de maior prestígio dentro de uma comunidade”. Tendo como base os escritos de Antunes (2007),

Na verdade, quando se fala em *gramática*, pode-se estar falando: a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em: “a gramática do português”; b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: “a gramática da norma culta”; c) de uma perspectiva de estudo, como em: “a gramática gerativa”, “a gramática estruturalista”, a “gramática funcionalista”; ou de uma tendência histórica de abordagem, como em: “a gramática tradicional”; d) de uma disciplina escolar, como em: “aulas de gramática”; e) de um livro, como em: “a Gramática



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de Celso Cunha” (ANTUNES, 2007, p. 25-26).

Compreende-se que a gramática normativa, resumidamente, como o “livro” que contém o conjunto de normas do bem falar e do bem escrever, baseado na retórica e na eloquência, descritas para “moldar” os falantes da língua materna, neste caso, a Língua Portuguesa.

Já por variação linguística, entende-se tudo aquilo que não segue a padronização prescrita e cristalizada pela gramática normativa, sendo muito mais frequentemente na oralidade.

Retomando as autoras Abaurre e Pontara (2006, p. 8), “[...] variedade linguística é cada um dos sistemas em que uma língua se diversifica, em função das possibilidades de variação de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe)”.

Para Sarmiento (2005, p. 20), “[...] variedades linguísticas são as diferentes variações da língua, de acordo com os padrões de uso que ela pode manifestar”. Contudo, segue ressaltando Sarmiento (2005, p. 21) que “as variedades de registro dependem, portanto, da forma de expressão oral ou escrita; da receptividade entre os interlocutores e do grau de formalismo identificado na interlocução”.

Assim, a Linguística, seguida da Sociolinguística, permite, aponta e justifica que a variação está bastante presente no falar.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A Sociolinguística interacional, segundo von Borstel (2011), é definida

[...] como uma área fértil e desafiadora, isso em razão da necessidade de compreender e de refletir sobre a realidade de usos linguísticos de um país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolinguístico e pragmático complexo, ou sobre uma realidade que até um passado bem recente era conhecida como uma forma linguística marginalizada pela sociedade – muitas vezes não respeitando a heterogeneidade linguística regional do bidialetismo e do bilinguismo no cenário brasileiro (VON BORSTEL, 2011, p. 25).

A Sociolinguística Variacionista, quantitativa, cujo autor de renome é Willian Labov, surgiu em meados dos anos 60, sequenciada pela Sociolinguística antropológica, sociológica e discursiva e pela Interacional, também conhecida como Sociolinguística interacional. Foi a partir da antropologia, que surgiu a observação participante, com os eventos das salas de aula. Assim, o sociolinguista precisa, antes de mais nada, conhecer o formal, a variedade de prestígio, para entender o novo, pois caso não conheça o estrutural, formalizado, regrado, não entenderá a variação. Neste sentido, Antunes (2007, p. 106), explica que “[...] quanto maior a capacidade do falante de usar diferentes normas e diferentes registros – do mais formal ao mais informal – tanto mais competente ele é”.

Pautando-se nos escritos de Tarallo (2001), ratifica-se o até então exposto e ressalta-se a importância e a presença



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da variação linguística nos mais diversos falares, em toda extensão do país, pois

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. [...] a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2001, p. 08).

Em Antunes (2007), reitera-se tal importância com o seguinte excerto

[...] a ciência linguística defende que *o bom uso da língua é aquele que é adequado às condições de uso*. Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas sejam ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, p. 104)

Exemplos sugerem que, embasados em Tarallo (2001, p. 14), “[...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Por isso, retomando as variações linguísticas, aponta-se que as variedades podem ser regionais ou sociais, além



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das variedades estilísticas/registro.

Valendo-se das reflexões de Sarmiento (2005, p. 44), as variedades de norma são “[...] dialetos (norma culta e normas populares). Já as variedades linguísticas seriam “[...] registros (formal, informal ou coloquial)” (SARMENTO, 2005, p. 44). Este estudo estará mais pautado na variedade linguística, comprovando-se que a preposição utilizada para fazer a regência dos verbos analisados é mudada/alterada por ocasião da informalidade da língua.

Assim, Dell Hymes, em seu estudo *The ethnography of speaking* ou *Etnografia da fala* (1968), a partir do acrônimo SPEAKING, no qual apresenta todos os aspectos que devem ser analisados para uma melhor interpretação de qualquer evento de fala, expõe como sendo primordiais os seguintes itens:

1. cenário: tempo, lugar e circunstâncias físicas;
2. participantes: quem são as pessoas envolvidas na comunicação;
3. propósitos: objetivos e resultados do evento de fala;
4. atos de fala: o ato de fala envolvido: pedido, comando, cumprimento, etc.;
5. tom da comunicação: maneira com que os atos são falados, ou seja, de modo formal ou informal;
6. instrumentos: a variedade utilizada e o modo de comunicação (oral ou escrito);



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

7. normas socioculturais: regras de quem pode dizer o quê, quando e como;

8. gênero: categorias ou tipos de uso da língua.

Desse modo, por se considerar a variação linguística, optou-se por analisar os verbos “ir” e “chegar” e também a permanência ou não da preposição “a”, eleita pela gramática como sendo a “certa” para a regência verbal de ambos os verbos.

Segundo Tarallo, (2001, p. 19), “[...] a língua falada é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. E ressalta:

[...] em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão dos fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciarlos. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (TARALLO, 2001, p. 19).

Para a análise, como forma metodológica, foram ouvidas e gravadas, com aparelho celular, 06 professoras cujas formações acadêmicas são: Letras – Português Espanhol/Inglês e respectivas Literaturas – 03 docentes, Educação Física – 02 docentes e Educação Especial – 01 docente. Todas são atuantes ativas na Educação, com vários anos de regência de classe e vasta experiência. Algumas ainda diversificaram sua formação e além da docência cursaram Direito, Psicologia e Pedagogia. Elas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estão constantemente em capacitação e formação continuada e são reconhecidas por seus pares, haja vista o exímio trabalho desenvolvido ao longo da trajetória profissional.

As narrativas se deram em um ambiente residencial, depois do expediente das professoras, e após ter sido servido o lanche. Então, todas já estavam bastante à vontade, entrosadas, numa conversa informal, após narração da proponente, sem controle e nem indicação sobre o que falar para não prejudicar, nem interferir na fonte de pesquisa, elas iniciaram os seus diálogos. Houve interação, mas não direcionamento, por não se julgar necessário, haja vista os verbos ora ressaltados para estudo serem largamente empregados na fala cotidiana.

Ainda de acordo com Tarallo (2001, p.22), “[...] os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”. No caso das referidas professoras, narradoras, observou-se que elas se desprenderam totalmente das formalidades e, na naturalidade da situação, não se preocuparam em pensar em regras gramaticais. Elas utilizaram-se da língua, na oralidade, de modo informal e sem monitoramento.

Julga-se necessária tal exposição pelo fato de que, dos professores, especialmente, é muito cobrado que a língua padrão seja constantemente utilizada, mais ainda quando se trata de professores habilitados para o ensino de Língua Portuguesa.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004) assim contribui:

Vamos nos deter na variação que se observa na escola. Para começar, há diferenças relacionadas aos papéis sociais: professores, diretores, coordenadores etc. desempenham função de autoridade que lhes confere direitos especiais e também obrigações: entre elas a de usar uma linguagem mais cuidada – que podemos chamar também de *monitorada* – que a dos alunos (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

A autora ressalta que, ao observar as interações em sala de aula, constatou-se a variação linguística muito presente. Embora, nas práticas de letramento, houve maior monitoramento na linguagem por parte do docente, nas práticas de oralidade, sobressaiu-se a coloquialidade (BORTONI-RICARDO, 2004).

### **Variação linguística e os verbos ir e chegar – regência verbal**

Os verbos ir e chegar, presentes em muitas propostas enunciativas, tornaram-se, também, um dos processos de gramatização, haja vista a preposição “em”, empregada na sua regência, não ser contemplada pela gramática normativa, mas ser uma construção corriqueira e cristalizada nos falares cotidianos.

Na Gramática da Língua Portuguesa, tanto ir quanto chegar são verbos Transitivos Indiretos, motivo pelo qual se pede o uso da regência verbal com a preposição “a”. O verbo ir é irregular e indica movimento, deslocamento de um local ao outro. O verbo chegar é regular e indica que foi atingido o término de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um dado movimento de ida ou vinda.

A preposição “a” é, segundo a gramática, essencial e invariável, atuando como “conectivo” entre palavras ou orações. Enquanto regência, estabelece “relações” entre as palavras e as orações.

Ao tratarem sobre a função das preposições, os gramáticos Terra e Nicola (1997), Cegalla (1972) e Almeida (1973) são unânimes ao definirem-nas como conectivos que desempenham funções de ligação entre as palavras: substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo.

Porém, ambos os verbos, com suas regências, apresentam divergências entre o que está prescrito pela Gramática Tradicional e o que é vivenciado, diariamente, na realidade linguística.

Como forma de contribuição, trazendo recortes específicos das gravações, apresenta-se seu conteúdo, base para esta pesquisa, como forma de exemplo, para depois dar sequência às discussões. Metodologicamente, serão apresentados os exemplos das narrativas gravadas, transcritas de forma literal, e, na sequência, exemplos de como tais construções seriam abordadas pelas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa. Trata-se de frases/orações retiradas de determinado contexto linguístico, que são as que apresentam a indicação dos verbos ir e chegar, seguidas ou não da regência verbal pré-estabelecida pela normatização gramatical. Das narrativas, são os seguintes



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trechos estudados neste trabalho:

- ***Você chega Lá e diz que não tinha. (Lá - Local de trabalho)***

- Ao chegar ao seu local de trabalho, diga que não havia.

- Diga, ao chegar ao seu local de trabalho, que não havia.

- Não havia. Diga ao chegar ao seu local de trabalho.

- ***A namorada dele foi pra Itália?***

Para + a = pra.

Para - residir = fixo

A - retorna = móvel

- ***Quando eu chego meio dia em casa, percebo que tô sem chave.***

- Ao chegar à casa, meio dia, percebo que estou sem as chaves da porta.

- Ao meio dia, ao chegar a minha casa, percebo que estou sem as chaves da porta.

- Percebo que estou sem as chaves da porta, ao meio dia, ao chegar a minha casa.

- Percebo que estou sem as chaves da porta, ao chegar à casa, ao meio dia.

- ***Aquele dia que ela foi Lá na tua casa...***

- Aquele dia que ela foi a sua casa...

- No dia em que ela foi a sua casa...

- ***Chega o cara Lá na porta...***

- Chega o cara à porta...

- À porta, chega o cara...

- ***Quando ela chega na porta do banheiro...***

- Quando ela chega à porta do banheiro...

- Quando, à porta do banheiro, ela chega...

- ***Ele vai no banheiro...***

- Ele vai ao banheiro...



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Ao banheiro, ele vai ...
- ***Ele foi na detrás...***
  - Ele foi àquela casa que está localizada atrás da minha...
  - Ele foi àquela casa que fica atrás da minha...
  - Àquela casa, que fica atrás da minha, ele foi...
- ***Quando cheguei Lá, cadê? A gente saindo Lá pra baixo...***
  - Quando chego a Boa Vista, cadê? Nós estávamos de saída para lá...
- ***Ele chegou pra mim e falô assim...***
  - Ele chegou até mim e disse assim...
  - Ele se achegou a mim e falou assim...
  - Ele chegou até mim e disse o seguinte...
- ***Eu fui pra casa.***
  - Eu fui para casa.
- ***Eu quando vô na minha irmã...***
  - Quando eu vou à casa de minha irmã...
  - Eu, quando vou à casa de minha irmã, ...
- ***Fui na Loja e comprei...***
  - Fui à loja e comprei...
  - Fui até a loja e comprei...
- ***Eu e a fulana fomo Lá na frente...***
  - A fulana e eu fomos até lá, na frente, ...
  - A fulana e eu fomos diante da vidraça e ...
  - A fulana e eu fomos diante da janela e ...
- ***Dáí ele foi Lavá o vidro...***
  - Após isso, ele lavou o vidro...
  - Ele lavou o vidro após isso...
  - Após o acontecido, ele lavou o vidro...
  - Após isso, ele lavou o vidro...
- ***Eles vão Lá e comem tudo. (um Local)***



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Eles vão até o local e comem tudo.
- Eles, vão até o local e comem tudo.
  
- ***Ela vai toda quinta na Célula<sup>56</sup>.***
- Ela vai, todas as quintas, à Célula.
- Ela vai todas as quintas-feiras à Célula.
- À Célula, todas as quintas ela vai.
- À Célula, todas as quintas, ela vai.
  
- ***Cheguei em casa ele falou assim...***
- Cheguei à casa e ele me disse o seguinte: ...
- Cheguei à casa e ele me disse assim...
- À casa, cheguei, e ele me disse assim...
  
- ***Ele deve ter chego Lá na Célula dele e dito que...***
- Ele deve ter chegado à Célula e dito que..
  
- ***Ia mandá mensagem pra vê se eu podia i na Célula.***
- Iria mandar mensagem para saber se eu poderia ir à Célula.
- Mandaria mensagem para saber seu eu iria à Célula.
  
- ***Dia 02 eu vou Lá pra São Paulo.***
- No dia 02 eu irei a São Paulo.
- A São Paulo eu irei no dia 02.
- Eu irei a São Paulo, no dia 02.
  
- ***Daí fui Lá e reservei tudo.***
- Fui até o local e reservei tudo.
  
- ***Nós fomos pra Recife.***
- Nós fomos a Recife.
  
- ***Eu vô só pra Guaraniaçu.***
- Eu só vou a Guaraniaçu.
  
- ***Fui ontem no parque.***
- Fui ao parque ontem.

---

56 Denominação religiosa; encontro religioso.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Ontem fui ao parque.
- Ao parque, ontem eu fui.
- Ao parque, eu fui, ontem.
- Ao parque eu fui ontem.
  
- ***Chego no parque, uma mocinha veio pu meu lado...***
- Cheguei ao parque, uma mocinha veio até mim...
- Quando cheguei ao parque, uma mocinha veio até mim...
- Quando cheguei ao parque, uma mocinha veio em minha direção...
- Veio até mim, uma mocinha, quando cheguei ao parque.

De forma resumida, a sintaxe estuda a correta alocação dos termos no interior das frases, orações, períodos e textos. A semântica preconiza o significado. Dado isto, sintática e semanticamente, todos os exemplos acima expostos atendem a essas duas condições relevantes para a construção de enunciados.

Tais exemplos comprovam e sustentam o que já se sabe: a língua é variável. Os falantes não recorrem estritamente às normas gramaticais, aquelas prescritas há tempos, que não contemplam a variação linguística. Contudo, quando eles não apresentam as normas, por muitos, são tachados de incoerentes quanto às construções sintático-semânticas, pois abrem mão da normatização, do bem falar e do bem escrever.

Desse modo, apoiados na afirmação de alguns linguistas, entendem que, se houve comunicação, é válido. Retornando aos exemplos, comprova-se que, embora as estruturas sintáticas não estejam ordenadas de acordo com a gramática



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

normativa, tudo o que foi exposto foi passível de compreensão.

No entanto, é relevante destacar o fato de a língua também ser eletista e excludente. A interação informal é específica para espaços de informalidade, momentos propícios às variações, mas há contextos em que a normatização ou o uso mais polido, mais próximo às regras, é importante.

De acordo com Antunes (2007),

Somente uma língua idealizadamente descontextualizada é uniforme. E o que é uma língua descontextualizada? É a língua artificial, inventada; língua para dar exemplos. É a língua das frases soltas, que continuam a ter lugar nas salas de aula. Língua que não tem como referência uma situação, um sujeito, uma finalidade comunicativa. Parece uma coisa oca (ANTUNES, 2007, p. 105).

O que se percebe é que a preposição “a” é substituída pela preposição “em”. Enunciados do tipo “chegar a casa” sugerem maior distanciamento sentimental, diferentemente de “chegar em casa”, que se remete ao lar e expressa maior intimidade por parte do falante. O uso da variação “pra” é uma prática tão constante que muitos desconhecem a regência do verbo ir com a preposição “a”.

Quanto às ocorrências no diálogo dos professores, trata-se de casos idiossincráticos, ou seja, uma visão peculiar, pessoal, própria, uma escolha daqueles que, por sua formação acadêmica, têm noção e conhecimento das regras gramaticais.

Tais casos de idiossincrasia são reafirmados a partir



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da observação dos trabalhos apresentados na página da PUC/RS, especificamente sobre regência verbal. Ressalta-se que na

[...] apresentação dos aspectos normativos da língua, como em qualquer apreciação de fatos lingüísticos, há que se observar o que é preferível, o que é tolerável, o que é admissível, o que é aceitável, o que é grosseiro, o que é inadmissível, deixando de lado a dicotomia elementar, o primitivismo lingüístico que observa a língua sob o prisma estreito de "certo" x "errado" (SCARTON; SMITH, 2002).

Ainda, não se deve deixar de considerar que são casos favoráveis, prosodicamente, haja vista serem mais espontâneos, sem contínuo monitoramento.

### Considerações finais

A variação linguística é uma linha de estudo cujo objetivo consiste em reconhecer e entender os usos lingüísticos realizados por determinadas comunidades. Analisaram-se as variações quanto ao uso da regências dos verbos “ir” e “chegar” como sendo casos de gramaticalização, uso recorrente no falar, não admitido nas regras normativas da língua, mas socialmente aceito no uso cotidiano, como formas cristalizadas.

Contudo, apesar da existência da variação linguística, reitera-se que não se deve abandonar o ensino das normas da gramática tradicional nas salas de aula, especialmente pelo espaço da Escola ser o ambiente propício para o estudo científico, regrado, formal. O cientista produz conhecimento, enquanto a es



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cola o socializa de forma efetiva, de modo contextualizado. A ciência e a disciplina Gramática trazem estudos e conhecimentos relevantes para aqueles que lançam mão da Língua Portuguesa, especialmente em contextos mais formais de comunicação, em que se requer um uso mais monitorado dos recursos linguísticos.

### Referência

- ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Gramática: texto: análise e construção de sentido**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1973.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1972.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- HYMES, D. H. *The ethnography of speaking*. 1968.
- PASQUALE, C. N.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.
- SARMENTO, L. L. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2005.
- SCARTON, G.; SMITH, M. M. **Manual de redação**. Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, [2002]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/regverbal.php>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- TARALLO, F. **A pesquisa Sócio-Linguística**. São Paulo: Ática, 2001.
- TERRA, E.; NICOLA, J. de. **Gramática, literatura e redação para o**



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**2º grau** . São Paulo: Scipione, 1997.

**VON BORSTEL, C. A linguagem sociocultural do Brasildeutsch** . São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Perspectivas socioculturais orientando o letramento no tocante aos usos da escrita: um olhar apoiado na linguística e filosofia no sentido de interpretar as práticas de letramento**

Por: Mery Helen Rosa<sup>57</sup>

meryhelenrosa@gmail.com

**Resumo**

A escrita, na contemporaneidade, tem suscitado práticas ligadas a diferentes contextos de uso, posto que atende a determinações particulares alusivas a domínios sociais enfocados, em espaço e tempo definidos. Partindo dessa realidade, a utilização de textos sustenta-se na especificidade requerida em distintas instâncias sociais. Cumpre destacar que este estudo ancora-se nas práticas de letramento pelo fato de abarcarem o que é de ordem social e, por conseguinte, cultural, na medida em que nelas percebem-se ideologias, valores, costumes, enfim, o que é subjetivo e que, por sua vez, denota perspectivas socioculturais do letramento, conforme anuncia os Novos Estudos do Letramento (NLS). Frente esse quadro, traz-se para a cena a Análise de Discurso (AD), em virtude de ela expressar um modo de analisar o discurso que se funda no entendimento de que a linguagem se diferencia, de atividade para atividade, a fim de atender diferentes contextos, bem como situações. Por essa via, a produção da linguagem faz sentido nas interações sociais, nas relações intersubjetivas que são estabelecidas, nos discursos que dão corpo aos textos escritos e falados. De modo analógico, a filosofia também se encarrega de abranger contextos

---

57 É mestra em Educação pela Universidade Federal de Goiás - UFG, Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG, é Especialista em Formação Sócio-econômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira, é Especialista em Alfabetização pela Universidade Federal de Goiás - UFG e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. É servidora pública estadual da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, docente, lotada no CAIC-UNESCO de São Sebatião, na cidade de Brasília/ DF.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diversificados no que compete ao sentido dos fatos, em função de buscá-lo via apreensão da essência dos acontecimentos e mediante reflexões e argumentações. Assim sendo, as práticas de letramento, no estudo em questão, envolvem o entrecruzamento da linguística com a filosofia em uma dimensão ampla que se estende às práticas sociais.

**Palavras-chave:** Escola; Sentido; Ideologia; Eventos de letramento; Interações sociais

### **Introdução**

Os usos da escrita, atualmente, referem-se a uma diversidade de contextos, situações e realizações de atividades que implicam óticas flexíveis e dinâmicas rumo a transpassarem um único domínio social. Por certo, levando isso em consideração, as práticas de letramento tornaram-se mais híbridas em decorrência de conhecimentos específicos, próprios de um domínio, de alguma forma, manifestarem em outro domínio, com outras exigências no que concerne a atividades e propósitos. Note-se, pois, que as interações sociais das quais as pessoas participam em instâncias distintas, dado a não serem finitas, tampouco isoladas, oferecem conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento de atividades em várias dessas instâncias. Disso advém o caráter híbrido que permeia o mundo grafocêntrico, regido pela escrita.

Nesse sentido, o letramento, no contexto de suas práticas, vincula-se ao que as pessoas realizam por meio da escrita em seu cotidiano. Com efeito, defende-se que o mencionado fenômeno tem como mola propulsora aspectos sociais e

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

culturais, em prol de ser pensado como prática sociocultural, conforme traz os Novos Estudos do Letramento (NLS), em que despontam trabalhos de Barton (2001), Soares (2003), Heath (1982), Street (2003, 2012, 2014), dentre outros. Nessa direção, demarcam-se interpretações alusivas ao campo da linguística e filosofia, que também têm o cotidiano como suporte para a execução de ações humanas alicerçadas na escrita, em específico, a partir de interações sociais e discursos gestados em contextos particulares.

No panorama contemporâneo, perderam lugar os formalismos observados no campo da linguística. Para tanto, passou-se a estudar a língua por meio da associação da situação focalizada, do contexto, bem como da interação a partir da qual são produzidos os materiais linguísticos passíveis de análise (TEIXEIRA, 2012). Nessa linha de entendimento, o discurso linguagem, segundo abordagem expressa no presente estudo, é enfatizado como prática social, em que tem centralidade questões de ideologia, poder, hegemonia e outras. No âmago dessa forma de prática, consideram-se os aspectos econômicos, políticos (poder e ideologia) e cultural, que se ligam a valores e identidades culturais (MAGALHÃES, 2000). Por outro lado, aqui, o discurso também é visto como prática discursiva, que abrange o processo de interação social, sendo o texto parte dos processos sociais de produção, interpretação e consumo (LIMA, 2014).

Conforme é sabido, tendo respaldo em Fairclough



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(2012), a vida social é composta por redes interligadas de práticas sociais com diversas tipificações, sejam elas econômicas, políticas, culturais, dentre outras. A mencionada compreensão conduz a identificação de prática social como um modo de atividade social relativamente estável, (sempre abarcando o discurso) a título de exemplo, o ensino em sala de aula, o noticiário da televisão, consultas médicas e outros. Em suma, a vida social é constituída de práticas e o discurso interpretado “como um dos momentos da prática social” (LIMA, 2014, p. 67).

Tomando esse viés, as práticas de letramento acontecem no universo das práticas sociais e englobam discursos de diferentes ordens, que são explicitados por meio de valores, ideologias, crenças, costumes, da cultura de um modo geral, dentre outros elementos de natureza subjetiva. Depreende-se, assim, que essas práticas, metaforicamente como descreve Hamilton (2000), correspondem a base do *iceberg* e implicam valores não materiais, compreensões, sentimentos e ideologias, enquanto os eventos de letramento são entendidos pela autora como a ponta do *iceberg*, que tem sustentação nas práticas de letramento. É oportuno esclarecer que os referidos eventos são passíveis de se ver acontecer, em função de uma situação particular (STREET, 2012), portanto, envolvem o que é de caráter objetivo.

No caso das práticas de letramento, a filosofia pode



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atuar no desvelamento dos discursos que atravessam o campo subjetivo delas. Torna-se importante frisar, então, que a referida área do conhecimento contribui no sentido de viabilizar reflexões, interpretações, posicionamentos críticos e compreensões em prol de interpretar o letramento no âmbito de suas práticas. Por assim ser, essa ciência faz o uso da dialética, expressa em argumentações críticas, especialmente ligadas a pontos como ideologias, valores que emergem das práticas de letramento. Considerando que a filosofia é uma reflexão que culmina em atitudes filosóficas ancoradas na indagação, pelo prisma escolar (MORAES; MONTEIRO, 2002), entendimentos obtidos via reflexão podem desencadear em posicionamentos críticos frente a temáticas e questões diversificadas.

Em conformidade com isso, Luckesi (2011) endossa que a filosofia proporciona às pessoas se sentirem refletindo a respeito da cotidianidade dos seres humanos. Ela ainda determina, segundo argumenta o autor, um quadro organizado e coerente de “visão de mundo”, que sustenta uma proposição organizada e coerente para o agir. Admite-se, portanto, que nesse modo de ver filosófico as pessoas agem em função de certa finalidade, tendo propósitos que levam a compreender e direcionar “a existência humana em suas mais variadas dimensões”. Trazendo isso para o panorama das práticas de letramento, é fato que o cotidiano fornece as bases para que



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

elas sejam analisadas do ponto de vista dos discursos, tendo destaque para os elementos subjetivos que as arquitetam. Nisso, inclui também as práticas sociais que são mais amplas do que as de letramento e ofereçam subsídios para compor estas.

A partir das considerações até aqui alinhavadas, pode-se afirmar que linguística e filosofia debruçam sobre o cotidiano que, para ser compreendido, precisa passar pelo crivo da interpretação, dos discursos, tendo em vista os propósitos, ideologias, dentre outros fatores que se encarregam de estruturar as práticas de letramento em domínios distintos. Nessa perspectiva, as referidas ciências entrecruzam, de modo a tornar mais amplo e consistente o olhar com relação à interpretação das práticas de letramento do ponto de vista dos sentidos, isto é, das questões subjetivas que as dão realce.

#### **Um entendimento das práticas de letramento assentado em perspectivas socioculturais e no modelo ideológico de letramento**

A efetivação de compreensões acerca das práticas de letramento requer, em primeiro lugar, que se tome o letramento a partir dos eventos e práticas e, também, enquanto prática social, alicerçada em perspectivas socioculturais de uso da escrita e, por conseguinte, da leitura. Nessa esteira de análise, tendo como referência o presente estudo, o processo de letramento se realiza por meio de práticas escolares que consideram o contexto de ocorrência do letramento. Dito de outra forma, esse processo embasa-se em condições reais, através da

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

quais a escrita e leitura estão presentes e se fazem próximas das vivências dos alunos, pelo fato de levar em conta o que pensam e como agem na vida social.

Essa abordagem do contexto dos alunos reforça o modelo ideológico de letramento. Na percepção de Street (2014), o referido modelo se concentra em práticas específicas de escrita e leitura, em razão de reconhecer a natureza ideológica que, pela ótica cultural, encontra-se entranhada nas mencionadas práticas. Assim sendo, abarca pressupostos acerca dos processos de escrita e leitura que estão encaixados em relações de poder. Ademais, o autor expõe que o modelo em questão envolve a consideração de processos sociais, de modo a significar o letramento para as pessoas em instituições sociais diversificadas, transcendendo as pedagógicas.

Fazendo alusão a questões socioculturais, é importante rememorar que práticas de letramento mudam conforme o contexto dos grupos sociais. Sob essa ótica, também alteram os efeitos dos diferentes letramentos em distintas condições e que coadunam com o letramento ideológico. Com efeito, a participação dos alunos em práticas de letramento, na perspectiva de abranger os diferentes usos e funcionalidades da escrita em eventos específicos, no contexto da sala de aula, confirma o modelo ideológico, haja vista que considera o letramento como passível de variação de lugar para lugar, de contexto para contexto, de situação para situação. Esse modelo é, portanto, uma alternativa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que oferece uma visão mais culturalmente sensível a respeito das práticas de letramento, na medida em que permite percepções de como elas variam de um contexto para outro (STREET, 2003).

Pelo fato das práticas de letramento ocorrerem dentro dos eventos, quando é versado sobre elas estão subentendidos os eventos. O que aqui está se afirmando é que eventos e práticas são interdependentes e cooperativos, logo, são interpretados conjuntamente, apesar de considerar a distinção e identidade (já mencionadas anteriormente) que cada um apresenta. A respeito disso, apreender as práticas de letramento do ponto de vista interpretativo significa ter em vista que: “A análise de eventos e práticas de letramento, portanto, é a análise do jogo de encaixes dos indivíduos entre situações (interações situadas) e tradições (práxis sociocultural)” (ORLANDO, 2013, p. 196).

Para demonstrar a dimensão das práticas de letramento, explicita-se que, segundo Rojo (2009), elas vão desde a leitura escolar, em voz alta, de um texto escrito, até um CD de *rap* em tupi, assessorado por um professor, ao fazer uso dos meios eletrônicos e digitais. Nesse sentido, um exemplo de prática de letramento dado pela autora é de Josias que, aos vinte e dois anos, aproximava-se de carros parados no sinal e pendurava no espelho um saquinho de balas de hortelã, tendo grampeado um bilhete que dizia: “Sou pai de família e estou desempregado. Vendo balas para sustentar meus filhos. Compre um saquinho. Somente R\$2,00”. Nos dizeres da autora, quando uma

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pessoa lê o bilhete e compra as balas tem-se uma prática de letramento.

Indo na direção das práticas sociais e inserindo nelas, Heath (1982) desenvolve pesquisas apoiadas nos objetivos das histórias de dormir para crianças, como habilidades narrativas que manifestam em casa e na escola. Como evidência, mostra que os eventos de letramento familiar e pré-escolares dirigidos às crianças são as histórias de ninar, caixas de cereais, sinais de parada, anúncios de televisão, instruções de interpretação para jogos comerciais e brinquedos. Em tais eventos, a autora ressalta que os participantes seguem regras socialmente estabelecidas para verbalizarem o que sabem de e sobre o material escrito.

Outro exemplo de prática de letramento, que é trazido por Perry (2012), se refere aos refugiados sudaneses. A título de explicação, esses refugiados, que viviam em comunidades cristãs americanas, tiveram centralidade na fala da autora, em face de ela ter o propósito de ilustrar a natureza do letramento como prática social. Por meio de pesquisas realizadas com os refugiados, a autora clarifica que eles estavam frequentemente envolvidos em eventos de letramento, posto que faziam a leitura da Bíblia para diversos fins, fosse durante o culto na Igreja, quando estudavam a Bíblia ou para orientar a oração pessoal. Depreende-se, pois, a partir do que destaca a autora, que essa é uma prática moldada pela instituição social igreja, o que

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

demanda considerar, também, as dimensões históricas e de poder no âmbito histórico, social e político que a perpassam. Desse modo, é oportuno considerar que, na cultura tradicional dos Estados Unidos da América (EUA), que tem sido predominantemente Judaíco-cristã, a prática da Bíblia é valorizada em detrimento de outros textos sagrados, como o Alcorão. Vale registrar, também, o contexto histórico dos sujeitos no país de origem, o Sudão, onde, como a autora anuncia, os cristãos africanos são uma minoria que tem sido ativamente oprimida pela maioria mulçumana, que têm a leitura do Alcorão como prática dominante e privilegiada. Ressalta-se que, para os refugiados, como seus contextos mudaram, o mesmo aconteceu com suas práticas. Assim sendo, a fim de poderem participar ativamente, no seio das comunidades cristãs americanas, passaram a ler a Bíblia em inglês, ao invés de árabe.

Considerando esse caso, fica claro que a perspectiva do letramento como prática social envolve os contextos do mundo real em que as pessoas praticam letramento, ao participarem de distintas situações cotidianas, em diferentes domínios sociais. Nessa linha de raciocínio, também tem relevância o papel das relações de poder na formação do letramento, bem como na aprendizagem do mesmo (PERRY, 2012).

Conforme salienta Barton (2001), estudos pormenorizados que realizou sobre as práticas de letramento em uma cidade da Inglaterra o permitiram olhar para a vida das



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

peças e verificar como elas usam o letramento em suas atividades de vida diária. O autor diz ter percebido uma variedade de práticas que se sobrepõem e se cruzam, além de estarem mudando rapidamente, tanto em casa como na comunidade dos pesquisados. Seus estudos elucidaram uma gama de letramentos na comunidade e os fins a que se destinam, expressando que, dentro de uma área restrita (como casa em relação com a escola), havia uma variedade de práticas de letramento, abarcando uma amplitude das áreas da vida. Observa-se que, ao pesquisar o cotidiano, estudos desta magnitude entendem o letramento como prática social, sendo possível perceber dinamicidade e mudanças no contexto das práticas de letramento.

Além da variedade constatada no âmbito das práticas de letramento, há que se levar em conta o caráter híbrido e de sobreposição que as atravessam. Barton e Hamilton (2005) assinalam que, na vida real, essas práticas são híbridas e sobrepostas, o que, por sua vez, dificulta discernir onde começam e onde terminam os elementos que dão forma a práticas específicas, bem como compreender quais são eles. Por essa razão, uma determinada prática de letramento pode carregar aspectos presentes em outras, com caráter diferente, embora haja o predomínio do que é próprio de cada uma.

Nessa perspectiva, Barton (2001) considera que uma das razões para se analisar práticas de modo detalhado é identificar peculiaridades do letramento em distintos domínios.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O autor adverte que, na vida cotidiana, seja na escola, ou no local de trabalho, em grande parte das vezes é observado o contraste dessas práticas. Frisa-se, ainda, que o desafio emergente disso é como colocar os estudos sobre o letramento em conjunto, frente a esses domínios que são passíveis de diferenças e que, portanto, implicam a tarefa de identificação do que eles têm em comum e do que os diferenciam. Para o autor, essa situação se faz presente em função de um contexto regido por domínios mais fluidos e nos quais as práticas são mais híbridas.

O que tudo isso leva a afirmar, é que o olhar flexível com relação às práticas de letramento e atento aos contextos, situações, logo variações e diferenciações dessas práticas, precisa ser considerado nos espaços escolares. Esse posicionamento condiz com o fato de o ensino ter condições de abranger, não somente padrões escolares de letramento, mas também circunstâncias a partir das quais o letramento, bem como suas práticas, sejam entendidos sob viés sociocultural, de modo a possibilitar o (re) encontro com as práticas sociais. Nesse ponto, residem as contribuições da linguística e filosofia, haja vista que, por dedicarem-se a questões inerentes a vida que se estabelece no tecido social, concebem o cotidiano e as práticas nele desenvolvidas como alavancas, por meio das quais os indivíduos atuam na sociedade. O saldo mais importante disso é que as pessoas podem, com base em diferentes formas de textos,



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lançarem mão de posturas críticas, reflexivas, argumentativas, enfim, de elementos subjetivos que, além de definir as práticas de letramento, certamente revelam jogos de poder, interesses, ideologias que subjazem ao que ora é exposto.

### **Análise do Discurso (AD) como possibilidade de perceber ideologia, poder e cultura nas práticas de letramento**

Importa expressar que os estudos linguísticos contemporâneos, que se sedimentam em situações discursivas têm buscado examinar questões de cunho sociocultural e político em termos de perceber a relação que estas estabelecem com a língua (MELO, 2009). É, portanto, na esteira dessa forma de estudo que se encontra apoiado o recorte feito.

De um modo geral, a Análise do Discurso (AD) situa-se no quadro dessa perspectiva. Nas palavras de Assolini (2010), ela tem como tarefa analisar discursos, processos discursivos e também significação. A língua, então, de acordo com o que reforça a autora, está embebida no ideológico, além de convocar sujeitos historicamente determinados e inseridos em lugares sociais, a enunciarem seu discurso.

Entendendo ideologia como o posicionamento do sujeito ao filiar-se a um discurso, em que o processo constitutivo do imaginário tem caráter inconsciente pelo fato de corresponder a um sistema de ideias que constitui a representação (CAREGNATO; MUTTI, 2006), menciona-se que os discursos são ideológicos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim como enfatiza Caregnato e Mutti (2006) apud Pêcheux, todo dizer é ideologicamente marcado. A partir desse pensamento, as autoras defendem que não há sujeito individual, mas assujeitamento ao coletivo. Em outros termos, esse assujeitamento acontece no nível inconsciente, quando o sujeito procede a filiação e interiorização a respeito do conhecimento de construção coletiva, ao ser porta voz de daquele discurso, bem como representante daquele sentido.

Sob esse prisma, o texto, assim como demarca Assolini (2010, p. 171), “é produzido por um sujeito ideologicamente interpelado e atravessado por vozes que veem de diferentes lugares – outros textos, outros discursos, diferentes Formações Discursivas (talvez) ou, pelo menos, por diferentes posições-sujeito”. Por essa concepção, são considerados diferentes fios discursivos que compõem uma trama entrelaçada, em que o texto assume materialidade linguística.

Nessa trama, tem realce a ideologia, o que condiz diretamente com situações a serem observadas nas práticas de letramento, pelo fato dessas práticas terem centralidade no tocante ao que é ideológico, logo, contextual, situacional, estabelecido socioculturalmente em espaço e tempo determinados. Em geral, esclarece-se, pois, que o discurso apresenta, para Fairclough (2012), de três maneiras. Pode ser parte da atividade social de uma prática, constituindo os gêneros discursivos; figurar em representações, em que os atores sociais posicionam-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se de formas diferentes, a partir de como representam a vida social; expressar nos modos de ser, na constituição de identidades.

É mister elucidar que, neste estudo, adota-se a visão de discurso como parte da atividade social de uma prática, em virtude de as práticas de letramento abrangerem atividades específicas, associadas aos padrões de exigência que respondem às demandas presentes em domínios sociais particulares. Desse modo, os gêneros discursivos são vistos como matéria prima para que se possam interpretar as práticas de letramento, em específico, no sentido de perceber ideologia, poder, cultura, dentre outros elementos abstratos, nelas contidos.

Reiterando a questão da AD, há que se pontuar, tendo respaldo em Mari et al. (1999), que ela envolve uma dimensão ampla, em que se focaliza um modelo de análise linguística, cujo objetivo é analisar fatos específicos ou globais, ligados ao uso da linguagem, em situações históricas determinadas por sujeitos que são concebidos como concretos. Na realidade, este modo de análise, para os autores, preocupa-se com a linguagem na sua dimensão social.

Ademais, a AD sempre relaciona o linguístico com a história, bem como com o ideológico (PAULON et al., 2014). Em decorrência de tratar os fatos com base nessas três dimensões, interrelacionadas, a AD trabalha com o sentido do texto, lembrando que o sentido a que se refere é produzido. É evidente



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que, ao se ater a essa acepção de sentido, está se assumindo que a linguagem traz sentidos pré-construídos que ressoam da memória de dizer (que é coletiva e construída socialmente) (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Na seção dedicada a abordar sobre as práticas de letramento em conjuntura ideológica e sob o viés sociocultural, foram demarcados exemplos de práticas de letramento. Ressalta-se que alguns deles serão retomados brevemente, aqui, com o propósito de elucidar pontos que denotam ideologia, poder e cultura, que caracterizam e dão roupagem aos discursos presentes em tais práticas.

No exemplo de Josias que se dedicava a vender balas para pessoas paradas no sinal, entregando o bilhete com a informação do porquê de vendê-las, seguida do preço, está presente ideologia. Essa, que por sua vez, é marcada pela representação social de que o desempregado, muitas vezes, precisa submeter a trabalhos informais, desvalorizados, logo, subumanos, em face de não ter um lugar estável no mercado de trabalho. Isso reflete, dentre outras questões, a formação cultural e histórica dos países subdesenvolvidos, expressa por divisões sociais marcantes, onde é possível perceber um número significativo de pessoas vivendo nessas condições. Em específico, no trecho: “Vendo balas para sustentar meus filhos”, está reafirmada a necessidade de se ter um trabalho e, paralelamente a isso, é posto em evidência um discurso, o qual



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Josias não é dono e nem tem controle sobre ele, em razão de constituir-se e ser representado pela memória coletiva. Essa interpretação, além de embasada, é confirmada por Caregnato e Mutti (2006, p. 681) a partir do argumento: “todo discurso já foi dito antes”.

O exemplo dos cristãos africanos refugiados que foram para os Estados Unidos da América (EUA) deixa nítida, nesse caso, principalmente, uma relação de poder presente nas práticas de letramento religiosas da comunidade americana, além de envolver ideologia e cultura. Assinala-se que o poder demonstra sua força no sentido de imperar em prol da uniformidade das ações e atividades dos que frequentam aquele espaço religioso. Demarca isso o fato de os refugiados terem que deixar de praticar o Alcorão, do modo como faziam no Sudão, na África, em face de, no seu lugar, ser exigido aprenderem o Inglês, a fim de lerem a Bíblia e, por conseguinte, participarem da referida comunidade cristã.

Ainda, no que concerne a esse exemplo, pode-se perceber também cultura e ideologia. A primeira diz respeito a ler a Bíblia em Inglês, ao invés do Alcorão, haja vista que a comunidade inglesa, culturalmente, tem como língua materna o Inglês, por tradição e está inserida na cultura judaico-cristã. Por outro lado, a questão ideológica associa-se a representação social dos grupos praticantes da religião, as ideias, os discursos, por fim, o imaginário que está por traz das práticas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de letramento religiosas desenvolvidas. Por assim ser, no processo discursivo, o sujeito (aqui, os que praticam a religião nos EUA) é definido a partir do lugar de onde fala, através do espaço de representação social que ocupa quando desempenha seus papéis, o que permite a revelação da sua posição ideológica (PAULON et al., 2014).

Os pontos abordados permitem afirmar que os discursos gestados nas práticas de letramento são passíveis de serem interpretados quando se realiza análise do discurso, visualizando a busca dos efeitos dos sentidos. Para tanto, é imprescindível lançar mão da interpretação na perspectiva de proporcionar a saída do enunciado com a intenção de chegar ao enunciável (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Em se tratando da centralidade em que a interpretação é colocada, linguística e filosofia são chamadas a contribuir com o desvelamento dos aspectos implícitos presentes nos discursos.

A filosofia, ao utilizar-se da dialética, permitiu olhar criticamente para o caso de Josias, que está entre as pessoas oprimidas pelo sistema classista, o qual é responsável por fazer despontar extremos distintos, pobres e ricos. Ainda assim, seria importante destacar que o próprio ato de refletir sobre as práticas de letramento, (efetivando a averiguação de pontos que requerem posicionamentos críticos) buscar entendê-las, via interpretação, é papel inerente à filosofia, que embalou e atravessou as compreensões explicitadas nesse estudo.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Convém salientar que a linguística está diretamente envolvida na interpretação das práticas de letramento, justamente porque estas abrangem discursos, aliás, gêneros discursivos, que para serem entendidos precisam passar pelo crivo da ideologia, poder e cultura, aspectos que estruturam as práticas sociais. É necessário ponderar que essas práticas, por serem fundadas no cotidiano, são componentes inevitáveis no campo do letramento, em decorrência de explicarem diferentes realidades e contextos.

Observa-se, por fim, que linguística e filosofia proporcionaram um olhar para as práticas de letramento que foi além do que estava posto, pelo fato de ter oportunizado uma leitura na dimensão dos sentidos, do que é subjetivo. Especialmente a linguística ofereceu subsídios no âmbito coletivo, haja vista que postula serem os discursos de ordem coletiva, na medida em que nenhuma pessoa individualmente é dona deles. Com base nisso, o que é dito, já foi dito por outras pessoas, cabendo a Análise do Discurso oferecer elementos para interpretar os discursos, conforme se pode notar ao longo deste texto, a saber, na realidade de que ideologia, poder e cultura transpareceram quando os sentidos dos discursos foram acessados e, por sua vez, interpretados.

## Referências

ASSOLINI, F. E. P. “Interpretação e letramento no ensino fundamental: dificuldades e perspectivas para a prática



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pedagógica escolar” In FFOUNI, L. V. (org.). **Letramento, escrita e leitura: Questões contemporâneas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BARTON, D. “*Directions for literacy research: analyzing language and social practices in a textually mediated world*” In **Language and Education**. v. 15, n. 2&3, 2001. Disponível em [http://eprints.lancs.ac.uk/3919/1/Ie0150092\[1\].pdf](http://eprints.lancs.ac.uk/3919/1/Ie0150092[1].pdf). Acesso em 10/01/2014.

BARTON, D; HAMILTON, M. “*Literacy, reification and the dynamics of social interaction. To appear*” In David Barton and Karin Tusting (eds). **Beyond Communities of Practices: Language, Power and Social Context**. Cambridge University Press, 2005. Disponível em [http://orgs.man.ac.uk/projects/include/experiment/david\\_barton.pdf](http://orgs.man.ac.uk/projects/include/experiment/david_barton.pdf). Acesso em 22/10/2013

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. “*Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*” In **Texto Contexto Enferm**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em [www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17](http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17). Acesso em 19/03/2016

FAIRCLOUGH, N. “*A dialética do discurso*” In MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

HAMILTON, M. “*Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice*” In BARTON, D.; HAMILTON, M.; I., Roz (org). **Situated literacies**. London: Routledge, 2000.

HEATH, S. B. “*What no bedtime story means: narrative skills at home and school*” In **Ling. Soc.** II, 49-76. Printed in the states of América, Cambridge University, Press, 1982.

LIMA, M. C. “*Discursos de gênero e identidade*” In OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (orgs.). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Cortez, 2014.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MAGALHÃES, I. **Eu e tu: a construção do sujeito no discurso médico**. Brasília: The-saurus, 2000.

MARI, H. et al. (org.). **Fundamentos e dimensões da Análise do**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Discurso** . Apresentação. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

MELO, I. F. “Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções” *In Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 5, n. 11, 2009. Disponível em [www.letramagna.com/adeacd.pdf](http://www.letramagna.com/adeacd.pdf). Acesso em 19/03/2016

MORAES, A. B.; MONTEIRO, M. N. “As contribuições da filosofia da educação para o ensino médio profissionalizante em magistério” *In Revista Científica da UFPA*, v. 3, março 2002. Disponível em [http://www.2.ufpa.br/rcientifica/ed\\_anteriores/pdf/ed\\_03esp\\_abm.pdf](http://www.2.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_03esp_abm.pdf). Acesso em 13/03/2015.

ORLANDO, Virgínia. “A perspectiva dialógica m pesquisa de práticas de letramento” *In Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n.1, p. 190-204, jan./jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bokv8n1/a12v8n1.pdf>. Acesso em 18/09/2013.

PAULON, A; NASCIMENTO, J. V.; LARUCCIA, M.M. “Análise do Discurso: fundamentos teórico-metodológicos” *In Revista Diálogos Interdisciplinares*, v.3, n. 1, p. 25-45, 2014. Disponível em <file:///c:/Users/PC/Downloads/42-148-1-PB.pdf>. Acesso em 19/03/2016

PERRY, K. H. “*What is literacy? - A critical overview of sociocultural perspectives*” *In Journal of Language and Literacy Education*. v. 8, n. 1, p. 50-71, 2012. Disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1008156.pdf>. Acesso em 10/01/2014

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros** . Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, B. V. “*What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*” *In Current Issues in Comparative Education*. Teachers College, Columbia University, v.5, n. 2, May 12, p. 77-91, 2003. Disponível em <http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy - Street.pdf>. Acesso em 22/08/2014

\_\_\_\_\_. “Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento” *In MAGALHÃES,*



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

I. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEIXEIRA, M. “Um olhar enunciativo sobre o discurso” *In* FANTI, M. G.; BARBISAN, L. B. **Enunciação e discurso: tramas de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2012.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Os discursos que *brilham* como toda mulher: discutindo a cenografia na publicidade da *Bombril*

Por: Poliana Ferreira dos Santos<sup>58</sup>

santospoliana19@yahoo.com.br

### RESUMO

Sabe-se que o discurso publicitário, por meio de seu caráter persuasivo, concorre para incutir ideias e valores na mente dos indivíduos a fim de incitar uma ação: a compra. Considerando que a mídia é uma importante ferramenta de representação social, os discursos publicitários tendem reconfigurar-se à medida que a sociedade se modifica, visto que os enunciados só ganham sentido quando ligados à vida, de acordo com Bakhtin/ Volochínov. Diante disso, este artigo apresenta uma análise, a partir da perspectiva de Maingueneau acerca dos conceitos de *cenografia* e *ethos*, de um vídeo publicitário que faz parte da recente campanha *Toda brasileira é uma diva*, da *Bombril*. O objetivo aqui é demonstrar de que forma a construção da cenografia colabora para a reconfiguração do discurso da *Bombril*, concorrendo para a constituição de um *ethos* da marca. Pode-se notar que a composição de uma cenografia específica legitimada pela enunciação permite a construção de um *ethos* que revela uma empresa empenhada na valorização feminina, e no reconhecimento e representação dos vários papéis sociais que a mulher desempenha atualmente.

**Palavras-chave:** Discurso publicitário; Mulher; *Ethos*; Cenografia.

---

58 É mestranda em Letras pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campos do Jordão/ SP, é Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL e Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa – UFV/ MG. É servidora pública federal, Técnica em Assuntos Educacionais – TAE, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, no campus da cidade de Campos de Jordão/ SP.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Abstract**

*It is known that the advertising discourse, through its persuasiveness, contributes to instilling ideas and values in the minds of individuals in order to encourage an action: the buy. Considering the media as an important social representation tool, advertisers speeches tend reconfigure itself as society changes, since the statements only make sense when linked to life, according to Bakhtin / Volochínov. Thus, this paper presents an analysis from the perspective of Dominique Maingueneau about the concepts of cenografia and ethos of an advertising video that is part of the recent campaign *Toda brasileira é uma diva*, from Bombril. The aim here is to demonstrate how the construction of cenografia contributes to the reconfiguration of the discourse of Bombril, contributing to the creation of an ethos of this brand. It may be noted that the composition of a specific cenografia legitimized by the enunciation allows the construction of an ethos which reveals a company committed to women's appreciation and the recognition and representation of various social roles that women currently plays.*

**Keywords:** *Advertising discourse; Woman; Scenography; Ethos.*

**Introdução**

Tendo em vista que os enunciados publicitários se amparam em diferentes estratégias discursivas a fim de envolver o público e garantir resultados positivos, encontra-se nas propagandas um campo profícuo para análise. De acordo com Sant'anna (1998), atualmente a publicidade constitui uma das maiores potências da humanidade, e por isso, gastam-se milhões na construção de glamorosas campanhas que tendem a afetar as emoções do público, levando-os à aquisição.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pressionados pela instabilidade dos mercados, a cada dia os publicitários mostram-se mais preocupados em acentuar o caráter persuasivo desse tipo de discurso, almejando não só vender um produto, mas também “implantar, incutir uma ideia, uma crença na mente alheia” (SANT’ANNA, 1998, p. 75). Considerando ainda que os enunciados publicitários se inscrevem em um universo social, no qual buscam a aceitação do público, percebe-se uma tendência atual que consiste na constituição de propagandas que levem os consumidores a se identificarem não só com o produto, mas com a própria empresa.

Dessa forma, ao passo que se modificam os estilos de vida de uma sociedade não só os produtos são moldados, mas também a forma como são promovidos. Por isso, é comum notar que as campanhas publicitárias atuais se valem de diferentes discursos a fim de construir uma imagem da empresa de forma que, alinhada à realidade sóciohistórica na qual se inscreve, convirja com os anseios do público alvo, evidenciando, por exemplo, sua responsabilidade social, ambiental, entre outras.

Com base nos conceitos da Análise do Discurso Francesa desenvolvidos por Dominique Maingueneau, parte-se da noção de que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas um rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2004, p.85), supõe-se que as mensagens publicitárias dinamizam a sociedade e os sujeitos, mobilizando ações de consumo a partir dessa identificação incentivada pela



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cenografia na qual o discurso se constrói.

Nos enunciados publicitários confere-se especial atenção à constituição dessa cenografia, visto que ela se torna responsável por atrair os sujeitos, levando-os a adentrar na cena criada e a acreditar no produto como uma necessidade. Maingueneau (2004) afirma que a cenografia, ao colocar em pauta outras questões, colabora para desviar a atenção do produto a ser vendido, enviesando a função mercadológica desse tipo de discurso.

Além disso, o jogo cenográfico construído a partir das imagens discursivas articuladas nos enunciados publicitários confere um *ethos* ao enunciador, levando seu co-enunciador a criar uma imagem positiva ou negativa da empresa que anuncia, o que se faz determinante para garantir ou não a simpatia e identificação com o produto.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta uma análise de um vídeo publicitário que faz parte da recente campanha da Bombril “Toda brasileira é uma diva”, veiculada na mídia em março de 2015 em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. A publicidade em questão caracteriza-se pela protagonização feminina a partir da cantora Ivete Sangalo.

Partindo da premissa de que a publicidade é um importante instrumento de representação social e, por isso, tende a reajustar seus discursos a fim de atender os anseios do público, objetiva-se aqui demonstrar de que forma a construção



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da cenografia colabora para a configuração do discurso da *Bombril*, concorrendo para a constituição de um *ethos* da marca que busca uma aproximação com o público por meio da abordagem de questões sociais.

### **Discurso, cenografia e *ethos***

Ao se pensar em discurso, é preciso ter em mente sua relação direta com o meio social em que se insere, visto que os enunciados só ganham sentido quando ligados à vida, como afirmam Bakhtin/ Volochínov (2013). Os autores defendem que o discurso se constitui como uma manifestação cultural e, por isso, está inserido em um contexto sóciohistórico. Portanto, deve ser compreendido a partir da situação social em que é produzido, correndo o risco de tornar-se vazio caso seja considerado isoladamente na sua dimensão puramente linguística.

Ao tratar dessa dimensão sóciohistórica discursiva, os pensadores russos elucidam, a partir da infinidade de discursos produzidos socialmente nas mais diferentes esferas, a relevância do aspecto extraverbal na construção dos enunciados, evidenciando a estreita relação estabelecida entre discurso e vida:

A palavra, na vida, com toda evidência não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2013, p. 77)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim sendo, ressalta-se a impossibilidade de considerar a situação extraverbal apenas como contexto externo, visto que ela é constitutiva e participa ativamente da criação de sentidos dos enunciados. Salienta-se aqui que “a enunciação se apoia em sua relação real e material a um mesmo fragmento da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2013, p. 79).

A partir desses pressupostos, compreende-se os anseios dos discursos, em especial o publicitário, em estabelecer por meio da linguagem, relações diretas com as situações vivenciadas pelo seu público, garantindo que os efeitos de sentido criados pelos enunciados publicitários permitam identificação e adesão.

Essa afinidade entre discurso e vida se dá a partir das diversas manifestações linguageiras por meio das quais os textos são construídos. Nesse artigo, almeja-se perceber como essa relação é esclarecida por meio da cenografia construída a partir da enunciação. Para isso, lança-se mão das reflexões de Dominique Maingueneau acerca das categorias de *cenos da enunciação*, *cenografia* e *ethos*.

Esses conceitos são desenvolvidos pelo autor em obras ligadas à Análise do Discurso. Nesse trabalho, em especial, busca-se entender essas questões principalmente por meio das obras em que o autor trabalha essas ideias aplicadas a textos publicitários e ligadas à imprensa de maneira geral. O



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguista francês trata de questões relacionadas ao enunciado, aos gêneros do discurso, às competências discursivas, entre outros. Maingueneau apresenta a ideia de *cena da enunciação*, que se desdobra em *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia* do enunciado.

A *cena englobante* está ligada ao tipo de discurso no qual o enunciado se inscreve, podendo ser ele político, religioso ou publicitário, como é o caso do objeto aqui analisado. A identificação dessa cena permite ao coenunciador situar-se diante do discurso consciente dos objetivos que o moldam, o que colabora no processo de construção de sentidos.

Aliada à cena englobante, Maingueneau (2004) destaca a importância da cena genérica, concernente aos gêneros discursivos particulares que definem seus próprios papéis e características. A associação dessas duas cenas é responsável por compor o *quadro cênico* que, nas palavras do linguista francês “define o espaço estável no qual o enunciado adquire sentido” (p. 87), e é ele que possibilita a leitura da publicidade.

Embora o autor descreva bem esse quadro cênico, ele complementa que não é com o quadro que o coenunciador se defronta diretamente, mas sim com a cenografia construída no momento da enunciação. No caso da propaganda, “a cenografia leva o quadro cênico a se deslocar-se para um segundo plano” (p. 87), o que atende bem às pretensões do discurso publicitário, já que



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

permite que se propale um determinado produto ou serviço de forma velada, uma vez que a cena criada aparece em evidência.

Segundo Maingueneau (2004), a cenografia não constitui um cenário pronto, um espaço que acomodará determinado discurso, pelo contrário, a sua construção se valida conforme acontece a enunciação. Embora a situação discursiva muitas vezes pressuponha, respaldada pela conveniência, uma determinada cenografia, esta deve legitimar e ser também legitimada pelo discurso, o que acontece, no caso da publicidade, à medida que os leitores se identificam e são envolvidos pela cenografia apresentada.

Nesse sentido, a cenografia, diferente do que pressupõe o senso comum, é algo que transpõe o contexto e se define em um âmbito muito maior, abarcando todos os elementos que circundam a produção do discurso, como as condições de produção, a dêixis enunciativa, o cenário em que os sujeitos se inscrevem, o gênero discursivo, entre outros. Dessa maneira, é a cenografia quem definirá o tom em que o enunciado é construído, sempre tendo em vista um outro, a quem o discurso se dirige.

Maingueneau (2004) considera que nem todos os gêneros discursivos são suscetíveis a variadas cenografias, visto que alguns mantêm formas mais estabilizadas, de acordo com sua função social. O linguista divide, então, os gêneros em dois tipos: os que apresentam uma cena genérica (que não se valem de cenografias movediças); e aqueles “mais suscetíveis de inspirar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cenografias que se afastam de um modelo preestabelecido” (p.88), propícios à variação na cenografia, é o caso da publicidade.

No que concerne a esse tipo de discurso, é salutar destacar que a cenografia deve estar adaptada ao produto o qual a propaganda promove, para que cause os efeitos esperados no consumidor. Dessa forma, ela não é construída ao mero caso, há sempre uma pretensão subjacente à materialidade linguística e visual, visto que o enunciador tende a escolher a melhor via de acesso para apresentar seu produto.

O autor francês reitera que a cenografia não se limita só ao enunciado que a valida, mas vem sempre ligada a outros dizeres que circulam socialmente, nesse sentido, ela colabora na corporificação desses discursos, o que evidencia a relação discurso-vida acenada por Bakhtin/Volochínov. Além disso, na publicidade, a cenografia se responsabiliza pela aceitação do discurso como verdadeiro ou não pelo público, interferindo diretamente na eficácia da propaganda.

Também é desenvolvido pelo estudioso francês o conceito de *ethos*, considerando que o discurso procede sempre de um sujeito que se situa sociohistoricamente. Ao enunciar, o indivíduo deixa transparecer aspectos de sua personalidade, que se inscrevem na enunciação. Segundo Maingueneau (2010), “o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável” (p.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

79).

Considerando que o discurso publicitário é sempre dirigido a um outro, na tenção de persuadi-lo, a preocupação com *ethos* torna-se imperativa. Nas palavras do autor francês: “o discurso publicitário contemporâneo mantém, por natureza, um laço privilegiado com o *ethos*; de fato, ele procura persuadir associando os produtos que promove a um corpo em movimento, a uma maneira de habitar o mundo” (MAINGUENEAU, 2008, P.66). Essa corporificação tende a fazer com que o leitor se reconheça no enunciador, enxergando nele alguém que compartilha de seus princípios, valores e ideias, o que o torna confiável.

Dessa forma, o *ethos* não consiste no enunciador em si, mas em uma imagem que é construída a fim de atender suas pretensões discursivas. A essa figura, Maingueneau denomina *fiador*, o qual se torna responsável pelo que é enunciado. O autor destaca que:

ao fiador, cuja figura o leitor deve construir a partir de indícios textuais de diversas ordens, são atribuídos um **caráter** e uma **corporalidade**, cujo grau de precisão varia segundo os textos. O “caráter” corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a “corporalidade” corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. (MAINGUENEAU, 2004, p.98)

Para atender aos objetivos persuasivos do discurso publicitário e garantir a adesão do público, essa configuração do fiador precisa estar em consonância com os anseios do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coenunciador, levando-o a se identificar com o enunciado proferido. Portanto, “para exercer um poder de captação, o ethos deve estar afinado com a conjuntura ideológica” (MAINGUENEAU, 2004, p.100).

Maingueneau afirma que a imagem construída pelo coenunciador a partir da enunciação está em consonância com suas experiências vivenciadas como sujeito sociohistórico, o que lhe permite ou não a identificação:

o ethos implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2008, P.65)

É importante salientar também que a constituição do *ethos* deve ser compatível com o universo constituído no enunciado, dialogando com a cenografia que se constrói na enunciação, de forma a legitimá-la e ser legitimado por ela.

### **Cenografia e *ethos* na campanha da Bombril**

No mercado brasileiro há 67 anos, a *Bombril* se destaca pelas criativas e inusitadas campanhas publicitárias. É característica da marca se valer de diferentes cenários e da presença de personalidades famosas a fim de garantir a simpatia do público e o sucesso de venda de seus produtos.

Empresa conhecida por comercializar materiais de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

limpeza, a *Bombril* direciona sua vasta publicidade (que abarca anúncios impressos e comerciais veiculados na televisão) especialmente às mulheres, o que é percebido pelas características linguísticas, como os pronomes de tratamento, utilizados nas campanhas.

Durante grande parte de sua vida publicitária, a *Bombril* teve como principal atração o ator Carlinhos Moreno, reconhecido como o garoto-propaganda oficial da marca. Nos comerciais veiculados na TV, Moreno frequentemente estabelecia um diálogo com as *senhoras*<sup>59</sup>, destacando as qualidades e as *mil e uma utilidades* dos produtos. A proposta de *Bombril* de construir anúncios em consonância com o cenário (político, esportivo, cultural) de cada época fez com que a publicidade da marca ficasse reconhecida por sua irreverência e humor.

Porém, atualmente nota-se uma reestruturação nas propagandas, intentando uma aproximação maior de seu público alvo. Prova disso são as recentes campanhas - *Mulheres Evoluídas* (2011) e *Toda brasileira é uma diva* (2015) - produzidas pelas agências DPZ e Repense, que apresentam aspectos inovadores. Dentre eles, o que mais se destaca é a substituição de Carlinhos Moreno, que cede *sua* bancada a mulheres famosas, além disso, a construção da cenografia, assim como, a reconfiguração do discurso nessas campanhas, influenciam nessa reconfiguração da

---

<sup>59</sup> Em grande parte dos vídeos publicitários da *Bombril* estrelados por Carlinhos Moreno (disponíveis no acervo de campanhas presente no site da empresa) percebe-se a recorrência do pronome de tratamento *senhora* e, por vezes *senhora dona de casa*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

imagem da *Bombril*.

Em março de 2015, com intuito de homenagear o público feminino no Dia Internacional da Mulher, foi veiculado na TV aberta um vídeo publicitário da campanha *Toda brasileira é uma diva* sob o mote *Bombril: os produtos que brilham como toda mulher*. Protagonizada pela cantora Ivete Sangalo, a campanha é composta por vídeos publicitários e anúncios na mídia impressa. Percebe-se que o título já denuncia a tentativa de venda de uma ideia com relação à mulher.

O vídeo<sup>60</sup> aqui analisado tem a duração de aproximadamente 30 segundos, nos quais a cantora protagonista justifica, elencando características relativas à personalidade feminina, a alcunha *Diva* atribuída pela *Bombril* às mulheres brasileiras.

Fazendo uma leitura maingueneana percebe-se que o quadro cênico construído no filme se responsabiliza por legitimar o enunciado, visto que o discurso publicitário (cena englobante) é materializado em um vídeo (cena genérica) veiculado na tv. O quadro apresentado conscientiza de que se está diante de uma publicidade, ou seja, supõe-se que algo nos será *vendido* a partir desse discurso, orientado no sentido de incutir uma ideia.

Ao se deparar com a cenografia construída ao longo do filme publicitário, a coenunciadora é envolvida primeiramente

---

60 Disponível em <http://www.bombril.com.br/sobre/campanhas/mostrar/ivete>;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pela figura da famosa cantora que conversa diretamente com o público. A cenografia coloca Ivete Sangalo<sup>61</sup> no mesmo patamar que a mulher com quem ela fala, como se fosse uma colega que dialoga, sugere e aconselha sua próxima.

A escolha de Ivete para estrelar a campanha não é arbitrária, visto que a cantora é considerada pela maioria dos brasileiros uma espécie de *diva* (fazendo nesse primeiro momento uma leitura rasa do termo), sua figura na constituição da cenografia colabora também para legitimar a enunciação.

Os acontecimentos de linguagem no filme corroboram para ideia de pertencimento da artista ao mesmo grupo das mulheres a quem a propaganda é dirigida. Ao dizer que *Toda mulher nasceu pra brilhar*, o pronome indefinido engloba nesse grupo que *brilha* os mais diversos tipos de mulheres. Isso demonstra que a publicidade tenta atingir um público maior que só o das *senhoras* donas de casa.

Em seguida, a protagonista afirma: *e a gente é guerreira, cheia de atitude sempre*; aqui o pronome pessoal informal colabora para a caracterização de um público alvo específico e leva a coenunciadora a acreditar ainda mais que compartilha da comunidade de Ivete (das mulheres divas). Além disso, as qualidades evidenciadas na fala da cantora permitem incrementar a ideia de mulher que vai sendo construída na

---

<sup>61</sup> Por se tratar de uma campanha publicitária que, portanto, atende aos interesses de uma empresa que almeja vender, considera-se aqui a Bombril como enunciador do discurso, enquanto que Ivete Sangalo aparece como locutora da enunciação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

propaganda.

Na sequência, a cantora justifica os adjetivos usados na sentença anterior, concatenando situações de superação no cotidiano feminino, por meio de conotações:

*Quando o astral tá lá embaixo, a gente sobe no salto:* aqui é sugerida uma situação na qual, diante da tristeza, a mulher tende a fazer algo que a anime. O *subir no salto* faz alusão a uma atitude estética, sugerindo que ao se arrumar, se vestir bem, a autoestima é recuperada.

*E se alguém tenta derrubar, a gente solta a voz:* no enunciado é ressaltada a capacidade feminina de enfrentar as pessoas e as adversidades cotidianas. O termo *soltar a voz* pode remeter à ideia de que a mulher não se cala perante à sociedade, mas também alude à música, ao cantar como uma forma de *espantar* os problemas, leitura permitida pelo lugar social que ocupa a locutora.

*E aquele momento em que a gente acha que tá tudo errado? Aí a mulher levanta, sacode a poeira e ainda usa os produtos da Bombril pra deixar tudo brilhando de novo:* mais uma vez se destaca a habilidade feminina de se desvencilhar do que não faz bem e dar a volta por cima em diferentes situações. Os termos *poeira* e *brilhar* permitem aqui que sejam associados à limpeza, no sentido de tirar a poeira e lustrar os móveis, por exemplo, visto à natureza dos produtos vendidos pela *Bombril*. O advérbio *ainda* insinua que a mulher desempenha várias funções e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a tarefa doméstica é apenas mais uma delas.

*Mulher é assim brilha por todos os lados:* ao fazer essa afirmação, o enunciado indica o destaque da mulher em vários aspectos (como profissional; dona de casa; mãe), o que é reforçado pela figura de Ivete Sangalo. A forma como se dá a repetição do vocábulo *mulher* ao longo do discurso confere ao texto um caráter descritivo, no qual, a partir da exposição de características femininas, constrói-se um conceito do que é ser mulher, que é exposto no fim da fala.

*É por isso que eu digo toda brasileira é uma diva:* a evidência no uso da primeira pessoa (eu digo), enunciado por uma figura pública referência de mulher independente financeiramente, elegante e mãe de família colabora para validar o discurso, levando à legitimidade do dizer.

*Bombril: os produtos que brilham como toda mulher:* no mote da campanha é proposta uma comparação entre a mulher e os produtos da marca a partir da polissemia do verbo *brilhar*. Novamente o pronome *toda* evidencia a amplitude do público que a empresa pretende conquistar com a campanha.

Os dizeres de Ivete ao longo do filme levam a uma ressignificação do termo *diva*, colocado em destaque. A partir das situações elencadas, constrói-se a figura de uma *diva* não só aliada a questões estéticas, mas também relacionada a atitudes. Pode-se depreender, a partir das exposições, que *diva* é sinônimo de guerreira, independente, firme, forte etc., ou seja, o



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

retrato da mulher comum.

Percebe-se que a cenografia se legitima por meio dos elementos verbo-visuais, responsáveis por criar imagens que corroboram para explicitar os valores da empresa anunciante. Exemplo disso é a cor predominante no anúncio: o vermelho, que alude ao tapete geralmente usado em premiações (como a entrega do Oscar) e também à cortina que encerra um espetáculo; imagens que remetem a celebridades, indivíduos de sucesso, que *brilham*, como as mulheres.

Também o globo de luz dourado que aparece no fim do vídeo ratifica a ideia de algo valioso, ilustre. É interessante notar que a iluminação do globo é refletida na protagonista, assim como nos diversos produtos da marca *Bombril* que permanecem expostos em uma bancada durante toda a propaganda, evidenciando a intenção de venda.

Embora essa publicidade incite a venda de produtos de limpeza de uso doméstico, seria comum que um vídeo publicitário apresentasse uma mulher desenvolvendo alguma tarefa de casa e utilizando os produtos *Bombril*. Porém, o que se vê é a configuração de uma cena que remete a um contexto diferente (como de uma possível festa, celebração) e uma personagem que exhibe feminilidade, sensualidade, assim como, força e persistência, mostrando-se ativa não só no contexto doméstico. Confirma-se assim que o discurso publicitário é “daqueles tipos de discurso que não se deixam prever antecipadamente a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cenografia que será mobilizada” (MAINGUENEAU, 2004, p. 88).

É possível notar que, por meio da linguagem, corporifica-se um discurso de valorização feminina. A forma como os fios discursivos são tecidos nesse enunciado concorre para que a coenunciadora construa, ao longo da enunciação, o *ethos* de uma empresa que se preocupa com a valorização da mulher e reconhece o novo perfil feminino que vem se reconfigurando ao longo do tempo.

Essa notória importância da empresa com sua imagem remete à afirmação de Maingueneau (2008) de que, com propagação das mídias audiovisuais, os interesses voltaram-se mais para a autopromoção em detrimento das próprias doutrinas, o autor exemplifica com o discurso publicitário:

tal movimento acompanha o enraizamento de qualquer convicção em certa determinação do corpo em movimento; testemunha-o a transformação da “propaganda” de antes em “publicidade”: uma propunha argumentos para valorizar o produto, a outra elabora em seu discurso o corpo imaginário da marca que supostamente está na origem do enunciado publicitário. (MAINGUENEAU, 2008, p.56)

A imagem da *Bombril* que é construída na enunciação almeja ir ao encontro do público alvo que passa a identificar nos valores da empresa seus próprios valores, o que colabora para que a marca ganhe simpatia e consumidoras. Nesse caso, o desejo de se sentirem divas funciona como um estereótipo estimulante para o público feminino. Confirmando as ideias de Maingueneau, o *ethos* e as noções que transmite a partir de uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

maneira de dizer vão propiciando a construção de um universo e sentido que almejam garantir a adesão ao discurso.

É importante destacar também o fato de que o discurso construído pela *Bombril*, que coloca em evidência a figura feminina, só se faz eficaz quando manifestado em uma sociedade ciente do percurso de lutas das mulheres em prol da igualdade de direitos ao longo dos tempos, o que confirma a dimensão sóciohistórica dos discursos.

### Considerações Finais

Retomando aqui o que Sant'anna (1998) coloca acerca das estratégias publicitárias, vemos que elas são articuladas na tentativa de acompanhar a modificação dos estilos de vida e dos avanços sociais. Nesse sentido, constatou-se com a análise do vídeo publicitário da *Bombril* uma tentativa de alinhar o discurso da empresa com as mudanças socioculturais, visando a adesão de seu público alvo.

Notou-se que a cenografia é construída durante a enunciação no sentido de legitimar o discurso de que toda mulher é uma diva e, por isso, brilha como os produtos da *Bombril*. A legitimidade do quadro enunciativo é garantida pelo caráter publicitário do discurso, assim como, pelas escolhas linguísticas e discursivas que levam à aceitação.

A constituição do enunciado a partir de elementos verbo-visuais que refletem uma certa vontade discursiva, permite a construção de um *ethos* de quem enuncia. Da publicidade aqui



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

analisada, depreende-se a imagem de uma empresa que se empenha em representar as configurações hodiernas relativas aos papéis desempenhados pela mulher no âmbito profissional e pessoal, edificando um discurso de valorização feminina.

Essa configuração discursiva na qual o enunciador revela sua preocupação com uma questão social específica contribui para uma aproximação e identificação do público alvo não apenas com o produto, mas com os próprios princípios e valores da empresa. Essas estratégias provam o que acena Maingueneau (2004, p. 53) de que “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação no mundo”.

### Referências

- MAINGUENAU, D. **Análise de textos de comunicação** . São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENAU, D.; Sírio Possenti; Maria Cecilia Perez de Souza-e-Silva (Org.) **Cenas da enunciação** . São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D.; Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.) **Doze conceitos em análise do discurso** . São Paulo: Parábola, 2010.
- SANT’ANNA, A. **Propaganda: teoria, técnica e prática** . São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.
- VOLOCHÍNOV, V. N. “A palavra na vida e a palavra na poesia – Introdução ao problema da poética sociológica” *In A construção da enunciação e outros ensaios*. (Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi) . São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- Bombril - Por que Toda Brasileira é Uma Diva?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RtIVsD9QpLI>>. Acesso em 29 de julho de 2015. Página da Bombril: Disponível em: <<http://www.bombril.com.br/sobre/campanhas/mostrar/ivete>>. Acesso em: 29 de julho de 2015.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **O autor e o leitor na cibercultura: as novas mídias plantam sementes de um novo estilo literário**

**Por:** Regina Aparecida Magnabosco de Souza Marques<sup>62</sup>

reginamagnabosco@hotmail.com

### **Resumo**

O advento da internet e o crescimento vertiginoso da quantidade de dispositivos móveis hiperconectados estão transformando a cultura global, envolvendo aí as relações pessoais, a produção e o consumo, da qual não se exclui a esfera artística e, nela, a literatura. Escritores estão diante de amplas possibilidades de criação e divulgação, leitores ganharam inúmeras portas abertas para explorar e interagir e, diante da velocidade da evolução tecnológica, as inovações se parecem com experimentações que nunca se concluem e o “vir a ser” da literatura na chamada cibercultura ainda é uma incógnita. A mensagem na era da mobilidade é marcada pela convergência das mídias e pela interatividade, mas o novo jeito de se fazer literatura não parece estar chegando para substituir o que já existia e sim para conviver com o modelo anterior, que aos poucos também vai se adaptando ao novo leitor.

**Palavras-chave:** Literatura; Internet; Ciberliteratura; Tecnologia.

### **Abstract**

*The advent of the internet and the rapid growth of the hyperconnected mobile devices number are modifying the global culture, involving around the personal relationships, the*

---

62 É especialista em Comunicação e Multimídia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO e Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás – UFG. É servidora pública federal, Jornalista, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFGO, na cidade de Aparecida de Goiânia/ GO.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*production and the consumption, from which is not excluded the artistic sphere and, in it, the literature. Writers are facing extensive creation and divulgation possibilities, readers got countless open doors to explore and interact and, in the face of the technological evolution speed, the innovations seem to be attempts which are never completed and the “for coming” of literature in the called cyberculture is still unknown. The message in the mobility is marked by the media convergence and the interactivity, however the new way of making literature doesn’t seem to be coming to replace what already existed, but to live with the previous model, that gradually also go adapting itself to the new reader.*

**Keywords:** *Literature; Internet; Cyberliterature; Technology*

## **Introdução**

As novas formas de produção e consumo de informação provocadas pelo advento da internet ocasionaram não apenas uma ampliação na divulgação e no compartilhamento de dados, mas também uma transformação na linguagem, que adquire a possibilidade de se valer de uma simbiose dos recursos de comunicação: texto, áudio, foto e vídeo. No âmbito da Literatura, registra-se o surgimento da chamada “ciberliteratura”, caracterizada por marcas da sociedade atual: mobilidade, interatividade, efemeridade e supervalorização da imagem, entre outras.

O presente artigo busca retratar como está se dando o surgimento desse novo jeito de se fazer e consumir literatura nos meios comunicacionais do mundo globalizado, considerando não apenas a literatura que se vale da internet como meio de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

distribuição, mas principalmente a que é intrínseca ao meio das redes eletrônicas e que só existe a partir do potencial aberto por seus mecanismos tecnológicos. Para isso, foi pesquisada a exposição de novos e de consagrados escritores contemporâneos na internet, por meio de visitas a seus sites, blogs pessoais e redes de relacionamento e compartilhamento, como Facebook, Twitter e Instagram. A observação foi feita no período abrangido entre os meses de julho e setembro de 2015.

O texto do ciberespaço tem características próprias, em que se sobressaem a forma de apresentação, a interatividade e a pujança semiótica. Considerando a hiperconectividade de espaços no mundo virtual, a arte produzida fora da internet e a que é criada em seus espaços próprios interligam-se em vários momentos e o navegante é constantemente transportado ou transporta-se de uma a outra.

### **Cibercultura: um retorno, mas não um retrocesso**

Tomando de Terry Eagleton (2005) a concepção de cultura como uma derivação da natureza, somos moldados ao mesmo tempo em que moldamos a nós mesmos. Em suas palavras, “se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma” Eagleton (2005). Assim, na cultura remodelamo-nos constantemente como agentes e objetos das



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alterações sociais provocadas pela tecnologia, transformando nossos hábitos e padrões relativos ao trabalho, ao lazer ou às relações pessoais.

A palavra “cibernética”, cuja raiz vem do grego (kybern) com o significado de “governar”, foi cunhada pelo matemático americano Norbert Wiener (1968), que associou sua definição a comunicação e controle, envolvendo pessoas e máquinas. Vieram então as variações ciberespaço e cibercultura, em referência aos ambientes simulados onde seres humanos e máquinas interagem e ao próprio funcionamento da sociedade atual que tem a interferência da tecnologia em praticamente todas as suas esferas. Para André Lemos (2002), a contemporaneidade, ou pós-modernidade, corresponde a uma ordem econômica pós-industrialismo, em que as novas tecnologias da informação modificam a produção de bens e serviços na fase pós-industrial da sociedade de consumo. Entretanto, a sociedade contemporânea, plena de elementos novos na comunicação e nos relacionamentos entre os seres humanos e destes com a tecnologia, está, em alguns aspectos, vivendo um retorno a modos de vida de épocas anteriores, que se mostra principalmente na tribalização dos indivíduos em nichos virtuais e no reconhecimento de que não somos seres rígidos e uniformes, mas sujeitos fragmentados.

Na obra *O Tempo das Tribos*, Michel Maffesoli (1998) faz uma análise da mudança de enfoque da sociedade pós-moderna, em que o individualismo que imperou na modernidade é substituído

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pela necessidade de identificação com um grupo. De fato, a facilidade de criação de portais na internet e do acesso a eles gerou uma proliferação de espaços com base em interesses específicos, intensificando a organização das pessoas em “tribos” por afinidades ideológicas, profissionais, lúdicas e de outras ordens. A tribalização pós-moderna, entretanto, não é fechada e sim multipulverizada: cada pessoa se conecta a diversas outras gerando uma teia de relacionamentos onde podem ser exercidas as subjetividades fragmentadas e instáveis.

Para Lucia Santaella (2007), essa fragmentação é intrínseca ao ser humano e simplesmente encontrou no ciberespaço o ambiente propício para se manifestar. Santaella destaca que a figura do eu unificado, elaborada por Descartes, já vem sendo desconstruída desde a segunda metade do século XIX, com avanços de estudos da filosofia e da psicanálise segundo os quais a imagem do eu sempre foi produto de uma construção imaginária. Ela acrescenta que a identidade deixou de ser constituída no que se é e no que se faz para ser o que se aparenta, o jeito como se apresenta.

### **Ruído e ausência de reflexão**

Uma das características da era da mobilidade é o excesso de informação, que estudos de Comunicação já comprovaram funcionar como um ruído e não ser eficiente para a transmissão da mensagem. André Lemos (2002) destaca que para o filósofo Paul



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Virilio as novas tecnologias do tempo real estabelecem uma institucionalização do esquecimento, por requererem respostas imediatas e não privilegiarem a reflexão, o debate ou mesmo o exercício da memória.

A ausência de reflexão, que se relaciona com o excesso quantitativo e com a velocidade, é responsável pela superficialidade, não apenas informacional, mas também nas relações humanas. Um dos estudos mais proeminentes da atualidade sobre tais questões, em especial sobre a instabilidade, é do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), que popularizou o termo “modernidade líquida”, associando a metáfora da liquidez à sociedade atual, em que todas as coisas – empregos, relacionamentos, afetos, consumo, etc. – estão perdendo as formas definidas, a segurança e a rigidez, tendendo a seguir um fluxo volátil e mutável a partir do menor estímulo.

A modernidade líquida é tratada pelo viés da linguagem por Lucia Santaella, que trouxe o termo “linguagens líquidas”, considerando a ideia de que texto, imagem e som deslizam uns para os outros e se sobrepõem. Para Santaella, a fluidez das linguagens traz outra característica, o inacabamento, posto que não existe mais uma versão final da mensagem.

**Ciberliteratura: a rede não põe limites para a inovação, mas ainda é utilizada principalmente para divulgar o que nasce fora**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## dela

No que concerne à literatura, a internet ainda tem sido utilizada principalmente para a divulgação de obras que nasceram fora dela do que como espaço de criação, embora este modo esteja em crescimento. Argumentando a ausência de uma visão única para definir a ciberliteratura, Lucia Santaella (2012) considera que o termo pode incluir pelo menos três ramos de produção:

(a) Todos os textos literários disponíveis nas redes, cobrindo tanto a prosa quanto a poesia que aparecem em sites e blogs de escritores profissionais, em antologias digitais e em revistas literárias online.

(b) Textos literários não profissionais disponíveis na internet, cuja inclusão na análise literária expande as fronteiras da literatura tradicional. Aqui a rede funciona, antes de tudo, como um espaço independente de publicação, abraçando os sites de escritores amadores, portais de grupos de jovens autores ainda não reconhecidos. Também se incluem aqui as periferias da literatura, como a ficção fanzine, textos baseados em games e narrativas coletivas online.

(c) Literatura hipertextual e cibertextos que incluem textos literários de estrutura mais complexa, explorando várias soluções possíveis de hipertextos e intrincados cibertextos multimídia que fazem a literatura misturar-se com as artes visuais, vídeo e música. (Santaella, 2012, p.231)

As publicações literárias que nascem na grande rede virtual de computadores apresentam traços que são próprios da cibercultura e dos meios em que são produzidas. A adequação ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ambiente, ao tema e à situação de quem fala/escreve tem conformidade com o que Mikhail Bakhtin (1997), ao analisar a variedade e a adequação dos gêneros do discurso, abordou em questões relativas ao enunciado, que é a utilização da língua em acordo com as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Ele cita como exemplos o relato familiar, a carta, documentos oficiais, formas de exposição científica e modos literários, mas destaca que os gêneros literários são os mais propícios para refletir a individualidade do falante ou escritor. Tal individualidade tem no estilo uma de suas diretrizes em ampla gama de possibilidades.

O valor das novas tecnologias no mundo literário é reconhecido por instituições tradicionalmente importantes na área, como a Academia Brasileira de Letras, que em 2010 lançou um concurso de microcrônicas no microblog Twitter (cujas publicações têm no máximo 140 caracteres), tendo recebido mais de duas mil participações. Vencedora do segundo lugar com a microcrônica *“Joguei. Perdi outra vez! Joguei e perdi por meses, mas posso apostar: os dados é que estavam viciados. Somente eles, não eu”*, a escritora Carla Ceres também é autora do blog literário Algo além dos Livros<sup>63</sup>, em que publica poesias e prosas, estando algumas disponíveis em áudio, e inovou o espaço

---

63. <http://carlaceres.blogspot.com.br/>



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também com videocrônicas, valendo-se de imagens disponíveis na rede, associando-as ao enredo de suas histórias. Os recursos sonoros são buscados na internet ou produzidos especificamente para a publicação. Vê-se, então, a variedade de formas de produção que se abrem aos novos escritores no mundo virtual.

O Twitter tem ainda possibilitado a alguns escritores a experimentação da produção coletiva, a partir da interação, que é uma das principais marcas na relação autor x leitor no ciberespaço. Na internet, o autor não é a figura distante que lança seu trabalho ao público depois de pronto e com quem raramente um leitor consegue conversar sobre sua obra, seu processo criativo e até sua vida pessoal. Mesmo os escritores tradicionais, que só têm trabalhos publicados em meio físico ou no virtual na forma de e-books apenas, estão interagindo com os leitores nas redes sociais. Exemplos nesse sentido são os escritores Eliane Brum, Marcelo Rubens Paiva e Miguel Sanches Neto, em cujos perfis foi observado número significativo de respostas a perguntas ou comentários de seus seguidores no período pesquisado.

As narrativas curtas e a poesia ganharam enorme poder de circulação com o advento da internet. No site de rede social Facebook e em blogs de novos escritores a literatura difundida parece ser, numa análise superficial, mera transposição da forma textual tradicional para outro suporte, mas não se trata apenas disso, pois a exposição muitas vezes possui alguma convergência

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com mídias visuais e/ou sonoras, a possibilidade de interação com o público leitor – que também interfere no trabalho do escritor – e algumas vezes a presença de hiperlinks que levam o leitor a outros ambientes. A influência do leitor no trabalho do escritor havia sido afirmada por Bakhtin (1997), ao colocar que o receptor está no horizonte do enunciador. Quando um texto literário é inserido ou produzido na rede mundial de computadores por si só já chama o receptor a colaborar com o criador.

#### **Autor, autoria coletiva e convergência de mídias**

Outra questão que se torna latente nas produções que circulam no ciberespaço é a autoria, que já era filosoficamente questionada e hoje é mais difusa. Considerando que, ao produzir sua obra, o indivíduo está condicionado aos limites da linguagem e da cultura, que absorve e transmite conceitos anteriormente produzidos por outras pessoas e que sua mensagem é assimilada com variantes por cada leitor, Michel Foucault (1969) enfatiza que a autoria não pode ser atribuída à mera organização de um discurso. No ensaio “O que é um autor?” ele afirma:

Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer. (Foucault, 1969, p.268)

O filósofo não elimina a importância da autoria, por

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se tratar de uma referência, uma importância classificatória para o discurso, mas para ele a autoria ou o que ele chama de “função-autor” existe na circulação e no funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade, o que nega a existência de um autor único. Foucault destaca, entretanto, a existência dos “fundadores de discursividades” e cita como exemplos Marx e Freud:

(...) quero dizer que eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram. (Foucault, 1969, p.281)

Na Literatura de ficção, o filósofo cita Ann Radcliffe como alguém que vai além da função-autor, porque “ela tornou possível os romances de terror do início do século XIX e, nesse caso, sua função de autor excede sua própria obra” (Foucault, 1969). Seguindo tal raciocínio sobre a autoria, podemos dizer que nas produções literárias que circulam na internet a figura do que poderíamos chamar de um fundador de discursividade é coisa rara, principalmente se tomarmos como referência não apenas o texto escrito, mas também os casos de autoria coletiva e a convergência das mídias.

Nos espaços onde a imagem impera com mais força, como em redes de compartilhamento de vídeos e fotos, cujos exemplos mais populares são respectivamente *YouTube* e *Instagram*, a literatura também aparece. O *Youtube* não tem sido explorado por

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escritores, mas possibilita a difusão de trabalhos diferenciados com a utilização de recursos das artes visuais, da publicidade, da música e das tecnologias digitais. No Brasil, o principal representante desse tipo de produção é o poeta concretista Augusto de Campos, que estreou na literatura em 1951 e ainda hoje inova, agora na ciberpoesia, utilizando as novas ferramentas disponíveis. Já no aplicativo Instagram a literatura tem aparecido em imagens que capturam um trecho de página de livro ou um manuscrito ou ainda em fotografias do cotidiano conjugadas a um texto poético em que um depende do outro para produzir sentido. As possibilidades abertas para o escritor, como a qualquer artista, em todos os ambientes do ciberespaço são infinitas e não há limites para a criatividade com as novidades que surgem nesse encontro do homem com a máquina. O texto (ou a mensagem em qualquer outra linguagem) ao adentrar um ambiente realiza com ele uma simbiose que há tempos provoca transformações antes não imaginadas. É o que Marshall McLuhan (1969) supõe que possa ter ocorrido com a poesia a partir do surgimento da máquina datilográfica:

Até que ponto a máquina de escrever, através de seu injustificável marginador direito, contribui para o desenvolvimento do verso livre, é difícil de dizer, mas o verso livre, realmente, foi uma recuperação dos acentos falados e dramáticos da poesia – e a máquina de escrever veio incentivar exatamente essas qualidades. Sentado à máquina de escrever, o poeta, muito à maneira do músico de jazz, tem a experiência do desempenho enquanto composição. (McLuhan, 1969, p.292)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É pequeno o número de escritores tradicionais se aventurando nas possibilidades de criação abertas pelas novas tecnologias. Eles utilizam a internet essencialmente como um meio de difusão de suas obras criadas fora da rede mundial de computadores. O presente trabalho buscou o comparecimento<sup>64</sup> de escritores membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Goiana de Letras (AGL) nos sites das redes Facebook, *Twitter* e *Instagram* e verificou que dos 40 membros da ABL, apenas nove têm site ou blog, 10 têm perfil no *Twitter* e 12 têm páginas no *Facebook*. A presença dos membros da Academia Goiana de Letras ocorre em tamanho similar ao da Brasileira. Dos 40 membros da AGL, oito têm site ou blog, sete têm perfil no *Twitter* e 17 têm páginas no *Facebook*. Há, no *Facebook*, as páginas geradas automaticamente a partir do interesse dos usuários da rede e que não são endossadas por nenhuma pessoa específica. Considerando tais páginas, sobe para 26 o número de membros da ABL que possuíam páginas no Facebook no período da pesquisa. Entre os goianos, havia apenas duas páginas geradas automaticamente.

Alguns dos imortais com páginas nas redes sociais não são quem as administra. É o que se percebe nos perfis de Facebook dos escritores Ana Maria Machado, Paulo Coelho e Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, por exemplo, cujas publicações tratam

---

64. Pesquisa realizada entre os meses de julho e setembro/2015, fazendo a busca na internet pelo nome do escritor na forma como aparece no site da ABL e como foram informados por e-mail pela Secretaria da AGL.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o escritor na terceira pessoa. O mesmo ocorre com algumas postagens do goiano Gilberto Mendonça Telles.

Nelida Piñon é a única integrante da ABL em que pôde ser verificada a produção de literatura na própria rede, no caso, o Twitter. Nas características do microblog, Nélida apresenta micronarrativas como “Se a imaginação edifica enredos de amor, o corpo fatalmente sofre seus efeitos”. Porém, a última postagem de seu perfil em Português é de 2011 e a do perfil em Espanhol é de 2012.

Um aparente abandono do Twitter foi verificado também em dois perfis do escritor Ferreira Gullar, cujas últimas postagens são de 2012 e de 2013. Ao contrário do que se observa entre os “novos” escritores, o afastamento do microblog foi notado nos perfis da maioria dos imortais, mesmo em se tratando de divulgações não literárias, considerando as postagens em número reduzido e as datas de meses ou anos atrás.

Entre os goianos, é mais comum o uso do Facebook, cuja utilização mostrou dar-se tanto na postagem de links que levam a blogs e sites que divulgam trabalhos do escritor como no uso dessa rede como suporte para a postagem de textos literários, em especial poesias, que se misturam às publicações pessoais da página, comprovando as teorias de que no mundo virtual os ambientes laborais, pessoais e lúdicos se misturam. É o caso de Getúlio Targino Lima, Brasigóis Felício e Gilberto Mendonça Telles.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O mais ativo imortal nas redes sociais é Paulo Coelho, que possui sites, páginas e perfis em vários idiomas. O escritor (ou sua assessoria) interage com o público leitor respondendo a perguntas e comentários, mas, por outro lado, não produz a literatura de internet, utilizando as redes sociais apenas para divulgação de suas agendas, viagens e livros.

**A literatura da internet não substitui o que já existe e que está buscando se adaptar ao novo leitor**

Apesar da existência de prognósticos apontando para o desaparecimento das mídias impressas, como o livro ou o jornal, a história mostra que uma nova formação cultural no âmbito da informação não leva a anterior ao desaparecimento. As mídias convivem ou ocorrem mudanças de suporte em parte delas no decorrer do tempo.

A internet depende da escrita, ao passo que o inverso não é verdadeiro. Assim, todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida. (Santaella, 2007, p.128)

O livro não é substituído, mas está cada vez em maior número adaptando-se à plataforma digital em e-books. E essa não é uma iniciativa do autor, mas principalmente do mercado editorial, que obedece a uma exigência da pós-modernidade, onde também o consumo é modificado pelas novas tecnologias.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pesquisa<sup>65</sup> divulgada em julho de 2015 pela União Internacional de Telecomunicação (UIT) informa que um internauta gasta, em média, 2 horas e 25 minutos por dia em plataformas sociais como Facebook, Twitter e WhatsApp, em função das facilidades de acesso à internet por meio dos smartphones. De acordo com matéria jornalística que informou o resultado da pesquisa, a UIT estimou que 1 bilhão de aparelhos sem fio estariam conectados à internet ao fim de 2015, um aumento de 60% em comparação a 2014, e que até 2020 a estimativa é que 25 bilhões de aparelhos estejam na rede.

As grandes editoras vão onde os leitores estão e não apenas divulgam seus produtos em perfis próprios criados em todos os sites de redes sociais, como também criam estratégias em que os leitores/consumidores tornam-se seus colaboradores gratuitos: as editoras realizam, por exemplo, sorteios de livros em que os candidatos ao “presente” compartilham postagens entre seus amigos e seguidores, disseminando a publicidade que se traveste de opinião pessoal favorável. O mercado de e-books, que ainda é tímido no Brasil, tem crescido bastante para contemplar o leitor conectado. Para se ter uma idéia, a venda de e-books no País subiu de 235.315 para 889.146 entre os anos 2012 e 2013<sup>66</sup>.

---

65. Informação obtida no artigo “Internautas gastam 10% do seu dia conectados”, publicado no site Observatório da Imprensa em 21/07/2015, reproduzindo publicação do jornal O Estado de São Paulo de 18/07/2015. Link para o texto: <http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/internautas-gastam-10-do-seu-dia-conectados/>. Acesso em 27/07/2015.

66. Dados da pesquisa “Produção e Venda do Setor Editorial”, feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) por encomenda da Câmara

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Conclusão

Seria muito precipitado afirmar que esteja surgindo um novo gênero ou subgênero literário na internet, mas certamente podemos dizer que estão plantadas as sementes de um novo estilo, uma maneira peculiar de expressão. Ainda não se sabe o porte ou a forma do que pode vir a ser esse embrião, que não chega para suplantiar quaisquer outras maneiras de produção literária, mas que traz as características de um novo período histórico.

É no manejo das técnicas e da criatividade em diferentes linguagens que está o principal recurso de criação dos ciberescritores. Ao pensarmos na amplitude da qualidade no resultado final, o artista que conseguir subverter o imperativo da velocidade quando ela for inibidora da reflexão e apoderar-se dela enquanto oportunidade para reimaginações, sobressair-se-á na era da mobilidade.

Este é o momento de repensarmos a escritura para além dos caracteres textuais, sem cairmos no pavor ou na ingenuidade de prognosticar a morte da produção nas formas sólidas da tipografia e da celulose. As reações da arte literária diante da

---

Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores, divulgada em matéria publicada no site do jornal O Estado de São Paulo em 22/07/2014, com o título “Faturamento com venda de e-book cresce 225% no Brasil, mas mercado editorial continua em crise”, disponível no link <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/faturamento-com-venda-de-e-book-cresce-225-no-brasil-mas-mercado-editorial-continua-em-crise/>. Acesso em 27/07/2015.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interferência das novas mídias sobre escritores e leitores estão apenas começando.

### Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal** . São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida** . Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura** . São Paulo: UNESP, 2005.
- FOUCAULT, M. “O que é um autor?” *In Estética: literatura e pintura, música e cinema* . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.280-286.
- LEMONS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea** . Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** . São Paulo: Editora Cultrix, 1969.
- SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade** . São Paulo: Editora Paulus, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Para compreender a ciberliteratura” *In Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina*, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229/23637> . Acesso em 04 de agosto de 2015.
- WIENER, N. **Cibernética e Sociedade: o uso humano dos seres humanos** . São Paulo: Editora Cultrix, 1968.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Trágicos, mas alegres: um estudo sobre a afirmação do ser em Nietzsche e Clarice Lispector

Por: Rafael Lucas Santos da Silva

i3rafael@hotmail.com

### Resumo

Evoca-se neste artigo a visão trágica do filósofo Nietzsche com propósito de abordar o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos prazeres*, da escritora Clarice Lispector. A narrativa do romance apresenta a trajetória da personagem Loreley, sob a luz peculiar da aprendizagem. Esta personagem, que sofre crises de apequenamento do próprio ser e, por isso, sofre com a existência. Assim, a personagem Loreley simboliza um descontentamento com a realidade, que a luz da proposta filosófica de Nietzsche, representa uma supressão e decadência da vontade de potência. A aprendizagem de Loreley que compõe o romance, e que toma forma a cada capítulo, é mediada por Ulisses: um professor de filosofia que trouxera acuidade reflexiva para a vida de Loreley. Assim, Loreley depreende a condição trágica da existência, que a permite elevar seu grau de potência como autoafirmação da realidade, assumindo, por conseguinte, a vitalidade da alegria.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Nietzsche; Coragem; Trágico; Alegria.

### Resumen

*Evoca en este artículo la visión trágica del filósofo Nietzsche con propósito de abordar la novela Una Aprendizaje o El Libro de los placeres, de la escritora Clarice Lispector. La narrativa de la novela presenta la trayectoria de la personaje Loreley, bajo*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*una peculiar luz del aprendizaje. Esta personaje, que sufre crisis de apequenamiento de ser sí misma y, por lo tanto, sufre con la existencia. Así, la personaje Loreley simboliza un descontentamiento con la realidad, que a luz de la propuesta filosófica de Nietzsche, representa una supresión y la decadencia de la voluntad de poder. El aprendizaje de Loreley que componen la novela, y que toma forma a cada capítulo, está mediada por Ulises: un profesor de filosofía que que había llevado a la agudeza reflexiva para la vida de Loreley. Por lo tanto, Loreley desprende de la condición trágica de la existencia, que permite elevar su nivel de poder como autoafirmación de la realidad, asumiendo, por tanto, la vitalidad de la alegría.*

**Palabras-clave:** Clarice Lispector; Nietzsche; Coraje; Trágico; Alegría.

### **Introdução.**

Embora Clarice Lispector tenha declarado no Jornal Brasil que não era uma intelectual<sup>67</sup>, sua produção artística percorre o caminho da poética à filosofia. Ao longo de sua trajetória como escritora, o interesse de Lispector pela experiência existencial da vida humana foi uma temática constante em seus romances. “No universo da romancista, o ambiente é Espaço e o Espaço, meio de inserção da existência”, conforme Benedito Nunes (2009, p. 114).

Lispector publica, em 1969, o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (daqui em diante LP), no

---

<sup>67</sup> “Pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual”, afirma Clarice Lispector em crônica de julho de 1968 (LISPECTOR, 1984, p. 158).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

qual os personagens percebem que é “insuportável imaginar por um instante que talvez nunca mais se repetisse a sua profunda existência na Terra” (LISPECTOR, 1982, p. 166). Mas estas personagens, ao contrário de manterem “esperança de uma outra vida que é preciso ‘merecer’, ou truque [...] que vivem não pela vida em si, mas por alguma idéia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e a trai” (CAMUS, 2009, p. 22), decidiram manterem-se fieis ao real, como busca de realização de si próprios.

Mas, a questão da existência, é uma das reflexões mais perplexas que cavalga o pensamento humano desde o início da filosofia ocidental. A possibilidade de aferir um sentido para a existência é, para o filósofo Nietzsche, a indagação que tem maior importância para filosofia (DELEUZE, 1976, p. 11). Para Nietzsche, no desabrochar da filosofia com Anaximandro os filósofos se refugiam da existência, e assim “todo vir-a-ser como uma emancipação do ser eterno [torna-se] digna de castigo” (NIETZSCHE, 2012, p. 50). Desta forma, ao propor uma filosofia que não se refugie da existência, “Nietzsche é o representante mais importante e efetivo do que poderia ser chamado uma ‘filosofia vida’. Vida, neste termo, é o processo no qual a potência do ser realiza a si próprio” (TILLICH, 1976, p. 24).

É certo, que a distância entre filosofia e literatura é mínima: são modos de dizer o mundo. Filosofia e Literatura – esse título do ensaio de Benedito Nunes, define a relação: “Mais

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do que aproximação, há contigüidade entre as duas, porquanto a filosofia explicita a experiência humana, concretizada, em linguagens diferentes, na literatura e na arte” (NUNES, 1993, p. 196).

Sugestivamente, no romance LP a personagem Loreley é aprendiz de seu amigo Ulisses, que é professor de filosofia na Universidade, e pretende ensinar-lhe a deixar de ser “fraca diante da beleza do que existia e do que ia existir” (LISPECTOR, 1982, p. 129). Assim, o propósito deste artigo é explorar “o que nos permite viver... o instinto de vida por excelência” (ROSSET, 2008, p. 7).

A rigor, pretendeu-se destacar a questão ontológica do ser como autoafirmação do indivíduo frente o acaso da realidade, com o objetivo de interpretar o romance LP de Clarice Lispector, no qual a escritora descreve a necessidade de se ter coragem para se aprender o sentido ontológico da existência e, conseqüentemente, afirmá-la. A pergunta básica a ser respondida é, portanto, a seguinte: como é possível o indivíduo ter coragem para afirmar o acaso da realidade?

Ao tentar respondê-la utilizou-se da visão trágica do filósofo Nietzsche, para o qual o indivíduo somente assume a vitalidade da alegria, amando incondicionalmente a realidade. Assim, situou-se, em linhas gerais, na primeira seção o saber trágico do filósofo, em busca de conceitos instrumentais, para abordar na segunda seção o romance LP efetuando com proximidade



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um diálogo entre literatura e filosofia.

### **A existência e o conhecimento da realidade como coragem de afirmação do ser.**

Há, segundo Nietzsche, uma degeneração ontológica que visa solapar a vida. O filósofo distinguia os homens “entre os amantes da vida e os que a renegam” (MERQUIOR, 1972, p. 184). Os indivíduos incapazes de amar a vida, com efeito, são aqueles que sofrem com a degeneração. Enquanto os amantes, são os indivíduos capazes de “dizer-sim sem reservas, até mesmo para o sofrimento, para a culpa, para tudo o que é discutível e estranho na própria existência...” (NIETZSCHE, 2012, p. 84). Esse amplo amor pela existência, que é por onde o indivíduo supera sua degeneração ontológica, para ser consumado, como adverte Nietzsche, “é preciso ter coragem” (NIETZSCHE, 2012, p. 84).

De acordo com Tillich, “a experiência da coragem mostrou ser uma chave decisiva para a aproximação ontológica da realidade” (TILLICH, 1976, p. 27). Para o autor, o ato de coragem desde o Império Romano atingiu a interdependência com a coragem de viver em sentido individualístico (TILLICH, 1976 p. 13). Assim, a coragem para os estóicos romanos, “vence a ansiedade do destino [...] afirmando sua participação na razão universal, o homem [...] transcende o domínio dos deuses” (TILLICH, 1976 p. 16). Tillich assinala a coincidência entre a coragem e a alegria no estoicismo, como



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A afirmação do ser essencial de alguém [...] cria alegria. Lucio é exortado por Sêneca a fazer sua ocupação, o ‘aprender como sentir a alegria’. [...] A alegria é a expressão emocional de corajoso *Sim* ao verdadeiro ser próprio de uma pessoa. Esta combinação de coragem e alegria mostra mais claramente o caráter ontológico da coragem (TILLICH, 1976, p.15 Grifo do autor).

O termo usado por Nietzsche como base distintiva do amor pela existência é vontade de potência, que é “a autoafirmação da vontade como realidade básica” (TILLICH, 1976, p. 24). Assim, Nietzsche tornou-se “o representante mais importante e efetivo do que poderia ser chamado uma ‘filosofia da vida’”, porque “desenvolve uma profecia e filosofia de coragem, em oposição à mediocridade e decadência da vida [...]” (TILLICH, 1976, p. 24, 25).

Desta forma, o indivíduo decadente apresenta um baixo grau de vontade de potência, que o faz levar uma “vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada” (NIETZSCHE, 2000 p. 37). Conforme Moura, “o decadente é aquele para quem as impressões do exterior são recebidas como choques que provocam o sofrimento. Tal é a ótica da decadência: a realidade é fonte de sofrimentos” (MOURA, 2005, p. 243). Nessa perspectiva, surge “o homem trágico que é forte e pleno o bastante para afirmar o mais acerbo sofrer” (MOURA, 2005, p. 255). Pois a essência do trágico é a afirmação da existência (DELEUZE, 1976 p. 11).

Assim, a rigor, a coragem para que o indivíduo possa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

auto-afirmar sua vontade frente a realidade ocorre, justamente, quando este adotar uma postura trágica frente a vida. Essa postura trágica permitira ao indivíduo superar sua degeneração ontológica que o fazia ter uma vida decadente, na qual “a realidade é fonte de sofrimento” (MOURA, 2005 p. 243). De acordo com Rosset, existe uma fundamental relação entre a dor e o trágico. “Pois os dois temas – dor e trágico – são indissociavelmente unidos por uma relação de exclusão: se há trágico, não há dor”, explica Rosset (1989, p. 67, 68).

Portanto, ao assumir uma postura trágica frente a vida, o indivíduo exclui a dor e o sofrimento como fonte da realidade e passa a afirmar corajosamente a existência, porque o indivíduo com postura trágica reconhece que “o acaso não é modificável” (ROSSET, 1989 p. 50).

Mais do que a exclusão da dor e do sofrimento, a postura trágica permite ao indivíduo o privilégio da alegria. Conforme Rosset, “a alegria consiste em uma aprovação irremediavelmente trágica” (ROSSET, 2000, p. 25). Para o autor, a alegria consiste na adesão incondicional do real,

O simples levar em consideração a realidade, o simples exercício da reflexão são suficientes aqui para desencorajar qualquer esforço – a não ser que se alie a ele a assistência da alegria [...]. Digo, portanto, que o complemento da alegria é necessário ao exercício da vida como ao conhecimento da realidade (ROSSET, 2000 p. 27).

Daí poder-se dizer que o indivíduo somente encontrará



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

em si coragem para auto-afirmar a existência se adotar a postura trágica a despeito do acaso da realidade. Após adotar essa postura, “a alegria constitui a força por excelência” (ROSSET, 2000 p.29) para levar a cabo a coragem da autoafirmação de si próprio. De acordo com Nietzsche, “o dizer-sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida, tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade [...]” (NIETZSCHE, 2000, p. 118).

**O romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* no limiar de uma formulação trágica da existência.**

O significado da transição da condição do indivíduo para a modernidade corresponde, segundo Merquior, a uma genealogia da solidão. “O isolamento seria o reverso da autovalorização do homem moderno, em sua vocação de liberdade tanto política quanto social e cultural”, explica o autor (MERQUIOR, 1972, p. 182). Esse indivíduo peculiarmente solitário é, com efeito, resultado de “estruturas racionalizadas da economia e do Estado moderno” (MERQUIOR, 1972 p. 196) que o decompõe em determinados papéis sociais. Conforme Merquior, a partir da Revolução Industrial os indivíduos na sociedade vivem em anonimato crônico.

A sociedade industrial, consagrando a separação entre o âmbito profissional e o círculo da vida privada, expondo o indivíduo, na multiciência de contatos sociais características da megalópolis, a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma contínua mudança de parceiros, leva a impessoalidade do comércio humano a seu ponto extremo. O *homo urbanus* é, na maioria esmagadora de seus contatos ordinários com seu semelhante, um outro anônimo e convencional: um átomo em trânsito, apenas antevisto (MERQUIOR, 1972, p. 145, 146).

De acordo com Nunes, encontra-se a personagem protagonista no romance LP imersa em uma “extrema solidão desagregadora” (NUNES, 1995, p. 78). O que faz com que o romance seja a “trajetória que a protagonista percorre da solidão à comunhão” (NUNES, 1995, p. 79). Para o autor, essa comunhão significa para a protagonista o retorno “a si mesma e à realidade” (NUNES, 1995, p. 78). Assim, a rigor, percebe-se que a protagonista deixa de ser “um átomo em trânsito” (MERQUIOR, 1972, p. 146), para auto-afirmar sua vontade frente a realidade.

A questão da realidade, como observa Bosi, tange incessantemente a produção ficcional da escritora Clarice Lispector, pois,

Há na gênese dos seus contos e romances tal exarcebação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido na memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio [...] na esfera da sua própria e irredutível realidade (BOSI, 2006 p. 424).

Mas essa busca de aproximação ontológica com a realidade dificilmente é conquistada. Geralmente o indivíduo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

permanece em distância incomensurável do real; pois, como afirma Rosset, “nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real” (ROSSET, 2008, p. 13). Segundo Rosset, com exceção de Nietzsche, nenhum outro filósofo manteve “uma fidelidade incondicional à nua e crua experiência do real” (ROSSET, 2000, p. 35). Essa fidelidade ao real é consequência do arrogar uma postura trágica para si.

Assim, como evidencia Dias G., existem traços dessa postura trágica na obra ficcional da escritora, pois “Clarice vivencia intensamente o binômio literatura-filosofia antes como expressão natural de inquietações muito pessoais com as quais faz reverberar a ancestralidade da sabedoria trágica” (DIAS G., 2012, p. 13). Para o autor, Clarice Lispector e Nietzsche perpetram “uma mesma sacralização trágica da arte posta ela mesma como vida, arriscando-se ao conhecimento do obscuro no humano” (DIAS G., 2012, p. 20).

### **Aprendendo a alegrar-se**

Segundo Benjamim, “escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo” (BENJAMIM, 1994, p. 54). Esse paroxismo da existência é inegavelmente encontrado no romance LP de Lispector, pois ao iniciá-lo com uma vírgula, este romance não tem início. Esta vírgula inicial representa o corte temporal que introduz o



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

leitor ao fluxo da intimidade da personagem Loreley: uma personagem que não vive, e sim, “sofre o susto de estar viva” (LISPECTOR, 1982, p. 156). Essa característica de Loreley, em assustar-se com a vida, é resultado da constante sensação de ser “apenas uma pequena parte de si mesma” (LISPECTOR, 1982, p. 43). É, pois, como uma crise de apequenamento que essa sensação apodera da personagem, e a torna “enfraquecida diante de qualquer possibilidade de agir” (LISPECTOR, 1982 p. 43). Ao contrário, para Nietzsche “o discernimento, o dizer-sim à realidade é, para o forte” (NIETZSCHE, 2012, p. 85).

A propósito destes sintomas, é possível afirmar que a existência de Loreley está em decadência. Conforme Moura, “a decadência deve representar o grau mais baixo da vontade de potencia” (MOURA, 2005, p. 240). Suprimida a vontade de potencia, a realidade só pode ser apreendida através do sofrimento. Assim Loreley “por falta de grandeza, sofrera [...] tudo o que nela havia a sofrer” (LISPECTOR, 1982, p. 69).

De acordo com Nunes, “a história dos personagens enquanto indivíduos é, para Clarice Lispector, um meio de acesso à dimensão recôndita, secreta, da existência, que já possui significado ontológico” (NUNES, 2009, p. 116). E este mesmo fenômeno que vai se revelar no romance LP é, por sua vez, encarado sob uma luz peculiar: a saber, a aprendizagem. Encontra-se a questão do aprendizado já ao início do romance, em que Loreley “supôs que ele [Ulisses] queria ensinar-lhe a viver



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sem dor apenas” (LISPECTOR, 1982, p. 11). Assim, “a obra se compõe da aprendizagem que nela vai tomando forma” (NUNES, 1995, p. 81), a partir da articulação mediadora de Ulisses. Pois Loreley

Se transformava em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso. E ela ansiava por ele [Ulisses] porque exatamente ele lhe parecia ser o o limite entre o passado e o que viesse – o que viria? (LISPECTOR, 1982, p.41).

Ulisses surge na vida de Loreley como mediador de sua aprendizagem. A acuidade reflexiva passa, a partir de então, a ser cultivada por Loreley, pois antes de conhecê-lo “não tinha a fazer senão dar aulas de manhã no curso primário ou então estar de férias como agora, ler um pouco, como e dormir” (LISPECTOR, 1982, p. 41). Por definição, os encontros entre os dois personagens são marcados por um descortínio silencioso; Ulisses diz: “não tenha medo de meu silêncio...” (LISPECTOR, 1982, p. 73). Como uma silenciosa adesão a vida.

E Lóri pensou que talvez essa fosse uma das experiências humanas e animais mais importantes: a pedir mudamente socorro e mudamente esse socorro ser dado. Pois, apesar das palavras trocadas, fora mudamente que ele [Ulisses] a havia ajudado (LISPECTOR, 1982 p. 135).

O silêncio, nesse extremo limite, é porque “as palavras são falsas pontes entre coisas eternamente separadas”, segundo Nietzsche (NIETZSCHE, 2008, p. 136). Rosset propõe que

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

as raízes do pensamento trágico está em negar a expressão verbal. “É trágico o que deixa mudo todo discurso, o que se furta a toda tentativa de interpretação [...]. O trágico é então o silêncio”, explica o autor (ROSSET, 1989, p. 65). Lispector insiste no silêncio que sempre acompanha a aprendizagem de Loreley: “as descobertas naquele estado eram indizíveis e incomunicáveis. Ela se manteve sentada, quieta, silenciosa” (LISPECTOR, 1982, p. 148).

De acordo com Dias G., “pensar Clarice na companhia de Nietzsche é, sobretudo, perceber os ecos de uma filosofia trágico-poética” (DIAS G., 2012, p. 20). Encontra-se, dessa forma, no romance LP “os ecos de uma filosofia trágico-poética” (DIAS G., 2012, p. 20) em relação ao aprendizado de Loreley. A personagem representa o descontentamento com a realidade. Ulisses revela para Loreley: “É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor” (LISPECTOR, 1982 p. 97). Conforme Rosset, “no que diz respeito ao conhecimento do trágico, sabemos que ele não é considerado por Nietzsche como uma mutilação da alegria” (ROSSET, 2000, p. 43). Assim o autor admite, que para Nietzsche, todo pensamento sem conhecimento trágico apenas condena a realidade (ROSSET, 2000, p. 43). Portanto, a vida de Loreley, antes de conhecer Ulisses, era o distanciar-se da realidade: “entrou em casa como uma foragida do mundo. Era inútil esconder: a verdade é que não sabia viver” (LISPECTOR, 1982, p. 93).



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com efeito, após longo diálogo entre as duas personagens, que se encontraram em um bar, o ponto crucial da questão é exposto. Procurando esclarecer Loreley sobre a aprendizagem, Ulisses declara: “quando você aprender vai ver o tempo que perdeu. A tragédia de viver existe e nós a sentimos. Mas isso não impede que tenhamos uma profunda aproximação da alegria com essa mesma vida” (LISPECTOR, 1982, p. 103). Para Rosset,

A força do pensamento trágico está então ligada de maneira solidária à força da aprovação, da qual ela não pode experimentar a potência senão na medida da tragédia: uma e outra perecerão juntas, ou continuarão a viver juntas. [...] O que define o máximo de alegria pensável é, com efeito, o máximo de trágico pensável (ROSSET, 1989, p. 55).

Assim, a rigor, a aprendizagem da personagem Loreley consiste em alegrar-se com a vida. Essa alegria, por sua vez, só pode ser apreendida na medida em que ocorre a valorização da vida. Em deixar que a vida deixe de ser um estreitamento em seu peito (LISPECTOR, 1982, p. 40) – isto é, que tenha coragem de amar a vida incondicionalmente. Pois

Se não há coragem, que não entre. Que espere o resto da escuridão do silêncio, só os pés molhados pela espuma de algo que se espraia de dentro de nós. Que se espere (LISPECTOR, 1982, p. 38).

Sem coragem, portanto, o indivíduo espera sempre imerso na dor. Segundo Tillich, “a coragem como autoafirmação do ser de alguém é um conceito ontológico” (TILLICH, 1976, p. 06).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dessa forma, o ato de coragem busca superar a decadência vivida pela personagem Loreley. Para Tillich, sempre há algo para impedir o ato de coragem, por isso “coragem é autoafirmação a despeito de” (TILLICH, 1976, p. 26). Esse “a despeito de”, para que seja realizado o ato de coragem é, no romance LP, a própria Loreley: “existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo me sobrepor a mim mesma” (LISPECTOR, 1982, p. 84).

Vê-se, pois, que essa compreensão engendra o próprio ato de coragem. Loreley sente “uma força que mais parecia uma ameaça contra o que ela fora até então” (LISPECTOR, 1982, p. 76). Em outras palavras, Loreley sentiu uma vontade de potência que procura superar a si mesma, enquanto indivíduo decadente, e aproximar-se ontologicamente da realidade.

Esse sentimento é decisivo, pois, a personagem passa a obedecer a seus impulsos. Uma situação particular é Loreley ter ido ao mar – “e em jejum mesmo” (LISPECTOR, 1982, p. 82). Por isso, “a mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. [...] A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem” (LISPECTOR, 1982, p. 84).

Esse encontro com o mar, “que aumenta sua coragem” (LISPECTOR, 1982, p. 84), é um prolongamento de seu agora novo sentimento de afirmação da vida. Para Nietzsche, “enquanto a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vida *está em ascensão*, a felicidade é igual aos instintos” (NIETZSCHE, 2000, p. 23, grifo do autor). Dessa forma, Loreley percebe “uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade” (LISPECTOR, 1982, p. 98). Percepção da qual pode-se conceber a fatalidade da alegria como resultado da afirmação do seu ser, pois “pelos minutos de alegria por que passara, Lóri soube que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era vida nascendo” (LISPECTOR, 1982, p. 133).

Assim, a rigor, a alegria é experiência privilegiada no processo de aprendizagem da personagem, porquanto com ela a vida nasce, – mais precisamente, ocorre a elevação do grau de potência. Desse modo, Loreley reconhece não ser possível alegrar-se desvalorizando a vida, por isso “sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que derrepente se transforma numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 1982, p. 139). Para Nietzsche, o grau de potência que o indivíduo manifesta ao superar-se, é a valoração da vida necessária para aproximar-se da realidade (NIETZSCHE, 2000, p. 72, 73). O princípio essa superação da decadência, para atingir o nível de autoafirmar a sua vontade frente a realidade, é demonstrada pela narrativa quando Loreley tem a lucidez de trocar “uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto esta viva” (LISPECTOR, 1982, p. 172).

Com efeito, como assinala Nunes, “o livro dos prazeres é [...] uma recuperação corajosa do sentido da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existência individual” (NUNES, 1995, p. 81). Por conseguinte a essa lucidez, Loreley se torna uma supermulher: por ter “a coragem de atravessar a porta aberta” (LISPECTOR, 1982, p. 168).

### **Considerações Finais.**

Certas particularidades do processo de aprendizagem narrados por Clarice Lispector, que estruturam as experiências da personagem Loreley, encontram na proposta filosófica de Nietzsche possibilidades de serem interpretadas. A romancista expõe o dilaceramento do ser e a queda no sofrimento como traços individuais da existência. Esses traços, como sentido ontológico da existência humana, caracterizam a abordagem construída e discutido neste artigo, possibilitando efetuar um diálogo com extrema proximidade entre literatura e filosofia.

Em toda narrativa da aprendizagem de Loreley foi possível depreender uma correspondência a manifestações da vontade de potência. Antes de conhecer Ulisses, a realidade era apreendida através do sofrimento, por consequência de sua vontade de potência estar no mais baixo grau. Segundo Nietzsche, apenas é possível superar o descontentamento com a realidade, afirmando-a incondicionalmente.

A aprendizagem de Loreley consiste, portanto, na superação de si, como elevação do grau de potência que a permitiu aproximar-se ontologicamente da realidade. Aproximação, porém, realizada apenas após o conhecimento do trágico da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existência. É, pois, com a coragem de aceitar a condição trágica que ocorre a superação de si; superação que permite Loreley alegrar-se com a vida.

### Referências

- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DIAS G., C. **Clarice Lispector e Nietzsche: um caso de amor fati**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- LISPECTOR, C. **Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A Descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MERQUIOR, J. G. **Saudades do Carnaval: Introdução à crise da cultura**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- MOURA, C. A. R. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NIETZSCHE, F. W. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Ed. Escala, 2008.
- NUNES, B. **O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O Dorso do Tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **No tempo do niilismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- ROSSET, C. **Alegria: a força maior**. Rio de Janeiro: Relume



$\text{I}\Phi$ -*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **O real e seu duplo:** Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Pior.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

TILLICH, P. **A coragem de Ser.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## El entendimiento lingüístico en la Inteligencia Artificial: Una relación ambivalente con Descartes

Por: Rodrigo González F.<sup>68</sup>  
[rodgonfer@gmail.com](mailto:rodgonfer@gmail.com)

*Awareness is like consciousness. Soul  
is like spirit.  
But soft is not like hard and weak is  
not like strong.  
A mechanic can be both soft and hard,  
a stewardess can be both weak and  
strong.  
This is called philosophy or a world-  
view.  
RACTER, en *The Policeman's Beard is  
Half Constructed*.*

### Resumen

En este artículo se examina de qué forma los investigadores de la Inteligencia Artificial han asumido un desafío propuesto por Descartes: la imposibilidad de construir máquinas programadas que, al entender lenguaje, evidencien que son pensantes. Tal desafío, que se enmarca en la filosofía metafísica cartesiana, distingue entre cosa pensante y extensa, siendo imposible la existencia de pensamiento en esta última. El lenguaje evidencia la imposibilidad de la inteligencia de máquina, de hecho. Como se examina, al enfrentar el desafío cartesiano, dichos investigadores han debido suponer como verdadera parte de la teoría cartesiana, a saber, que el uso flexible de lenguaje implica la existencia de pensamiento. Por ello califico de ambivalente la relación que tiene la Inteligencia Artificial con el filósofo francés: por una parte, rechazan la imposibilidad en principio de la inteligencia de máquina; por otra, están de

---

<sup>68</sup> Profesor del Departamento de Filosofía de la Facultad de Filosofía y Humanidades de Universidad de Chile.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

acuerdo con Descartes en que el uso flexible de lenguaje es suficiente para mostrar que alguien piensa. Si bien el carácter ambivalente entre la IA y Descartes parece anecdótico, no lo es. El hecho de que aún se considere el Test de Turing como una evaluación adecuada de la inteligencia corrobora la compleja relación entre la IA y el pensamiento cartesiano.

**Palabras clave:** Entendimiento lingüístico, lenguaje, pensamiento, Test de Turing.

### **Abstract**

*This article deals with the manner in which the AI researchers have taken a Cartesian challenge: the impossibility to create machines which, via linguistic understanding, evince thought. Such a challenge, which is part of the metaphysical Cartesian philosophy, distinguishes between *res cogitans* and *res extensa*. It is impossible for the latter to have thought. Language, then, provides evidence of the impossibility of machine intelligence. As I analyze, by facing the Cartesian challenge, those researchers have supposed to be true part of Descartes' theory, namely, that the flexible use of language entails thought. For this reason I consider that the relation between AI and Descartes is ambivalent: on the one hand, AI researchers reject that machine intelligence is impossible in principle; on the other hand, they agree with Descartes in relation to the importance of language when it comes to providing evidence of thought. Even though the ambivalent character of AI and Descartes seems anecdotic, it is not. The fact that some people still regard the Turing Test as an adequate evaluation of intelligence verifies the complex relation between AI and the French philosopher.*

*Keywords: Linguistic understanding, Language, thought, Turing Test.*

### **Introducción**

Es usual que se fustigue a Descartes por haber legado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

el problema mente-cuerpo a la filosofía contemporánea. En particular, se lo ataca por sostener que las substancias que pueden concebirse de manera separada, esto es, de forma independiente, son metafísicamente diferentes, pues dado que al menos la omnipotencia divina puede separarlas, son separables. Esto, que precisamente ocurriría con la mente y el cuerpo, se dice que provoca todos los problemas para justificar de qué manera ambas cosas se relacionan.

Sin embargo, no solo en relación con el problema mente-cuerpo los filósofos y científicos contemporáneos han vapuleado a Descartes. También lo han hecho en el ámbito de una nueva disciplina científica: la Inteligencia Artificial. En efecto, desde el albor de la misma, en el siglo XIX, se ha criticado a Descartes como “el” filósofo que, al separar la mente de lo físico, creyó imposible en principio mecanizar el pensamiento. Esto se explica por el siguiente argumento cartesiano: si la mente es no material, y las máquinas *solo* operan en virtud de mecanismos físicos, como los engranajes por ejemplo, es imposible en principio la inteligencia de máquina. Este argumento es lo que llamo *el desafío cartesiano* a dicha inteligencia, un concepto predecesor de la IA.

En este ensayo me aboco a mostrar que dicho desafío ha tenido un curioso efecto en los investigadores de tal disciplina: para responderlo, se han acostumbrado a asumir parte de la teoría cartesiana, i.e., que el uso flexible de lenguaje



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

implica entendimiento lingüístico, y que este implica pensamiento. Es por esto, argumento, que muchos investigadores de la Inteligencia Artificial consideran que el Test de Turing es adecuado para justificar que las máquinas programadas tienen tal entendimiento (MOOR, 1976 y COPELAND, 2016) y, en consecuencia, estados mentales.

El artículo está dividido en cuatro secciones. En la primera expongo el pensamiento metafísico cartesiano, el cual afirma que, en tanto el cogito es más fácil de conocer que el cuerpo, puede distinguirse *realmente* de este. Si esto es así, resulta imposible en principio que una máquina, o cualquier dispositivo físico, piense. El hecho de que máquinas no puedan usar el lenguaje de manera flexible corroboraría, empíricamente, tal imposibilidad. Luego, en la segunda sección, expongo de qué forma Turing, con su famoso test, enfrentó de lleno el desafío de Descartes, pero para hacerlo, tuvo que asumir como verdadera parte de su teoría, a saber, que la evidencia empírica de que las máquinas hablan es suficiente para sostener que piensan. En la tercera sección muestro cómo SAM, el Script Applier Mechanism de Schank y Abelson, pone en duda la negativa de Descartes de que puede existir inteligencia de máquina. Inspirándose en Turing, afirman que el entendimiento lingüístico es, al igual que el pensamiento, mecánico. Finalmente, en la cuarta sección discuto las dificultades que conlleva, desde el punto de vista de lo psicológico, la mecanización del pensamiento y del



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

entendimiento lingüístico. Me concentro, para estos efectos, en dos dificultades asociadas: la introspección como fundamento del entendimiento lingüístico, y el carácter no consciente de los algoritmos.

### **El desafío de Descartes: la imposibilidad de mecanizar lenguaje y pensamiento**

Descartes es uno de los filósofos más influyentes, pero también uno de los más polémicos de todos los tiempos. Su distinción entre la substancia mental y corporal tiene una importante consecuencia con relación a la imposibilidad, en principio, de que el pensamiento se mecanice. Dicha distinción, *real* como la llama, puede captarse con precisión en el siguiente pasaje de las *Meditaciones Metafísicas*:

En primer lugar, puesto que ya sé que todas las cosas que concibo clara y distintamente pueden ser producidas por Dios tal y como las concibo, me basta con poder concebir clara y distintamente una cosa sin otra, para estar seguro que la una es diferente de la otra [...]

Por lo tanto, como sé de cierto que existo, y, sin embargo, no advierto que convenga a mi verdadera naturaleza o esencia otra cosa que ser cosa pensante, concluyo rectamente que mi esencia consiste en ser solo una cosa que piensa, o una substancia o esencia que consiste solo en pensar. Y aunque acaso, o con toda seguridad como diré enseguida, tengo un cuerpo al que estoy estrechamente unido, con todo, puesto que, por una parte, tengo una idea clara y distinta de mí mismo, en cuanto que soy solo una cosa que piensa -y no

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

extensa-, es cierto entonces que ese yo (es decir, mi alma, por la cual soy lo que soy), es enteramente distinto de mi cuerpo, y que puede existir sin él. (DESCARTES, 1985a, p. 54, AT VII, 78).

El argumento cartesiano mediante el cual se concluye que el pensamiento puede existir sin la corporalidad se denomina intuición modal. Pende de la potencia de concebir como diferentes dos cosas mediante el entendimiento, lo cual a su vez descansa en la omnipotencia de Dios. Para el caso, Descartes sostiene que del alma se tiene una idea clara y distinta, no extensa; luego, el alma no es el cuerpo y puede existir sin este. Tal argumento fundamenta el Dualismo cartesiano, una tesis metafísica que distingue alma y cuerpo. Es, por supuesto, polémico y ya los contemporáneos de Descartes lo objetaron por varias razones que no vale la pena explicar en detalle aquí.

Pese a las objeciones, el filósofo francés insiste en que hay otra diferencia fundamental entre el espíritu y el cuerpo: solo este último es divisible. Apoya su tesis dualista de la siguiente forma:

[...] Hay gran diferencia entre el espíritu y el cuerpo; pues el cuerpo es siempre divisible por naturaleza, y el espíritu es enteramente indivisible. En efecto: cuando considero mi espíritu, o sea, a mí mismo en cuanto que soy solo una cosa pensante, no puedo distinguir en mí partes, sino que me entiendo como una sola cosa y entera. Y aunque el espíritu todo parece estar unido al cuerpo todo, sin embargo, cuando se separa de mi cuerpo un pie, un brazo, o alguna otra parte, sé que no por ello se le quita algo a mi espíritu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(DESCARTES 1985a, p. 59, AT VII, 86).

Estos pasajes de las Meditaciones son claros en cuanto a la diferencia metafísica que existe entre la mente y el cuerpo. La primera, aunque está estrechamente unida a la corporalidad<sup>69</sup>, es, existe, de un modo diferente a todo lo físico: lo hace solo siendo una cosa pensante. Tal cosa es unitaria, a diferencia de la corporalidad, que es divisible. Si esto es correcto, y la distinción *real* es correcta también, se sabe con certeza que un cuerpo no puede ser pensante, porque es metafísicamente imposible que lo sea. Cuando se piensa una cosa extensa, no hay nada pensante que el entendimiento capte. Así, tal como argumenta el francés en relación con su famoso ejemplo del trozo de cera, la esencia de este es ser una cosa extensa, una cosa solo percibida por la mente, cuya esencia es puro escrutinio mental (DESCARTES 1985a, p. 21, AT VII, 31). Ello no es una cuestión trivial, puesto que significa que no es posible construir una máquina, un objeto material, físico, que tenga la propiedad de pensar. No puede ser más claro el razonamiento metafísico de Descartes en este sentido. Tampoco puede ser más claro el Dualismo que propone, independientemente de la discusión académica que ha suscitado respecto de si es de

---

69. Que algo esté unido a otra cosa no implica que ambas cosas sean idénticas. Descartes aclara este punto en la Sexta Meditación, con la dis-analogía del piloto y el navío (DESCARTES 1985a, p. 56, AT VII, 81). Cabe destacar que cuando cito a Descartes también agrego la correspondencia AT en la edición Adams Tannery.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

substancias o de propiedades.<sup>70</sup>

Con relación a las máquinas, él adiciona una razón específica y concreta sobre por qué es imposible en principio que piensen. Lo hace fundamentándose en la evidencia empírica que disponemos respecto de por qué toda máquina no puede usar signos convencionales lingüísticos. Es decir, de la incapacidad de ellas de usar lenguaje para expresar pensamientos. Este pasaje, del *Discurso del Método*, explica el criterio cartesiano para estar cierto de la existencia de pensamiento:

[...] Si hubiera máquinas que tuviesen los órganos y la figura exterior de un mono, o de cualquier otro animal irracional, no tendríamos ningún medio de reconocer que eran en todo de igual naturaleza que estos animales; al paso que si hubiera otras semejantes a nuestros cuerpos y que imitasen nuestras acciones cuanto moralmente fuera posible, siempre tendríamos dos medios seguros de reconocer que no por eso eran hombres verdaderos. El primero sería que *jamás podrían usar ni de las palabras ni de otros signos compuestos de ellas*, como hacemos nosotros para declarar a los demás nuestros pensamientos. Pues se puede concebir que una máquina esté hecha de tal manera que profiera palabras, y aun que pronuncie algunas con ocasión de las acciones corporales que causan algún cambio en sus órganos –como, por ejemplo, si se le toca en una parte que pregunte lo que se le quiere decir, y en otra, que grite que se le hace daño y otras cosas semejantes–, *pero no que arregle las palabras de diversos modos para responder según el sentido de cuanto en su presencia se diga* cómo pueden hacer aun los más estúpidos de los hombres. El segundo

70. Véase, por ejemplo, de qué manera Clarke (2003) argumenta que el Dualismo cartesiano es de propiedades, no de substancias, como la mayoría de los intérpretes proponen. Por razones de espacio solo menciono esta discusión.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consiste en que, por más que estas máquinas hicieran muchas cosas tan bien o acaso mejor que nosotros, se equivocarían infaliblemente en otras, y así se descubriría que no obraban por conocimiento, sino tan solo por la disposición de sus órganos [...] (Descartes 1985b, pp. 139-140, AT VI, 56-57, énfasis mío).

Del criterio cartesiano para la adjudicación de pensamiento se deriva una consecuencia fundamental, a propósito de la discusión de este ensayo. Si se une la metafísica de Descartes a su criterio para la adjudicación de pensamiento o estados mentales, una máquina no solo no puede pensar, sino que no puede disponer de auténtico entendimiento lingüístico. Al carecer de *flexibilidad* para usar lenguaje, por tener una cantidad finita de respuestas posibles basadas en los engranajes, es evidente que las máquinas no entienden lenguaje, pues no pueden *responder* de diversas maneras significando lo mismo; luego, concluye el filósofo francés, no piensan.

En aras de la argumentación cartesiana, vale la pena insistir en que una máquina podría *simular* el uso de lenguaje y, por tanto, que piensa. El filósofo francés considera la posibilidad de que puedan construirse sofisticadas máquinas, mas estas no podrían igualar al ser humano en cuanto a la *flexibilidad* que va de la mano de la inteligencia genuina, la cual también da lugar a acciones inteligentes en tanto sensibles al contexto. Luego, aunque las máquinas simularan el uso de lenguaje, contarían solo como ingeniosos y sofisticados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

artefactos, cuya conducta además, en lo global, no sería adecuada como la humana. Aunque exhibieran inteligencia *como-si* fueran humanas, por sus respuestas finitas, las máquinas solo *imitarían* la conducta lingüística humana, y más aún, las acciones concertadas mediante la inteligencia genuina.

La propuesta cartesiana, entonces, ha representado un desafío crucial para la Inteligencia Artificial, la cual desde sus comienzos ha intentado responder al francés.<sup>71</sup> Justamente, la siguiente sección, que examina brevemente el Juego de la Imitación, exhibe de qué forma el Test que lo cobija enfrenta el desafío cartesiano con relación al entendimiento lingüístico. Pero, tal como sostengo, Turing, en aras de la argumentación, considera que el criterio cartesiano de atribución de inteligencia y mente es *cierto*. Luego, piensa, si se construyen máquinas que conversaran, se podría socavar la teoría cartesiana según la cual el pensamiento no puede mecanizarse en principio.

En el fondo algunos tienen razón al plantear que el Test de Turing es una suerte de experimento mental (por ejemplo, TITTLE, 2005, p. 50), uno de carácter refutatorio. Lo es, a mi juicio, porque para refutar que el lenguaje y la mente no pueden mecanizarse, se debe asumir, al menos en aras de la argumentación, que el criterio cartesiano para atribuir

---

71. En sus albores, en el siglo XIX y antes, solo existía el concepto de inteligencia de máquina. Varios investigadores de dicha disciplina concentraban sus esfuerzos para desarrollarla, y así refutar a Descartes. Destacan Babbage, Pascal, Schickard, Colmar, entre otros. La mayoría se dedicó a mostrar que era posible la mecanización del pensamiento matemático.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensamiento es correcto. Solo dicha suposición permitiría mostrar, mediante el Juego de la Imitación de Turing, que la imposibilidad en principio de que máquinas conversen y piensen es absurda.

### **Turing y su foco en el entendimiento lingüístico como signo de inteligencia**

Entre los desarrollos tecnológicos de la Segunda Guerra Mundial hubo uno en 1943, COLOSSUS, el cual gatilló una verdadera revolución. Mediante esta compleja máquina, Alan Turing fue capaz de descifrar ENIGMA, el código secreto de los submarinos de la Alemania nazi. Dicho “hackeo” permitió a los aliados salvar numerosas vidas y, ciertamente, acortar un buen trecho la guerra. Sin embargo, si bien COLOSSUS podría contar como un computador programado, algunos cuestionan dicho estatus por no ser una máquina multipropósito, el carácter esencial que tiene todo computador, el cual es una máquina programada o programable (COPELAND, 1993).

Sin embargo, pese a los avances desde la Segunda Guerra Mundial, la sombra de Descartes continuaba acechando sobre la naciente Inteligencia Artificial. Turing, quien “tomó el guante del francés”, decidió enfrentarlo en la arena filosófica. Para estos efectos publicó en un ensayo seminal, “Computing Machinery and Intelligence” (TURING, 1950), el cual fue tan revolucionario como COLOSSUS. Lo fue porque abordó la



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

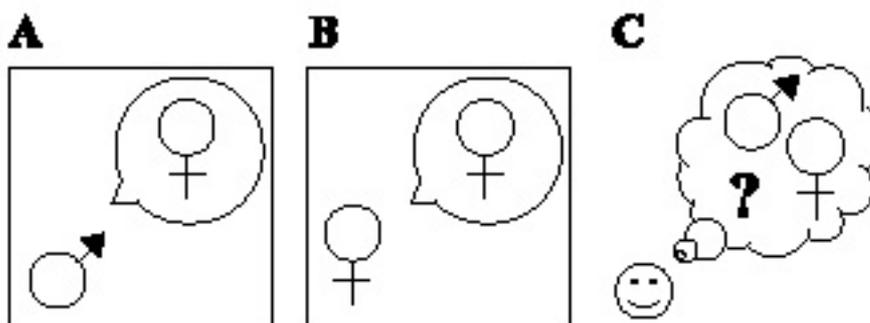
pregunta de si las máquinas programadas, los computadores, tenían estados mentales. Pero lo hizo, he aquí la novedad, proponiendo el reemplazo de la pregunta “Can a machine think?” por un test que recoge evidencia empírica a favor de la tesis de que los computadores entienden lenguaje y, luego, que piensan. Para eliminar la pregunta, la cual lleva a una discusión de conceptos y al uso de estos, se propone justamente el Juego de la Imitación, la esencia del test.

Dicho juego tiene tres etapas. En la primera, hay un hombre en una pieza A, una mujer en una pieza B y un juez cuyo sexo no importa. Cada uno tiene un rol específico. En el caso del juez, se debe determinar si está en presencia de un hombre o una mujer haciendo preguntas, mediante un teletipo, a las piezas A y B. La mujer responde de manera sincera las preguntas del juez con otro teletipo, mientras que el hombre se hace pasar por una mujer, y responde como si fuera tal del mismo modo que ella. Los interrogatorios, que duran 5 minutos, se concentran en preguntas simples para determinar el sexo de quienes están en las piezas A y B. La primera versión del juego de Turing puede esquematizarse de la siguiente manera:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Ahora bien, vale la pena detenerse en una cuestión importante. Si el hombre logra engañar a una ronda de jueces, al menos a una parte de ellos, se dice que ha pasado el test. Un punto fundamental de la primera versión, y que ha sido sistemáticamente soslayada y malinterpretada por comentaristas, es que la identificación del sexo de los participantes no es un elemento que Turing haya elegido azarosamente (Cf. GONZÁLEZ, 2015). Dicha identificación no es gratuita, porque tiene el propósito de mostrar que la inteligencia femenina es separable de la corporalidad femenina. Luego, es posible tener corporalidad masculina y desempeñarse inteligentemente, tal como lo haría una mujer. Vuelvo sobre esta cuestión más abajo, ya que es no solo importante para entender el Funcionalismo de Turing, sino que también para explicar cómo este asume el criterio cartesiano de la inteligencia. Solo así es posible refutar la tesis sobre la imposibilidad de la Inteligencia Artificial.

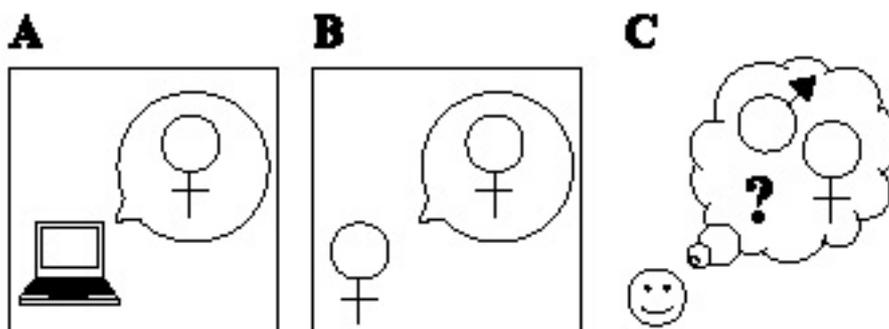
Luego, en la segunda versión del juego, Turing pregunta: ¿qué sucedería si lo que hace el hombre en la pieza A lo hiciese un computador programado? Si la inteligencia es una



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

función separable de lo físico y, en particular, de lo biológico, entonces una máquina programada podría tener el mismo desempeño que una mujer. Claro, sería necesario que el computador tuviera la suficiente memoria y velocidad para que imitara a una mujer (y/o a un hombre, tal como queda claro en la segunda versión). Esta puede esquematizarse del siguiente modo:



Ahora bien, conviene hacer una aclaración importante. No estimo, respecto de la primera y la segunda versión, margen para interpretar que el hombre supere en inteligencia a la mujer, o lo contrario, pese a las teorías que consideran que el test es un proyecto emancipador de género. Recientes lecturas del Test de Turing han centrado el análisis en la cuestión del género (Genova 1994, Lassègue 1996), y han visto una agenda de Turing en este sentido. Sin embargo, es difícil que él haya tenido en mente un proyecto de esa índole, puesto que su objetivo, al menos declarado, era proporcionar una justificación filosófica sobre la plausibilidad de que se construyan máquinas pensantes.

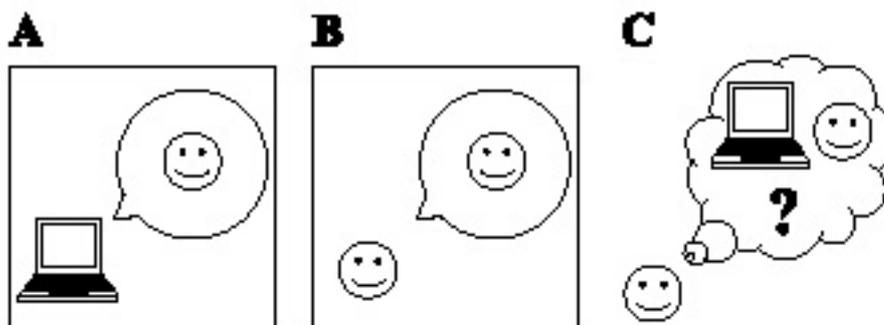
De hecho, una cuestión que apoya mi reticencia a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

creer en el proyecto emancipador de género es que el propio Turing (1951b) simplificó su test; lo hizo, probablemente, porque la identificación del sexo de los participantes produjo algunos enredos en la interpretación de qué estaba detrás del juego. Dicha simplificación, que dio pie a “la versión estándar del test”, describe el siguiente escenario: un computador programado está en la pieza A, mientras que en la B hay una persona, cuyo sexo es irrelevante. Los jueces deben evaluar si están en presencia de una persona o de una máquina programada. Mientras que la persona responde sinceramente a las preguntas, el computador programado se hace pasar por un humano. Dado que nuevamente hay rondas de preguntas de 5 minutos, Turing sostiene que si el computador programado logra engañar al menos al 30% de los jueces, ha pasado el test. Lo ha hecho, según él, porque la máquina entiende lenguaje, y porque tal entendimiento implica la existencia de estados mentales o pensamiento, como hasta el más fanático de los cartesianos debería aceptar.

La versión estándar puede esquematizarse de la siguiente manera:





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Retomo un punto importante de arriba. El Juego de la Imitación que describe el test involucra una propuesta funcionalista profundamente anti-biológica. La capacidad de tener estados mentales es considerada por Turing como una propiedad funcional no biológica; es decir, como una función que no requiere instanciación en una configuración física específica, como la del cerebro.<sup>72</sup> Por el contrario, él asume que un computador puede instanciarse en diversos materiales, tal como una Máquina de Turing, el concepto que permite entender qué es computar (TURING, 1936). Con ello él adhiere a un tipo de Funcionalismo, llamado posteriormente de Máquina (PUTNAM, 1967 y 1973), que considera la inteligencia como una mera función computable, ciertamente *separable* de la corporalidad y el cerebro. Para el lector atento, esto ciertamente recordará a la intuición modal cartesiana descrita en la primera sección. En efecto, el Funcionalismo de Turing es compatible con el Dualismo de Descartes, en el sentido de que ambos consideran que la inteligencia puede separarse del cerebro (Cf. GONZÁLEZ, 2011). Si en el caso de Descartes la inteligencia es separable del cuerpo mediante lo concebible, en el de Turing lo es mediante la

---

72. En este pasaje, Turing es claro en relación con su Funcionalismo anti-biológico. Dice, en este extracto de entrevista radial: “si alguna máquina particular puede ser descrita como un cerebro, solo debemos programar nuestra máquina digital para imitar a esta y también será un cerebro” (1951a: 112, trad. mía). Este extracto de la entrevista radial concedida a BBC en 1951 inspira una idea que nace a partir del Funcionalismo de Máquina de Turing: la posibilidad de alcanzar la inmortalidad mediante la transmigración del *software* a distintos *hardwares* (Rucker 1980).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

programación de computadores.

Para algunos, incluso, el Funcionalismo de Máquina es lisa y llanamente un resabio de Dualismo, y en ese sentido, un heredero de la metafísica cartesiana. Tales suposiciones son bastante escépticas respecto de las posibilidades de la IA. Por ejemplo, Searle (1980) ha sido particularmente crítico porque tanto la IA como la Ciencia Cognitiva dan la espalda a la biología. Una de sus críticas más ácidas tiene como objetivo mostrar que la concepción de Turing de la mente, al suponer que una máquina programada puede instanciarse en cualquier material, *se aleja notoriamente de la cognición real humana*. Examinó la relación entre esta crítica y el entendimiento lingüístico en la sección final de este ensayo.

El argumento serleano contra el Funcionalismo de Máquina se expone de la siguiente manera:

[...] Ciertamente, la IA fuerte solo tiene sentido dado el supuesto dualista de que, en lo que concierne a la mente, el cerebro no importa. En la IA fuerte (y en el Funcionalismo también) lo que importa son los programas, y estos son independientes de su realización en máquinas; sin duda, en lo que respecta a la IA, el mismo programa podría realizarse por una máquina electrónica, una substancia mental cartesiana, o el espíritu hegeliano del mundo (SEARLE, 1980, p. 86, traducción mía).

Justamente las críticas serleanas a la IA fuerte tienen como objetivo el ensayo seminal que la inspira. En concreto, el clásico artículo de Schank y Abelson supone el



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diseño de un programa, SAM, el que supuestamente es capaz de entender lenguaje y, por tanto, de pensar. Con ello SAM asume, tal como he argumentado aquí, la teoría cartesiana de acuerdo con la cual, si un agente o una máquina entiende un lenguaje, entonces piensa.

### **SAM, el arquetipo del entendimiento lingüístico en la IA**

El Test de Turing, pese a la discusión filosófica que ha generado y que probablemente seguirá generando, es considerado por muchos investigadores en Inteligencia Artificial como una marca distintiva y clara de la inteligencia de máquina. Ello porque el test es simple y eficaz en cuanto a la presentación de evidencia empírica: esta justificaría la tesis de que los computadores programados entienden lenguaje y, por tanto, que tienen estados mentales. Hay, en esta postura, una creencia de base, a saber, que si la máquina programada exhibe entendimiento lingüístico, entonces lisa y llanamente tiene mente.

Schank y Abelson (1977) son justamente simpatizantes del test. El programa que diseñaron, SAM (Script Applier Mechanism), fue inspirado por una teoría general del entendimiento. Una de acuerdo con la cual la gente entiende las situaciones en que se encuentra, y actúa en virtud de conocimiento organizado pasado. Cualquier proceso de entender un lenguaje requiere de conocimiento general, el cual permite que

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

una persona interprete el comportamiento de otra persona con base en necesidades y métodos compartidos y estándares (por ejemplo, por qué alguien se va a la cama). Pero también se interpreta en función de conocimiento específico, el cual hace posible la explicación y participación en situaciones experimentadas frecuentemente en la vida diaria (por ejemplo, por qué los boletos se muestran en la entrada de un estadio). Pero, ¿cuál es la conexión entre el conocimiento de base y la comprensión de una historia *nueva*?

De acuerdo con la teoría de Schank y Abelson, las historias nuevas, y que resultan comprensibles, hacen referencia a libretos [*scripts*] o a secuencias causalmente estandarizadas de eventos desde el punto de vista de un actor. Considérense, por ejemplo, las siguientes historias:

9. Flor entró a un pub y ordenó una caipiriña. Pagó la cuenta y se fue.
10. Fue fundamental que Flor no estuviera en la fiesta. El avaro de Agustín no había dejado nada de dinero de nuevo. La policía estaba haciendo controles rutinarios contra el manejo en estado de ebriedad.
11. Flor quería comprar un quitasol. Encontró un panfleto haciendo publicidad para una rebaja de temporada de playa en el bus. Los quitasoles se habían vendido todos.
12. Flor estaba en un supermercado. En la caja se dio cuenta de que había dejado su billetera en casa.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mientras que la historia 1 hace referencia a un libreto fácilmente identificable [PUB], que típicamente involucra una secuencia causal de eventos (deseo de tomar un trago, sentarse en el bar, ordenar el trago, pedir la cuenta, etc.), lo cual hace que los eventos narrados sean inteligibles, la historia 2, que carece de un libreto claro, exhibe una secuencia de eventos no relacionados. Por esta razón, la historia 2 tiene muy poco sentido y, sin información adicional o un gran esfuerzo, resulta francamente difícil de entender. Al tener sentido, la historia 3 traslapa dos libretos, [BUS] y [REBAJAS DE TEMPORADA], los cuales permiten que uno entienda de qué se trata la historia, y el final poco feliz para Flor. Del mismo modo que 3, 4 supone dos libretos [SUPERMERCADO] y [COMPRAR]. Pese a lo breve que es, resulta completamente inteligible y con pleno sentido.

A pesar de posibles complicaciones, tales como interferencias e interrupciones en la secuencia de eventos, el hacer corresponder libretos permite hacerse partícipes en situaciones públicas, y comprender narraciones sin la inclusión de detalles aburridos. En virtud de la internalización de libretos, *la gente es capaz de anticipar los eventos futuros de una historia, infiriendo información que no ha sido declarada explícitamente*. Según Schank y Abelson, esto último es un signo inequívoco de entendimiento genuino. Por ejemplo, para aquellos que realmente entienden la historias 3 y 4 es posible anticipar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

la *frustración* de Flor, y la *vergüenza* de haber dejado su billetera en casa, respectivamente.

Sin embargo, la parte más interesante de su análisis es que, según ellos, la gente entendería historias tal como las máquinas programadas manipulan y procesan libretos, representaciones y conocimiento mundano (general y específico). En particular, ellos proponen como la gente y SAM entienden de modo similar así:

El entendimiento entonces, es un proceso mediante el cual la gente hace calzar lo que ve y escucha con grupos de acciones pre-almacenadas, las cuales ya han experimentado. La información novedosa se entiende en términos de información antigua. En esta teoría, *el ser humano es visto como un procesador* que solo entiende lo que ha entendido previamente. Nuestro programa basado en libretos, SAM, trabaja de esta forma [...] *Un ser humano que entiende está equipado con miles de libretos. Los usa casi sin pensar en los mismos* (SCHANK; ABELSON, 1977, p. 67, énfasis y traducción mías).

Ambos autores coinciden con Turing, quien considera la inteligencia como producto del desempeño de un computador programado. Para todos ellos los procesos mentales, tales como aquellos involucrados en el entendimiento, pueden descomponerse en operaciones mecánicas simples como *traer, recuperar, hacer calzar*. Quienes adscriben a la idea de que la mente es como un procesador informacional, creen que la capacidad de entender historias emerge de traerlas, recuperarlas y hacerlas calzar con libretos. Incluso, el hecho de que una máquina programada



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

responda a historias mediante tal procedimiento proporciona evidencia sólida de que tiene mente y, así, una variedad de estados mentales. Esto es lo que Searle denomina Inteligencia Artificial Fuerte, una aproximación que busca refutar con su famosa Habitación China (1980 y 1990). Dicho experimento mental muestra que es posible actuar con base en un programa, manipulando ideogramas chinos, y no entender nada. La moraleja es, entonces, que la sintáctica, o el programa, es insuficiente para la semántica, o el contenido mental.

Cabe destacar, a propósito de la discusión venidera, que no resulta del todo evidente que el procesamiento informacional de las máquinas programadas, cuando responden a preguntas sobre historias, pueda ser considerado como *evidencia suficiente* para la existencia de mente e inteligencia. Tal como analizo a continuación, correr programas que hacen que una máquina programada responda mediante el proceso de hacer coincidir libretos no implica que tales máquinas entiendan las historias y que posean vida mental.

### **Entendimiento lingüístico mecanizado: ¿psicológicamente plausible?**

Hasta aquí resulta más o menos claro que, a pesar de lo que alguien podría pensar en la Ciencia Cognitiva, Descartes y Turing están en una suerte de relación teórica ambivalente. En efecto, si bien el primero niega en principio que las máquinas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

puedan pensar, el segundo asume que el Funcionalismo de Máquina involucra que la inteligencia es separable del cerebro, y más importante aún, que usar lenguaje y tener entendimiento lingüístico implican tener mente y ser pensante. Tal como expongo más arriba, Turing opera tal como un experimentador mental que trata de refutar la teoría de Descartes acerca de la imposibilidad de inteligencia de máquina, que para el caso denomino T. Para llevarla al absurdo, se debe primero asumir que T es verdadera, lo cual ocurre en un experimento mental negativo o refutatorio (BROWN, 2007). Esto, tal vez, ha llevado a creer a los investigadores de la IA que el lenguaje y solo el lenguaje es *garantía* de que existe pensamiento, una tesis absolutamente cartesiana.<sup>73</sup> En ese sentido puede sostenerse que Descartes legó a la IA dicha garantía.

En esta sección me concentro en examinar si es psicológicamente plausible que el entendimiento lingüístico sea mecanizado. Con “psicológicamente plausible” quiero decir lo siguiente: ¿hay experiencias psicológicas que permitan evaluar si dicho entendimiento puede mecanizarse? Por ejemplo, no es psicológicamente plausible creer que uno es una molécula, porque las experiencias psicológicas asociadas a tal creencia son imposibles de imaginar, o bien, porque son una tergiversación lisa y llana de las experiencias de qué es ser como un humano.

---

73. Véase, por ejemplo, el programa de Colby (1975), PARRY. Dicho programa es una simulación de un paciente paranoico. Todo el énfasis de la conducta psicótica de PARRY se concentra en las respuestas de este, las cuales simulan el comportamiento lingüístico de un paranoico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Lo mismo sucede con la plausibilidad psicológica de qué es ser como un murciélago. Intentar serlo, como Nagel analiza (1974), lleva a imaginaciones en que uno, un humano, se *comporta* como si fuera un murciélago, en una suerte de conducta *Bat-Man*. De esta forma, mi tesis es que al apelar a experiencias psicológicas humanas se puede establecer si el entendimiento lingüístico puede llegar a mecanizarse.

En vista de este problema, la propuesta que defiende es que no es psicológicamente plausible mecanizar el entendimiento humano. Y no lo es por dos razones que parecen suficientemente convincentes. La primera es que la noción misma de entendimiento lingüístico es discutible y controvertida, porque requiere de un testigo que recurre a la *introspección*. Nadie puede decir que entiende un lenguaje L si en verdad no lo hace, salvo que esté mintiendo. Uno *sabe*, internamente, es decir desde el punto de vista de la primera persona, cuando entiende o no entiende un lenguaje. En ese punto tiene razón Searle (1990, p. 418): independientemente de toda la *elegante* discusión filosófica acerca de “S entiende L” (siendo L una lengua), es claro que uno y solo uno *sabe* cuándo entiende y cuándo no. Este sentido de entender, en consecuencia, descansa en la introspección.

La segunda razón es que, tal como uno puede argumentar con base en la Habitación China (SEARLE 1980, p. 418), los procesos algorítmicos, y derivadamente los

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sintácticos, no permitem que haya estados mentales que emerjan a partir de manipulaciones simbólicas. Al menos no lo hacen cuando uno implementa algoritmos, o cuando uno procesa sintácticamente de acuerdo con un libro de reglas, tal como sucede en la Habitación China. En efecto, a pesar de las múltiples objeciones a dicha habitación, resulta más o menos claro que hay una diferencia marcada entre la sintaxis y la semántica, en el sentido de que implementar un programa computacional sobre la base de manipulaciones simbólicas no es suficiente para que haya semántica. Incluso, de la manipulación de símbolos a partir de las instrucciones en un libro de reglas no emerge nada psicológicamente interesante, punto que recuerda, por supuesto, la primera razón que expongo aquí y que se analiza con más detalle a continuación.

Es posible argumentar en apoyo de las dos razones una cuestión crucial, a propósito de computar. No hay nada que uno pueda imaginar con relación a qué es ser como una máquina programada (BLOCK 1995, p. 270). Si uno implementa un algoritmo, nada psicológicamente interesante ocurre desde el punto de vista de las experiencias psicológicas de un agente cualquiera. Si esto último es correcto, SAM podría contar solo como un modelo para comprender mejor qué es el entendimiento lingüístico, toda vez que mediante el programa no es posible explicar el componente psicológico que va de la mano de dicho entendimiento, esto es, el proceso psicológico introspectivo mediante el cual



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alguien que entiende *sabe* internamente que comprende una lengua.<sup>74</sup>

Searle comprende cabalmente, como hablante nativo de inglés. Tiene una comprensión mucho menos perfecta del francés. Y del chino simplemente no comprende nada. En los tres casos el saber acerca de la comprensión es *interno* a él. Hay, en este sentido, una importante conexión entre el entendimiento y la semántica, punto clave de la Habitación China, que no debe dejarse de lado. Por ejemplo, Searle, al ser hablante nativo de inglés, sabe que comprende perfectamente que “insofar as” cuenta como “en cuanto a”. Como hablante de proeficiencia media del francés sabe que comprende que “Un demi” es una cerveza a presión. Finalmente, al ser incapaz de hablar chino, es igualmente incapaz de saber y comprender que gaseosa es “Sūdă”.

Sin embargo, es menester introducir un ejemplo final de un proceso de computar que no involucre ninguna experiencia psicológicamente relevante. El famoso algoritmo de Euclides servirá para este propósito (PENROSE, 1999, pp. 41-44), pese a

---

74. Alguien podría creer, y correctamente me parece, que saber internamente apela a una suerte de cartesianismo fuerte en relación con la evaluación de la existencia de entendimiento lingüístico. Descartes mismo propone que solo mediante el juzgar del cogito uno sabe que la cera es cera y que los humanos no son autómatas (DESCARTES, 1985a, p. 21, AT VII, 32). Cabe destacar, a propósito de lo que llamo cartesianismo fuerte, que Searle, pese a sus estertóreas declaraciones, es bastante cartesiano. Por ejemplo, y tal como argumento aquí, lo es cuando propone que los estados mentales intencionales tienen condiciones de satisfacción sabidas por el agente (Cf. SEARLE, 1983, p. 64). También cuando se examina en detalle la Repuesta del Sistema, la cual supone un elemento imposible de internalizarse: Searle mismo (GONZÁLEZ, 2012). La discusión sobre la relación entre Searle y Descartes da para un ensayo aparte, sin duda.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que en estricto rigor no es tan original. No vale la pena que lo sea, toda vez que los algoritmos, o programas, operan todos de la misma manera.

Según Euclides, para encontrar el máximo común denominador de dos números, basta con seguir las siguientes reglas, expresadas mediante pasos finitos, siendo el tercero recursivo:

- i) Dividir número divisor, anotando resultado y remanente (R);
- ii) Si  $R = 0$ , *halt*;
- iii) Si  $R \neq 0$ , tomar divisor y remanente anteriores para volver a ejecutar paso 1.

Por ejemplo, para encontrar el máximo común denominador de 99 y 15, se debe operar así:

Número	Número divisor	Resultado	Remanente
99	15	6	9
15	9	1	6
9	6	1	3
6	3	2	0

Una vez implementados los pasos, es posible establecer que el máximo común denominador de 99 y 15 es 3. Es crucial, en este ejemplo, que no surge ninguna experiencia psicológica asociada a las matemáticas, ni tampoco a conceptos de esta disciplina. De hecho, el algoritmo puede ser seguido por alguien cuyos conocimientos matemáticos sean básicos, o por un experto, y en ninguno de ambos habrá nada *mental* que ocurra. Es



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decir, en ningún agente que opere en función de las reglas del algoritmo de Euclides emergerá algo psicológico asociado a la implementación de dicho algoritmo, o programa. Lo mismo, *mutatis mutandis*, ocurre con el entendimiento lingüístico, tal como muestra la Habitación China de Searle: un hablante de inglés que corra un programa para conversar en chino no sabe qué se le pregunta y qué responde, menos tiene estados mentales asociados a la implementación del programa.

Este tipo de ejemplo muestra que Descartes parece estar en lo correcto cuando afirma que el lenguaje y la mente no pueden mecanizarse. Las razones son distintas a lo que el francés cree, sin embargo. En el caso de él, cree que ni lenguaje ni pensamiento pueden mecanizarse, porque los mecanismos son finitos y, por tanto, inflexibles, mientras que la razón es *res cogitans* flexible. En cambio, para Searle y quienes argumentan como él, razón y lenguaje no pueden mecanizarse mediante programas, porque no hay nada psicológicamente interesante que ocurra cuando se implementan estos. Luego, la Inteligencia Artificial no puede enseñarnos nada de la cognición inteligente real solo si opera con programas, los que, supuestamente, son capaces de conversar tal como los humanos, desiderátum impuesto por el propio Descartes.

Uno puede sintetizar la falencia de la IA para generar entendimiento lingüístico así: un ser humano puede ser como un programa computacional al correrlo, aunque no haya nada



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

psicológicamente interessante asociado a dicho proceso. Y si no hay nada psicológicamente interesante asociado a ser una máquina programada, esta simplemente no puede ser una mente. Difícilmente, entonces, puede tal máquina tener ligado dicho entendimiento, salvo que lo simule. Pero, eso es justamente lo que los investigadores de la denominada IA fuerte pretenden superar, mediante máquinas que conversen con humanos, tal como el desafío de Descartes establece. Como he mostrado aquí, dicho desafío se transforma en legado para los investigadores de la IA. El caso del entendimiento lingüístico y de los investigadores de tal disciplina recuerda entonces la situación en que, de tanto criticar, uno termina asumiendo lo menos pensado: la postura del contrario.

### Referencias

- BLOCK, N. *“The mind as software of the brain”* In Heil, J. (ed.) **Philosophy of Mind: a Guide and Anthology**. Oxford: OUP, 1995. p. 267-274.
- BROWN, J. R., *“Counter Thought Experiments”* In **Royal Institute of Philosophy Supplement** 61, 82, p. 155-177, 2007.
- CLARKE, D. *Descartes’s Theory of Mind*. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- COLBY, K. *Artificial paranoia*. New York: Pergamon Press, 1975.
- COPELAND, J. *Artificial Intelligence: A Philosophical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.
- COPELAND, J. *“The Church-Turing Thesis”*. Disponible en: <http://plato.stanford.edu/entries/church-turing/>. Último acceso en 21.03.2016.
- DESCARTES, R. *“Meditations on First Philosophy”* In Cottingham, J.; Stoothoff, R.; Murdoch, D. **The Philosophical Writings of Descartes** Vol. II. New York: Cambridge University Press, 1985a.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

p. 1-62.

DESCARTES, R. “*Discourse on the Method*” In Cottingham, J.; Stoothoff, R.; Murdoch, D. **The Philosophical Writings of Descartes** Vol. I. New York: Cambridge University Press, 1985b. p. 109-151.

GENOVA, J. “*Turing’s sexual guessing game*” In **Social Epistemology**, v. 8, n. 4, p. 313-326, 1994.

GONZÁLEZ, R. “Descartes, las Intuiciones Modales y la IA” In **Alpha** n. 32, p. 181-198, 2011.

GONZÁLEZ, R. “La pieza china: un experimento mental con sesgo cartesiano” In **Revista Chilena de Neuropsicología**, Vol. 7, edición especial, 1-6, 2012.

GONZÁLEZ, R. “¿Importa la determinación del sexo en el Test de Turing?” In **Aurora**, v. 27, n. 40 (enero-abril), p. 277-295, 2015.

LASSÈGUE, J. “*What kind of Turing Test did Turing have in mind?*” In **Tekhnema**, n. 3, p. 37-58, 1996.

MOOR, J. “*An Analysis of the Turing test*” In **Philosophical Studies** 30, p. 249-57. Reimpreso en Shieber, S. **The Turing test: Verbal Behaviour as the Hallmark of Intelligence**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976. p. 297-306.

NAGEL, T. “*What is it like to be a bat?*” In **Philosophical Review** n. 83, p. 435-50, 1974.

PENROSE, R. **The Emperor’s New Mind**. Oxford: Oxford University Press, 1974.

PUTNAM, H. “*Psychological predicates*” In Capitan, W.; Merrill, D., **Art, Mind, and Religion**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Reimpreso en Heil, J. **Philosophy of Mind: A Guide and Anthology**. Oxford: Oxford University Press, 1967. p. 160-167.

PUTNAM, H. “*The nature of mental states*”, originalmente publicado como Psychological Predicates In Capitan, W.; Merrill, D., **Art, Mind, and Religion**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Reimpreso en Chalmers, D. **Philosophy of Mind: Classical and Contemporary Readings**. New York: Oxford University Press, 1973. p. 73-79.

RUCKER, R. **Software**. New York: Harper Collins, 1982.

SCHANK, R.C.; ABELSON, R.P. **Scripts, Plans, Goals, and**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Understanding.** Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1977.
- SEARLE, J. “Minds, brains and programs” In *Behavioral and Brain Sciences* n. 3, p. 417-24, 1980.
- SEARLE, J. *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind.* Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- SEARLE, J. “Is the brain’s mind a computer program?” In *Scientific American*, January 1990, p. 20-25.
- TURING, A. “On computable numbers, with an application to the Entscheidungsproblem” In *Proceedings of the London Mathematical Society*, series 2, v. 42, p. 231-65 (con correcciones en v. 43, p. 544-6), 1936.
- TURING, A. “Computing intelligence and machinery” In *Mind* LIX, n. 2236, Oct. 1950: p. 433-60. Reimpreso en: Boden, M. *The Philosophy of Artificial Intelligence.* Oxford: OUP, 1950. p. 40-66.
- TURING, A. “Can Digital Computers Think?”, tipeo de una entrevista radial en el tercer programa de BBC, del 15 de mayo de 1951. Número de referencia de los Archivos Turing: B.5. Reimpreso en Shieber, S. *The Turing Test: Verbal Behavior as the Hallmark of Intelligence.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1951a. p. 111-116.
- TURING, A. “Intelligent machinery, a heretical theory”, manuscrito inédito de una conferencia en la “51 Society” en Manchester, Inglaterra. Número de referencia de los Archivos Turing: B.4. Reimpreso en Shieber, S. *The Turing Test: Verbal Behavior as the Hallmark of Intelligence.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1951b. p. 105-109.
- TITTLE, Peg. *What if...Collected Thought Experiments in Philosophy.* New York: Longman, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Lançamento

**POLÍTICA BRASILEIRA**

**COMO ENTENDER O FUNCIONAMENTO DO BRASIL**

**RAFAEL EGÍDIO LEAL E SILVA**  
**TIAGO VALENCIANO**

**TIAGO VALENCIANO**

*"Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil", de Tiago Valenciano e Rafael Egídio Leal e Silva surge com o intuito de preencher uma lacuna no mercado editorial: explicar, resumidamente, o funcionamento da política no Brasil.*

*Situado no campo da ciência política - e porquê não na sociologia política, os autores pretendem (da introdução ao glossário final), demonstrar que a política não é um bicho de sete cabeças e esta pode (e deve) ser compreendida por todos.*

*O livro é dividido em seis partes. A primeira delas destina-se a explicar o universo da política, do poder, das formas de governo e a democracia em especial, a brasileira. Na segunda parte, os autores definem qual é e como funciona o sistema político brasileiro e a famosa tripartição do poder. No terceiro momento, as principais ideologias políticas são contempladas. A principal questão desta parte é: afinal, ainda existem ideologias políticas no Brasil? A quarta parte é destinada aos partidos e as eleições no país. Na quinta parte, os autores abordam qual é o sistema eleitoral do Brasil e um dos temas do momento: a reforma política. A última parte está motivada pela seguinte questão: por que o Brasil não dá certo?*

*Direcionado ao público em geral, o livro também pode ser utilizado por estudantes de ensino médio (pela facilidade na linguagem adotada), por acadêmicos das Ciências Sociais, do Direito, da Administração, da Filosofia, da História, entre dos diversos campos de conhecimento das ciências humanas.*

**RAFAEL EGÍDIO LEAL E SILVA**  
**TIAGO VALENCIANO**

Graduado em Direito - Bacharelado (1999) e Ciências Sociais - Licenciatura (2008) pela Universidade Estadual de Maringá. Possui Especialização em Teoria Histórico-Cultural (UEM/DPI 2006) e em História das Religiões (UEM/DHI 2009). Mestre em Psicologia (2012) pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é professor de Sociologia no Instituto Federal do Paraná - Campus Umuarama.  
rafael.silva@ifpr.edu.br

tiagovalenciano@gmail.com  
www.tiagovalenciano.com

SAHAR

SAHAR

SAHAR

RAFAEL EGÍDIO LEAL E SILVA  
TIAGO VALENCIANO

Por: Tigo Valenciano & Rafael Egídio Leal e Silva

Vivenciamos na atualidade uma forte turbulência política em todos os âmbitos. Nunca a política esteve tão desacreditada como agora. Assistimos uma crise forte da qual ainda sabemos como será seus rumos e desdobramentos. Apesar deste mar revolto e de incertezas, o pensamento brasileiro é brindado com uma obra importante, fruto de profunda reflexão de seus autores, Tiago Valenciano e Rafael Egídio Leal e Silva.

O livro “Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil”, nasce como o preenchimento de uma lacuna no mercado editorial e principalmente na ciência política. A obra dos escritores tenta explicar, de maneira resumida, como funciona a política no Brasil, dentro do âmbito



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da ciência política.

Tiago e Rafael pretendem, de maneira simples e objetiva, explicar desde a introdução ao glossário final, que a política não é um bicho de sete cabeças e que, apesar das incompreensões da atualidade, deve ser compreendida pelos brasileiros.

Esta obra é organizada em seis partes. A primeira destina-se a explicar o universo da política, do poder, das formas de governo e a democracia, em especial, a do Brasil. Na segunda parte, os autores Tiago e Rafael definem qual é e como funciona o sistema político brasileiro e a tripartição do poder. Na terceira parte, as principais ideologias políticas existentes são estudadas. E a principal questão discussão aberta nesta parte é: afinal, ainda existem ideologias políticas no Brasil? Na sequência, na quarta parte, os autores demonstram os partidos e as eleições no país. Na quinta, os autores abordam qual é o sistema eleitoral do Brasil e um dos temas do momento: a reforma política. A parte final tende a demonstrar porque a política no Brasil é algo tão complexo de ser compreendido. O trabalho é encerrado como um glossário com os principais conceitos abordados no livro.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Divulgação:



### **VOCABULÁRIO PENTALÍNGUE: *KVINLINGVA VORTARETO***

Por: Luiz Fernando Pita<sup>75</sup>  
&  
Maira Nobre<sup>76</sup>

Nossa prática pedagógica como professores de língua estrangeira mostra-nos que, a par das regras gramaticais, ortográficas e de pronúncia pelas quais os estudantes têm

---

75 Doutor em Letras Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é mestre em Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa de Idioma Internacional Neutro – Esperanto. É Diretor de Ensino da Associação Esperantista do Rio de Janeiro – AERJ.

76 É doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestra em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduada e licenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É Diretora do Departamento de Divulgação da Associação Esperantista do Estado do Rio de Janeiro – AERJ e Primeira-Secretária da Cooperativa Cultural dos Esperantistas – CCE.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

necessariamente de passar, um dos maiores empecilhos para um desenvolvimento mais rápido no idioma desejado é a aquisição de um vocabulário. Embora o aluno diversas vezes domine os conteúdos mencionados, faltam-lhes as palavras exatas para se expressarem.

Por isso, resolvemos trazer a público a presente obra, que, longe de ser completa, oferece ao estudante o vocabulário de uso mais frequente nas situações que um falante de língua estrangeira vivencia.

## JPJ Editor



**Site do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias -  
IFPR**

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>

O sítio do Grupo de pesquisas foi elaborado para a veiculação das produções de ensino, pesquisa e extensão dos



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisadores-efetivos, pesquisadores-colaboradores e pesquisadores-júniore da equipe investigativa.

Corresponde à demanda do Projeto de pesquisa, que visa a socialização e democratização de todos os saberes e conhecimentos produzidos pela equipe investigativa, nos moldes de geração de Filosofia, Ciência e Tecnologias sugerido pelo referencial teórico do Grupo, o filósofo e epistemólogo Karl Raymund Popper.

O sítio é composto por páginas de “Atualidades”, “Coordenações”, “Quem somos e o que pensamos”, “Lista de pesquisadores”, “JPJ Editor”, se subdividindo este site em: “Títulos”, “Vídeos-aula”, “Orientações para pedidos físicos de livros ou vídeos” e “Centro de análise de obras para publicação”.

O sítio do Grupo também possui o site para a “IF-*Sophia*: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas”, órgão de divulgação científica do Grupo.

Há um link para Reportagens com professores e pesquisadores que já travaram conhecimento em alguma das atividades do Grupo de pesquisa. (Em construção). E um link para você se comunicar com a Coordenação Geral do Grupo de pesquisas e expor sua opinião e sugestões sobre o conteúdo do site.

Acesse e conheça os serviços públicos, estatais e gratuitos oferecidos pela equipe investigativa do Grupo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR!

## OCTAVIUS

De Marcus Minucius Felix

Tradução do Latim por Luiz Fernando Dias Pita

**OCTAVIUS** foi escrito por Marco Minúcio Félix entre os anos de 175 e 190 d. C., e é apenas graças a um feliz acaso que podemos, hoje, contar com essa peça-chave para preencher os bastante desfalcados quebra-cabeças da evolução da literatura em língua latina e o da aculturação do Cristianismo nas porções ocidentais do Império Romano, pois a obra chegou até nós unicamente por um grato engano de algum copista medieval que, confundindo seu título com a palavra "*octauus*", isto é, "o oitavo", incluiu-o como o oitavo livro do *Aduersus nationes*, de Arnóbio.

A historiografia cristã nos ensina que o processo de divulgação do Cristianismo começa, ainda no século I, pelo trabalho dos apóstolos juntos às sinagogas espalhadas pelas cidades de expressão grega do Oriente do Império, conseguindo aí formar os primeiros núcleos cristãos. Tais convertidos eram, como o próprio São Paulo, judeus que, por força da convivência, vinham, há já algumas gerações, construindo um diálogo entre sua tradição religiosa e a cultura helenística presente nessas



*IΦ-Sophia*

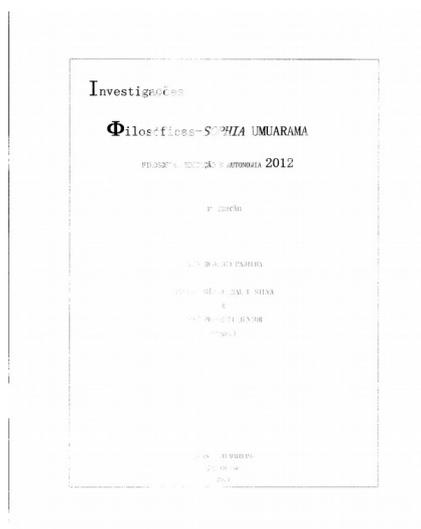
Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

idades.

**É DISSO QUE TRATA essa obra:** é um empolgante e profundo diálogo entre o autor, patrício romano cristão e seus melhores amigos, romanos, a respeito das bases e fundamentos filosóficos da então nova religião. Tão perseguida pelo governo e incompreendida pelos cidadãos, vítima de preconceitos e de sincretismos com outras seitas do Império. Quem é mais próprio? As ideias do carpinteiro galileu ou a religião civil de Roma?

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>





IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama - 2012 - Filosofia, Educação e  
Autonomia**

**Organizado por:  
Alan Rodrigo Padilha  
Rafael Egídio Leal e Silva e  
José Provetti Junior**

**Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama - 2012 -  
Filosofia, Educação e Autonomia** é a transcrição dos seminários realizados durante o primeiro ano de realização do Projeto de extensão IF-Sophia, na cidade de Umuarama, versando sobre questões relacionadas a Filosofia enquanto processo de promoção da educação e autonomia humana.

**É DISSO QUE TRATA esta obra:** da análise crítica, por vários filósofos brasileiros, do papel dos saberes filosóficos na promoção da autonomia cidadã, através da educação, tendo como referência alguns dos importantes pensadores contemporâneos da atualidade.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

[http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!  
!ttulos/ch3p](http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p)

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Outros títulos da JPJ Editor



### O dualismo em Platão

Por: José Provetti Junior

**O DUALISMO EM PLATÃO** tenta compreender as relações psyché-sôma (alma-corpo). Essa motivação se fundamenta nas dificuldades engendradas pela Filosofia da Mente para estudar, refutar ou justificar a mencionada relação. Para aproximação do assunto intentou-se analisar o que Platão compreende por alma (psyché) e corpo (sôma), nas seguintes obras: “Timeu”, “Fédon”, “Fedro”, a “República”, “Apologia de Sócrates”, “Mênon”, “Banquete”, “Sofista” e “Político”.

Embora seja uma pequena fração do conjunto das obras de Platão, acredita-se que essa amostragem seja suficiente para tentar alcançar o mencionado objetivo.

A hipótese que se defende é que não é possível a um grego da época de Platão conceber uma separação diametralmente



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

oposta e radicalmente incomunicável entre o que a tradição filosófica convencionou chamar de Mundo Sensível e Mundo Inteligível, ou em outras palavras, aquilo que viria a fundamentar a distinção atual na Filosofia da Mente entre o mental e o físico.

É DISSO QUE TRATA esta obra: da análise crítica de uma amostragem das obras de Platão a respeito dos conceitos de alma e corpo, suas relações, imbricações e consequências, sob o enfoque a História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades envolta no problema contemporâneo do campo da Filosofia da Mente que tenta explicar o que é a mente humana e suas interações com o corpo.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



## **A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental**

**Por: José Provetto Junior**

**TRADICIONALMENTE** no campo filosófico, as concepções de indivíduo, interioridade, subjetividade e demais correlatos ao conceito de indivíduo são creditados a Descartes, que viveu no século XVII, com sua reflexão metafísica que conclui com o famoso “penso, logo existo” (1996: 265-275).

No entanto, ao historiador da filosofia cabe a tarefa de investigar as raízes históricas da famosa asserção cartesiana e remontando à tradição filosófica anterior ao pensador francês, percebe-se que é possível investigar a rede de filiações conceituais que eclodirão em Descartes, advindas dos inícios do pensamento filosófico, na Grécia, em especial, no que se refere ao conceito de alma e pelo que se entendia sobre isso



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

no pensamento pré-socrático.

Nessa medida, “A Alma na Hélade: a origem da subjetividade ocidental” é um trabalho no qual procurou-se estudar as bases do pensamento pré-socrático, as latências das noções de subjetividade e indivíduo ocidental sob a perspectiva do desenvolvimento dos conceitos de alma, imortalidade e sobrevivência da alma ao fenômeno da morte.

Dessa investida de compreensão a respeito do pensamento e vivência psicossociais dos helênicos pré-socráticos, buscou-se demonstrar como se deu o afastamento dos deuses do cotidiano existencial das representações helênicas que os homens da época tinham a nítida percepção da desvinculação divina de seu dia a dia, observada através das doutrinas dos filósofos do período posterior a Sócrates, bem como os deslocamentos de valor aplicado à noção de *areté*, pelo corpo cívico.

**É DISSO QUE TRATA esta obra:** da análise crítica e histórica das bases culturais do pensamento filosófico grego em torno do conceito de alma sob a perspectiva da História das Mentalidades, das Ideias e Psicológica, buscando tornar mais compreensível a Filosofia pré-socrática.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Chamadas públicas**

**Julho/ 2016 – Ciências da Informação, Engenharia Computacional e Teorias Computacionais da Mente**

### **Próximas chamadas**

1. Outubro/ 2016 – Poesia e Física na Hélade Arcaica: as origens da Filosofia.
2. Janeiro/ 2017 – Os pré-socráticos: problemas de ontem, questões de sempre.
3. Abril/ 2017 – Religião e religiosidade no mundo Antigo.

**Informações através do sítio:**

**<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>**